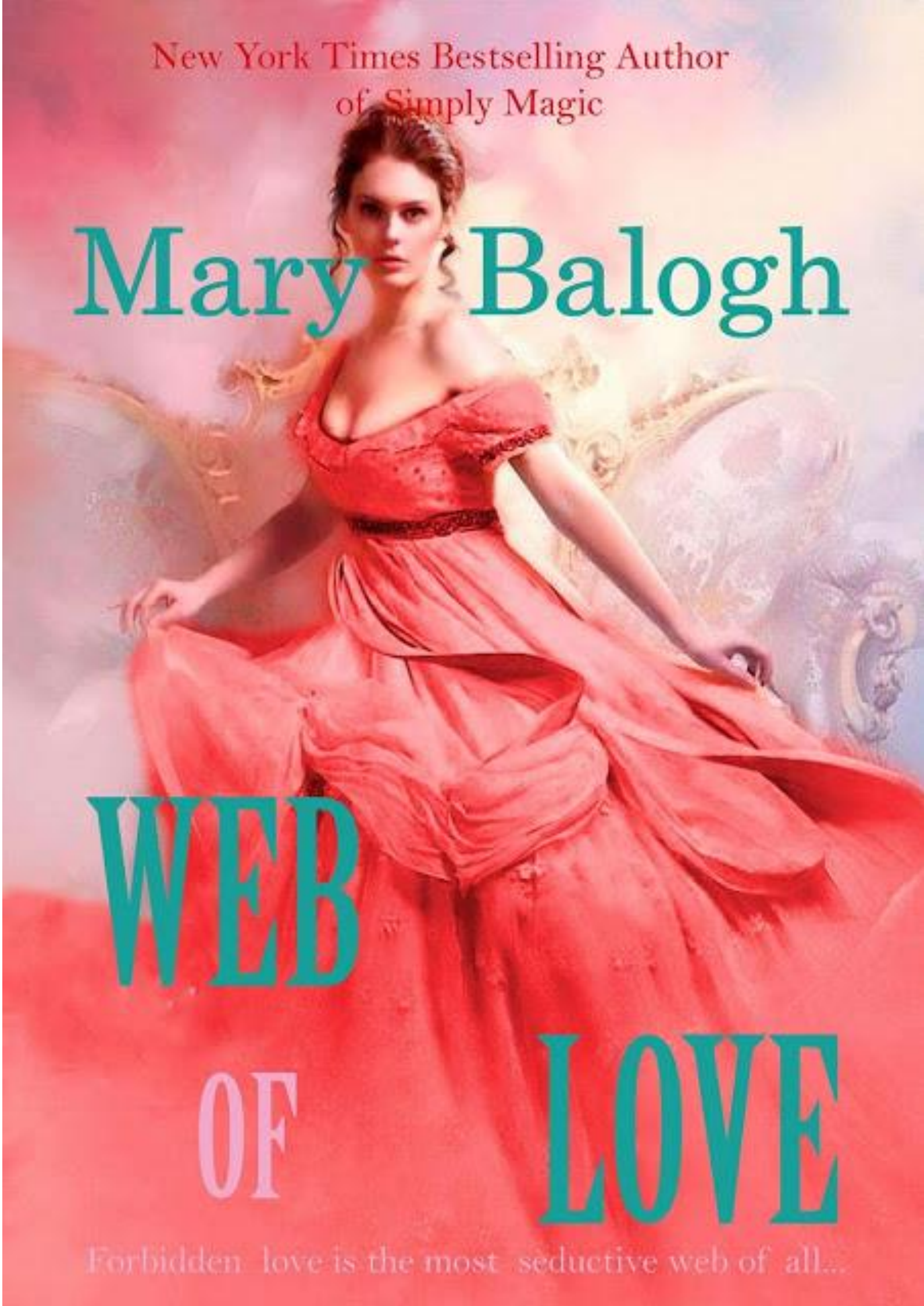
New York Times Bestselling Author
of Simply Magic

Mary Balogh



WEB OF LOVE

Forbidden love is the most seductive web of all...

Teia do Amor

Mary Balogh

(Série Teia 02)



Sil, Alk, Jay, Singh, Faora-Ul, Alyd, Guinha

Sinopse

Serviu com seu marido no campo de batalha e secretamente a desejara por anos. No entanto, para Dominic, tenente Lorde Eden, Ellen Simpson permaneceu tentadoramente fora de alcance até que se tornou viúva pela guerra.

De repente perseguido pelo nobre perigosamente bonito, Ellen fica atônita com a profunda atração que desperta nela. Logo sua amizade se transforma em algo mais profundo e à medida que o escândalo se inflama, o casamento parece a única solução.

Mas Ellen tem um segredo que ela não pode compartilhar com ninguém, que a impede de abrir totalmente seu coração a Dominic. Até que ele conceba seu próprio plano para a consumação final de sua paixão e a mulher que ele está determinado a possuir a qualquer custo.

Capítulo 1

— Alcançaremos Bruxelas em breve, Ellen? Devo dizer, a Bélgica é uma decepção até agora. É assim plana e desinteressante. Será Bruxelas mais emocionante? Sonhei com isso durante todo o inverno aborrecido na escola. É tão mágico o lugar, como dizem? — Senhorita Jennifer Simpson sentada com seu nariz quase tocando o vidro da carruagem em que ela viajava com sua madrasta. Ela não tinha claramente a intenção de esperar por respostas a suas perguntas. Ela tinha repetido as mesmas uma dúzia de vezes desde que tinham deixado a Antuérpia.

— É apenas uma cidade comum. — disse Ellen Simpson

— Feita extraordinária pela presença de tantas tropas aliadas em fardas presentes e tantas diferentes. Nós estaremos lá em breve. Você vai se sentir melhor depois de ter visto seu pai novamente. Eu sei que ele mal pode esperar para vê-la.

— Oh! — disse Jennifer, retirando seu olhar por um momento a partir do cenário de passagem. — Eu ainda não consigo acreditar que estou terminando a escola para todo o sempre, Ellen. Eu tenho dezoito anos, e desta vez vou ficar com você e Papa, e não serei despachada novamente para a escola antes de começar a me divertir.

Ellen sorriu.

— Eu sei que seu pai está um pouco preocupado em trazê-la aqui. — disse ela — Foi realmente muito ruim que Bonaparte tenha escapado de Elba e que o rei da França fugiu para Ghent. Eu esperava que as guerras acabassem. Mas, parece que não. Você não pode estar aqui por muito tempo depois de tudo, Jennifer. Mas sei que seu pai quer você com ele por um tempo.

— Oh, mas o Duque de Wellington está aqui agora. — disse Jennifer — Você me disse isso, e a irmã de Helen West escreveu-lhe que tudo ficaria seguro uma vez que o duque chegou. E ela também escreveu que há tantos entretenimentos em Bruxelas que às vezes é difícil escolher entre eles. Isso é verdade, não é verdade, Ellen? E você me ajudou a comprar todas aquelas roupas lindas. E a cidade está cheia de oficiais e uniformes escarlates. É uma pena que o uniforme de papai seja verde. Não é de perto tão arrojado como os uniformes da Guarda.

— Tenho certeza que você vai estar aqui tempo suficiente para se divertir. — disse Ellen — Espero que sim. Eu sei que seu pai quer passar algum tempo com você antes que tenha que ir para a batalha novamente.

— Acho que ele pensa que pode morrer. — A menina disse, indignada — Ele não deve ser tão sombrio. papai sempre vive de forma segura.

— Mas há sempre um grande perigo que ele possa correr — Ellen disse calmamente. — Você não sabe, Jennifer. Seu pai sempre a manteve longe do exército, o que estava bem. Você nunca foi para a Espanha e não viu os campos de batalha. — Ela estremeceu. — Se você tivesse visto, teria se admirado de que alguém tivesse sobrevivido. Seu pai viveu tantas batalhas. Não parece justo que ele deva enfrentar ainda outra.

— Eu esqueci. — Jennifer pôs a mão no braço de sua madrasta, seu lindo rosto contrito. — Seu próprio pai foi morto em uma dessas batalhas. E você estava lá com ele. Deve ter sido terrível.

— Sim. — Ellen acariciou a mão da menina. — Isso foi. Mas pelo menos ele foi morto instantaneamente. Isso é uma bênção, se aprende a ser grato para quando se vive perto da batalha.

Jennifer apertou o braço de sua madrasta antes de retirar sua mão.

— E você e papai casaram-se — disse ela. — Ele gosta de você, não é? Eu costumava ficar enciumada. Eu acho que te odiei até que conheci você. Você acha que vou encontrar um marido aqui, Ellen? Eu sou bonita o suficiente, você acha?

Ellen sorriu para o rosto ansioso voltado para ela própria.

— Você sabe que é, — disse ela. — Mas eu não estaria com tanta pressa para a sua escolha, se eu fosse você, Jennifer. Não com os tempos tão incertos. Não há nenhum ponto em arranjar uma dor de cabeça.

Elas ficaram em silêncio, enquanto Jennifer olhou com renovado entusiasmo e impaciência pela janela. Na verdade, a menina era muito bonita, pensou Ellen. Ela era pequena e bem torneada, com massas de cachos escuros brilhosos espiando debaixo de seu chapéu e, um rosto ansioso, de olhos escuros, de bochechas rosadas.

Seria sem dúvida uma grande favorita com os oficiais que aglomeravam os salões de baile e salas de Bruxelas. E teria todos os entretenimentos e atividades que sonhou. Mesmo antes de Ellen ter ido para Inglaterra três semanas antes, tinha havido uma alegria quase desesperada sobre a vida social em Bruxelas. Havia uma grande batalha que se aproximava. Podia sentir isso em seus ossos.

E embora olhasse com divertida indulgência para a menina abertamente impaciente, virou-se para a janela ao lado dela, e encontrou-se também olhando ansiosamente, tentando reconhecer marcos, na esperança de ver um que indicaria que estavam mais perto de Bruxelas. Perto de casa.

Não que em Bruxelas estivesse em casa, é claro. Mas então, em nenhum outro lugar estava em casa também. Ela não tinha uma casa fixa por dez anos. No início era Charlie. E Charlie estava em Bruxelas. Ela iria vê-lo em breve. Três semanas tinha ficado longe dele. Uma eternidade! Ela nunca tinha estado longe dele por tanto tempo, não desde seu casamento de cinco anos atrás. Ela sentiu as lágrimas brotar em suas pálpebras enquanto olhava pela janela.

Charlie era quinze anos mais velho que ela, ele com seus quarenta anos e ela cos seus vinte e cinco. Ele não era de todo o tipo de homem que teria esperado para o amor, mas o amava com uma ferocidade que era quase doloroso.

Ele parecia talvez até mais velho do que seus anos. Estava careca e corpulento, embora não mole. Era um soldado desde que tinha dezesseis anos, e tinha sido forjado por condições de vida difíceis, especialmente as condições quase indescritivelmente duras da vida na Espanha durante a Guerra Peninsular.

Ela o conheceu na Espanha, quando ela tinha ido lá com seu pai e ele sempre tinha sido gentil. Com quinze anos na época, e tinha ficado perplexa, abalada com os acontecimentos que a levaram até lá com um pai que era um estranho para ela, e incapaz por um longo tempo de se adaptar à vida na cauda de um vasto exército.

Quando seu pai morreu em batalha, Charlie foi o único a dar a notícia para ela, o único a consolá-la, mas por esse tempo ela tinha feito um amplo laço de amizade. E eles casaram-se logo depois.

Talvez parecesse para os outros que era um casamento de conveniência da parte dela. E talvez tenha sido de certa forma. Ela certamente não parecia ter outro lugar para ir. Mas o amava mesmo assim, e seu amor tinha crescido diariamente desde então. Não existia um homem mais amável no mundo do que Charlie Simpson.

Ele a tratava sempre como se ela fosse um bem precioso e estimado.

Ellen fechou os olhos. Não iria chegar lá mais cedo pela sua vontade de ultrapassar milhas. Logo iria vê-lo novamente. Iria sentir seus braços em volta dela novamente. Ela estaria segura novamente.

E mais uma vez iria começar a espera por outra batalha. Uma batalha que pode levá-lo para longe dela para sempre. Tinham falado de uma casa na Inglaterra, quando Napoleão finalmente fora derrotado e exilado na ilha de Elba. Ela poderia finalmente ter uma vida livre de ansiedade. Não parecia justo. Oh, não era justo!

Mas para tudo isso, a vida vivida com um exército era algo que de alguma forma tem que ter no sangue. Charlie não queria que ela viesse a Bruxelas com ele.

Ele queria que ela ficasse na Inglaterra. Mas como poderia ter feito isso? Ela teria ficado longe da única pessoa no mundo que realmente importava. E teria ficado longe de seus amigos e algumas de suas esposas.

Ela gostava de trazer alguns dos confortos do lar para os homens que não têm esposas. Ela gostava muito de Lorde Eden, tenente Lorde Eden, o amigo mais próximo do marido, e diferente dele como a noite é do dia. Lorde Eden era de sua idade; era um barão, e o irmão mais novo do conde de Amberley; era muito bonito. Era alto, de ombros largos, bem musculoso, ágil; tinha cabelos louros ondulados, olhos verdes distintos e um sorriso bonito. Era rico, bem-educado e encantador. Tão diferente de Charlie, cujo pai foi intitulado, era verdade, era Sir Jasper Simpson, mas que havia sido afastado de sua família dezenove anos antes e não sabia nada na vida além do exército.

Lorde Eden tinha passado uma grande parte de seu tempo com eles desde a sua chegada na Espanha, três anos antes. Muito era o tempo que ele tinha sentado em sua tenda ou em seus quartos, conversando com Charlie, muitas vezes sobre assuntos do exército que não eram de grande interesse para ela, enquanto ela calmamente costurava ou fazia chá. Ela sempre gostou daqueles tempos.

Ela ansiou ver todos os seus amigos novamente. Ela ansiou em ver Lorde Eden para entretê-lo novamente, assim como ela e Charlie sempre tinham feito. E talvez, quem sabe? Ele seria uma empolgação para Jennifer. Ela mal podia esperar.

Será que elas nunca chegariam em casa?

Charlie sentia falta dela tanto quanto ela dele?

— Será que vamos estar lá em breve? — Perguntou Jennifer, virando-se da janela, uma expressão de impaciência entre as sobrancelhas.

— Não falta muito tempo agora, — disse Ellen com um sorriso. — Oh, Jennifer, eu mal posso ficar aqui. Estou tão ansiosa para ver seu pai novamente.

***

Capitão Charles Simpson foi a caminho de casa através do parque em Bruxelas com o seu amigo tenente Lorde Eden depois de um dia cansativo de trabalho.

— Eles têm uma vantagem distinta sobre nós fuzileiros pobres, não é? — Disse o capitão Simpson, balançando a cabeça na direção de um grupo de oficiais vestidos de escarlate, reunidos em torno de duas jovens senhoras que estavam alimentando os cisnes no lago.

— Por que você escolheu o verde, Eden? Você tem posição e fortuna. Por que não escolher um dos regimentos de cavalaria mais glamourosas?

Lorde Eden sorriu.

— Eu não queria me juntar ao exército pelo glamour, — disse ele. — Entrei porque eu tinha que fazer, Charlie. Preferia não ter feito isso, você sabe. Isso quebrou o coração da minha mãe, e minha irmã gêmea jogou cada almofada da casa em mim quando dei a notícia para ela e se recusou a falar comigo por um dia inteiro depois. Mas eu tinha que entrar. E, finalmente, na idade avançada de vinte e dois anos, eu fiz. Eu queria lutar onde a ação principal acontecia. Com a infantaria.

— Bem, — o capitão disse com uma gargalhada quando uma das jovens senhoras avistou Lorde Eden e olhou uma segunda vez, corando — sem dúvida você fica tão bem no verde em vez de escarlate, rapaz, ou você faria tantos duelos com todos os outros jovens oficiais que você não teria tempo para o velho Boney. Você é um diabo considerável, e não há como negar o fato. Você vai parar para o chá?

— Estou bastante certo de que não seria a melhor coisa —disse Lorde Eden. — Se a senhora Simpson chegou com sua filha, nenhum de vocês vai querer a presença adicional de um estranho. Outra hora, Charlie.

— Um estranho! — Capitão Simpson parecia bastante ofendido por um momento. — Você? Ellen vai me censurar toda a noite se eu deixar de trazê-lo comigo. Além disso, eu quero mostrar a minha Jennifer. Uma coisa bonitinha Eden, mesmo se eu dizê-lo. Você não pensaria se olhasse para mim, não é mesmo, que eu tenho uma coisa bonita como uma filha? — Ele caiu na gargalhada, voltando várias cabeças em sua direção. — Parece sua mãe, felizmente para ela.

— Vou parar por alguns minutos em seguida, — disse o amigo. — Mas apenas por alguns minutos, se elas chegaram, somente. Elas vão estar cansadas da viagem. Se elas não vieram ainda, eu vou compartilhar um pouco de conhaque com você, Charlie, e colocar os pés para cima por um tempo. Você tem sido como uma mola enrolada durante todo o dia.

— Uma coisa é certa, — disse o capitão. — Eu não vou deixar Ellen ir para longe de mim novamente. Nós não fomos separados em cinco anos, você sabe, desde o nosso casamento. Você se acostuma a ter uma mulher ao redor. Você deve tentar isso algum dia, Eden.

Seu amigo sorriu.

— Eu teria que ser muito apaixonado por ela, — disse ele. — Eu tenho o hábito de cair fora do amor tão rápido quanto possível. Você tem sorte na senhora Simpson, Charlie. Tranquila, e uma esposa leal.

O capitão riu novamente.

— Seu tom de voz diz que você teria se aborrecido com uma esposa em uma quinzena, Eden — disse ele. — Espere meu rapaz. Você vai se apaixonar e ficará assim um dia destes. E não poderia fazer melhor do que alguém como Ellen. Ela é um tesouro. Aqui estamos.

Ele tinha parado de fora da casa na Rue de la Montagne, onde estava alojado. E seu rosto radiante ficou ainda mais brilhante depois de ter subido as escadas para seus quartos para descobrir que sua esposa e filha estavam realmente em casa antes dele.

Embora a apenas alguns minutos. Ambas ainda usava o vestido da viagem, e um baú com uma caixa de chapéu precariamente em cima ficou parado no meio da sala de estar. A criada de sua esposa informou que ela estava no quarto de dormir quando sua filha veio correndo do outro lado da casa aos gritos e se atirou em seus braços.

— Papai! — Ela gritou. — Oh, papai. Eu pensei que a viagem iria demorar uma eternidade. E eu estava terrivelmente doente no barco. E Ellen diz que está prevista uma grande batalha em breve, mas não é assim, não é? Não agora que o duque está aqui. Oh, papai, eu estou tão feliz de estar livre da escola. Você não pode imaginar!

Seu pai segurou-a no comprimento do braço e riu.

— Olá, gatinha — disse ele. — Você está parecendo tão bem quanto uma moeda de cinco centavos. Essa pode realmente ser a minha garotinha crescida tão cedo? Bem vinda a casa, querida. — Ele a abraçou.

Ellen fez uma reverência ao Lorde Eden e estendeu a mão para ele. Ele a pegou entre as suas e levou-a aos lábios.

— Tenho o prazer de vê-la segura em casa, minha senhora — disse ele, sorrindo calorosamente para ela. — Charlie tem sido como um peixe fora d'água, e não foi o mesmo aqui em seus aposentos sem você. Você teve uma viagem tediosa? Parece cansada.

— Estou um pouco, — disse ela. — Mas só porque eu não podia esperar para estar em casa. É tão bom estar de volta. — Ela retirou a mão depois de tê-la apertado entre as suas.

Ele viu como ela se desviou dele e, como Charlie virou-se para sua filha. E sentiu-se como se sentia com frequência na presença dos dois amigos, um tipo divertido de carinho como se tornou óbvio que se ele caísse através de um buraco no chão e desaparecesse para sempre, eles não iria nem perceber.

— Ellen — disse Charlie, abrindo os braços para ela, — você está em casa.

— Sim, Charlie — disse ela. — Finalmente.

Ela hesitou um momento, sentindo a presença dos outros dois, mas a atração dos braços estendidos era, obviamente, muito forte para ela. Ela foi para eles e escondeu o rosto no ombro de seu marido enquanto ele a abraçou e embalou-a.

Lorde Eden se perguntou como havia feito uma centena de vezes antes na profunda afeição que ligava os dois. Era claro por que Charlie a adorava.

Ela era sempre calma, alegre e digna. E era bastante agradável, com seu corpo magro, gracioso, seu cabelo claro brilhoso puxado para trás em um nó em seu pescoço e seu rosto oval com os grandes olhos expressivos, nariz reto e boca bonita.

Não se poderia esperar tal mulher ser dedicada a um homem como Charlie, que não era jovem nem bonito nem especialista nas graças sociais.

Foi bom vê-la de volta. Era verdade que a casa de Charlie não parecia tão confortável sem a senhora Simpson nela, mas quando ela estava lá, nunca fez a sua presença intrusiva.

Lorde Eden esperou para ser apresentado à pequena beleza, que estava olhando para ele com algum embaraço e corando mais a cada momento.

Charlie tinha dito, é claro, que sua filha era bonita, mas pais poderiam ser frequentemente pouco confiáveis quando exaltando os encantos de suas próprias filhas. Nesta ocasião, no entanto, a beleza da moça havia sido subestimada.

Ela era bastante requintada e o tipo de mulher que sempre tinha tomado sua fantasia, bem-dotada com curvas, com um rosto ansioso e encantador e um olhar de timidez inocente que chamava para a proteção de alguns homens.

Talvez ele estava destinado a se apaixonar novamente, pensou enquanto Charlie passou o braço em torno da cintura da moça e apresentou-a para ele, cheio de orgulho paternal.

A menina corou um tom ainda mais profundo e fez uma mesura baixa, cílios escuros se espalharam por suas bochechas flamejantes. Ele não tinha se apaixonado por um longo tempo. Não desde Susan, de fato, três anos antes.

Ele tinha flertado com quase toda mulher solteira que havia conhecido e possuía mais do que podia se lembrar de uma classe diferente de mulher. Mas não seria capaz de flertar com esta menina. Não a filha de Charlie. E é claro que ela não era de todo o tipo de mulher que ele iria tentar possuir. Talvez devesse se apaixonar novamente.

Ele sorriu com satisfação para a menina e se voltou para a senhora Simpson.

— Eu entrei para fazer companhia a Charlie caso você ainda não tivesse chegado, minha senhora, — disse ele — e para recebê-la em casa se você tivesse. Eu não vou ficar. Você estão cansadas da viagem, eu posso ver.

— Você não vai tomar chá conosco, meu Lorde? — Ela perguntou, sorrindo para ele. — Não será nenhum problema. Você não é estranho.

— Você viu? — Disse o capitão. — Eu disse que ela ficaria ofendida, não disse, Eden?

Mas Lorde Eden olhou em seus olhos cansados e sorriu.

— Minha própria família chegou desde que você saiu, minha senhora — disse ele. — Amberley, meu irmão, com sua esposa e filhos. E minha irmã gêmea. Eles estavam convencidos de que eu precisava de agitação, e vieram. Eu disse a minha cunhada que eu estaria provavelmente em casa para o chá. E meu sobrinho está planejando partilhar o seu pão e geleia comigo, eu fui avisado. Ele vai me alimentar.

— Então você certamente deve fazer-se disponível para a prática de alvo — disse Ellen. — Talvez em outro momento, meu Lorde. Amanhã?

— Amanhã sim — disse ele. — Eu gostaria de apresentá-la a minha irmã e minha cunhada em algum momento, senhora. Elas ouviram muito sobre a senhora Simpson, que me estraga com xícaras de chá e que não se opõe a eu ficar sentado por horas a fio em sua sala de estar, despejando sobre seu marido temas que não são projetados para diversão de uma senhora. — Ele sorriu para ela e pegou a mão dela novamente.

— Estou ansiosa para conhecê-los — ela disse, e virou- se para sorrir para o marido com aquele calor que sempre fez Lorde Eden vagamente invejar.

— Lady Madeline Raine tem os mesmos olhos verdes como Eden, — disse o capitão. — Ela é muito mais bonita do que ele é, apesar de tudo.

Os dois riram.

Lorde Eden deu mais um olhar apreciativo na senhora Simpson antes de se curvar e se despediu. Sim, ela era muito bonita, de fato. E muito o tipo dele.

***

O conde e a condessa de Amberley e Lady Madeline Raine estavam reunidos na sala de estar da casa que tinham alugado em Bruxelas, à espera da chegada de Lorde Eden para o chá, o filho e filha do conde estavam com eles, Lady Caroline Raine nos braços de sua tia, olhando fixamente sem piscar para ela, Visconde Cleeves rastejando sob mesas e cadeiras, com a intenção de algum jogo tranquilo de sua autoria.

— Como podem tais dedos minúsculos ser tão perfeitos? — disse Madeline, espalhando os dedos do bebê sobre um dos seus próprios. — Oh, Alexandra, eu tenho tanta inveja de você, às vezes.

O conde de Amberley baixou o papel e olhou por cima dele para a irmã.

— Você não tem necessidade de ter, Madeline — disse ele. — Você poderia ter um viveiro cheio de seus próprios filhos agora. O duque de Wellington poderia tornar um regimento separado de todos os pretendentes que você teve e rejeitou nos últimos sete ou oito anos. Você poderia ter se casado vinte vezes.

— Eu sei, — disse ela. — Acho que eu não sou apenas o tipo que se casa, Edmund. Talvez haverá alguém irresistível no baile do duque e viverei feliz para sempre com ele.

— Eu pensei que você já estava interessada no coronel Huxtable, — disse a condessa.

— Eu estou, — disse Madeline. — Pelo menos eu estou interessada em seu uniforme. Estou bastante apaixonada por ele, na verdade. — Ela riu e voltou a atenção para o bebê.

O conde colocou seus papéis quando sentiu seu filho puxar na perna da calça.

— Você está ficando impaciente para o seu chá, tigre? — Ele perguntou, pegando a criança em seus braços e levantando-se. — E o perverso tio Dominic está atrasado. Eu acho que talvez eu o tenha ouvido chegar, no entanto.

A criança gritou com risos quando foi jogado para o teto e pego novamente.

— É melhor você ir e encontrá-lo, — o conde disse, colocando seu filho para baixo novamente e vendo como ele correu através da sala para atender Lorde Eden.

A criança foi logo atirada no ar novamente.

— Eu deveria ter perguntado antes se você já teve o seu chá, — disse Lorde Eden. — Você não está prestes a atirar pão e geleia em todo o meu uniforme, não é, velho amigo?

— Não, velho amigo — disse a criança, rindo alegremente.

— Alguma notícia? — Perguntou Lorde Amberley.

— Mais tropas e artilharia que chegam diariamente — disse Lorde Eden. — E o duque aparentemente gritando por mais. O habitual.

— Será que vai realmente entrar em guerra, Dominic? — Perguntou a condessa.

— Certamente Bonaparte não pode ser tão temerário. Os britânicos estão aqui, os holandeses e belgas, os prussianos. E chegam mais diariamente. E a promessa de tropas da Áustria e da Rússia .

— Eu não contaria com eles, — Lorde Eden disse, — e não há o suficiente do primeiro. E aqueles soldados que temos são novatos, metade deles. É uma pena que a maioria dos veteranos foram enviados para a América. Vai ser difícil mas eles vão chegar a tempo .

Madeline levantou-se, a bebê realizada em seu ombro, contente chupando a musselina de seu vestido de dia.

— Eu odeio toda essa conversa de guerra — disse ela. — Podemos falar de outra coisa aqui?

— Você não deveria ter deixado a Inglaterra — disse seu irmão gêmeo mal-humorado. — Não tem feito nada além de reclamar desde que chegou, Mad. Você deveria ter ficado em Londres com mamãe como ela queria que você fizesse. E com o tio William e tia Viola. Anna está fazendo seu debut na primavera deste ano, não?

— E lamentando o fato de que você não está lá para vê-la — disse ela. — Mas você sabe que eu não poderia ter ficado. Não com você aqui, Dom. Por que não vendeu sua patente, quando você chegou em casa da Espanha, como eu implorei para fazê-lo? Eu acho que você desfruta de toda a matança e todo o perigo para a sua própria vida.

— Se você realmente acha isso, deve ser estúpida — disse ele. — Ninguém de bom grado se coloca em uma posição de olhar a morte de frente. Não existe tal coisa como a lealdade ao país e crença em certos princípios.

— Eu só acho que você tem feito o suficiente — disse Madeline. — Deve ser a vez de outra pessoa agora, Dom. E você não tem que falar de guerra dentro de casa, de qualquer maneira.

— Eu vim da casa de Charlie Simpson — disse ele. — A senhora Simpson acaba de voltar da Inglaterra com a filha mais nova de Charlie. Você deve ser mais parecida com ela, Mad, Charlie e eu às vezes, sentamos e conversamos por horas sobre assuntos militares, e eu nunca ouvi uma palavra de queixa dela ou uma dica que talvez o marido devesse deixar para fora. E ele tem estado no exército por mais de vinte anos.

— Então ela deve ser uma mulher muito tola — disse Madeline. — Talvez ela não se importe muito com ele.

— Não discutam na frente das crianças — Lorde Amberley disse nos tons tranquilos que sempre usava nas diferenças de opinião frequentes dos gêmeos.

A condessa falou quase simultaneamente.

— Capitão Simpson deve estar muito contente de ter sua filha em segurança aqui — disse ela. — E que tranquilizador deve ter sido para a menina ter uma mulher mais velha com quem viajar.

Lorde Eden riu.

— Eu não acho que a senhora Simpson é mais velha do que Mad e eu, Alexandra — disse ele. — Ela deve ter sido pouco mais do que uma menina quando Charlie casou com ela há cinco anos. Eu estou contente de vê-la em casa novamente. Vou tomar chá lá amanhã, de qualquer maneira. E disse a ela que quero apresentá-la a você e Mad, espero que vocês não se importem.

— Claro que não — disse a condessa. — Eu terei o prazer de conhecer a esposa do Capitão. Eu gosto dele, Dominic.

— Acho que vou aprender com ela como ser dócil — disse Madeline — e como aceitar a estupidez masculina. Eu vivamente não gosto dela, Dom. Ela deve ser totalmente desprovida de espírito.

Lorde Eden levantou as sobrancelhas.

— Se a tivesse visto na Espanha — disse ele — vivendo em uma tenda, vagando pela lama, atravessando rios cheios a cavalo, dizendo adeus a Charlie todos os dias, sem saber se iria vê-lo novamente, você não diria nada tão tolo, Mad.

— As crianças vão estar de volta no viveiro depois do chá — o conde disse com autoridade tranquila. — Vocês dois podem ir para lá em seguida, se desejarem. Vocês pode até trocar golpes. Alex e eu vamos nos importar o suficiente para retirar-nos além do alcance da voz. Mas, por agora você será civilizada. E vejo que a bandeja de chá chegou.

— Com pão e geleia incluídos para Christopher — disse a condessa. — Se eu fosse você, Dominic, faria uma viagem rápida para cima para trocar seu uniforme. Acredito que meu filho ainda tenha um coração para alimentar você.

— Você, velho amigo? — Perguntou Lorde Eden, sorrindo para seu sobrinho. — Aqui está, vá para o seu papai enquanto vou vestir-me apropriadamente.

Madeline colocou o bebê nos braços da condessa.

— Eu vou servir — disse ela, sentando-se atrás do bule de chá. — Edmund, realmente vai haver uma batalha? Não é apenas uma demonstração de força para desencorajar Bonaparte? Realmente vai haver uma luta?

— É difícil dizer com certeza — seu irmão disse gentilmente. — Nós vamos ter que esperar e ter esperança, querida. E confiar no Duque de Wellington, é claro.

— Oh! — ela disse, colocando para baixo o bule com apenas uma xícara servida — quão infantil da minha parte fazer tal pergunta, Edmund. É claro que haverá outra batalha. Você sabe e eu sei disso. Mais uma batalha para Dom.

— Ele escapou bem até agora — disse a condessa. — apenas feridas superficiais

— Se ele morrer — disse Madeline, colocando-se de pé — vou morrer também. Eu não posso viver sem Dom, Edmund, não posso viver sem ele .

Lorde Amberley ficou rapidamente de pé e atravessou a sala para pegá-la em seus braços — Com toda a probabilidade, não será necessário — disse ele. — Mas nós dois e Alex sabemos, por isso que viemos aqui esta primavera, enquanto preferíamos estar em Londres para a estação ou em casa em Amberley. Viemos para ficar com Dominic. Devemos fazer o melhor o tempo que temos com ele, Madeline. É sempre assim com os entes queridos. Qualquer um de nós poderia morrer a qualquer momento. Devemos ter a certeza de desfrutar um do amor do outro, enquanto nós o temos.

— Às vezes eu te odeio, Edmund — disse ela, colocando os braços e bochecha ao redor do pescoço dele. — Você pode ser tão terrivelmente sábio. Agora, onde é que está o bule?

Ela estava servindo o chá com mão firme quando seu irmão gêmeo voltou para a sala de estar.

***

Ellen afundou no sofá ao lado do marido e aconchegou a cabeça em seu ombro enquanto seu braço veio ao redor dela. Ela tinha acabado de ver Jennifer ir para o seu quarto para dormir.

— Ela está muito cansada — disse. — A viagem foi desgastante, Charlie e ela estava terrivelmente doente no barco. Um descanso à noite vai fazer-lhe bem.

— Eu ainda acho que é difícil acreditar que uma coisa tão pequena e bonita pode ser minha própria filha — disse ele. — Imagine, Ellen.

— Estou feliz por você — disse ela. — Ela é realmente deliciosa.

Ele olhou para ela e beijou sua testa.

— Sinto muito, moça — disse ele — Com a minha filha e tudo isso. Eu já me desculpei com você sobre isso?

— Não — ela disse apressadamente. — Não, você não deve estar sempre pensando nisso, Charlie. Isso não importa. Realmente não. Eu tenho você e isso é tudo que eu preciso. E tenho Jennifer também. Ela gosta de mim, eu acredito. Você nem sempre deve pensar que me importo.

— Deve ter sido o ferimento que tive no ano anterior do nosso casamento. — disse ele. — Isso é o que o antigo cirurgião disse de qualquer maneira, Ellen. Eu não posso pensar em outro motivo. Sinto muito sobre isso, porém. Para o seu bem. Eu teria gostado…

Ela levantou a cabeça e beijou sua bochecha.

— Charlie — ela disse — se eu tivesse um filho, não seria capaz de viajar com você tão facilmente. E não poderia suportar me separar de você. Sabe disso. Não sou infeliz. E talvez a culpa esteja em mim, de qualquer maneira. Nós não sabemos com certeza.

— Eu senti sua falta — disse ele, esfregando o rosto contra o topo de sua cabeça.

— E eu de você — disse ela. — E perdi todos os outros também. Estou ansiosa para ver todos. E a Sra Byng? Está se sentindo melhor? Devo visitá-la amanhã. Foi bom ver Lorde Eden. Ele é como um integrante de nossa família, não é?

— Você acha que ele gosta de Jennifer? — Perguntou.

— Eu acho que ela gosta dele.

— Isso seria surpreendente — disse ela. — Acho que é muito provável que ele será levado com ela também. Ele virá para o chá amanhã? Não vai sentir que não é bem-vindo agora que não estamos mais sozinhos?

— Ele virá — disse ele.

Ellen colocou um braço sobre sua cintura.

— Eu não quero nunca estar novamente longe de você — disse ela. — Não me importo tanto desta vez, porque foi para Jennifer. Mas não pode haver outra razão boa o suficiente para nos separar, pode, Charlie?

— Não, moça — disse ele — Nós não vamos nos separar novamente.

— Você vai estar lutando, não é? — Disse ela.

— Eu não sei — disse ele — Teremos que esperar e ver.

— Isso não significa que não vai estar lutando — disse ela — Oh, eu esperava muito que tivesse finalmente acabado

— Está, quase — disse ele — Só mais uma derrota e ninguém mais vai ouvir falar de Boney.

— Mais uma — disse ela com um suspiro. — Uma é muito.

— Só mais uma — disse ele, colocando uma mão sob o queixo e levantando o rosto para ele. — E isso não vai ser ainda, moça. Nós temos tempo. Devemos ir para a cama ou é cedo demais?

Ela sorriu para ele.

— Sim — disse ela. — Estou cansada. E eu serei capaz de dormir bem pela primeira vez em três semanas. A cama esteve terrivelmente vazia sem você.

— A minha também — disse ele. — Vamos então, moça, vamos colocar um ao outro para dormir, não é?

— Sim — disse ela. — Charlie, eu te amo muito!

— O dobro para mim porque você é o meu tesouro — disse ele, beijando-a nos lábios.

Capítulo 2

O capitão e a senhora Simpson tinham sido convidados para o concerto, baile e ceia a ser dada pelo *Salle du Grand Concert* para o duque de Wellington na semana seguinte. E tinham adquirido um convite para Jennifer, também. Eles aceitaram os convites, embora o capitão normalmente teria evitado tantos compromissos sociais e formais quanto pudesse. Como disse a Ellen, quando se tem a felicidade de ter uma filha crescida, de vez em quando tinha que fazer alguns sacrifícios.

O baile seria a introdução de Jennifer para a sociedade, pensou Ellen. Ela foi um pouco surpreendida, então, ao descobrir que a semana que antecedeu o baile logo tornou-se repleta de atividade. E apenas algumas atividades eram deles próprios. Levou Jennifer com ela no dia seguinte à sua chegada em Bruxelas, para visitar sua amiga senhora Byng e algumas outras esposas de oficiais no regimento do marido. Ficou satisfeita ao ver Jennifer fazer amigos como a senhora Cleary, esposa de um jovem alferes novato da Inglaterra, e com as duas jovens filhas da senhora Slattery.

Lorde Eden veio para o chá, como prometido, e trouxe com ele um convite de sua cunhada para tomar chá com ela e Lady Madeline Raine na tarde seguinte.

— Eu estarei de folga amanhã cedo — disse Lorde Eden —Vou levar a senhora e a senhorita Simpson lá se me permitir. Eu suponho que você não se importaria de não vir junto também, não é, Charlie? — Seus olhos brilharam quando ele fez a pergunta. Ele conhecia seu amigo, assim como Ellen.

— Eu acho que posso confiar minhas senhoras a seu cuidado, Eden — o capitão Simpson disse com um olhar de afogamento que tinha feito sua esposa e seu amigo rir.

— Você não se importa, moça? — Perguntou a Ellen mais tarde, quando eles estavam sozinhos.

— Eu não me importo, Charlie — disse ela, rindo e passando os braços em volta do pescoço. — Na verdade, isso me dá uma sensação de calor para saber que você confia em mim para levar a sua filha. Quase como se eu realmente fosse sua mãe.

Jennifer, que não era nada tímida por natureza, foi definitivamente tímida com Lorde Eden, Ellen descobriu. Corou e falou muito pouco. Foi, sem dúvida, porque ele era muito bonito, esplêndido e autoconfiante. Mas ele fez bem à menina. Ele olhou para ela com apreço aberto e fez todos os esforços para conversar e deixá-la à vontade.

No entanto, enquanto caminhavam pelas ruas de Bruxelas em seu caminho para a casa de conde Amberley, Ellen no braço esquerdo de Lorde Eden, Jennifer à sua direita, foi com Ellen que ele conversou a maior parte do tempo.

Eles falaram sobre a Espanha e contaram a Jennifer algumas das histórias mais engraçadas que se lembravam. E falaram sobre Bruxelas e apontaram para Jennifer alguns dos uniformes e os regimentos a que seus usuários pertenciam.

Ellen nunca tinha falado com Lorde Eden um grande assunto. Quase sempre tinha sido um público tranquilo para as conversas que manteve com Charlie. Mas ele era agradável e um companheiro encantador, descobriu. Então, muito adequado para Jennifer. Não foi à toa que Jennifer corou e estava com a língua presa.

Ele era perfeito de altura e o seu braço sob sua mão era firme e bem musculoso. Ellen sentiu uma espécie travessa de diversão em assistir a mais de uma volta da cabeça das mulheres em sua direção e olhar melancolicamente para Lorde Eden e com inveja para ela e Jennifer.

Lady Amberley e Lady Madeline Raine não estavam para entretê-las sozinhas, Ellen ficou surpresa ao descobrir quando eles chegaram. O conde de Amberley estava na sala de estar também, assim como seus dois filhos.

— Eu espero que você não se importe dos nossos filhos estarem presentes, senhora Simpson, — a condessa disse após Lorde Eden ter feito as apresentações. — Meu marido tem uma excentricidade que concordo inteiramente. É que, quando estamos em casa para o chá, os nossos filhos se juntam a nós na sala de estar, mesmo que a rainha da Inglaterra seja nossa convidada.

— Claro que não me importo — disse Ellen. — Oh, que menina bonita que você tem. Ela é como você. — Ela olhou para a beleza de cabelos escuros, olhos escuros da condessa. — Posso segurá-la?

Lady Amberley sentou ao seu lado, sorrindo, enquanto Ellen segurava o bebê. Jennifer estava conversando ansiosamente com Lady Madeline e o conde de Amberley, que deve ter parecido muito menos ameaçador para ela do que seu irmão mais perfeito, embora fosse quase tão bonito. Ele também tinha um rosto muito gentil e de forma tranquila.

Havia um sentimento especial sobre um bebê, a suavidade, um calor e de estar com um cheiro especial, de talco e leite. Lady Caroline Raine observava Ellen de olhos escuros, sem piscar. Ellen se sentia um pouco com vontade de chorar.

— Você é tão feliz — disse Ellen em voz baixa, olhando para a condessa.

— Sim. — Lady Amberley a olhou com curiosidade antes de sorrir e falar de outros assuntos.

A meia hora de sua visita parecia voar. Ellen gostava da família de Lorde Eden, todos os quais tinham feito um esforço para serem simpáticos, embora Lady Madeline tenha falado mais com Jennifer do que com ela mesma

Quando Lorde Eden subiu para escoltá-los de volta para casa, Ellen protestou que ele não tinha necessidade de fazer isso, já que ela estava lá para acompanhar Jennifer, o conde de Amberley também ficou de pé e estendeu a mão para ela.

— Ficaríamos honrados se você, o capitão e a senhorita Simpson viessem se juntar a nós na ópera amanhã à noite, minha senhora — disse ele.

Os olhos de Ellen encontraram Lorde Eden e ele sorriu.

— Pobre Charlie! — Disse. — Seria quase melhor para ele ter vindo esta tarde, senhora. Temo que Charlie Simpson marche para a batalha com muito mais entusiasmo do que ele frequente qualquer função social, Edmund. Mas eu espero que a Senhora e Senhorita Simpson aceitem.

— Seria um prazer, meu Lorde — disse Ellen, olhando para o rosto corado e ansioso de Jennifer.

— Coronel Huxtable é também nosso convidado — disse o conde. — Vou convidar o jovem tenente Penworth, talvez, para fazer pares.

Ellen sorriu concordando.

E assim, ela descobriu, a chegada de Jennifer estava tendo um efeito imediato sobre a sua própria vida. Pelos cinco anos anteriores, tinha vivido com calma e uma vida doméstica como a do marido. E nunca fez uma reclamação. Ela nunca foi mais feliz do que quando estava em casa sozinha com Charlie, seu braço sobre os ombros, falando sobre os acontecimentos do dia, ou, por vezes, lendo um livro.

Mas havia algo emocionante sobre ser incluída em uma festa à noite. A ópera com o conde e condessa de Amberley!

E com Lorde Eden e Lady Madeline. E o coronel e o tenente, que eram desconhecidos para ela. Tudo parecia muito grande.

— Você não se importa, Charlie? — Perguntou a ele naquela noite, quando estava deitada ao lado dele na cama, com a cabeça apoiada em seu braço. — Haverá quatro senhoras e quatro Lordes. Você poderia ter sido um deles, mas Lorde Eden recusou para você. E eu pensei que você ficaria aliviado. Você não se importa?

— Quatro senhoras e quatro Lordes, não é? — Ele riu e beijou o topo da cabeça dela. — Devo ficar com ciúmes, moça? Você vai fugir com um deles?

— Só se eu não conseguir persuadir dois deles para fugir comigo — disse ela.

Ele riu novamente.

— Vá e divirta-se, Ellen — disse ele. — Eu sou o único que deve perguntar se você se importa. Afinal, Jennifer é a minha filha, e ela deve ter se tornado próxima. Mas você é uma boa mãe para ela, mesmo sendo jovem o suficiente para ser sua irmã. E uma boa esposa para mim. Levante o seu rosto para mim, querida.

Ela levantou.

— Eu gostaria muito de ficar em casa com você amanhã à noite — disse ela. — Você sabe, Charlie. Estou mais feliz quando estou com você. As coisas não vão mudar entre nós com Jennifer aqui? Nós não vamos mudar?

Ele olhou para ela na escuridão da sala e alisou uma mão grande sobre o lado de sua cabeça.

— Não tenho espaço para mais de você no meu coração, moça — disse ele. — Eu não te amarei nem um pouco menos com ou sem Jennifer. É isso o que você tem medo? Você sabe que é meu tesouro, meu maior tesouro. Você é a única que me dá razão de viver .

— Eu não estava questionando seu amor — disse ela. — Oh, eu não estava fazendo isso, Charlie. Eu nunca fiz isso. Estou apenas sendo muito egoísta. Eu não quero que as coisas mudem. E elas estão mudando. Mas eu não me ressinto de Jennifer, também. Eu não quero que você pense isso. Eu a amo muito e estou muito feliz por você e que vocês estão finalmente juntos. — Ela riu de repente e inclinou-se para beijá-lo em seu peito nu. — Eu não sei o que quero dizer. Eu estou falando um monte de besteiras. Estou muito feliz, Charlie. Feliz por estar em casa novamente. Feliz por vê-lo feliz .

Ele ergueu-se sobre um cotovelo e se inclinou sobre ela, sorrindo calorosamente para baixo em seus olhos sombreados.

— Eu te amo, moça — disse ele. — Isso nunca vai mudar. Nunca, você está me ouvindo? E estes braços estarão sempre aqui para você. E eu estarei sempre aqui para você.

— Charlie. — Ela estendeu a mão e tocou-lhe o rosto com a ponta dos dedos. — Me beije. Faça amor comigo. — Ela abriu os braços para ele.

***

— Bem, eu gosto deles — Madeline disse a seu irmão na mesma noite. — A senhora Simpson é muito bonita, não? Estou surpresa. E suponho que você está completamente apaixonado pela senhorita Simpson já.

Ele sorriu.

— Por que você acha isso? — Perguntou.

— Porque ela é apenas o seu tipo — disse ela. — Ela é pequena e tem aqueles olhos grandes e cora facilmente. Embora eu acredite que ela tem mais sentido e mais espírito do que seus flertes usuais, Dom. Eu aprovo.

— Ah — disse ele. — Isso é algo, pelo menos. Você realmente aprovar algo em minha vida.

— Você está apaixonado por ela, então? — Perguntou ela.

— Deixe-me colocar desta forma — disse ele. — Eu estou pensando sobre isso. O que te surpreendeu sobre a senhora Simpson?

— Eu esperava, uma criatura murcha pálida — ela disse — ou então uma viril, amazona insensível. Ela parece sensata. Edmund e Alexandra ficaram muito impressionados. Que diabos ela está fazendo casada com o capitão Simpson?

Ele sorriu novamente.

— Amando e cuidando dele, aparentemente — disse ele. — Ele é um dos mais felizes homens de meu conhecimento.

— Bem — ela disse — eu tenho que admirar mulheres como a senhora Simpson. Estou com medo. Acho que não sou o que um homem procura. Você acha que é a razão pela qual eu sou uma solteirona, Dom?

— Você? — Disse. — Uma solteirona? Dificilmente, Mad. Você tem metade dos oficiais em Bruxelas suspirando sobre você. Gosta de algum deles?

Ela encolheu os ombros.

— Eu gosto de um grande número deles — disse ela. — Esse é o problema. Eu costumava ser diferente, Dom, não é? Nós dois. Nós sempre costumávamos estar profunda e dolorosamente apaixonados por alguém. Isso não parece acontecer mais.

— Porque nós estamos mais velhos e um pouco mais sábios — disse ele. — Você sempre pensa em Purnell? Ele foi o último que você esteve apaixonada assim?

— Eu tento não lembrar dele — disse ela. E então, depois de torcer e virar a xícara no pires, — Às vezes eu desejo não ter um irmão gêmeo. Não há como mentir para você, não é mesmo, Dom? É claro que eu penso dele. E sempre me sinto um pouco doente cada vez que Alexandra recebe uma carta dele. Ele se foi há três anos e está fazendo uma vida para si mesmo, no Canadá, pelo que sei dele. Bem, boa sorte para ele. Eu só gostaria que eu nunca

tivesse o visto. Eu gostaria que ele não fosse o irmão de Alexandra. Eu gostaria que ele não tivesse estragado a minha vida.

— Essas são palavras fortes — disse ele. — Será que ele realmente fez isso?

— Eu nunca fui capaz de me apaixonar, nenhuma vez — disse ela. — Embora eu sempre tento, Dom.

— Você não ama Purnell ainda, não é? — Ele perguntou, curioso.

— Eu não acredito que eu já fiz — disse ela. — Eu não gostava dele intensamente. Eu tinha um pouco de medo dele. E era obcecada por ele. Eu realmente nunca o conheci em tudo. Isso não é amor. Não havia nada sobre ele que era adorável. Apenas o mistério do que foi que o fez tão melancólico, tão intocável. Não, eu não o amo ou sofro por ele, Dom. Claro que não. Então você vai escoltar Senhorita Simpson à ópera amanhã. E vai dançar com ela no baile do duque na próxima semana, eu seria capaz de apostar. Você sente alguma daquela velha mágica, Dom?

Ela apoiou o queixo na mão e olhou para o irmão. Ela parecia com ele, exceto que todos os atributos que fizeram dele um macho considerável, fez dela uma linda mulher. Ela era alta e magra, com cachos louros curtos e um rosto que foi feito bonito pelo brilho da vida a animá-lo.

Ele estava sentindo qualquer um dos toques da magia antiga? Era uma pergunta que o próprio Lorde Eden tinha se feito desde o momento do seu primeiro encontro com Jennifer Simpson e uma pergunta que ele estaria repetindo várias vezes nos próximos dias. Ele a viu muitas vezes. Ele foi para casa com Charlie quase tão frequentemente como sempre costumava fazer. E para além da visita a Alexandra e Madeline, e a noite na ópera, ele a levou para andar duas vezes, uma no parque e uma vez no jardim botânico. Sempre com a senhora Simpson como acompanhante.

Ele gostava dos passeios. Muito. A menina era bonita, mostrando-se modesta e tímida. E ainda, como Madeline tinha observado, ela tinha sentido e caráter. Se ele pudesse ficar sozinho com ela por um curto tempo, mesmo sozinho em uma multidão, talvez ele iria achá-la uma companheira intrigante. Talvez ele iria se apaixonar por ela. Ele não sabia.

Como era, ele parecia passar mais tempo falando com a senhora Simpson do que com sua enteada. Ele teria pensado que depois de conhecê-la por cinco anos, estando tão frequentemente na casa de Charlie, ele a conheceria bem. Ele sempre pensou nela como uma mulher calma, serena, obediente. Ele tinha sempre gostado dela, a admirava, respeitava. Mas ele não conhecia-a , ele a estava descobrindo.

Ela era uma conversadora interessante. Ela tinha um vivo senso de humor. Eles riram muito ao longo das memórias da Espanha. E ela não se debruçou sobre os horrores da vida lá, ele percebeu. Ela tinha um dom para recordar os pequenos incidentes, absurdo que ele tinha esquecido tudo.

Os incidentes que o ajudaram a se lembrar de seus anos lá com algum prazer, terrível como o tinham sido no princípio.

A noite na ópera foi divertida. Um pouco chato também, talvez, mas basicamente divertido. Tenente Penworth, ao que parece, tinha uma paixão por Madeline, e monopolizou a companhia dela, completamente cortando o coronel Huxtable, que não parecia nada satisfeito ao ser superado por um oficial inferior. Ele virou-se com algum fervor para a senhorita Simpson.

E assim Lorde Eden foi deixado para se divertir com a senhora Simpson, coisa muito boa que gostava dela, ele pensou, e encontrou um companheiro fácil. E foi uma agradável surpresa vê-la vestida com um vestido de seda elegante e com seu cabelo arrumado mais suave do que o habitual sobre sua face. Ela realmente era uma mulher surpreendentemente encantadora.

— Você acha que o tenor tem que estar tão perto dela — ele sussurrou em seu ouvido em um ponto mais grave na ópera, balançando a cabeça na direção da soprano líder — a fim de manter um aperto em sua mão para que ela possa atingir as notas altas?

— Oh. — Ela bateu com a mão à boca e olhou para ele com olhos que mantinham uma espécie de horror de diversão e seus ombros tremeram. — Oh, não — disse ela com uma espécie de guincho quando ela tinha um pouco sob controle. — Vou me envergonhar por rir em voz alta. E bem quando todo mundo está morrendo tragicamente por todo o palco.

— Vai ser a vez dela em breve — Lorde Eden sussurrou. — Eu vi esta ópera antes. Em seguida, o tenor será capaz de se colocar a distância e se concentrar em seu canto até que a sua vez para terminar chegue. Tudo é mais trágico, não é? Gostaria de pedir o meu lenço, senhora? Ele é grande, eu lhe garanto.

— Para enxugar as lágrimas de riso? — Disse ela. — Você arruinou um drama que afeta, meu Lorde. Eu teria esperado tais comentários depreciativos de Charlie. Eu não esperava-os de você. — Mas seus olhos se encheram de riso reprimido quando ela repreendeu.

Lorde Eden sorriu e piscou para ela.

— Tem toda a razão — disse ela quando o desempenho havia terminado e os cantores estavam tendo os seus agradecimentos. — O canto foi inferior.

Foi agradável, Lorde Eden consolou-se depois, em uma noite em que ele tivera a esperança de se sentar ao lado da senhorita Simpson, ter uma companheira com quem ele pudesse relaxar, alguém com quem pudesse partilhar uma piada, alguém que sabia rir. Se ele realmente tivesse se sentado ao lado da senhorita Simpson, ele provavelmente teria tido que fingir arroubos para os vocalistas muito inferiores. E talvez ele realmente teria que dar esse lenço.

Charlie era um homem de sorte. Para se ter uma esposa. E claro, pela filha.

— Eu gosto muito da senhora Simpson — a Condessa de Amberley disse a seu marido mais tarde naquela noite. — Ela é muito sensível e muito charmosa, não é, Edmund?

— Mm — disse ele. Ele estava deitado na cama, com as mãos cruzadas atrás da cabeça, olhando-a escovar seu longo cabelo escuro, embora sua empregada já havia feito isso para ela em seu camarim.

— Eu me pergunto por que ela é casada com o capitão Simpson — disse ela.

— Eu suponho, porque ele perguntou a ela e ela disse que sim — disse ele.

A escova fez uma pausa em seu cabelo e ela sorriu para ele.

— Você sabe o que quero dizer — disse ela. — É mais um caso de A Bela e a Fera, não é?

— Ohhh — disse ele. — Cruel, amor. Ele é mais velho que ela, sim .

— Dominic sempre foi muito afeiçoado de ambos — disse ela. — Eu suponho que eles devem se contentar em conjunto, se ele gosta de sua companhia.

— Eu ficaria muito mais contente com você, se você não se sentisse obrigada a ficar escovando o cabelo — disse ele. — Muito mais contente, Alex.

— Tonto — disse ela, colocando para baixo a escova e deslizando por baixo dos cobertores, que ele segurou para ela. — Você acha que Dominic está apaixonado pela senhorita Simpson? Ela é uma delícia, não é?

— Mm — disse ele. — Mas eu desisti de esperar por Dominic e Madeline se apaixonarem de verdade. Eles não têm o meu bom senso.

— Mas você tinha vinte e nove anos quando você se casou comigo — disse ela. — Apenas três anos atrás, o amor.

— Eu tinha? — Disse. — Deve ter sido porque você não teve o bom senso de me encontrar mais cedo, Alex.

— Capitão Simpson deve ser tímido — disse ela. — Foi uma pena que ele não veio hoje à noite. Você acha que a senhora Simpson se importava em não ter sua presença, Edmund?

— Não faço ideia — disse ele. — Eu me importaria de não ter a sua presença, mas eu não posso falar por ninguém.

— Tenente Penworth é caído por Madeline — disse ela. — Mas eu acho que ele é muito jovem para interessá-la. O que você acha?

— Eu acho que eu poderia esperar toda a noite para que você possa parar com a boca se eu não tomar medidas drásticas — disse ele. — Calma, amor. Eu tenho um melhor uso para ela.

— É mesmo? — Disse ela. Ela sorriu quando ele levantou-se acima dela. — O que?

Inclinou-se em frente dela, a fim de apagar a vela sobre a mesa ao lado da cama. — Isto — disse ele.

***

— Oh, Charlie, você está esplêndido! — Ellen colocou as mãos nos ombros do capitão e ficou para trás para olhar para ele em seu uniforme de gala, com os olhos dançando com alegria. — E me olha como se estivesse prestes a enfrentar um pelotão de fuzilamento.

Ele sorriu timidamente.

— Mas você não vai esperar que eu dance, você vai, Ellen? — Perguntou. — Eu vou se quiser, você sabe, e eu vou estar lá para que possa tomar o meu braço sempre que não tiver um parceiro. Mas eu não posso dançar, moça. Minhas pernas parecem transformar-se em dois polos rígidos quando tento.

— Claro que você não tem que dançar — disse ela, beijando-o na bochecha. — Decidimos ontem, quando Lorde Eden estava aqui e provocou-lhe tão impiedosamente. E ele já reservou dois conjuntos comigo, Lorde Amberley um, bem como o capitão Norton e o tenente Byng e o senhor Chambers. Bondade, Charlie, o meu cartão está meio cheio e não temos sequer chegado ao baile ainda.

— E assim que deve ser, moça — disse ele. — Você será facilmente a mais encantadora senhora lá.

— Oh, — ela disse — é melhor você não deixar Jennifer ouvir você dizer isso.

— Ela vai ser a garota mais bonita lá — disse ele. — Mas você é uma senhora, moça, e a mais bonita que eu já coloquei os olhos. Especialmente hoje à noite. Portanto, este é o vestido que você comprou em Londres e tem sido mantido em segredo, é? É lindo, querida. Verde é a sua cor.

— Lembro-me de sua voz dizendo na Espanha, quando eu tinha o hábito de andar por aí eu estava usando verde quando caí do cavalo na lama, um dia. Você se lembra?

— Lembro-me de pensar que você estava morta — disse ele. — Eu não achava possível galopar através da lama, até aquele dia. Mas ambos Eden e eu fizemos isso, apenas para encontrá-la deitada lá amaldiçoando da forma mais vulgar.
Ela riu.

— Mas eu me lembrei que você gostava de mim de verde quando eu estava fazendo este vestido — disse ela. — Você sabe, Charlie, esta noite não vai ser tão ruim. Nós não somos quase suficientemente importantes para termos sido convidados para jantar no hotel Belle Vue. Isso seria uma provação, eu concordo, com o Rei e Rainha da Holanda como convidados de honra. Lady Amberley diz que o conde teme o pensamento de ir. Eu acho que ele é uma espécie de ermitão também. E a noite vai começar com um concerto. Madame Catalani, nada menos. Tudo que você tem a fazer é sentar e ouvir. E quando a dança começar, não haverá falta de homens que vão se sentir como você e ficar em um canto para falar de política ou cavalos ou mulheres ou o que seja que os homens gostam de falar quando não há mulheres presentes .

Ele sorriu e beijou-a.

— Obrigado, moça — disse ele. — Obrigado por me compreender e me aceitar como eu sou. Mas eu vou, você vê. Eu quero ver você e Jennifer dançando e se divertindo. Você tem desfrutado por si mesma desde que ela chegou aqui, não é? Estou feliz por isso. Eu sei que sou uma companhia às vezes maçante.

Ela balançou a cabeça.

— Eu pareço uma mulher que está insatisfeita com sua sorte? — Perguntou ela. — Eu, Charlie?

Ele olhou nos olhos dela

— Você está sorrindo — disse ele.

— Todo o caminho dentro de mim — disse ela. — Certo da cabeça aos pés. Porque eu sou a mulher mais feliz do mundo. Eu te amo e eu sou casada com você. E Jennifer estará rasgando seu quarto além da impaciência se não for buscá-la em breve. Oh, espere até ver o vestido, Charlie. Ela parece muito como um anjo nele. Você vai ter orgulho suficiente para estourar.

— Eu já tenho isso — ele disse, pegando a mão que ela lhe estendeu.

E ela realmente era feliz, pensou Ellen. Ela estava indo para a noite com o marido que amava e com a enteada que ela tinha aprendido a amar. E seu espelho apenas lhe dissera que ela estava olhando seu melhor. E ela estava indo dançar a maioria, se não todas as danças da

noite. Mesmo uma das valsas no cartão dela já tinha sido tomada, e ela gostava de valsar. Lorde Eden tinha assinado o seu nome ao lado dela no dia anterior, quando Charlie tinha finalmente admitido que não iria dançar, mesmo com sua própria esposa.

— Que conjunto que você sonhou de dançar com Charlie, senhora? — Lorde Eden tinha pedido quando eles ainda estavam rindo sobre o seu comentário muito falso dos dois pés esquerdos de Charlie, por vezes, levaram-no a marchar em uma direção diferente do resto do batalhão na parada. — A valsa, certamente. E depois do jantar, durante as horas românticas do baile. Agora, onde estão as minhas danças folclóricas? Ah, sim, o terceiro grupo da noite, eu vejo. Deve assinar-me por esta valsa e vamos fazer Charlie arrepender-se que perdeu a chance, vamos? Vou torcer você e girá-la e fazê-lo roxo de ciúmes. — Ele riu de Charlie e piscou para ela. Ele já havia escrito seu nome duas vezes no cartão de Jennifer.

Ela estava indo para desfrutar da noite, Ellen pensou como seu marido exclamou ao longo de uma Jennifer radiante e animada.

Ela ia ser muito, muito esplêndida. Eles tinham ido a bailes na Espanha, foi um longo tempo desde que ela tinha assistido a um baile tão grande como este prometia ser.

Capítulo 3

Após o jantar no Hotel de Belle Vue com a elite de seus hóspedes, o duque de Wellington chegou com a família real holandesa na Salle du Grand Concert na Rue Ducale, quando todo o resto de seus convidados já estavam presentes e sentados. Houve uma grande agitação, quando todos se levantaram. Jennifer, de pé ao lado de Ellen, seguiu seu exemplo e curvou-se em uma mesura profunda quando o Rei e Rainha da Holanda foram conduzidos aos seus lugares.

— O duque se parece mais com um rei do que o outro homem — ela confidenciou a um sussurro. — Estou feliz que ele não é o rei da Inglaterra, Ellen.

— Shhh — disse a madrasta com um sorriso enquanto eles retomaram seus assentos e prontos para o início do concerto. Mas todos os artistas eram apenas tolerados, sentia-se o zumbido de antecipação enquanto o público esperava pelo desempenho de Madame Catalani, a famosa soprano, que tinha apenas recentemente chegado em Bruxelas.

A cantora favoreceu seu público com apenas duas músicas, e nenhuma quantidade de aplausos entusiasmados e chamados para um bispo deriam convencê-la a cantar mais.

— Ela é muito linda — disse Jennifer.

— E tem a voz mais gloriosa que já ouvi — disse Ellen.

Seu marido se inclinou para ela naquele momento e falou em um sussurro.

— Estive olhando desde que chegamos, Ellen — disse ele — e eu não vejo qualquer mulher mais bonita do que você. Ou qualquer garota mais bonita do que Jennifer.

— Nem mesmo Madame Catalani? —Ela perguntou, com um brilho nos olhos.

— Madame quem? — Perguntou.

— Charlie! — Ellen riu e passou o braço pelo dele. Lorde Eden se juntou a eles antes de a dança começar.

— Senhora? — Disse ele, curvando-se para Ellen. — Senhorita Simpson? Charlie, não é positivamente justo que você deve ter duas dessas senhoras bonitas em sua carga. Especialmente quando você não tem nenhuma intenção de dançar com qualquer uma delas. Vou levá-las para longe de você. — Ele sorriu para Ellen e Jennifer, e estendeu um braço para cada uma, favorecendo-as com uma mesura exagerada. — Vocês vão se juntar a minha irmã e eu no outro lado do salão, senhoras? Temo que ela está bastante ocupada com potenciais parceiros no momento.

— Você se importa, Charlie?— Ellen pôs a mão de leve em seu braço.

— Vá e divirta-se, moça — disse ele, batendo a mão dela. — E Jennifer também. Vejo Fairway e Hendon lá. Vou ter uma conversa com eles.

— Lorde e Lady Amberley estão aqui também? — Ellen perguntou quando Lorde Eden a levou e Jennifer para longe.

— Eles foram para casa por um tempo para Alexandra colocar o bebê na cama, eu acredito — disse ele. — Eles vão estar aqui mais tarde. Receio que Alexandra tem uma visão

bastante veemente sobre a questão das babás. Na verdade, meu irmão e sua esposa são um pouco excêntricos de várias maneiras .

— Oh, mas eu concordo com a condessa — disse Ellen.

Ele sorriu antes de virar para Jennifer, a fim de chamar a atenção para ela a figura bastante inexpressiva do príncipe de Orange e o quanto mais lindo o conde de Uxbridge, líder da cavalaria aliada.

Lady Madeline cumprimentou os dois com um sorriso amigável. Ela colocou o braço de Jennifer através entre o seu próprio e apresentou-a a um grande grupo de admiradores. Como ela tinha conseguido reunir uma tal corte sobre ela quando ela tinha estado em Bruxelas por menos de um mês, Ellen não sabia, mas ela era, sem dúvida, muito adorável e uma senhora muito vivaz. Vários dos Lordes estavam assinando seus nomes no cartão de Jennifer, Ellen ficou satisfeita ao ver. A enteada estava parecendo excepcionalmente linda em seu vestido de seda rosa delicado coberto com um laço branco.

Coronel Huxtable inclinou-se e perguntou a Ellen se ele podia assinar seu cartão.

Lorde Eden havia se virado para falar com uma senhora consideravelmente pequena ruiva que lhe bateu na manga. Lady Madeline virou de seu grupo de seguidores e sorriu para Ellen.

— Você é uma surpresa — disse ela. — Dom mencionou você e o capitão em várias de suas cartas para casa. Imaginei você como uma senhora atarracada, confortável com aparência de meia-idade. Você deve ser não mais velha que eu. E esse é um tom glorioso de verde que você está vestindo.

— Obrigada. — Ellen sorriu. — Você, por outro lado, parece muito como eu esperava. Você é como o seu irmão.

— Você esteve com o exército, desde o seu casamento? — Perguntou Madeline. — Você deve ser muito corajosa.

— Eu entrei com o meu pai na Espanha, quando eu tinha quinze anos — disse Ellen. — Mas não há coragem envolvido em ficar com o marido, você sabe. Eu acho que seria necessário muito mais para ficar na Inglaterra e esperar por notícias. Eu não poderia suportar isso. Charlie pode ser ferido ou pior, e eu não saberia sobre isso, talvez por semanas.

— Eu sei. — Os olhos de Madeline parecia atormentado por um momento. — Eu não tenho um marido, senhora Simpson, mas eu tenho Dom. E eu vivi por três anos separada dele. Mas de novo não. Vou ficar aqui até isso tudo acabar.

— Nós temos esta noite — disse Ellen. — Esta noite, pelo menos, não há perigo. Somente luzes, músicas e risos. Quando você se torna uma parte da vida do exército, você aprende a aceitar a cada dia e cada noite como um dom precioso.

Madeline parecia tão bem como ela tinha aparecido alguns minutos antes.

— É claro — disse ela. — Talvez, afinal de contas, nós temos mais sorte do que outras gerações, senhora Simpson. Nós aprendemos a viver e amar o momento em vez de desperdiçar tempo de planejamento para um futuro indescritível. Aqui está um cavalheiro querendo dançar com você, eu acredito.

Ellen se virou para encontrar o capitão Norton, um oficial do nonagésimo quinto Rifles, sorrindo para ela e curvando-se.

— Meu conjunto, eu acredito, senhora Simpson — disse ele. — Acho que Charlie não vai dançar hoje à noite, como de costume?

— Oh, ele iria fazer o sacrifício supremo se houvesse algum perigo de eu ficar sozinha — disse Ellen, colocando a mão em sua manga. — Mas você e vários outros Lordes têm gentilmente salvo ele, você vê.

Lady Maisie Hardcastle juntou-se a Madeline no final do primeiro conjunto. Elas eram velhos conhecidos de Londres, embora Madeline não teria anexado o rótulo — amiga — ao seu relacionamento. Ela não gostava de língua constantemente ferina de Maisie.

— Minha querida Madeline — disse ela, agora, tocando Madeline no braço. Desde que Maisie Baines havia se casado com Sir Humphrey Hardcastle dois anos antes, ela havia adotado um ar condescendente com sua velha conhecida. — Eu vi você falando com a senhora Simpson anteriormente. Sabe quem é ela? Eu não sabia, na verdade, mas eu estava apenas conversando com Lady Lawrence, que chegou de Londres na semana passada.

— Senhora Simpson é a esposa do capitão Simpson da nonagésima quinta — disse Madeline, abanando-se e esperando que a orquestra não se demorasse muito mais tempo antes de iniciar o segundo conjunto de modo a que o tenente Penworth pudesse vir em seu socorro.

Maisie riu novamente.

— Eu pensei que você não sabia — disse ela. Ela olhou dramaticamente sobre ela como se esperasse para ver todas as centenas de convidados que inclinavam-se a caminho, orelhas estendidas para ela. Ela baixou a voz. — Ela é a condessa, filha de Harrowby.

— Verdade? — Disse Madeline, seu pé batendo com alguma impaciência. — Então é surpreendente que não atribui o título de Lady para o nome dela.

— Oh. — Maisie sorriu. — Eu não disse que ela era filha do conde de Harrowby, minha querida.

Madeline virou a cabeça para olhar para ela, com os olhos hostis.

— Mesmo? — Foi tudo que ela disse.

— Você não sabe a história? — Perguntou Maisie. — Eu não sabia até que Lady Lawrence me disse.

— Não — Madeline disse — e eu não sou excessivamente interessada em fofoca, Maisie.

— Oh, isso não é fofoca — a outra disse, duas manchas de cor aparecendo no alto de suas maçãs do rosto. — Eu não iria entrar em fofoca. Você deve conhecer-me melhor do que isso, Madeline querida. Isto é muito verdadeiro, e é uma história tão antiga que todo mundo sabe de qualquer maneira. Portanto, não posso ser acusada de ser maliciosa. Mas eu pensei que você gostaria de ser avisada, minha cara. Em um lugar como este, não se sabe sempre em com quem se está cultivando uma amizade, me entende? É um ato de simples amizade avisar alguém quando se está a par de alguma história desagradável .

Madeline olhou para ela friamente.

— Eu vejo o tenente Penworth se aproximando — disse ela. — Eu já lhe prometi a próxima dança. Eu pensei que a música nunca iria retomar, não é?

— Que inoportuno! — Disse Maisie.

— Eu vou chamá-la mais tarde se me permite, minha cara e dar-lhe todos os pormenores. Lady Amberley seria sem dúvida grata por saber também.

— Nós duas planejamos estar fora mais tarde — disse Madeline com um sorriso antes de se virar com um muito mais espumante para o tenente.

O oficial deslumbrado não saberia pelo seu jeito durante os vinte minutos seguintes que ela estava fervendo de indignação. Maisie era sempre especializada em assassinato de caráter e no entanto nenhuma quantidade de insulto pareceu penetrar a armadura dela própria.

Pode-se provavelmente dizer a Maisie com a boca seis polegadas de sua orelha que ela era uma burra e ela ainda riria e chamaria a pessoa de "querida—.

Lorde Eden dançou o primeiro conjunto com Jennifer. Ela estava extremamente adorável, pensou ele, brilhava com uma emoção que muitas jovens senhoras tentavam esconder atrás de uma pretensão de tédio sofisticado.

Embora ela ainda corava cada vez que ela olhava em seus olhos, ela parecia ter recuperado o uso de sua língua em sua presença.

Quando o padrão da dança permitiu conversar, ele perguntou a ela sobre seus anos na escola e ficou contente com o humor com que ela se lembrava de vários incidentes lá.

Ela tinha passado as férias em Londres com a irmã de Charlie, Lady Habersham, o único membro de sua família, ao que parecia, de quem ele não estava distante. Mas é claro que ela sempre tinha sido muito jovem para participar de quaisquer entretenimentos adultos.

O mundo era novo para ela, Lorde Eden percebeu, pensou em quanto tempo atrás, ele tinha olhado sobre a vida com esses olhos frescos. E ainda assim, ele tinha apenas vinte e cinco anos agora. Ele tinha crescido muito durante os últimos anos, especialmente durante os três desde que ele tinha comprado a sua comissão.

Ele sentiu uma ternura pela menina. Seria bom estar apaixonado por ela. Para estar apaixonado novamente com a juventude e inocência. Seria bom se casar com uma garota e passar a vida protegendo-a do lado mais áspero da vida. Seria bom se casar com a filha de Charlie.

Charlie seria o seu sogro. Agora, havia no que pensar!

Ele sorriu de alguma diversão para Jennifer como o padrão da dança trouxe-os juntos novamente e chamou outro rubor dela. Talvez ele se deixasse apaixonar por ela. Depois desta batalha. Não antes. Ele não queria nenhum envolvimento emocional antes da batalha. Ele poderia não
sobreviver.

Ele voltou com Jennifer para o lado de Ellen no final da dança e foi em busca de Susan Jennings, que tinha parado de falar com ele antes e cujo cartão tinha sido assinado para o próximo conjunto. Susan. A mesma Susan que tinha amado e quase casado três anos antes. Casara-se com o tenente Jennings logo depois e tinha ido com ele e o exército desde então. Mas três anos de vida áspera não tinham feito nada para destruir seu olhar de inocência frágil e juventude. Ele a tinha visto ocasionalmente durante esses anos.

— Você está excedendo seu tipo ao dançar comigo, meu Lorde — ela disse enquanto ele a levou para o salão para o começo do conjunto. Ela olhou para ele com grandes olhos castanhos — Eu não achei que você iria assinar o meu cartão quando há tantas grandes senhoras presentes.

— Ah, mas como poderia eu resistir a dançar um conjunto com você, Susan? — Disse. — Você é facilmente tão linda como a maior senhora daqui.

— Oh — disse ela, corando e abaixando os cílios, — você está apenas dizendo isso para me provocar, meu Lorde.

— Nem um pouco — disse ele. — E como é que a vida tem te tratado, Susan? Eu não falei com você por um tempo.

— Passamos o inverno com Lorde Renfrew, — disse ela. — Meu cunhado, você sabe. Ele ainda está solteiro. E Dennis, ele era o seu irmão do meio, faleceu há dois verões de febre tifoide. Ele estava na Itália. Meu marido é agora o herdeiro de Lorde Renfrew.

— Ele é, na verdade? — Lorde Eden disse com um sorriso. — Então, um dia desses eu posso ser capaz de tratá- la como milady, Susan.

— Oh, — ela disse, olhando para ele com os olhos arregalados e faces coradas — você não deve pensar tal coisa, meu Lorde. Eu não quero deixá-lo entrar na minha mente, tenho certeza. Eu sou excessivamente apaixonada por sua senhoria.

— Isso mesmo — disse ele. — Foi uma piada de mau gosto, Susan. Me perdoe?

— Não há nada a perdoar — disse ela.

Ele poderia ter se casado com ela, pensou Lorde Eden. Ele quase fez isso, exceto que ele finalmente fez a escolha entre ela e compra a sua comissão. Na mesma noite em que ele havia renunciado a ela e observou-a fugir em lágrimas depois de declarar seu amor por ele, ela havia anunciado seu noivado com o tenente Jennings. E tinha entrado na mesma vida que ele tinha pensado que era impossível trazê-la. Ela não parecia ter sofrido.

— Você já ouviu falar de sua família recentemente? — Perguntou.

— Colin se casou com Hetty Morton, — disse ela. — Você sabia disso? Howard ainda está solteira. Mamãe e papai estão bem.

Os Courtneys eram inquilinos prósperos de Amberley. Lorde Eden tinha conhecido Susan toda a sua vida, desde o momento em que ela era uma pequena menina, adorável, que parecia estar sempre chorando sobre um gatinho em apuros.

— Estou feliz em ouvir isso — disse ele.

— Nós estávamos em casa no verão passado por um tempo — disse ela — para o casamento de Colin. A esposa do reitor teve outra filha, você sabe. E você sabia que Lady Grace Lampman tem um filho? Eu nunca fiquei mais surpresa em minha vida. Ela é muito velha. Mama disse que ela quase morreu três anos atrás, quando sua filha nasceu. E Mama disse que Sir Perry estava quase fora de si mesmo quando ele sabia que ela estava em uma maneira delicada novamente .

Lorde Eden ouviu com alguma diversão enquanto ela tagarelava adiante. Obviamente, como uma senhora casada, ela sentiu-se bastante irrepreensível para atacar os ouvidos com essa conversa. A Susan que tinha conhecido teria desmaiado se alguém tivesse apenas sussurrado a palavra gravidez a cem jardas dela.

— Sim, eu sabia disso — disse ele. — Edmund me disse. Perry é um amigo particular dele, você sabe. E ele declara que Lady Lampman é muito orgulhosa e feliz que ela parece dez anos mais jovem .

— Ela deve estar feliz — disse Susan. — Sir Perry é um cavalheiro bonito e amável.

Ele teria continuado a amá-la se ele tivesse se casado com ela? Lorde Eden se perguntou. Ela era uma mistura bastante agradável de artifício e inocência, de timidez de menina e segurança de senhora. Ele tinha uma imagem súbita de estar sozinho com ela em seu *boudoir* despindo-se enquanto ela regalou-lhe com a mais recente fofoca. Ele não acreditava que ele iria encontrar a experiência descontroladamente excitante.

Mas se ele tivesse se casado com ela, seu amor teria tido a oportunidade de crescer e se desenvolver. Ela poderia ter se ajustado para ele e ele para ela. Eles poderiam ter sido feliz. Poderia ter sido! E não poderia ter sido.

Mas ele não queria que seu sonho nostálgico do passado morresse completamente. Se o seu amor por Susan poderia morrer de morte natural, então talvez não havia tal coisa como amor. Ou não para ele, de qualquer maneira. Alexandra e Edmund tinham, é claro. Às vezes era doloroso viver na mesma casa que aqueles dois. Não que eles o embaraçavam e a Madeline, por tanto como se tocar em público, é claro. Mas eles não precisam tocar-se. Seus olhares eram uma carícia e uma comunicação.

Bem, pensou, olhando através da sala para onde a senhorita Jennifer Simpson estava dançando com alguns jovens novatos, com o rosto brilhando, talvez ele seria capaz de amar novamente. Com um amor que duraria por toda a vida.

Ellen estava conversando com Lady Amberley quando Lorde Eden veio para reivindicar a sua valsa com ela depois do jantar. Ela estava ansiosa para isso imensamente. Ela tinha valsado uma vez antes daquela noite, com o tenente Byng, o marido de cabelos de fogo de sua amiga íntima, mas ele não dançou os passos com nada mais do que competência. Lorde Eden valsava bem. Ellen tinha visto ele executar a dança antes. E dentre todas as outras danças, ela amava a valsa.

Eles haviam se perdido esta noite. Ela tinha ficado sem parceiro para apenas um conjunto, antes do jantar, mas ela tinha ficado feliz em vez de desapontada
com isso, já que Charlie tinha vindo para levá-la em seu braço, e ela tinha sido capaz de relaxar e recuperar o fôlego e ir jantar com ele. E eles se sentaram com os Byngs, os Clearys e os Slatterys, e ela não teve que fazer nenhum esforço para manter uma conversa educada. Havia uma grande dose de riso em sua mesa.

Ela tinha dançado qualquer outro conjunto e se divertido em conversas animadas com os amigos do marido, com o coronel Huxtable, e com o belo e gentil conde de Amberley. E com Lorde Eden, é claro, durante o primeiro conjunto que haviam dançado juntos.
Mas agora era hora de valsa. Ela sorriu e colocou a mão em Lorde Eden quando ele trocou algumas palavras com sua cunhada.

— Madeline convidou você para o piquenique amanhã? — Ele perguntou enquanto a levava para o salão.

— Não — disse ela.

— Ela, sem dúvida, convidou a senhorita Simpson já — disse ele. — Estamos reunindo um grupo para ir para a floresta de Soignes. É lindo lá fora. Você já esteve? Nós estamos esperando que você vá estar disposta para atuar como acompanhante, mais uma vez. Espero que não esteja sendo tedioso para você fazer isso, senhora. E eu espero que Charlie não esteja

recebendo mal suas frequentes ausências. Mas se ele está, é inteiramente culpa sua, como vou dizer a ele. — Ele sorriu. — Ele pode vir também, se quiser.

— Seria cruel — disse ela, seus olhos brilhando de volta para ele. — É seu dia de folga, também.

— Vamos deixá-lo em casa, então, vamos? — Disse. — E fugir para a floresta e nos divertir.

— Assim como crianças escapando da supervisão de seus pais — disse ela com uma risada.

— Mas eu agradeço, meu Lorde, e Lady Madeline. Eu esperava que quando trouxesse Jennifer, ela teria muito entretenimento, mas eu não sonhei que haveria tanto. Eu sei que ela está se divertindo muito. E quem sabe quando tudo vai chegar a um fim?

Ele colocou a mão na cintura dela e tomou-lhe a mão.

— Você não deve sequer insinuar tais coisas durante um baile, senhora — disse ele com um sorriso. — Você sabe a etiqueta do exército.

— Sinto muito — disse ela. E resolutamente fechou sua mente para a certeza de que todos esses oficiais esplendidamente uniformizados seria envolvidos em talvez a batalha mais mortal de suas vidas, antes que muitas mais semanas se passariam. A última batalha de suas vidas para muitos deles. Ela abriu um grande sorriso.

E logo ela estava sorrindo para valer. Ela nunca tinha valsado com Lorde Eden antes. Ele era um dançarino soberbo. Ele segurou-a firmemente e mudou-se de tal forma que ela seguiu seu exemplo sem pensar. E ele girou e girou sobre o chão, de modo que ela tinha que olhar para o rosto dele para impedir-se de ficar tonta. Ele era muito alto e forte.

Ele sorriu de volta.

— Você valsa muito bem, minha senhora — disse ele. — Você não tem medo de seguir uma pista. Você se parece como uma pluma em meus braços. Charlie não sabe o que está perdendo.

— Oh sim, ele faz — disse ela, — e é por isso que ele está perdendo.

Ele riu e mostrou seus dentes muito brancos. Seus olhos verdes franzidos nos cantos. Ele foi surpreendentemente atraente, pensou Ellen. Seria possível que ele escolheria Jennifer para uma mais acentuada atenção? Eles pareciam muito bonitos juntos, quando tinham dançado antes.

Ele sempre tinha notado que ela era uma mulher adorável, pensou Lorde Eden. Mas foi só recentemente, desde o seu regresso da Inglaterra, que ele havia percebido que ela podia brilhar com uma beleza verdadeiramente vibrante. Ela foi efervescente esta noite. Parecia uma menina.

— Eu detectei um toque da moda de Londres? — Perguntou. — Isso é um vestido muito revelador.

Ele estava interessado em ver seu rubor.

— Eu comprei-o como uma surpresa para Charlie —, disse ela. — Ele acha que o verde é minha cor.

— É — disse ele. — Ele está certo.

Ele nunca tinha dançado com ela assim antes. Nunca a segurava. Seu corpo magro estava quente e macio sob sua mão. Charlie era um homem de sorte. Recordou sua primeira reunião com a senhora Simpson, na Espanha, e sua surpresa em sua juventude, beleza e elegância. Ela não era de todo o tipo de mulher que ele teria esperado para se casar com o rude e grande coração, Charlie Simpson.

E, no entanto, não poderia haver dúvida sobre o fato de que seu mundo girava em torno de seu marido. Seu respeito por ela tinha crescido com os anos.

Ele nunca iria esquecer quando voltou a ela depois de uma escaramuça sangrenta na Espanha enquanto tudo ainda era confusão no campo de batalha. Ele tinha sofrido um ferimento de raspão no braço e pareceu pálida quando ele cambaleou para trás e para frente em direção a sua tenda, o primeiro marco familiar que tinha visto.

Suas mãos tinham ido para a sua boca, seus olhos tinham crescido redonda com horror, e ela começou a chorar assim que ele tinha esquecido sua própria dor por um momento.

Como se viu, ela tinha notado somente a palidez de seu rosto e tinha assumido que ele estava trazendo más notícias.

Sua maneira mudou instantaneamente quando ela percebeu seu erro, e calma, com mãos firmes tinha sido rápida, facilitando o casaco dele e cortando sua camisa encharcada de sangue, limpando e cobrindo sua ferida. Mas ela chorou novamente uma hora mais tarde, quando Charlie tinha aparecido, esfarrapado e incrivelmente sujo, mas milagrosamente ileso. E ela se atirou contra ele e colocou os braços em volta do pescoço e murmurou seu nome, pelo menos uma dúzia de vezes.

Ele podia sentir inveja de seu amigo casado em tais momentos.

— Você acha que Charlie está assistindo e desejando que ele estivesse no meu lugar? — Perguntou a ela, olhando-a nos olhos e sorrindo. Ele girou em torno de um canto do chão até que ela riu para ele com prazer.

E, em seguida, outro casal de dançarinos colidiu com ela por trás e mandou-a rapidamente contra ele. Seus braços vieram com força sobre ela para estabilizá-la. Seu rosto ainda virou-se para o dele.

Provavelmente não mais do que um segundo passou enquanto ele se tornou ciente de seu formato fino e bem torneado do corpo feminino pressionado no dele e viu-se olhando diretamente em seus olhos cinzentos arregalados e até seus lábios entreabertos. Ele foi cercado pela fragrância de seu cabelo, da qual ele tinha sido vagamente consciente, quando tinham começado a dançar.

Sentiu-o com cada parte dela, dos ombros aos joelhos. Toda dura musculatura masculina. Sentia-se sufocada pela sua colônia, hipnotizada pelos seus olhos verdes, apenas polegadas acima de si.

Ela sentiu-se corar com veemência.

— Sinto muito. Sou muito desajeitada! — Um giro genial por cima do ombro enquanto ele manobrava a sua parceira para a multidão de dançarinos novamente.

Lorde Eden fixou as mãos firmes em seus ombros enquanto ele se afastou dela.

— Grande descuido da minha parte não prever isso — disse ele. — Você está ferida, senhora?

— Nem um pouco — disse ela, limpando as mãos sobre a saia e sorrindo para baixo.

— Por favor me perdoe.

— Por permitir ser atirada por um boi? — Disse. — Eu seria tentado a bater com a minha luva na cara dele se ele não parecesse como se estivesse divertindo-se tão imensamente.

— Oh, querida, isso aconteceu novamente para outro casal infeliz. Eu devo ter certeza de manter metade de um salão de baile entre ele e nós para o resto do conjunto, senhora, eu lhe garanto.

Ela riu e colocou sua mão esquerda em seu ombro novamente.

— Talvez em vez de desafiá-lo para um duelo, você deva pendurar sinos em torno de seu pescoço, meu Lorde — disse ela, — para que todos saibam que ele está chegando.

Sentia-se desconfortável. Imperdoavelmente desajeitado por ter permitido que ela passasse por tal constrangimento. Obrigou-se a rir de volta.

— E eu pensei que você não tivesse um osso malicioso em seu corpo, senhora Simpson — disse ele. — Que vergonha, senhora.

Ela achou muito difícil olhar nos olhos dele. De repente, ele parecia muito grande de fato, e muito próximo a ela. Sentia-se mais ofegante do que o exercício da dança explicaria. Indescritivelmente embaraçoso!

Será que a música nunca terminaria? Ela sorriu e continuou.

A Condessa de Amberley estava passando uma escova distraidamente pelos cabelos e olhando o marido no espelho. Ele estava de pé ao lado dela, os braços cruzados.

— Você acha que Madeline vai se casar com o coronel Huxtable? — Perguntou ela. — Ele parece um homem muito agradável, você não acha? Embora ela o conheça há apenas algumas semanas.

— Acho que ele terá de fazer-lhe uma proposta antes da questão tornar-se relevante — disse o conde, tendo um de seus cachos entre o indicador e o polegar.

— Claro que ele vai fazer uma proposta — disse ela, sorrindo para ele. — Não fazem todos?

— Então eu adivinharia que ela vai dizer não — disse ele. — Ela não diz isso para todos?

Ela suspirou.

— Talvez ela está se fazendo muito difícil para o amor — disse ela. — Talvez ela iria se apaixonar se ela só se desse a chance de conhecer um cavalheiro elegível.

— Como fizemos? — Disse.

— Sim — ela concordou, — como fizemos. Nós não tivemos nenhum pensamento de amar um ao outro quando nos tornamos noivos, pois não?

— Oh — ele disse — Eu tinha todo o pensamento de amar você, Alex. O noivado pode ter sido em grande parte imposta a mim, mas eu tinha toda a intenção quando eu o contrai de vir a amá-la. E não demorou muito.

Ela chegou para trás e tocou sua mão com a dela.

— Dominic gosta da senhorita Simpson — disse ela. — Ela é muito doce. Eu gosto dela. Mas ela é um pouco jovem para ele, não é Edmund?

— Há oito anos entre você e eu — disse ele. — É muito jovem para mim?

— Não — disse ela. — Eu não quis dizer apenas em anos. Ah deixe pra lá. Eles só recentemente encontraram-se. Edmund, você sabe a que horrível Maisie Hardcastle me disse?

— Não é possível imaginar — disse ele, baixando a cabeça e roçando o lóbulo da orelha. — Algum escândalo chocante, sem dúvida.

— Eu não lhe dei um incentivo que seja — ela disse — e tentei o meu melhor para nem mesmo ouvi-la. Mas ela insistia que era o seu dever de dizer-me para que eu possa proteger a reputação de Madeline .

O conde bufou.

— Ela disse, de fato? — Disse. — Você está pronto para a cama, Alex? Se não for para lá em breve, Caroline virá para cima, com fome como um urso, pronta para começar o dia.

Ela chegou a seus pés e girou em seus braços.

— Ela disse que a senhora Simpson é a filha da condessa de Harrowby — disse ela. — Você conhece-a?

— Eu sei quem é — disse ele, desfazendo o botão de cima da camisola e movendo as mãos em seus ombros por baixo. — Eu sei quem é o pobre velho Harrowby, é claro. Uma destruição alcoólica, temo.

— Maisie fez questão de dizer que ela não disse que a senhora Simpson era a filha do conde de Harrowby — disse ela.

— Muito provavelmente, creio — disse o conde, desfazendo o segundo e terceiro botão de sua camisola para que ele pudesse abri-lo para trás sobre os ombros.

— A senhora tem algo de uma reputação picante.

— Pobre senhora Simpson — disse ela. — Maisie matará sua reputação se ela puder, você sabe.

— Eu acredito que ela tentou com você uma vez, meu amor — disse ele. — Mas eu a frustrei ao casar com você.

— Obrigada — disse ela, irritada. — Nós todos sabemos que sem a sua generosidade minha reputação teria ficado em frangalhos para sempre. E tire esse sorriso de seu rosto.

— Eu te amo quando você está irritada — disse ele. — E você sabe muito bem que você se casou comigo, eventualmente, por sua própria vontade. Embora você pudesse ter se visto em uma situação desagradável se não tivesse.

— Edmund — disse ela, agarrando-se a seus pulsos — não faça isso até que eu esteja deitada, por favor. Você sabe que sempre me faz ficar com os joelhos fracos.

— Facilmente remediado, meu amor — disse ele, inclinando-se para baixo e balançando-a em seus braços.

Ellen estava deitada ao lado de seu marido, seu braço sob a cabeça, como de costume.

— Você não gostaria de vir? — Perguntou ela. — Amanhã é um dia livre para você, Charlie, e a floresta é tida como um lugar bonito.

— Eu estarei o mais rapidamente em casa, moça — disse ele, — a menos que você realmente queira que eu vá. É pedir demais que você vá em todos os lugares com Jennifer? Eu sou muito egoísta, não sou? Eu vou, então. Eu vou com você, Ellen.

— Não. — Ela suspirou e beijou sua bochecha. — Você odiaria cada minuto e eu não iria me divertir em tudo. Mas teria sido agradável, não? Ficarmos em casa, juntos amanhã? Poderíamos fazer um passeio no parque a tarde. Mas não importa. Teremos a noite. Os Slatterys convidaram Jennifer ao teatro, lembra?

— Mm — disse ele. — Isso vai ser bom, querida. Você prefere que eu te leve em algum lugar?

— Não — disse ela. — Eu quero uma de nossas noites calmas em casa juntos, Charlie. Apenas você e eu. Como nos velhos tempos.

Eles ficaram em silêncio e ela estava de volta ao salão de baile, a música rodando em sua cabeça, o salão girando descontroladamente sobre ela. Ruído e riso, cor e movimento. O cheiro da colônia de um homem. Ela virou- se inquieta sobre seu lado.

— Estou com frio — disse ela quando seu marido abriu os olhos e virou a cabeça.

— Em uma noite quente como esta, moça? — Disse. — Ei, você está tremendo. — Ele esfregou as mãos grandes sobre suas costas e puxou os cobertores perto dela. — Chegue perto, querida. Vou aquecê-la.

— Eu te amo, Charlie — disse ela, enterrando a cabeça sob o queixo e fechando os olhos com força. Ela estendeu as mãos em seu largo e quente peito. — Eu te amo tanto. Você acredita, não é?

— Claro que eu acredito, moça — disse ele, alisando uma mão sobre seu cabelo. — E você sabe que você é meu tesouro e sempre será. Você está se sentindo mais quente? Levante o seu rosto para mim e me deixe beijá-la.

Ela inclinou a cabeça para trás com uma avidez quase desesperada e deslizou um braço em volta do pescoço.

Capítulo 4

O sol brilhava num céu sem nuvens quando duas carruagens abertas fizeram o seu caminho ao longo da Rue de la Pépinière, através da porta de Namur, no extremo sul de Bruxelas, em seu caminho para a Floresta de Soignes. Foi um dia perfeito para um piquenique. Lady Madeline Raine seguia na primeira carruagem com suas amigas senhorita Frances Summers e Lady Anne Drummond. Ellen e Jennifer Simpson na outra, a cesta de piquenique no banco em frente a elas. Coronel Huxtable, tenente Penworth, Lorde Eden, capitão Norton e Sir Harding Whitworth montavam ao lado das carruagens.

Madeline girava uma sombrinha amarela sobre a cabeça e sentiu-se decididamente feliz. Era possível sentir isso, se concentrar apenas no sol quente e na beleza da floresta que estava se aproximando, se alguém olhasse apenas para o esplendor dos uniformes de quatro dos seus acompanhantes e esquecesse sobre o significado desses uniformes.

— Eu nunca fui para a floresta antes — Lady Anne disse — embora eu tenha ouvido que é encantadora. Eu não esperava que as árvores fossem tão grandes.

As três senhoras olharam sobre eles para as árvores de madeira de faia, seus troncos de altura enorme, suave e prateado.

— Eu sempre me sinto como se eu devesse sussurrar quando estou aqui — disse Madeline. — É quase como estar em uma catedral.

— Eu acredito que este é o lugar onde devemos sair da estrada principal, — coronel Huxtable disse, voltando-se para ver o aceno de afirmação de Lorde Eden — antes de chegar à vila de Waterloo.

— É por este caminho que os franceses tentaram vir? — Lady Anne perguntou a ninguém em particular, quando cavalos e carruagens viraram da ampla Charleroi Chaussée para a floresta, com suas árvores espaçadas.

— Oh, não — senhorita Summers disse com firmeza. — Ferdie diz que eles virão a partir do oeste para tentar cortar nossas linhas de fornecimento com Ostend. Essa será a melhor jogada tática, diz ele.

— Eu acho que para o resto do dia, devemos declarar conversas militares estritamente proibidas — Madeline disse alegremente.

— Eu não poderia estar mais de acordo — Coronel Huxtable disse — toda a gente sabe que os franceses não vão vir de qualquer direção, de toda forma. Confie em sua graça e nos exércitos aliados para garantir isso, senhoras.

— Eu lamento não ter tido uma chance de ter um bom puxão de velhos homens de Boney, porém, — Tenente Penworth acrescentou.

— Sim, uma águia capturada seria uma esplêndida lembrança para manter no castelo ancestral para o resto da vida de alguém, não seria? — Disse Sir Harding em sua voz um pouco entediado. — Sua ansiedade juvenil é bastante cansativa Penworth, e é chato para as senhoras. — Ele se inclinou na sela para Madeline com cortesia exagerada.

Madeline girou a sombrinha e reprimiu a réplica que estava tudo muito bem para levar o mundo com tédio quando se era um civil e não correu nenhum perigo de alguma vez ter visto uma águia agitando ameaçadoramente na cara, do punho de uma mão francesa. Ela sorriu para o tenente Penworth.

O coronel acompanhou-a a partir da carruagem quando um local de piquenique adequado tinha sido escolhido e pediu-lhe para dar um passeio com ele, já que era muito cedo para comer. Lady Anne e Frances já estavam se estabelecendo em cobertores que o capitão Norton tinha espalhado no chão. Sir Harding juntou a elas lá. Tenente Penworth foi curvando-se sobre a mão de Jennifer Simpson.

Talvez não fosse muito bom concordar a andar sozinha na floresta com um cavalheiro, Madeline pensou quando ela pegou o braço do coronel e permitiu que ele a levasse embora. Mas ela tinha passado a idade de chaperones e todo o falatório. Sentia-se bem, por vezes, deter vinte e cinco anos e ser tão livre como um pássaro.

— Agora eu sei por que você usou um vestido de um amarelo brilhante — disse o coronel. — Foi porque assim teríamos luz do sol mesmo no meio da floresta.

— Ah, meu segredo foi exposto — disse ela alegremente, girando a sombrinha, mesmo quando ela percebeu que seu uso era bastante redundante com as árvores atuando como uma sombra eficaz.

Eles se estabeleceram em sua conversa habitual de brincadeiras animadas. Foi o jeito que ela falou com quase todos os homens nos dias de hoje. Nunca nada mais profundo. Ela estava com medo de conhecer alguém muito de perto? Ela tinha medo de permitir que qualquer homem a conhecesse? Mas ela balançou a cabeça e sorriu. Este não era um dia para a introspecção.

— Você sabe... — disse o coronel, e Madeline ficou instantaneamente alerta. O tom de sua voz tinha mudado.

— Apesar de sua proibição muito sensata sobre um determinado tema para hoje, eu vou dizer que é altamente provável que vou ter que deixar Bruxelas em algum momento próximo.

— Você fez isso hoje — disse ela, sorrindo para ele — para participar de um piquenique. Mas ela não podia controlar esta parte da conversa. Seus olhos estavam sérios quando ele sorriu de volta.

— Eu posso não ser capaz de retornar imediatamente — disse ele. — Talvez você terá ido para a Inglaterra antes de eu fazê-lo.

— Eu vou ficar — disse ela. — Até Dominic estar pronto para voltar.

— Se você retornar para a Inglaterra antes de eu vê-la novamente — disse ele, — posso te encontrar lá fora?

— Mas é claro — disse ela alegremente. — Eu sempre gosto de encontrar amigos ausentes novamente, Lorde.

— Você compreende o que quero dizer? — Ele perguntou, olhando penetrante em seus olhos.

Ela desistiu de sua pretensão de alegria.

— Sim — ela disse, hesitante. — Sim, eu sei, Lorde. E eu queria que você não fizesse. Não vamos estragar um dia de prazer.

Ele sorriu com tristeza.

— Você não se importa comigo? — Ele perguntou.

— Oh, sim, eu faço — disse ela apressadamente. — Eu faço.

— Mas você está com medo do que poderia acontecer? Ela deu um suspiro profundo.

— Eu não penso nisso — disse ela. — Não é nada disso.

— Ah — disse ele. — Não há outra pessoa, então? Ela olhou com tristeza em seus olhos.

— Sim — disse ela. — Eu sinto Muito. Ele sorriu lentamente.

— E eu também — disse ele. Eles caminharam em silêncio por um tempo.— Eu espero que você esteja desenrolando um rolo de barbante nas nossas costas. Você tem alguma ideia de como voltar para as carruagens? Podemos ser condenados a vagar aqui para sempre e sempre, você sabe.

— Oh que terrível destino! — Disse ela. — Mas estou certa de que depois de alguns dias, Lorde, quando estiver prestes a morrer de fome, você será cavalheiro o suficiente para subir em uma árvore para ver se pode ver as torres de Bruxelas ou algum outro sinal de civilização.

Ele riu.

— Mas este não é exatamente o sonho de um estudante de árvores para a escalada? — Disse.

Ela havia dito que sim, Madeline estava pensando. Ela disse que sim, que havia mais alguém. Por que ela disse isso? Talvez ela tivesse mentido porque era uma maneira fácil de pôr fim a uma conversa desconfortável? E ainda assim ela não se sentia como se estivesse mentindo. Havia outra pessoa? Foi esse o problema dela?

Mas ela também não gostava dele ou amava. Ela não tinha visto ele por três anos e era provável nunca vê-lo novamente. Ele tinha se estabelecido no Canadá. Ele tinha ido além do Canadá, no vasto deserto no interior, trabalhando no comércio de peles. Ela raramente pensava nele conscientemente, exceto quando Alexandra tinha uma carta dele. Mas ela disse que sim. Ela concordou que havia outra pessoa.

Foi um longo tempo desde que ela tinha amado e odiado James Purnell.

Um longo tempo desde que estranha noite em Amberley quando ele tinha dançado com ela em jardins formais de Edmund para os sons fracos da música vindos de salão de baile. Quando ele a beijou com uma ternura que não sabia que ele fosse capaz e com uma paixão que tinha esperado que ela seria levada para o jardim, querendo ser tomada. Quando ele tinha dito a ela que ela deveria deixá-lo se soubesse o que era bom para ela, porque ele não a amava, que ele só sentia desejo por ela. Quando ele a tinha deixado no meio da noite, antes mesmo de o baile acabar, e pego o navio para o Canadá.

Foi tudo muito, muito tempo atrás. Como algo de uma outra vida. No entanto, ela tinha acabado de dizer ao coronel Huxtable que havia outra pessoa. James com seu severo rosto, bonito e magro, corpo inquieto. James com o cabelo muito escuro e a mecha caindo constantemente sobre a testa, não importava quantas vezes ela empurrasse de volta.
Sim, ela o amava. Contra toda razão. Há muito, muito tempo atrás.

Tenente Penworth curvou-se para Jennifer.

— Você se importaria de andar um pouco, senhorita Simpson? — Perguntou. — Talvez você se sentisse bem com um pouco de exercício depois de se sentar por um longo tempo.

Bem, para o diabo, Lorde Eden pensava. Ele estava perdendo-a para o uniforme de um cavaleiro escarlate, para um menino jovem e ansioso. Se ele não fosse cuidadoso, ele iria encontrar-se emparelhado com a senhorita Frances Summers, que estava sinalizando sua disponibilidade para ele por todo o mês passado. Mas a senhorita Simpson precisaria de um acompanhante se ela pretendesse andar fora da vista, uma forte possibilidade, quando eles estavam no meio de uma floresta.

— Vamos passear também, senhora Simpson? — Perguntou.

— Confesso a uma necessidade de trabalhar mais o apetite para o chá.

— Obrigada — disse ela, segurando seu braço oferecido. E eles se estabeleceram em um silêncio que ele achou difícil de quebrar. Era estranho, ele nunca
tinha se sentido estranho em sua presença antes. Mas ele tinha notado durante o passeio para fora de Bruxelas que ela não tinha uma vez olhado em seus olhos. Condená-lo por um dançarino descuidado. Sua colisão da noite anterior tinha sido uma questão pequena, mas a envergonhava terrivelmente.

E ele tinha acordado em suores durante a noite com a fragrância de seu cabelo em suas narinas.

Ela era Ellen Simpson. A esposa de Charlie. A mulher tranquila cuja presença sempre tinha feito da tenda de Charlie um refúgio de paz e conforto. A mulher em cuja presença ele sempre tinha sido capaz de relaxar completamente. A mulher cuja presença muitas vezes ele não tinha conhecimento, embora tivesse sempre notado quando ela não estava lá por algum motivo.

Ela era apenas Ellen Simpson.

— Você sente falta da Inglaterra? — Perguntou. — Este é um local encantador, devo confessar, mas não está em casa, não é?

— Casa! — Ela disse suavemente. — Casa não é um lugar para mim, meu Lorde. Casa é o meu marido. E ele tem o hábito de se movimentar com o exército. — Ela sorriu. Ele olhou para ela com alguma curiosidade. Ele nunca tinha perguntado a ela sobre si mesma. Ele sabia muito pouco sobre ela na verdade.

— Você estava com seu pai desde a infância? — Perguntou. — Quando sua mãe morreu?

— Eu fui para a Espanha com meu pai quando eu tinha quinze anos — ela disse, — e vivi com ele até que ele foi morto. E então eu me casei com Charlie. Dez anos completamente. Dez anos de peregrinação.
Ela não tinha respondido à segunda de suas perguntas. Tinha sua mãe morrido quando ela tinha quinze anos? Não havia outra família com quem ela poderia ter ido?

— De qual parte da Inglaterra você é? — Perguntou.

— Londres na maior parte — disse ela. — Meu pai... Ou seja, nós, tivemos uma casa em Leicestershire, mas raramente ia lá. Eu cresci em Londres.

— Você não sonha em voltar? — Perguntou. — Assim, finalmente ter uma casa sua novamente? Um lugar onde você pertence?

— Sim, às vezes — disse ela. — Na zona rural. Sem problemas e sem perigos. Para que eu não teria sempre de viver no terror que algo acontecesse com Charlie. Deve ser o céu para

viver com um marido em paz. E em um só lugar. Um lugar que é próprio. Oh, sim, eu desejo isso.

— Esse tempo virá em breve — disse ele, tocando a mão que repousava sobre seu braço e retirar os dedos apressadamente. Ele não queria fazê-la desconfortável novamente. — Charlie está falando de vender a comissão uma vez que este negócio com Bonaparte finalmente termine.

— Sim — disse ela. — Mas eu aprendi nos últimos dez anos não olhar muito à frente e não sonhar muito. Eu tenho meu marido hoje. Vamos passar esta noite juntos. Que eu posso olhar para a frente com alguma certeza e alguma ânsia. Mas não a casa no campo. Eu não vou pensar sobre isso ainda.

— Charlie é um homem de sorte — disse ele. Ela olhou para ele, surpresa.

— Oh, não — disse ela. — Eu sou a afortunada. Se ao menos você soubesse! Charlie é o mais gentil e o homem mais maravilhoso do mundo todo. Ele me deu uma razão para viver quando eu não tinha nada, você sabe. Ele é tudo para mim. Meu mundo entraria em colapso se eu não o tivesse.

Ele tinha aprendido nas semanas anteriores de que havia mais da Ellen Simpson do que apenas a força tranquila do personagem que ele tinha sido familiarizado. Ele tinha aprendido que ela poderia ser alegre e bem-humorada e extremamente bonita. E agora ele estava vendo que não havia paixão nela. Ele olhou para ela, intrigado.

— Eu sei algo da bondade de Charlie — disse ele. — Não estou certo de que eu não teria surtado de terror na minha primeira experiência com a batalha se seu marido não estivesse ali para me incentivar. Deve ter sido um conforto tê-lo como um amigo quando seu pai morreu. Você era muito afeiçoada a ele?

— Ele era bom para mim — disse ela. — Mas eu nunca o conheci bem. Eu tive problemas terríveis me ajustando à vida no exército, quando fui pela primeira vez para a Espanha. — Ela sorriu. — Charlie me encontrou chorando fora da minha barraca um dia porque eu tinha acabado de escovar meu cabelo e encontrei o pincel cinza com poeira, e não havia nenhum lugar para lavar meu cabelo. Ou minhas roupas. Eu realmente nunca tinha experimentado a sujeira antes. Ele colocou o braço em volta dos meus ombros e sentou-se no chão comigo e me contou histórias, como se eu fosse uma criança. — Ela riu. — Ele era totalmente paternal, você deve perceber. Eu tinha quinze anos e ele trinta. E ele me disse de sua filhinha, a quem ele perdeu. Jennifer. Depois disso, ele costumava me procurar muitas vezes para ver se eu não estava infeliz. E ele costumava me trazer presentes sempre que ele tinha ido a uma cidade. Uma fita. Uma mantilha. Um pente limpo.

Era difícil imaginar a senhora Simpson como uma menina confusa, chorando na poeira. Ele a conhecia como uma mulher que sofreu o pior dos sofrimentos com alegria e tranquila. A única vez em que a vira reagir ao desconforto foi quando ela tinha caído de seu cavalo na lama um dia e tinha xingado como um dos homens quando ele e Charlie tinham chegado até ela.

— Eu fiz amigas entre as mulheres muito rápido — disse ela. — E eu me acostumei com a vida. Mas você não pode imaginar como ter apenas um vislumbre de Charlie veio para iluminar meus dias. Às vezes ele piscava para mim de uma distância. Suponho que ele era como o pai que eu... Ele era como um pai para mim. Ou um irmão mais velho .

Como o pai que ela nunca tinha tido? Lorde Eden concluiu em sua mente. Havia algo fascinante sobre a descoberta de como eram seus dois amigos antes que ele os encontrara.

— Pedi-lhe para casar-se comigo — disse ela, e ela corou quando ele olhou para ela com um sorriso. — É chocante, não é? Depois que meu pai morreu, ele queria me mandar para sua irmã em Londres. Lady Habersham, com quem Jennifer sempre ficava quando não estava na escola. Ele estava disposto a fazer isso por mim. Mas pedi-lhe para casar. Eu até lhe implorei. Ele não achava que combinávamos. Ele disse que estava muito velho e não era certo para mim .

Lorde Eden riu alto.

— Vou ter de provocá-lo — disse ele, — sobre ser levado guinchando ao altar.

— Oh — disse ela, e ela estava rindo também. — Por favor, não faça isso. Por favor, não. Eu era muito egoísta. Eu nem sequer considerei que talvez ele não queria se casar. Mas eu o amava tanto. Eu não podia suportar o pensamento de ser separada dele. A vida não teria tido mais significado. Mas eu não acho que ele tem sido muito infeliz. Eu acho que eu trouxe felicidade, também.

— Se você tivesse que passar os seus dias com ele como eu fiz quando você se foi para a Inglaterra, senhora — disse ele — você não teria nenhuma dúvida sobre isso. Ele era como um urso enjaulado.

Ela abriu um grande sorriso para ele.

— Eu sinto muito — disse ela. — Eu devo ter chateado você terrivelmente, dizendo-lhe estas coisas.

— Pelo contrário — disse ele. — Eu fiquei fascinado. — E isso certamente não era mentira. Ele estava totalmente surpreso.

Ele sempre tinha assumido que a senhora Simpson tinha sido persuadida a um casamento de conveniência depois da morte de seu pai, embora ele nunca tivesse estado em dúvida sobre a sua devoção a Charlie. Mas, claro, quando ele pensava sobre isso, ele teve que admitir que sua história fazia sentido. Charlie não era de todo o tipo de homem para tirar proveito de uma menina infeliz e confusa.

— Parece que o tenente Penworth faria um bom oficial de reconhecimento — disse ele. — Eu temo que estaria irremediavelmente perdido nesta floresta até agora. Mas você vê? Ele trouxe-nos um círculo completo, não é o lugar do piquenique?

Ela parecia ter acabado de confidências e conversa. Era um alívio estar de volta com os outros novamente e ser capaz de organizar as coisas de modo que ele sentou-se no cobertor ao lado de Jennifer. Ela estava radiante com os ânimos elevados, como de costume e parecendo particularmente atraente em um vestido de musselina azul e chapéu de palha enfeitado com flores azuis.

Lorde Eden não sabia por que ele não conseguia afastar de sua mente a lembrança da senhora Simpson pressionada no seu corpo na noite anterior, o rosto virado para cima do dele. Certamente tal coisa deveria ter acontecido com ele antes.

Se ela tivesse sido uma estranha ou uma conhecida passageira, sem dúvida, ele teria esquecido tudo sobre o incidente até então. Era só que ele não estava acostumado a pensar nela como uma mulher. Ela era a esposa de Charlie, alguém que gostava e respeitava muito. Mas ainda assim, apenas a esposa de Charlie.

Era tolice sentir esse constrangimento, esta consciência, em sua presença. E saber que ela compartilhou o sentimento. Ele não gostaria disso. Ele pôs-se a encantar a senhorita Simpson. Capitão Simpson virou para Ellen e soprou seu hálito de bochechas inchadas. Ele riu.

— Você já viu um pequeno redemoinho assim? — Perguntou indicando Jennifer. — Se a sua boca pudesse se mover mais rápido, Ellen, ela iria fazê-lo.

Ellen também riu.

— Mas ela está se divertindo muito — disse ela. — E ela tem feito tantos amigos, e acumulou tantos admiradores, Charlie. Você deve estar muito orgulhoso dela.

— Eu estou — disse ele. Afastou-se da porta através da qual sua filha tinha acabado de sair para o teatro com as Slatterys. — Às vezes eu tenho que me beliscar, Ellen, só para acreditar que ela é minha filha. Você pode me imaginar ser pai de tão bonita criatura?

— Eu posso — disse ela.

Ele sorriu e sentou-se ao lado dela no sofá.

— Então, esta tarde, foi tudo o tenente Penworth, foi? — Disse ele. — Não posso dizer que sei do cachorro, exceto que ele é um guarda. De Devon, diz ela, com uma parcela de irmãos e irmãs mais novos e um amor por equitação e vela e jogando críquete. Você gostaria de visitar os nossos netos em Devon, moça?

— Oh, Charlie — disse ela, rindo dele. — Jennifer não está pronta para fazer a sua escolha ainda. Ela tem olhos para o Lorde Eden, mas acho que ela é tímida de falar com você sobre ele, porque ele é seu amigo.

— Bem — ele disse — Eu não quero que ela se case ainda. Ela deve ter tempo para se divertir, não? Será que você tem tido um bom tempo, moça?

— Sim, eu tenho. — Ela estendeu a mão e alisou-o sobre o cabelo ao lado de sua cabeça.

— Mas eu teria preferido ficar em casa com você. Está com saudades de mim?

— Eu fui para as lojas — disse ele. Ela riu.

— Você, Charlie? — Disse ela. — Para as lojas?

— De que outra forma eu poderia comprar um presente para você? — Ele disse, sorrindo para ela.

— Um presente? Você me comprou um presente? — Ele não tinha feito isso por um longo tempo, não desde que eles estavam na Espanha. Oh, lhe tinha dado o dinheiro, quando ela foi para a Inglaterra, com ordens estritas para gastar em si mesma. Mas foram os pequenos presentes, muitas vezes absurdos que ela sempre tinha valorizado. — Cadê?

— No meu bolso — disse ele. Mas, apertou a mão sobre o bolso quando sua mão foi em direção a ele. — O que eu ganho em primeiro lugar?

Ajoelhou-se no sofá ao lado dele e colocou os braços em volta do pescoço.

— O que você quer? — Perguntou ela, e beijou-o levemente nas duas faces.

— Os lábios — disse ele. — Nada menos do que os lábios.

— Oh — ela disse — deve ser um presente muito valioso, então. Tudo bem, os lábios então.

Ambos estavam rindo depois que ela tinha acabado de beijá-lo demoradamente.

— Talvez devêssemos esquecer o presente — disse ele.

— De jeito nenhum! — Ela enfiou a mão no bolso. Seus dedos se fecharam em torno de um pacote embrulhado em papel macio que sussurrava.

— Talvez você não goste — disse ele, sentado, imóvel.

— Eu vou — disse ela, puxando-o para fora. — Eu não me importo o que é. O que é isso?

Ele riu.

— Abra e veja, moça — disse ele.

Era um par de brincos, minúsculo, delicadamente feitos, cada peça com uma esmeralda.

— Para usar com o seu novo vestido de noite — disse ele. — O que você usava na noite passada.

— Oh, Charlie — ela disse — eles são adoráveis. E devem ter custado uma fortuna. Você não deveria ter feito isso. Você não precisa me comprar presentes caros.

— Sim, eu sei — disse ele. — Oh, sim, eu faço, querida. E eles eram os mais pequenos na loja.

Os dois riram quando ela colocou os braços em volta do pescoço novamente.

— Obrigada — disse ela. — Mas eu não tenho um presente para você.

— Sim, você tem — disse ele, fechando os braços sobre ela. — Você é um tesouro, lembra? Meu tesouro.

Ela descansou sua bochecha contra a parte superior careca de sua cabeça enquanto ele a abraçou. Depois sentou-se sobre os calcanhares e olhou para ele, os brincos em sua mão.

— Lágrimas? — Ele disse suavemente, estendendo a mão e enxugando uma lágrima de seu rosto com o polegar.

— O que é isso, querida?

Ela balançou a cabeça.

— Nada — disse ela. — Oh, Charlie, nada. E tudo. — Os músculos do seu rosto trabalharam contra sua vontade, e mais lágrimas seguiram a primeira quando seus braços vieram firmemente sobre ela. Ela deslizou as pernas de debaixo dela e escondeu o rosto em seu ombro.

— O que é isso, querida? — Ele estava beijando o lado de seu rosto.

— Tudo está mudando — disse ela quando podia. — É tudo diferente desta vez. Estou com medo, Charlie. O tempo está esgotando-se para nós, não é?

Ele forçou o queixo para cima e enxugou os olhos com um lenço grande.

— Nada mudou — disse ele com firmeza. — Nós ainda estamos aqui juntos, moça, e nós ainda amamos um ao outro. E é o contrário de você falar assim. Você nunca fez antes. Eu sempre volto para você, não é?

— Sim — ela sussurrou.

— Bem, então — disse ele. — Eu vou voltar desta vez também. E esta será a última vez. Eu prometo. Vamos voltar para a Inglaterra e comprar aquela casa de campo, e você vai ter o

seu próprio jardim e cães e gatos e galinhas e qualquer outra coisa que você queira. Estaremos lá por esta época no próximo ano .

— Eu não me importo com os cães e os gatos — ela disse — ou sobre a casa ou o jardim. Eu só quero que você, Charlie. Diga-me que você vai estar lá. Me prometa que você vai. Eu não posso viver sem você. Eu não quero viver sem você.

— Querida! — Sua voz demonstrava surpresa quando ele a pegou novamente. — Querida, o que trouxe a este estado de espírito? É mais ao contrário do que você é. Tenho negligenciado você? É isso? Eu tenho, não? Eu sou tão egoísta. Eu pensei que você estava se divertindo com Jennifer e com Lady Madeline e Eden e senhora Byng e senhorita Slattery e todo o resto. Sinto muito, moça. Eu tenho negligenciado você. Mas eu te amo, Ellen. Você sabe que te amo.

Ela afastou-se dele, de repente, pegou o lenço de sua mão, e enxugou os olhos com ele. Ela deu um sorriso com o rosto vermelho e olhos lacrimejantes.

— Quão tola eu sou! — Disse ela. — Uma pata! E tudo por um par de brincos. Eles são mais preciosos para mim do que o mais caro dos diamantes, Charlie. Devo colocá-los? Embora eles vão parecer terríveis com este vestido rosa. Mas você deve me beijar de qualquer maneira e me dizer o quão bonita eu estou. E então eu quero que você me diga todas aquelas velhas histórias sobre sua infância. As histórias de pesca, e as histórias de Natal. Você poderia?

— Que moça boba você é — disse ele, tomando-lhe a mão livre na dela e levantou-se para encontrar um espelho, levantando-a aos lábios. — Você já ouviu essas histórias uma centena de vezes. Vai e coloca os brincos, então querida, vem para o seu beijo.

Ela sentou-se enrolada no corpo dele para o resto da noite, com o seu braço sobre os ombros. E mexeu distraidamente nos botões do seu colete, e riu de suas histórias, e beijou seu queixo enquanto determinadamente fechava sua mente de memórias involuntárias de um braço forte e musculoso e um ombro largo bem acima do nível do seu próprio, e de olhos verdes risonhos e cabelo ondulado justo. E dessa colônia que ele usava também na noite anterior.

Capítulo 5

Até maio e no início do mês de junho daquele ano fatídico de 1815, poderia parecer que as previsões feitas por filhos de mães ansiosas e maridos para esposas e irmãos e irmãs, nada viria da fuga de Napoleão de Elba. E da ida do Rei da França de Ghent, estava tudo bem. Tudo passaria pacificamente, disseram.

Old Boney nunca seria capaz de reunir um exército grande o suficiente para ameaçar o duque de Wellington e seu exército na Bélgica, e a ajuda que o Marechal Blücher da Prússia estava trazendo em seu auxílio. E mesmo se pudesse, ele iria pensar duas vezes antes de atacar as forças lideradas por dois desses generais formidáveis.

E, no entanto rumores persistiram que o exército francês liderado por seu próprio imperador, era maior do que nunca e que ele estava marchando para a Bélgica.

Alguns rumores até mesmo desenvolvendo sustos e pânico. Os franceses foram ao longo da fronteira e já marchavam para Bruxelas, Napoleão à sua frente.

Ninguém nunca acreditou nos rumores, é claro, e zombaram daqueles que o fizeram. Mas ainda assim, nunca se sabe. Nunca se sabia bem onde o monstro corso poderia chegar. Se ele pôde escapar do confinamento em Elba, e não haviam sido os soldados britânicos seus guardas? Ele também poderia marchar com um exército em Bruxelas e chegar antes que alguém estivesse pronto para ele.

Mas apesar de tudo, apesar da alegria persistente em Bruxelas e do próprio duque de Wellington, os preparativos continuaram.

Esses batalhões e brigadas já estavam na Bélgica, e se prepararam para o que eles sabiam que poderia muito bem ser a batalha de suas vidas.

Outros batalhões eram espalhados no país quase todos os dias, alguns deles compostos quase inteiramente de tropas de suprimentos, e levaram seus tarugos em Liedekerke ou Schendelbeke ou Enghien ou Grammont ou onde mais nas proximidades de Bruxelas poderiam ser espremido. E os veteranos peninsulares que tinham ido para a América e quem o duque tanto necessitava estavam em seu caminho de volta. E sempre, ao que parecia, artilharia era despejada através do Canal Inglês e rugia ameaçadoramente sobre o campo para lembrar aqueles que negavam o fato de que a guerra era realmente iminente.

Wellington queixou-se constantemente a Londres, que a quantidade de artilharia que ele estava recebendo era totalmente inadequada, mas não foi o suficiente para amortecer os espíritos de todos aqueles que testemunharam a sua chegada.

E ainda os entretenimentos prosseguiram: bailes, peças de teatro, festas da corte, revisões das tropas, excursões a locais de interesse, piqueniques às tardes, piqueniques ao luar. Os homens jovens que sabiam que seus dias podiam estar contados dançaram e flertaram com determinada alegria. Jovens senhoras que se recusaram a acreditar que a guerra estava vindo, mas que secretamente não podiam acreditar no seu próprio autoengano, entregaram-se ao prazer de ser festejadas por muitos Lordes atentos e esplendidamente uniformizados.

Todo mundo sabia o que estava por vir. A maioria se recusava a acreditar ou a admitir que eles sabiam.

O conde de Amberley esperou por sua esposa terminar de amamentar sua filha e a colocar dormindo, em seu berço, uma tarde, depois de terem saído andando no parque. Ele deu um olhar a seu filho, que tinha adormecido em seu ombro depois de ter protestado que ele não estava cansado e não queria ir para a cama.

Ele pegou a mão de sua mulher e levou-a a partir do berçário para sua sala de estar.

— Pobre Christopher — disse ela, rindo. — Ele ficará chateado ao saber que adormeceu, sem o seu chá. Ele trabalhou muito duro esta tarde alimentando os cisnes e indo para trás no banco quando nadou para longe. Será que vamos ter o nosso aqui, Edmund, em vez de na sala de estar? Que aconchegante!

— Eu quero falar com você — disse ele, puxando o sino para chamar a bandeja de chá.

— Isso soa ameaçador. — Ela sorriu para ele e estendeu a mão para que ele se sentasse ao seu lado no assento da namoradeira.

— Eu acho que nós teremos que ir para casa logo — disse ele, tomando-lhe a mão entre as suas e sentando-se.

— Para Amberley? — Seu rosto empalideceu. — É em breve, então?

— Ele está chegando mais perto — disse ele, tentando sorrir.

— Mas não podemos deixar Dominic — disse ela. — Ele é por quem viemos, Edmund. E não podemos forçar Madeline a ir. Ela ficaria histérica. Além disso, vamos estar bastante seguros aqui, não é?

— Tenho muita fé no duque — disse ele. — Mas eu não posso correr o risco de colocar a vida de minha esposa e filhos em suas mãos, Alex. Temos de sair. Não imediatamente. Mas logo, eu acho. Eu quero que você esteja pronta.

— Não — disse ela. — Não, eu não vou deixar. Seria covarde, Edmund. E como poderíamos estar de volta na Inglaterra, sem saber o que está acontecendo aqui? Será como na Espanha novamente.

— Eu não posso colocá-la em perigo desnecessário, Alex — disse ele. — E mais especialmente as crianças. Eu não farei. E eu sinto muito, mas o assunto não está aberto para discussão. Eu decidi.

— Você? — Disse ela. — E o que aconteceu com a sua promessa de que eu poderia sempre discutir com você, que eu nunca precisaria sentir que devo obedecer você só porque você é meu marido? Eu quero discutir agora.

Mas ela tinha que esperar por alguns minutos, enquanto um lacaio e uma empregada trouxeram a bandeja de chá e bolos.

Lorde Amberley sorriu para ela quando eles estavam sozinhos novamente.

— Você pode argumentar, meu amor — disse ele. — Você pode lutar contra mim, se quiser. Mas eu não vou deixar você ganhar. Eu não sou injusto, Alex. Às vezes, a pessoa se sente muito forte sobre algo mas, está disposta a mudar de ideia. Como você fez sobre a nossa vinda aqui. Você insistiu em fazer do seu jeito, em seguida, porque você sabia como eu estava preocupado com Dominic. Lembra?

— Eu te odeio — disse ela. Ele sorriu.

— Seria mais seguro mudar de assunto agora que a parte desagradável ficou para trás? — Ele perguntou.

— Não — disse ela. — Você disse que eu poderia discutir. Vamos combinar, então, Edmund. Vou levar as crianças para casa. Você fica aqui. Dominic precisa de você.

— Não. — Ele segurou seu rosto com as mãos. — Dominic não precisa de nós, amor. Nós precisamos dele. Ele tem um trabalho a fazer. Talvez ele irá fazê-lo melhor, sem ter os nossos sentimentos com que se preocupar. Certamente ele vai estar muito ocupado em breve para nos poupar um pensamento. Ele tem a formação e o bem-estar de muitos homens para se preocupar. Nós somos os únicos que precisamos nos agarrar a ele porque o amamos e sabemos que poderemos perdê-lo .

— Não — disse ela. — Dominic sempre sobreviveu.

— Sim, disse ele. — E vamos rezar para que ele sobreviva a mais uma batalha. Mas não vamos mantê-lo vivo por ficar aqui. Devo ir com você. Quando tudo estiver dito e feito, o meu primeiro dever é para você, Alex, e para nossos filhos. Vocês três são minha vida. Eu não posso ser separado de você.

— Como é que vai dar a notícia a Madeline? — Perguntou ela.

— Com muito cuidado — disse ele com um sorriso triste. — Eu esperava piores explosões de você. Estou bastante certo de que vou tê-los da minha irmã.

— Será muito em breve? — Perguntou ela. Ele balançou sua cabeça.

— É impossível dizer — disse ele. — Mas quando ele finalmente chegar, Alex, vai ser uma corrida para deixar Bruxelas e alcançar os portos. Eu não quero esperar tanto tempo. Ela assentiu com a cabeça.

— Eu odeio quando você é tão sábio e sensato.

— Beije-me — disse ele. — Eu tenho temido esta conversa e me sinto na necessidade de alguma tranquilidade.

— O chá vai ficar frio — disse ela.

— Correndo o risco de chocar seus ouvidos delicados, meu amor — disse ele — para o inferno com o chá. Me beije.

— Eu não deveria — disse ela, envolvendo os braços em volta do pescoço.

— Eu te odeio.

—Eu sei — disse ele.

— Beije-me, Alex. Não me provoque. Eu preciso de você.

***

Madeline tinha ido ao parque com seu irmão, sua cunhada e as crianças. Eles se encontraram com Ellen e Jennifer Simpson lá, e ela tinha ficado para passear com elas depois que o bebê tinha começado a resmungar e mostrar sinais de fome e fora levado para casa.

Madeline havia se afeiçoado a ambas as senhoras. Jennifer a lembrou de si mesma com a mesma idade. Ela parecia ter uma capacidade infinita de se divertir e uma exuberância bastante genuína para a vida. E os homens foram atraídos para ela como abelhas nas flores, especialmente os muito jovens oficiais.

A menina favoreceu Dominic, Madeline pensou. Certamente ela corou quando ele entrou em seu campo de visão e olhou para cima dele com quase veneração. Mas ela estava apaixonada por ele? Ou era um culto ao herói? Igualmente incertos eram os sentimentos de Dominic para com ela. Ele certamente favoreceu ela, dançou com ela em cada baile, acompanhou-a ao teatro, levou-a para passear no parque e passeios no Allée Verte para além dos muros da cidade, indo quase diariamente às salas de seu pai. E ele tinha uma maneira de olhar para a menina, com um tipo de afeto gentil, que era diferente da forma como ele normalmente olhou para os seus flertes.

Mas era amor? Ele não confiou os seus sentimentos à sua irmã, como sempre fez. O que em si foi talvez, o mais significativo.

Madeline não tinha certeza de como ela se sentiria sobre ter a senhorita Jennifer Simpson como uma cunhada. Ela gostava da garota. Mas ela não parecia certa para Dom, de alguma forma. Mas então, pensou Madeline, e virou-se fraca nos joelhos com horror ao pensamento, talvez a questão da aprovação de uma noiva para seu irmão não seria relevante em tudo até o final do verão.

— Você pode acreditar que o tempo pode ser tão adorável dia após dia? — Ela perguntou às duas senhoras.

— Eu me pergunto se eles estão tendo um clima excepcionalmente bom na Inglaterra, também.

— É lindo — disse Ellen Simpson. — Você gostaria ainda mais se você tivesse passado vários anos na Espanha, Lady Madeline. Não há nada lá, só escaldante calor e poeira, ou chuva torrencial quando muda.

— Dominic escreveu-nos sobre isso —disse Madeline.

— Deve ter sido terrível. Eu costumava chorar sobre suas cartas quando eles vieram.

— Havia compensações — disse Ellen. — Viver assim às vezes destrói as pessoas. Já vi homens enlouquecerem. Mas com muito mais frequência aproxima as pessoas. Havia uma camaradagem maravilhosa entre os homens na Espanha, e exemplos de grande bondade e abnegação heroica. É uma estranha ironia que os soldados cujo negócio é matar muitas vezes podem ser os mais amáveis e os mais generosos dos homens. Uma vida assim constrói o caráter de um homem. E essas não são palavras vazias proferidas por um oficial de recrutamento — acrescentou com uma risada. — Elas vêm de minha experiência.

Essa vida constrói não só nos homens, pensou Madeline, quando dois oficiais jovens apareceram no caminho diante delas, seus rostos envoltos em sorrisos quando viram Jennifer. Sorrisos e mesuras e cortesias brilhantes tiveram de ser trocadas com esses conhecidos.

A vida que ela tinha vivido havia construído caráter na senhora Simpson também. Madeline tinha começado a admirá-la, embora ela havia se preparado em primeiro lugar, para considerá-la covarde.

Lady Lawrence e Maisie Hardcastle tinham feito o seu melhor nas semanas anteriores para levantar um escândalo sobre o fato de que a senhora Simpson, que foi recebida em todas as melhores casas em Bruxelas como a esposa do capitão Simpson, era a filha da condessa de Harrowby.

Madeline não sabia o significado da verdade, desde que ela desprezou ouvir a explicação que Maisie havia queimado para dar a ela, e Alexandra e Edmund não sabiam mais

do que a condessa tinha uma reputação de ser livre e, na verdade vivia separada do seu marido, o conde. Ela não tinha perguntado a Dominic o que sabia.

Dom foi muito simpático com o capitão, e ela era tímida de pedir- lhe algo tão pessoal sobre a mulher de seu amigo, e algo que cheirava muito a maledicência. Ela adivinhou que a senhora Simpson deveria ser uma filha ilegítima da condessa.

E senhora Simpson deveria saber das fofocas sobre si mesma. Felizmente a maioria das pessoas não parecia sentir que isso era de qualquer grande significado. E os Simpsons não saiam muito na sociedade e tinham seu próprio círculo de amigos, que não seriam afetados pelo escândalo da sociedade. Mas havia aqueles, principalmente matronas que se sentiam melhor do que a maioria dos mortais, que tomaram todas as oportunidades para esnobá-la. E, no entanto essa senhora continuava tão digna, tão calorosamente acolhedora e charmosa, como sempre tinha sido.

— Aqui vem papai! — Jennifer chorou quando eles estavam caminhando ao lado do lago. — E Lorde Eden.

— Eles terminaram mais cedo hoje — disse Ellen. — Ambos parecem cansados.

Os dois homens estavam sorrindo, mas, sim, pensou Madeline, houve a presença de cansaço no sorriso normal de Dom.

O capitão piscou para a filha e se curvou para Madeline antes de sorrir para sua esposa dessa forma que tinha começado a fazer inveja a Madeline.

— Charlie — disse Ellen — você está no seu caminho para casa? Está cansado.

— Não demasiado cansado para acompanhá-la em sua caminhada — disse ele oferecendo-lhe o braço.

Madeline não ouviu mais nada enquanto ela estava presa em uma troca de palavras com seu irmão e Jennifer. Mas logo ficou claro que a senhora Simpson tinha insistido em que seu marido fosse para casa com ela.

— Devemos ter Lady Madeline e Eden voltando para casa para tomar chá com a gente, Ellen — disse o capitão.

— Eles serão muito bem-vindos — disse ela. — Mas eu não gostaria que eles se sentissem obrigados a vir, Charlie. Lorde Eden está cansado.

Quem mais teria notado? Madeline perguntou. Os olhos de Dominic estavam brilhando de algum comentário provocativo que ele tinha acabado de fazer a Jennifer. Viver perto de um exército tinha feito a senhora Simpson sensível a essas coisas, parecia.

— Eu vou levar Dominic para casa — disse ela. — Mas obrigada, Lorde, pelo seu convite. Outra hora teremos o maior prazer de aceitar.

— Eu suponho que você realmente vai me fazer marchar para casa também e guardar-me na cama — Lorde Eden disse com algum divertimento depois de terem pedido licença aos Simpsons.

— Sim — disse ela. — Senhora Simpson estava certa. Você está cansado, Dom. Você tem trabalhado muito duro.

— Eu não estou habituado a ter uma fêmea de barulho em cima de mim — disse ele. — Nos velhos tempos, eu teria ido de volta para o chá com Charlie e ficado conversando com ele

até que nós dois estivéssemos dormindo. E a senhora Simpson teria removido a bandeja de chá em silêncio para que não atrapalhasse mais o nosso sono .

— Pobre senhora — disse Madeline com uma risada. — Ela deve ter sofrido muito. Eu iria chutar ambos acordados e tentar me divertir.

Ele riu.

— Você iria, Mad — disse ele. — Ela o ama, embora, você sabe. Eu teria casado anos atrás se eu pudesse ter encontrado alguém para me amar assim.

— O que é isso? — Disse ela com um suspiro. — O que há entre os dois, Dom? Se você pensar sobre isso, eles parecem muito inadequados em todos os sentidos imagináveis. Mas eles acendem na presença um do outro. Não deveria ser permitido, deveria?

— Não — ele disse com um sorriso. — Deveria haver uma lei... antes que eu perca a coragem, eu tenho que te dizer isso. Você vai ter que ir para casa, você sabe?

Ela endureceu imediatamente.

— Você quer dizer a Inglaterra, não é? — Disse ela. — Eu não vou.

— Sim, você vai — disse ele, sua voz extraordinariamente severa. — As coisas vão ficar muito quentes aqui em breve, Mad, e eu não vou deixar você apanhada na mesma. Edmund vai levar Alexandra e as crianças para casa na próxima semana ou assim que for possível, eu mencionei o assunto com ele ontem. E eu prometi a Charlie que eu vou tentar arranjar para que a senhorita Simpson viaje com eles e você.

— Eu não vou. — A voz de Madeline estava tremendo.

— Eu sabia que seria difícil — disse ele. — Mas você vai ter que ir, Mad. Você não pode ficar aqui sem Edmund. E isso não seria certo de qualquer maneira. Você sabe o que acontece com as mulheres quando uma cidade é saqueada?

— Bruxelas não vai ser invadida — disse ela. — Eu tenho fé em nosso exército se você não faz.

— Claro que eu tenho fé nele — disse ele. — Eu sou parte dele. Mas eu não estou jogando todos os jogos com a vida da minha irmã. Ou sua virtude. Você está indo, eu temo, mesmo que eu tenha que levá-la chutando e gritando todo o caminho para Antuérpia.

— Eu voltaria outra vez — disse ela. — E eu não estou sendo difícil ou infantil, ou qualquer outra coisa que você está prestes a me acusar. Você está aqui e você está indo para a batalha. E você é a metade da minha vida, Dom. Eu não vou deixá-lo. Eu não posso. Você vai me matar se me mandar embora. Eu não me importo que Edmund está indo. É certo que ele deveria, por sua vida está centrada em Alexandra e as crianças. Mas o meu centro é em você, Dom. Haverá algum número de pessoas que me hospedariam. Vou ficar com um deles. Lady Andrea Potts, talvez. Ela é minha amiga, e ela vai ficar, desde que seu marido é um coronel. Não vou embora. Não tente me fazer ir. — Sua voz estava tremendo quase fora de seu controle.

— Você é uma gansa, louca — disse ele. — Como você pode me fazer algo de bom por ficar aqui? E eu vou ter você para me preocupar.

— Então talvez seja hora de você ficar um pouco preocupado — disse ela. — Eu vivi com piores preocupações por três anos, Dom.

— Hey, — ele disse. — Você não está chorando, você está, Mad? E nós temos três pessoas para passar antes de chegarmos a porta de Edmund. Deus, você nunca chora!

— Bem, eu estou chorando agora — disse ela, irritada, chorando e soluçando, tudo ao mesmo tempo e baixando a cabeça até o queixo descansou contra o peito para que o casal que estavam passando não ver a sua vergonha. — Você não pode me mandar embora, Dom. Você pode precisar de mim. Você pode estar ferido. Você pode... Oh, Dom, você pode precisar de mim!

— Galinha parva! — Disse. — Teremos que ver o que Edmund tem a dizer. Ele não vai gostar disso, se você insiste em ser difícil, você sabe .

— Com Edmund não haverá qualquer problema — disse ela. — Edmund nunca trata as mulheres como pessoas fracas que devem ser protegidas a todo custo. Pelo menos ele não tem feito desde que se casou com Alexandra. Ele vai entender e permitir-me ter minha própria decisão .

— Galinha parva! — Disse.

***

Era dia de folga do capitão Simpson novamente. Ele estava passeando com Ellen ao longo da Allée Verte, uma avenida imponente longa forrada com duas fileiras de árvores de cal, com um canal que flui ao longo de um lado.

Era um lugar tranquilo, enganosamente pacífico quando se considera o fato de que a maioria dos Lordes que andavam lá usavam uniforme militar, e quando se lembrou que as tropas acantonadas em Bruxelas tinha sido revistas há alguns dias antes, incluindo os homens da Nonagésima quinta Rifles e, na verdade toda a Quinta Divisão a que pertenciam.

Ellen estava se sentindo feliz. Era um belo dia, ela tinha todo ele para gastar com seu marido e o que estava no futuro era no futuro. Ela podia controlá-lo não mais do que ela podia controlar o passado. O melhor é claro era não pensar nisso.

Ela sorriu para o capitão.

— Feliz, moça? — Ele perguntou, colocando uma mão sobre a dela em seu braço.

Ela assentiu com a cabeça.

— Feliz.

Ele tinha vindo a todos os lugares com ela nos últimos dias. Quando ele estava de folga, como agora. Ela ainda tinha ido fazer compras com a senhora Byng e tomar chá com Lady Amberley e alguns de seus amigos com apenas Jennifer. Mas ele tinha acompanhando-as ao teatro, a um sarau na casa da senhora Hendon e a um baile de Lady Trent.

Pobre Charlie. Ele tinha insistido cada vez que ele realmente queria ir. E tinha sido muito maravilhoso tê-lo ali, sempre dentro de seu campo de visão. Ele até dançou uma vez com ela na senhora Trent e foi submetido a provocação bastante impiedosa para o resto da noite do capitão Norton, Lorde Eden e tenente Byng.

Ela havia se recuperado dos medos vagos e terríveis que tinham acompanhado seu retorno de Inglaterra com Jennifer, o medo de que alguma coisa tivesse mudado, que algo indefinível estava faltando, que algo terrível ia acontecer.

Tinha sido ir embora que tinha feito isso. Quando se vive com um exército no dia-a-dia, acostuma-se com os perigos e as incertezas. Aprende-se a viver com eles. Estar longe por um tempo tinha trazido à superfície todas as ansiedades latentes que ela era normalmente desconhecia.

— Gostei da última noite — disse ela.

— Você, moça? — O capitão sorriu para ela. — Só de estar em casa comigo? Não foi muito emocionante para você, foi?

— Foi — disse ela, movendo a cabeça um pouco mais perto dele e batendo as pálpebras — muito emocionante.

Ele riu.

— Mesmo depois de cinco anos, querida? — Disse. — Você acha que Jennifer tinha realmente dor de cabeça?

— Acho que não — disse ela. — Ela sabia que você teria ido para esse piquenique ao luar só porque você ama a nós duas, Charlie, e ela sabia que eu iria só porque eu a amo. E ela cresceu um pouco nestas semanas. Ela fez algo para nós. Ela desenvolveu uma dor de cabeça e foi para o seu quarto.

Você tem um bom tipo de filha, Lorde, e eu diria que ela veio por esse caminho honestamente.

— Você tem que vir comigo depois — disse ele, — e eu vou comprar-lhe aquela escova de tartaruga que ela admirava. Sabe a loja?

***

Lorde Eden estava passeando por trás deles com Jennifer. Ela tinha perdido uma boa parte da sua timidez com ele, embora ela ainda corava se ele deixasse seus olhos nela por muito tempo. E embora ela falasse livremente com ele, ela não tagarelava como tendia a fazer com o grupo de jovens oficiais que gostavam de multidão ao seu redor, ou com alguns dos tenentes mais jovens, como Penworth.

Ele havia se afeiçoado a ela. Ela era uma menina doce e muito bonita. Mas ele não se permitiu cair de cabeça no amor com ela como ele teria feito alguns anos antes. Queria ser mais cauteloso. Ele queria ter certeza de que realmente queria estar apaixonado por ela. E ele queria esperar para ver se estava em qualquer estado apto para cortejá-la após o confronto com os franceses tivesse acabado. Se ele estivesse morto, é claro, não haveria nenhuma decisão a tomar. Mas havia algumas coisas piores do que a morte de um soldado. Ele não pode querer infligir- se sobre qualquer mulher.

— Eu senti sua falta no piquenique na noite passada — disse ele. — Eu pensei que você fosse estar lá.

— Sim disse ela. — Eu pensei em ir, porque eu nunca fora a um piquenique ao luar antes. Mas Ellen teria de vir e Papa teria vindo para lhe fazer companhia. E são essas pessoas estranhas. Se você acreditasse, eles agora preferem ficar em casa juntos. E eles têm sido muito bom para mim. Eu fui autorizada a ir a qualquer lugar. Então eu tive a dor de cabeça ontem à noite e me recolhi cedo para o meu quarto.

— E você? — Disse ele, olhando para ela com algum divertimento. — E você dormiu?

— Não, eu não dormi — disse ela. — Eu escrevi uma longa carta a Helen West, minha amiga especial na escola, mas eu tinha a sombra da vela para que Ellen e papai não a visse brilhando sob a porta, e então eu mal podia ver o papel para escrever. Eu estava me sentindo completamente cruz e pena de mim mesmo pelo tempo que eu fui para a cama. — Ela olhou para ele e riu alegremente.

— Bem — disse ele, falando mais incauto para ela do que nunca tinha feito antes — eu estava me sentindo cruz e pena de mim mesmo muito até o final da noite. Você não estava lá.

Ela corou e desviou o olhar.

Mas era verdade.

Não, talvez, que ele tinha sido fora de série apenas por causa de sua ausência. Mas ele tinha sido definitivamente sem sorte.

Ele se viu quase literalmente esbarrando em Susan Jennings onde quer que ele se virasse e de alguma forma desviando suas sugestões veladas que eles passeassem e desfrutassem a luz da lua juntos.

Tenente Jennings foi, aparentemente, para um assunto oficial e tinha sido incapaz de acompanhar sua esposa para o piquenique.

Piqueniques ao luar poderiam resultar em mais problemas do que qualquer outro entretenimento.

Ele olhou para Jennifer Simpson de novo, alguma observação surgiu sobre os lábios. Mas ele congelou lá quando a encontrou com os lábios apertados, lágrimas brilhando em seus cílios.

— O que é isso? — Ele perguntou com alguma preocupação.

— Essas mulheres horríveis — disse ela. — Eu odeio elas Ele olhou para seu espanto.

— Você não viu? — Perguntou ela. — Elas caminharam bastante incisivamente passando Ellen e Papa e fizeram um grande tumulto sobre o reconhecimento de você .

— Essas duas senhoras que acabaram de passar? — Ele perguntou com certo espanto. — Porque eu tenho um título, talvez, e elas pensam que sou superior aos pobres mortais. — Ele sorriu para ela.

— Porque Ellen é a filha da Condessa de Harrowby — ela disse — e eles acham que ela é um pouco pior do que a sujeira sob seus pés. As duas juntas não possuem tanto valor como Ellen em seu dedo mindinho. — Seu tom foi muito veemente.

Ele franziu a testa, com incompreensão e olhou em frente à senhora Simpson, que estava dizendo algo a Charlie e sorrindo.

— E Ellen persiste em não perceber — Jennifer continuou. — E Papa diz que essas pessoas não são dignas nem mesmo de nosso desprezo. Gostaria de cuspir no seu olho, e eu

gostaria de fazê-lo mesmo, mas não, criaria um enorme escândalo que iria ferir Ellen pior do que esses esnobes.

— Eu estou certo que seu pai está muito bem, — Lorde Eden disse —embora a sua raiva em nome da sua madrasta dá-lhe crédito. Mas a condessa de Harrowby ainda está viva.

— Você a conhece? — Disse ela. — Papai me disse quando eu perguntei, embora ele disse que não deve ficar me dizendo essas coisas, que Ellen cresceu pensando-se a filha do conde. Mas, em seguida, a condessa teve uma briga terrível com ele e disse-lhe antes que ela fugiu com outra pessoa que Ellen não era sua filha. E quando Ellen descobriu, ela insistiu em ir ao seu verdadeiro pai, que sempre tinha sido um amigo da família, embora o conde queria que ela ficasse e ainda fosse sua filha. Ela foi para a Espanha, e se encontrou com Papa lá. E eu estou feliz, porque eles são felizes juntos. E eu a amo.

Sua voz tremia. Lorde Eden apertou seu braço mais firmemente a seu lado.

— Senhora Simpson é uma dama, não importa a história de seu passado — disse ele. — Você deve ignorar aqueles que esnobarem ela. Eles estão sob aviso.

— Sim, eu sei — disse ela. — Mas eu sofro pelo amor de Ellen.

***

Lorde Eden olhou para a frente para a senhora Simpson, que agora estava rindo de algo que Charlie estava dizendo. Sim, a menina estava certa. Eles estavam muito felizes juntos, esses dois. E era certo que seja assim.

Charlie era o mais gentil dos homens, até mesmo para os soldados de sua companhia. Ele merecia a felicidade em sua vida particular. E a senhora Simpson, desde que ela tinha dito sobre si mesma, e pelo que acabara de ouvir, não tinha tido uma vida fácil. No entanto, ela não se permitiu tornar-se amarga. Ela era um tipo de senhora digna. Ela merecia felicidade também. Ela merecia Charlie.

Ele sentiu uma pontada da velha inveja. Talvez ele nunca tivesse feito nada para merecer esse tipo de amor de uma mulher. Mas estava feliz que ela havia se recuperado do embaraço que tinha ficado estranhos na presença um do outro por alguns dias.

Ele não gostava de se sentir desconfortável com a senhora Simpson. Não gostava de estar ciente de como uma mulher, linda como ela, sem dúvida, era. Tal consciência parecia desrespeitosa para ela e desleal para com Charlie.

Ela era a esposa de Charlie, e era perfeitamente certo que ela ficasse assim.

— Vai estar lutando em breve, não é? — Disse Jennifer.

— É possível — disse ele. — Mas ainda não. Você não precisa se preocupar.

— Isso é o que todo mundo me diz — disse ela. — Mas eu me preocupo. E tudo parece tão sem sentido. Gostaria que as pessoas não tivessem que lutar.

— A maioria de nós concorda — disse ele. — Mas temo que vivemos em um mundo imperfeito.

— Eu acho que papai vai me mandar para casa — disse ela. — Eu não acho que seja justo. Ellen vai ficar, e ela tem estado com o exército desde que ela era mais jovem do que eu sou agora.

— Seu pai, sem dúvida, se preocupará menos se você estiver segura na Inglaterra — disse ele. — E as mulheres que ficam perto da luta não são para serem invejadas, você sabe.
Ela parecia irritada, e ele percebeu que tinha dito a coisa errada.

— Você acha que é fácil para as mulheres irem para a Inglaterra — disse ela — onde nós não ouvimos sobre uma batalha até dias depois que está tudo acabado? Você tem alguma ideia de como é esperar para descobrir se um pai está vivo ou morto? E desta vez vai ser pior, porque eu conheço mais homens do que apenas Papa. Não é justo nos tratar como crianças que estarão a salvo, desde que nossos corpos não sejam prejudicados.

— Eu sinto muito. — Ele tocou sua mão. — Mas nós, os homens, somos educados para nos sentir protetores das mulheres. E às vezes o melhor que podemos fazer é protegê-las de danos físicos. Não é fácil para nós, também. Eu tenho uma mãe e uma irmã que estarão marcadas para o resto de suas vidas se eu morrer. Não é um conhecimento fácil de ter em minha mente quando eu enfrentar a batalha.

Ela assentiu com a cabeça.

— Ninguém tem facilidade em tais ocasiões, eu acho — disse ela. — Portanto, a melhor maneira que eu posso ajudar Papa é ir humildemente para casa quando ele me diz que é o tempo?

Ele assentiu.

— Temo que sim.

— Temo que sim também — ela disse com tristeza. Eles sorriram um para o outro.

Ela não era uma criança como parecia, afinal, pensou Lorde Eden. Não é tão frágil e indefesa, nem necessita tanto de proteção de um homem como ele tinha pensado.

Capítulo 6

Ellen não tinha vacilado vendo os preparativos intensificados para a guerra acontecendo ao seu redor. Tinha dado a ela medo durante aquela noite em casa com o marido, mas ela não iria fazê-lo novamente. Além disso, ela tinha encontrado a experiência do passado que quanto mais perto uma batalha campal estava, mais calma, ela se tornava.

Era como se a inevitabilidade de tudo isso, finalmente, a convencesse de que a ansiedade era um luxo inútil.

Eles estavam andando no parque ao lado do lago. Ela tinha encontrado o capitão lá depois que ele tinha encerrado o dia. Jennifer e Lady Anne Drummond, Lorde Eden e o tenente Penworth estavam assistindo os cisnes na água.

— Jennifer aceitou bem, não? — Disse o capitão Simpson. — Eu esperava que haveria muito mais lágrimas do que realmente aconteceu.

— Eu acho que ela ficou resignada quando soube que Lady Anne e vários de seus outros amigos também estão indo para casa — disse Ellen. — E eu acho que ela tem um pouco de medo, Charlie. Ela é muito jovem ainda, depois de tudo.

— Eu não sei como agradecer Lorde Amberley o suficiente — disse ele. — Nós o conhecemos pouco além da nossa conexão com Eden. Ele foi extremamente gentil para aceitar levar Jennifer para a Inglaterra com sua própria família.

— Eu acho que isso tem ajudado Jennifer também — disse Ellen. — A perspectiva de ser capaz de ajudar a condessa e sua enfermeira com essas crianças é muito atraente. Ela adora o bebê.

— Eu não acho que eu posso convencê-la a mudar de ideia e ir também? — Ele perguntou timidamente.

— Absolutamente não! — Ellen sorriu para ele. — Economize sua saliva, Charlie.

— Bem — ele disse — Eu não estaria fazendo o meu dever como seu marido se eu não tentasse, moça, mas você sabe que eu estaria completamente perdido se você fosse. Você vê quão egoísta eu sou?

— Então, graças aos céus por seu egoísmo — ela disse fervorosamente, e os dois riram.

— Ellen — , disse ele, olhando à frente para se certificar de que os outros quatro estavam fora do alcance da voz, — temos de falar. Talvez eu devesse esperar até que estarmos sozinhos, mas eu tenho mais coragem em público assim .

— A conversa habitual? — Ela perguntou, mantendo seu tom de voz.

— Sim, e um pouco mais — disse ele.

— Você preparou para mim e para Jennifer — disse ela. — Se alguma coisa acontecer com você, estou indo para a sua irmã em Londres e visitando o seu advogado ou esperando por ele para me chamar lá. Eu entendo, Charlie. Mas eu não preciso, pois você estará aqui mais tarde e vamos viajar para a Inglaterra juntos.

— Sim — disse ele, batendo a mão dela. — Mas eu tenho pensado, Ellen. Isso nunca pareceu importante antes, com Jennifer na escola. Mas ela é uma jovem senhora agora e precisa ser preparada, bem como possível. É hora eu esquecer do meu orgulho. Se você estiver sozinha depois eu quero que você se comunique com meu pai. Você poderia? Dorothy vai ajudá-la.

— Oh, Charlie, eu não poderia! — Ellen olhou para o marido com desânimo. — Ele não teve nada a ver com você todos estes anos. Ele não se importava com você ou sobre Jennifer.

— Ele é seu avô — disse ele suavemente. — E o seu padrasto. Ele não vai virar as costas para você, se você apelar para ele. Temos ambos sido muito teimosos. Nenhum de nós está disposto a dar o primeiro passo para o outro.

— Bem, — ela disse com determinada alegria — você pode ir e vê-lo por si mesmo quando voltar para Londres, Charlie.

— Por favor, querida?

Ela olhou para a frente ao longo do caminho.

— Por Jennifer? — Disse ela. — Muito bem, então. Você tem a minha promessa.

— Obrigado — ele disse, apertando a mão dela. — Ele não é um monstro, você sabe. Tivemos um bom relacionamento quando eu era um menino. Tive uma infância feliz. Mas ele esperava muito de mim desde que eu era o filho mais velho. As coisas estavam tensas quando entrei para o exército em vez de ir para a universidade como ele desejava, você pode me imaginar na universidade, moça? Mas a ruptura não veio até que me casei com a mãe de Jennifer.

Ele nunca a tinha mencionado antes. Ellen continuou a olhar ao longo do caminho à sua frente.

— Ela era uma coisa muito pequena — disse ele. — Uma menina infeliz e tola quando eu a conheci. Eu não mencionaria isto, Ellen, exceto que eu devo. Para quando você falar com o meu pai e meu irmão, se você precisar falar com eles, eles podem tentar dizer-lhe que Jennifer não é minha. Sua mãe era uma dançarina, você vê, mas ela não podia fazer uma vida de sua dança apenas. Ela não era uma menina má, apenas uma garota que precisava ganhar para viver. Ela não estava com ninguém além de mim depois que eu me casei com ela e Jennifer nasceu um pouco mais de nove meses depois disso. Ela é minha, Ellen. Mesmo se ela não fosse, eu iria amá-la da mesma forma, porque ela não pode mudar seu nascimento, ela pode? Mas ela é minha. Ela deve ser reconhecida pelo meu pai .

— Eu posso ver que ela é. — Ellen não sabia como ela forçou as palavras além do nó na garganta. — É por isso que você me amou, Charlie? Por que eu não poderia mudar o meu nascimento?

Ele riu e afagou-lhe a mão novamente.

— Meu coração foi tocado por uma menina bonita, uma vez, chorando, sobre uma escova de cabelo empoeirada — disse ele. — Mas ela cresceu para ser o tesouro da minha vida. O amor da minha vida. Isso é o que você é para mim, a minha moça. Não importa quem você é. Você não está deixando essas fofoqueiras incomodá-la, não é?

Ela balançou a cabeça.

— Não — disse ela — Eu vivi toda a dor dessa situação de anos atrás. Agora isso não tem qualquer poder para ferir-me. Oh, céus, não. Você não está pensando isso. Eu tenho você e Jennifer e todos os nossos amigos. Eu sou uma pessoa muito feliz. Eu tenho o céu na terra, Charlie.

— Você vai fazer isso por mim, então? — Perguntou. — Por Jennifer? Eu gostaria de poder fazer mais por você, Ellen. Eu gostaria de ter um milhão de libras para deixar. Eu gostaria de poder ter...

— Ter conhecido você e sido sua esposa foi mais para mim do que um milhão de libras e tudo o mais no mundo — disse ela rapidamente. — E ser sua esposa para o resto da minha vida é tudo o que eu poderia desejar, uma fortuna além do preço, Charlie. Silêncio agora ou você vai me ver chorar novamente. E você odeia me ver chorar, e eu prometi a mim mesma que não iria. Me conte algo. Diga-me algo engraçado que aconteceu na última semana. Você está sempre tão cheio de histórias .

— Hastings abriu um buraco no tampão de Walker quando ele estava limpando a arma algumas manhãs atrás — disse ele. — Eu lhe contei sobre isso? Felizmente, a cabeça de Walker não estava no interior da tampa na hora. Mas eu acho que Hastings poderia ter desejado isso depois que Walker tinha terminado com ele. E, em seguida, Eden começou com ele... poucas palavras escolhidas por ele poderiam reduzir até mesmo o soldado mais endurecido em geleia. Pobre Hastings estava quase em lágrimas.

— Mas que sorte que ninguém ficou ferido — disse Ellen. — O pobre homem nunca teria vivido com ele mesmo depois, não é?

— Vamos voltar para o lago — disse ele — e descobrir o que está divertindo tanto os quatro.

***

Apesar dos rumores e alarmes falsos e pânico que tornaram-se mais e mais numerosos... junho continuou, e embora o exército e a artilharia continuaram a afluir para a Bélgica e, embora mesmo os cínicos mais endurecidos admitiram que deveria haver alguma verdade, pelo menos em alguns dos rumores, surpreendentemente poucos civis saíram de Bruxelas para as praias mais seguras da Inglaterra.

Era como se eles se recusassem a acreditar que o perigo poderia ameaçá-los a sério, os britânicos, que tinham sido sempre protegidos por suas próprias costas. Ou como se o duque de Wellington tivesse adquirido a seus olhos, a estatura de um deus invencível.

Apesar do conde de Amberley não deixar Antuérpia com sua família, seus servos e a senhorita Jennifer Simpson até segunda-feira, 12 de junho, não haveria atrasos ou impedimentos para sua viagem, pois certamente teria havido se eles esperassem apenas alguns dias mais.

Madeline, que permaneceu inflexível na sua decisão de ficar em Bruxelas, enquanto seu irmão gêmeo estava lá, tinha arranjado para morar com sua amiga, Lady Andrea Potts, que foi tão intrépida quanto ela própria e diria àqueles franceses uma coisa ou duas, ela declarou em sua voz alta, talvez masculina, se eles se atrevessem a pôr os pés em Bruxelas e tentar fazer saques na casa do coronel Potts.

Christopher Raine, Visconde Cleeves, parecia alegremente inconsciente dos preparativos para a partida acontecendo em torno dele no dia antes de sair, ou das tensões emocionais intensificadas na sala de seu pai com Lorde Eden preparado para mover-se a sua nova comissão. O menino estava rastejando entre as pernas da cadeira e as pernas da mesa, tranquilamente com a intenção de um jogo particular. Ele estava estalando a língua para representar o som dos cascos dos cavalos.

— Bem, velho amigo — Lorde Eden disse — você vai apertar a mão de seu tio?

— Velho amigo — disse a criança, chegando a seus pés, o seu jogo e seus cavalos abandonados por um momento. Ele colocou a mão na grande mão de seu tio.

— Grande navio. —Lorde Eden, inclinando-se sobre as pernas.

— Você está indo em um grande navio — disse ele. — Amanhã, você é um rapaz de sorte. Você dá um abraço e um beijo para o tio Dom?

A criança colocou os dois braços rechonchudos em torno de seu pescoço e apertou com força, franziu a boca e beijou Lorde Eden rapidamente nos lábios.

— Velho amigo — disse ele, e abriu os braços para começar um novo jogo. Ele foi talvez um navio de velas ao vento.

Lady Caroline Raine estava deitada nos braços de seu pai, olhando fixamente sem piscar, embora ocasionalmente as pálpebras caíssem. Tendo sido alimentada uma meia hora antes, ela estava esperando pacientemente o sono.

— Um sorriso para o tio Dom? — Perguntou Lorde Eden, levando seus pequenos dedos em uma das suas mãos. Mas, embora ela agarrou-a e passou os olhos para o seu rosto, ela permaneceu solene. — Não? Bem, não importa. Os jovens vão estar alinhados em fila, em dezesseis anos na porta de papai, ou menos a partir de agora, apenas para um olhar desses olhos, beleza. — Ele se inclinou e beijou sua testa.

Um momento depois que ele virou-se para falar com a condessa, o bebê olhou para trás, para seu pai e favoreceu-o com um de seus raros sorrisos, breves e fatais.

— Perversa, princesinha — ele murmurou.

Lorde Eden tinha as mãos de sua cunhada nas suas.

— Obrigado por ter vindo, Alexandra — disse ele. — Eu não posso te dizer o que significou ter minha família perto de mim. Tenha uma viagem segura para casa e dê o meu amor a Mama e tia Viola e tio William. E Anna, é claro. Ela está tendo uma temporada de sucesso, eu seria capaz de apostar. Vou ver todos vocês novamente antes de nós percebermos.

— Sim — Ela sorriu. — Sua mãe vai ficar muito feliz em vê-lo novamente, Dominic. Mas ela não poderia vir, você sabe. Ela prefere se preocupar em privado. Cuide-se.

Eles estavam nos braços um do outro, de repente, os olhos bem fechados.

— Dominic — ela disse — nós te amamos muito, muito mesmo.

— Vou lembrá-la disso, quando eu voltar para casa — disse ele — e exigir todos os tipos de favores como prova. — Ele levantou a cabeça e sorriu para ela. — E por que você escolheu Edmund, em vez de mim se você me ama muito, muito? Eu me ofereci para você também, se você se lembra.

— Oh — disse ela, ruborizada — porque eu o amo muito, muito, muito mesmo, eu acho. — Ela virou-se para levar o bebê quase dormindo para seu marido.

Lorde Amberley ficou em pé e pegou seu irmão descaradamente em seus braços. Eles se abraçaram em silêncio por algum tempo. Havia tanto e tão pouco a dizer.

— Estou orgulhoso de você, Dominic. Você sabe disso. — disse Lorde Amberley.

— Você vai dizer a Mama...? Você vai lhe dizer o que precisa ser dito? — Disse Lorde Eden.

— Claro — disse seu irmão. — Ela está orgulhosa de você também, você sabe, e sempre será, não importa o quê.

— Sim — Lorde Eden saiu do abraço de seu irmão e sorriu. — É assim que eu me despeço agora. Você vai ter o suficiente para fazer amanhã apenas saindo com toda a sua bagagem e as crianças. E a senhorita Simpson. Obrigado por levá- la com você, Edmund.
Seu irmão deu de ombros.

— Ela é uma agradável jovem senhora — disse ele. — E faço qualquer coisa para você, Dominic, como você sabe. Ela é importante para você?

Lorde Eden parecia resguardado.

— Ela é a filha de Charlie Simpson — disse ele. Lorde Amberley riu.

— Não há como fazê-lo falar, Dominic? — Disse. — Mas não se preocupe. Alex e eu vamos cuidar bem dela e libertá- la sã e salva para sua tia. Em seu caminho, então. Nada pode ser adquirido a partir de uma separação prolongada, pode?

Lorde Eden virou-se para sua irmã gêmea, que se sentava em silêncio absoluto durante toda a cena anterior.

— Leva-me para a porta, Mad? — Disse. Ela se levantou e precedeu-o a partir da sala.

— Você não vai reconsiderar? — Ele perguntou quando a porta se fechou atrás dele. — Não, claro que você não vai. Você tem uma esplêndida coragem, Mad, e eu a honrarei por isso. Eu virei vê-la todos os dias, então?

— Se você não fizer isso, — ela disse — Eu irei encontrá- lo lá fora.

— Não faça isso! — Disse. — Você vai ficar bem com Lady Andrea? Ela sempre me fez lembrar de um cavalo, devo dizer.

— Eu sempre gostei de cavalos — disse ela. — Dom, você virá a mim antes que você tenha que ir?

Ele não compreendeu o significado de suas palavras vagas.

— Se houver alguma chance — disse ele — eu vou chegar até você, Mad. Mas não me odeie para o resto de sua vida se eu não vir. Pode não haver tempo.

— Eu te amo — disse ela, colocando os braços em volta de seu pescoço apesar da presença de um lacaio que estava esperando para abrir a porta para a rua para Lorde Eden. — Se você não tiver tempo para vir, isto é tudo o que eu quero que você saiba e leve com você. Eu te amo.

— Eu sei, ganso — disse ele, abraçando-a brevemente, mas forte. — Eu sou apenas um pouco apaixonado por você também, se você puder acreditar. — Ele sorriu para ela e foi embora.

Madeline resistiu ao impulso de jogar alguma coisa na porta, recuando apenas porque não havia nada ao seu alcance para jogar. Ela suspirou e voltou para a sala de desenho.

***

Lorde Eden foi passar na casa do capitão Simpson na Rue de la Montagne, na mesma noite, embora ele não tivesse certeza de que eles estivesse em casa. Ele poderia ter tido certeza antes da chegada de senhorita Simpson, já que Charlie e sua esposa sempre preferiam ficar em casa juntos à noite do que a procurar algum entretenimento. Mas as coisas tinham mudado, é claro, com a chegada da jovem.

Ele queria se despedir dela. E ele queria fazer naquele dia, em vez de esperar até o início da manhã seguinte, antes de ela sair com Edmund e Alexandra. Queria que tudo acabasse. Ele queria que eles fossem. E como ele poderia admitir isso para si mesmo, sem soar como se não tivesse afeto por eles?

Lorde Eden sempre tinha achado despedidas dolorosas. Ele teria gostado de sair da casa de Edmund naquela tarde sem dizer uma palavra a ninguém. Ele gostaria de evitar esta despedida a Senhorita Simpson.

Dizer adeus foi difícil em qualquer momento. Dizer, quando se sabia que poderia muito bem ser para sempre, foi esgotante além das palavras.

Ele queria estar livre de todos os laços de afeto. Ele queria ser capaz de se concentrar a mente e suas emoções sobre o que estava por vir. Ele desejou que Madeline tivesse decidido ir para casa também. Ele não queria que ela ficasse em Bruxelas, fazendo uma reivindicação constante sobre a sua energia emocional. E como ingrato que é, quando ela estava arriscando sua própria vida apenas para poder ficar perto dele. Ela jamais entenderia se ele tentasse explicar. Ela poderia pensar que ele não se importava com ela. E iria começar a atirar coisas em sua cabeça e gritando imprecações impróprias e mostrando-lhe que ela estava profundamente ferida.

Era em momentos como este que ele estava feliz que não era casado ou mesmo profundamente ligado a uma mulher. Ele tinha tido uma experiência no passado que antes de uma grande batalha, deveria limpar de sua mente todas as pessoas que eram mais caras a ele. Deveria viver como se eles não existissem. Os homens sob seu comando deveriam tornar-se a sua família, as únicas pessoas para cuja segurança e bem-estar ele teria qualquer preocupação. Seus comandantes deveriam se tornar as únicas pessoas que teriam qualquer reclamação sobre sua lealdade, obediência e confiança.

Ele não invejou Charlie em tais ocasiões. Senhora Simpson estava sempre com ele. Como seria possível tomar um licença da esposa e ir imediatamente para a batalha?
Como seria possível se concentrar na tarefa em mãos quando soubesse que ela estava muito próximo e poderia se machucar, se a maré da batalha fosse contra o próprio exército? Ele estremeceu.

Tinha-os visto uma vez, quando tinha saído da tenda de Charlie com talvez um minuto para se despedir. Eles haviam se agarrado em silêncio juntos, os rostos de ambos pálido e totalmente sem expressão, de modo que ele virou longe a vista, mais doído do que embaraçado, de que ele tinha sido o inconsciente testemunho de tal abraço entre marido e

mulher. E que tinha tomado Charlie uns bons dez minutos para sair de seu estupor e tornar-se alegre, determinado, mesmo imprudente quando ele correu para a batalha.

Os três estavam em casa quando o Lorde Eden chegou à casa de seu amigo. Mas ele não ficou muito tempo. Conversa foi difícil. Todos os quatro foram totalmente cientes de que havia tão pouco tempo quanto conversa. E como se poderia falar significativamente quando se é obrigado a fazê-lo? Ele tomou chá com eles e se levantou para sair. Ele estendeu a mão para Jennifer e sorriu para ela.

— Eu desejo-lhe boa viagem, senhorita Simpson — disse ele espero que você não fique enjoada na viagem de volta.

Charlie chamou sua esposa para uma sala adjacente, ele notou, deixando a porta aberta entre os dois.

— Tenho certeza de que não acontecerá, — ela disse — agora que eu sou uma viajante experiente. — Ela colocou a mão na sua.

— Estou feliz que você veio — disse ele. — Eu fiquei feliz em conhecê-la.

— E eu a você — disse ela. — Espero que esta guerra horrível seja nada depois de tudo.

Ele sorriu.

— Há muitos soldados que desejam de forma diferente — disse ele. — Há muitos que querem apenas uma chance para marcar uma grande vitória contra Bonaparte.

— E você? — Disse ela. — Você está ansioso para a batalha?

Como ele poderia explicar a ela que era uma necessidade de sua natureza para lutar por seu país e tudo o que representava, com a sua vida se for necessário?

Que havia quase uma alegria agora, uma necessidade de afirmar aquilo em que acreditava?

— Não é para a morte — disse ele. — Mas eu quero ser parte desta luta contra a tirania.

— Bem, então — disse ela. — Adeus, meu Lorde. Vou rezar para que você fique seguro .

— Você vai? — Disse. — E eu posso chamar você quando eu voltar para a Inglaterra?

Ela corou quando ela olhou para ele.

— Se você quiser — disse ela. — Eu gostaria disso.

Ele levantou a mão, que ainda estava na sua, e a beijou.

— Eu desejo isso — disse ele. — Eu estou contente por você viajar com o meu irmão. Eu vou saber que você está segura.

— Ele é muito gentil — ela disse — e sua Lady. Eu gosto deles.

— Adeus, então — disse ele. E apertou a mão dela até que estava ciente de seu estremecimento. Ele soltou-a imediatamente.

Seus olhos se encheram de lágrimas.

— Por favor, mantenha-se seguro — disse ela. — Por favor! — E levantou as duas mãos e colocou as pontas dos dedos levemente contra seu rosto por um breve momento.

Ela olhou por cima do ombro, uma vez bruscamente. — Papai — ela chamou. — Papai, Lorde Eden quer dizer boa noite para você. — E ela fugiu para o quarto quase antes de Charlie estar de volta.

Condenação por essa despedida, Lorde Eden estava pensando, alguns minutos mais tarde enquanto caminhava pela rua na direção de seu novo lugar. Agora, o que ele tinha feito? Se ele tivesse aumentado as expectativas? Agora estava obrigado a fazer-lhe uma proposta quando ele retornasse à Inglaterra? E ele queria?

Ele não tinha certeza. E ele não queria ser atormentado por tais pensamentos, tais problemas, tais dúvidas. Ele queria ser livre de qualquer emoção.

Diabos o levasse. Ele tinha apenas parado de alisar seus braços e derramado seu amor por ela e seu desejo de mantê-la segura da ansiedade para o resto de sua vida. Será que ele nunca aprenderia? Será que ele a amava?

Ele não sabia e não queria saber naquele momento particular. Ele não pensaria nisso.

Quanto tempo antes de estarem finalmente lutando contra os franceses? Uma semana? Duas? Não poderia ser breve o suficiente para ele. Ele estava pronto. Ele estava inquieto. Ele precisava chegar isso, nesta grande batalha que tinha decidido seria sua última, de uma forma ou de outra. Teria tempo suficiente depois de pensar sobre o amor. Agora não!

***

Foi um prazer encontrar um amigo na casa de quartos escassamente mobiliada e muito masculina que estavam agora, era sua nova casa também. As botas do capitão Norton, não muito limpas, foram cruzadas nos tornozelos sobre a mesa à sua frente.

Suas mãos estavam atrás de sua cabeça enquanto contemplava um canto do teto. Havia uma garrafa meio vazia de conhaque e um copo sobre a mesa.

— *Old Picton* deve chegar em Bruxelas qualquer dia — Lorde Eden disse, atirando o chapéu sobre uma cadeira que já estava sobrecarregada com roupas descartadas. — Comandante da Quinta Recém-nomeado, no caso de você tenha se esquecido, Norton meu rapaz. É melhor não empurrar essas botas em seu rosto a maneira que parecem agora, se você sabe o que é bom para você .

— Por que limpá-las antes que seja absolutamente necessário fazê-lo? — Seu amigo perguntou alegremente, um leve insulto ao seu discurso. — Encontre um copo, Eden, e sirva-se de um pouco de conhaque. Odeio beber sozinho. Deve haver um embaixo de todos os papéis sobre a cadeira. Cartas de minha mãe e das meninas. Todos escrevem livros em vez de palavras. Devo lê-las em algum momento. Lembre-me.

Lorde Eden encontrou um copo, cuidadosamente evitando verificar muito de perto a limpeza, instalou-se na mesa, suas próprias botas polidas juntas as de seu amigo, e estendeu a mão para a garrafa.

Na quarta-feira, 14 de junho de o boato começou a circular que o exército francês foi concentrado sobre Mauberge para o sul e tinha cruzado a fronteira para a Bélgica. Palavra que o próprio Bonaparte estava, na sua vanguarda. Se fosse verdade, as pessoas diziam, velho Boney tinha feito isso de novo. Ele tinha tomado seus colegas generais da Europa de surpresa.

Era ridículo dizer tal coisa, é claro, quando toda a primavera tinha sido gasta com mais nada, que não os preparativos para apenas essa eventualidade. Mas, ainda assim, as pessoas diziam, quando todos os dias trouxe uma dúzia de rumores, a verdade foi só uma, em vez de surpresa. O duque, é claro, tinha seus espiões e não seria tão dependente de rumores como quase todos os outros. Mas o duque realmente esperava que o ataque viria do oeste e do norte,

não seria? Aí que ele iria atacar se fosse Bonaparte. Ele iria tentar cortar o exército aliado da costa do canal.

Mas, em seguida, Bonaparte jamais poderia ser invocado por se comportar com previsibilidade e bom senso. Essa foi a loucura e o brilho do homem, dependendo se era mais temido ou mais admirado.

Aquelas pessoas em Bruxelas em junho 1815 tenderam a temê-lo. E, claro, ninguém sabia com certeza que este rumor era verdadeiro, exceto, talvez, o próprio duque, e todos sabiam que boca fechada ele poderia ser. Quanto mais ele sorrisse e parecesse relaxado, mais verdade, não era susceptível de ser o que todos tinham ouvido. E o duque estava muito relaxado nos dias de hoje. Havia aqueles que começaram a nervosamente embalar seus pertences e escolher a sua rota para a costa, tanto para Ostend ou para Antuérpia.

Às três horas da tarde de 15 de Junho, a mensagem alcançou o Príncipe de Orange quando ele se sentou em um jantar com o Duque de Wellington, que a Segunda Brigada Prussiana de Primeira Corps do general Ziethen. Tinha sido atacada pelo exército francês durante a madrugada e que o ataque estava sendo dirigido em Charleroi.

Às quatro horas, o duque recebeu um despacho do próprio general Ziethen dizendo que Thuin tinha sido capturado. Mas Wellington estava relutante em agir precipitadamente. Embora ele não duvidasse da veracidade de qualquer notícia, ele não tinha certeza de que os ataques não eram apenas um artifício para retirar a maior parte de seu exército para o sul enquanto o próprio Bonaparte chegava ao longo da rota oeste esperando o ataque.

O duque fez planos tranquilos para enviar suas tropas em ação enquanto esperava uma palavra definitiva de Grant, seu oficial em Mons; pacientemente ou impacientemente, quem poderia dizer que com o duque?

E se uma palavra destas questões vazasse para as ruas e salões de Bruxelas? Quem saberia? Mas vazou, causando excitação, alegria, desespero, pânico, apenas todas as emoções extremas de que o homem é capaz.

No seu conjunto, as tropas esperavam que fosse tudo verdade e que eles iriam ver a ação antes que outro dia já tivesse passado. O período de espera estava enlouquecendo os nervos tensos.

A maioria das mulheres sentiu desespero.

Algumas se agarraram em lágrimas aos seus homens. Algumas exigiram serem tomadas a partir da cena do perigo imediatamente. Algumas, especialmente aquelas que tinham tido experiência com a vida do exército, começaram ocupadas e tranquilamente a preparar as ataduras, compradas em lojas de químicos ou rasgadas de lençóis e camisas.

Algumas continuaram com suas vidas como se nada de anormal estivesse acontecendo. E, talvez, fosse. Todos tinham ficado cheios de tais alertas falsos.

Os planos precederam o grande baile a ser realizado naquela noite na casa da duquesa de Richmond na Rue de la Blanchisserie. Todo mundo que tinha qualquer pretensão de gentileza tinha sido convidado. E dizia-se que o duque de Wellington e toda a sua equipe pessoal tinha toda a intenção de assistir, mesmo que os franceses já estavam na Bélgica e parte do exército prussiano estava lutando.

Ellen e Capitão Simpson decidiram não ir para o baile, embora tivessem sido convidados e tinham considerado ir. Eles se sentaram de mãos dadas em casa até que ele colocou o braço sobre os ombros dela e puxou-a para mais perto. E eles conversaram sobre qualquer peça de nonsense que poderiam colocar em suas mentes.

Charlie estava ansioso para estar a caminho, Ellen sabia, como ele sempre estava em tais ocasiões. E ela teve que sentar-se com ele, em silêncio alegre, fazendo e dizendo nada que pudesse distraí-lo a partir da concentração ele estava começando a construir dentro de si mesmo para o que estava por vir.

Ela sabia e entendeu que ele cresceu longe dela em tais ocasiões. Ele era tão carinhoso, tão amoroso. Mas ele sempre falava com ela do que ele havia feito para sustentá-la em caso de sua morte, embora a possibilidade não foi expressa sem rodeios em palavras como essa, vários dias antes de haver qualquer chance real de serviço ativo. Nunca, exceto sob os mais severos ataques de surpresa, no último momento.

Antes das sete horas o duque havia ordenado as divisões segunda e quinta para se reunirem em Ath em prontidão para se mover a qualquer momento. A maioria dos agentes permaneceu em Bruxelas, e muitos deles se destinariam a ir para o baile. Mas o tempo tinha definitivamente chegado. Não teria mais espera.

Foi quase um alívio. Ellen apoiou a cabeça no ombro de seu marido e fechou os olhos. Eles ficaram em silêncio. Nem fizeram qualquer movimento para ir para a cama, mas já era tarde. Eles não iriam fazer amor.

O tempo para tal intimidade tinha passado, mesmo se não tivesse sido o momento errado do mês para Ellen. Eles iriam esperar. Charlie iria ser chamado antes que a manhã viesse. Melhor ficar preparado e pronto. O braço dela passou em torno de sua cintura, e ele beijou sua testa e acariciou seu ombro.

Ambos levantaram-se calmamente quando a batida de Lorde Eden soou na porta. Eles esperavam por ele. O momento tinha chegado.

Capítulo 7

Lorde Eden decidiu participar do baile da Duquesa de Richmond, embora sua divisão já estivesse de prontidão e fosse óbvio que ele estaria em marcha antes que a noite acabasse.

A casa na Rue de la Blanchisserie era, na verdade, lotada com oficiais de todas as categorias.

O entretenimento foi talvez a saída perfeita para as tensões nervosas que tornaram difícil, senão impossível, esperar calmamente.

Lorde Eden dançou, sorriu e conversou com as mulheres, ouviu vários relatos conflitantes sobre o que estava acontecendo e o que estava prestes a acontecer na fronteira entre a França e a Bélgica.

Ele estava tão ansioso quanto qualquer outra pessoa por alguma palavra definitiva e ele procurou, como todos os outros fizeram, o duque, e se perguntou o que sua ausência poderia significar.

Ele teve Susan Jennings em seu braço quando alguns soldados escoceses, esplendidamente vestidos em seus kilts e trajes Highland completo, marcharam para o salão de baile ao som da música da gaita de foles, entretendo a audiência com sua dança típica escocesa.

Era difícil imaginar que os mesmos soldados poderiam estar na batalha antes que outro dia nascesse. Difícil imaginar, a menos que se ficasse imóvel por um momento e sentisse a tensão muito tangível por trás da alegria superficial do salão.

— Como eles são maravilhosos! — Disse Susan. — Eu gostaria de ser escocesa cada vez que eu os vejo.

— Eu estou contente que eu nunca precisarei sentir o vento soprar nas minhas partes — disse Lorde Eden. — O seu marido já se apresentou, Susan? Eu não o vi.

— Ele ainda está aqui — disse ela. — E por favor, não vamos falar sobre sua saída ou que qualquer outra pessoa está saindo. Vou sofrer o bastante no meu próprio pensamento.

— Você, Susan? — Ele disse, sorrindo para ela. — Você tem muito mais coragem do que quer admitir, minha querida. Você estava na Espanha. E você permaneceu aqui.

— Eu tento — disse ela, levantando grandes olhos cheios de lágrimas ao seu. — Eu tento ser corajosa, meu Lorde, mas eu sou apenas uma coisa tímida e simples, como você deve saber. Devo ser um fardo para aqueles que me conhecem.

— Estou certo de que você não é — disse ele. — Estou certo de que o seu marido honra a sua coragem, Susan. É preciso muito mais coragem para parecer bravo quando se sente medo, você sabe.

— Eu tento ser corajosa — disse ela, uma lágrima transbordando e escorrendo por sua bochecha. — Você entende como é difícil para mim, meu Lorde. Obrigada. Meu marido é, por vezes, um pouco brusco comigo. Embora eu não acredito que ele queira ser indelicado.

Lorde Eden sorriu e ficou aliviado ao ver que a orquestra estava pronta para começar o próximo conjunto de danças. Ele tinha combinado dançar com Madeline.

O duque de Wellington, parecendo tão genial e descontraído como sempre fazia na sociedade, chegou ao baile logo após a meia-noite. Mas qualquer esperança, ou medo dos últimos rumores e pânico foi tão infundada como todos aqueles que os tinham precedido foram quase imediatamente colocados para descansar.

O duque, normalmente relutante até mesmo mencionar as questões militares em um evento social, admitiu que as tropas iriam finalmente para a guerra no dia seguinte.

Mais tarde, durante o jantar, um despacho foi entregue ao príncipe de Orange com a notícia de que Charleroi tinha caído e que os franceses já estavam vinte milhas em território belga. Mas a notícia causou sensação apenas em um grupo muito restrito. A maioria dos oficiais já tinha pedido sua licença, a fim de reunir seus regimentos.

Lorde Eden procurou Madeline antes de sair. Ele a puxou para o corredor além do salão de baile, mas não havia nenhuma possibilidade de qualquer grande privacidade. Isso não importava. Dadas as circunstâncias, duas pessoas poderiam encontrar toda a privacidade que eles precisavam apenas olhando nos olhos um do outro.

Ela agarrou suas mãos.

— Você está indo, Dom? — Disse ela. — Eu estou feliz por ter ficado. Eu sempre o odiei por isso, você sabe, tudo isso tão sem sentido. Mas às vezes os atos mais absurdos e brutais são necessários. E isso é. Eu posso vê-lo, tendo estado aqui por um tempo. Você tem todos os motivos para ir. Você está vivendo a sua vida heroicamente. Estou muito orgulhosa de ser sua irmã gêmea.

Ela estava bastante pálida.

— Mad — disse ele, e engoliu — Eu odeio esse negócio. Você sabe disso. O que posso dizer que vai ter algum significado?

Ela sorriu.

— Nada — disse ela. — Nós não precisamos de palavras, você e eu. Basta ir, Dom. Vá agora, meu querido.

Ele apertou as mãos até que ela mordeu o lábio com a dor.

— Não se aflija demais por mim — disse ele. — Se alguma coisa acontecer, continue a viver, Mad. E seja feliz. Isso é algo que eu quero fazer, e eu não lamento o que poderá custar-me.

— Vá — ela disse, ainda sorrindo. — Beije-me uma vez e vá.

Ela segurou as mãos ainda mais quando ele a beijou.

— Vou estar de volta — disse ele com um sorriso súbito antes de virar e correndo para longe descer as escadas. — Não tenho nenhuma intenção de abandonar a minha pretensão de ser o gêmeo mais velho, você sabe.

Ela estava sorrindo atrás dele até que ele estava fora de vista. E então o leque que ela segurava partiu em dois em suas mãos.

Lorde Eden correu de volta para o seu quarto trocando suas roupas de baile e encontrou o capitão Norton pronto para sair, alerta e bem vestido agora que era hora de entrar em ação.

— Você vai na frente — Lorde Eden disse quando parecia que o capitão teria esperado por ele. — Prometi passar em Simpson, se houvesse necessidade. Vamos encontrar você em algum lugar.

Seu amigo sorriu para ele.

— Não demore muito tempo — disse ele. — Você pode perder toda a diversão.

— De jeito nenhum! — Disse Lorde Eden com uma risada, lançando uma camisa de seda para o chão e pisando sobre ela um momento mais tarde quando calçou as botas.

Charlie não estava na cama, ele percebeu menos de meia hora mais tarde, quando ele bateu na porta de sua casa. Não havia luz dentro. Se ele conhecia seu amigo, provavelmente estava tudo pronto para sair.

Seus rostos estavam muito sérios e sem expressão, ele viu imediatamente quando Charlie abriu a porta. Ele tentou sorrir.

— É hora de ir — disse .

Ele teria se virado e saído, mas Charlie saiu da porta e a Sra Simpson ficou olhando para ele. Seu rosto estava muito composto e sem cor. Ela estendeu as mãos para ele.

— Você vai cuidar de si mesmo — disse ela.

— Sim. — Ele sorriu e tomou suas mãos. — E você também, Senhora.

Houve um maravilhoso conforto em sua presença. Ele nunca tinha conhecido o que causou isso. Ele teria evitado tomar qualquer liberdade com ela, se pudesse. Mas não estava arrependido agora que estava segurando as suas mãos e olhando-a nos olhos. Talvez Charlie fosse para ser invejado, afinal. Ele apertou suas mãos.

— Venha para casa novamente — disse ela calmamente. — Por favor, volte novamente.

— Sim — disse ele.

E quando ele lançou suas mãos, ela entrou em seus braços e ergueu o rosto para seu beijo. E não sentiu nenhum pânico terrivelmente doente que tinha sentido com todos os outros, com Edmund e Alexandra e as crianças, com Madeline. Apenas uma certa paz enquanto a beijava e depois a abraçou e respirou que a fragrância de seu cabelo que lhe tinha assombrado por alguns dias. E uma liberação de energia nova que não era mais energia nervosa, mas um desejo proposital para sair e fazer o trabalho que ele foi treinado para fazer.

Ele sorriu para Ellen Simpson quando ela o soltou.

— Obrigado, minha senhora — disse ele. E ele olhou rapidamente para o amigo, que tinha ficado em pé, parado na sala desde que ela tinha falado suas últimas palavras. — Eu vou te ver lá fora, em poucos minutos, Charlie.

Ellen se virou para o marido e o olhou como se fosse por um longo túnel. Ele estendeu os braços para ela.

— Bem, moça — disse ele.

— Charlie. — Ela colocou-se contra ele, com o rosto pressionado contra o ombro.

E ele embalou-a em seus braços. Eles se comunicavam em um nível muito mais profundo do que palavras. Ele colocou a mão dele e segurou o rosto dela entre as mãos.

— Meu precioso, precioso tesouro! — Ele sussurrou e beijou-a uma vez, brevemente, nos lábios. — Minha querida.

— Vá agora. — Ela disse, como sempre disse a ele em tais ocasiões. Depois a porta se fechou silenciosamente atrás dele, ela endireitou os ombros e ergueu o queixo. Não se atreveria a cair. Ainda não.

Assim foi feito. Ela tinha enviado seus homens em seu caminho e ali permaneceu apenas a espera para ver se um ou ambos voltariam para ela novamente.

Charlie, o seu amor. A luz de sua vida. A única luz preciosa. A única pessoa na Terra por quem ela ficaria feliz em morrer. A única pessoa que ela não poderia contemplar viver sem.

E Lorde Eden... Dominic. Amigo de seu marido. O amigo dela. Bonito, sorridente, charmoso Lorde Eden, a quem ela tinha visto com relutância, a contragosto, nas últimas semanas, como um homem. Como um homem muito atraente, de sua própria idade. E agora ele estava indo com Charlie para a carnificina da guerra. Ela poderia nunca mais vê-lo novamente.

E assim ela o tinha enviado em seu caminho com o seu amor. Ela o beijou como um poder de mãe. Como uma força de irmã. E talvez um pouco diferente de qualquer uma.

E Charlie tinha ido embora. Charlie tinha ido embora.

Ela continuou a olhar para a porta, mesmo quando, finalmente, ela ficou turva diante de seus olhos.

O dia seguinte foi o pior pesadelo que Madeline tinha vivido. Ela começou o dia mal levantando para o café da manhã, embora ela quase não tivesse dormido nada. Lady Andrea, ela descobriu, estava tão viva e tão alegre como sempre foi, embora o coronel também tinha deixado o baile para se juntar ao seu regimento, sem retornar para casa para trocar suas roupas de noite.

As duas senhoras estavam sozinhas na casa além dos servos. Mr. Mason, pai de Lady Andrea, já estava a ver que notícias que ele poderia descobrir.

E o dia foi passando, Madeline se viu estocando e separando alimentos e necessidades médicas, limpando salas de mobiliário em desuso e recolhendo o maior número de lençóis, cobertores e travesseiros que eles poderiam colocar em suas mãos.

Não importava nada que havia criados da casa, que poderiam ser chamados para executar essas tarefas.

— Logo não vai importar se somos empregadas de taberna ou a rainha da Inglaterra ou qualquer outra coisa no meio — disse Lady Andrea. — Eles vão enviar os feridos de volta para cá, você sabe, não haverá escassez de quartos, mesmo nas ruas para todos eles. Estaremos prontos para tomar tantos quanto pudermos.

Madeline empalideceu com a imagem mental de soldados ferido, esses mesmos soldados a quem ela tinha visto lotando as ruas e dançando no baile da Duquesa de Richmond no dia anterior.

— Haverá cirurgiões? — Perguntou ela.

— Eles, provavelmente, irão ficar todos frente de batalha — sua amiga disse, aparentemente bastante indiferente ao horror de suas próprias palavras. — Os feridos que forem enviados de volta para cá, serão dependentes de nossos cuidados. Devemos estar prontos para eles.

— Eu não tenho nenhuma experiência. Eu não sei o que fazer. — Madeline engoliu sem jeito.

Lady Andrea permitiu-se uma pequena gargalhada.

— Sim, você saberá, minha querida — disse ela. — Claro, eu esqueço que são novidades para quem chegou da Inglaterra. Acredite em mim, Madeline, minha querida menina, a esta hora amanhã ou no dia seguinte, você vai saber exatamente o que fazer. Você vai ver a necessidade e você vai estar lá para ajudar. Nós não sabemos quais os recursos interiores que temos até que eles são chamados.

Mas ela não tinha nenhum, pensou Madeline. Ela não seria capaz de fechar-se afastada na cozinha e cozinhar caldos para os feridos. Ela não sabia cozinhar. E a visão de sangue a fazia se sentir doente.

— Não se preocupe, — Lady Andrea disse, dando um tapinha no braço e levantando resolutamente da mesa do café. — Quando chegar a hora, você estará ocupada demais para lembrar que você é uma jovem delicadamente educada.

Talvez houvesse alguma verdade nisso, Madeline pensou como o dia passou e ela apressou-se sem empregada doméstica ou acompanhante, embora as ruas eram muito mais movimentadas do que o habitual. Apesar de um número surpreendente de pessoas parecendo estar cuidando de sua vida como de costume, havia também uma quantidade incomum de veículos nas ruas, repletos de bagagens e móveis, muitas vezes puxados por menos As pessoas estavam saindo de Bruxelas em massa. Mas não seria fácil, perderam a chance, pensou Madeline. Alguns outros conhecidos em comum que tinham tentado sair por barca no canal para Antuérpia descobriram que não havia barcas disponíveis. Todas haviam sido arregimentadas sob as ordens do duque com a finalidade de trazer artilharia até a frente.

Os cavalos estavam sendo vendidos pelo resgate de um rei e o vagão mais simples, por uma fortuna. As pessoas estavam em pânico.

Madeline estava feliz que tinha mais do que suficiente para fazer. Não houve tempo para entrar em pânico ou se preocupar com Dom. Ela não iria pensar em Dom. Ela comprou todas as ataduras e todo o láudano que um químico estava disposto a vender e correu de volta para casa com eles.

Não houve notícias, mesmo que Mr. Mason fez passeios frequentes durante o dia e ambas as senhoras estavam constantemente dentro e fora da casa em alguma missão. Mas o barulho das armas começou no período da tarde. Madeline estava fora e olhou para cima com alguma surpresa ao descobrir que na verdade não havia nuvens acima ou no horizonte que poderia pressagiar uma tempestade. E então ela percebeu que o som não foi trovão e sentiu os joelhos virarem geleia e seu estômago executar um salto mortal.

E não era certo dizer que ela podia ouvir as armas, ela percebeu. Ela podia sentir as armas.

O som era muito profundo e muito distante de ter qualquer grande efeito sobre a orelha. Mas os ecos e vibrações podiam ser sentidas até à medula dos ossos.

Dominic!

Ela ficou muito aliviada por reconhecer a Senhora Simpson correndo através da rua em sua direção, a cabeça inclinada.

— Boa tarde, Senhora — disse ela, pegando-a pelo braço. — Você pode ouvi-los também?

Ellen olhou para cima, assustada.

— Oh, Lady Madeline — disse ela — é você —. Ela parou de andar e olhou mais de perto. — Oh, minha querida — ela disse — você nunca experimentou isto antes, não é? Você vai desmaiar? Dobre a cabeça bruscamente para a frente e tome algumas respirações profundas. Venha, vou andar com você para um pouco. Eu estava no caminho para uma mercearia. Minha pobre empregada ficou histérica esta manhã. Ela é nova da Inglaterra, pobrezinha. Eu consegui obter-lhe um lugar no carro de um vizinho, com destino a Antuérpia e depois para casa .

Madeline estava feliz da alegria calma de sua voz.

— Eu sou muito boba — disse ela. — Estou envergonhada de mim mesmo.

— Seria muito mais vergonhoso não sentir nada quando você ouve essas armas — disse a Senhora Simpson.

— Mas você não deve se preocupar em ser sensível. Quando os feridos começarem a chegar, como certamente vão até amanhã, você vai achar que tem uma força que nem sequer suspeitava, e que não há espaço em tudo para melindres.

— Isso é o que Lady Andrea Potts diz — disse Madeline.

— Eu tenho medo de desonrar-me.

Ellen apertou seu braço, que ela tinha tomado para o apoio.

— Você não vai, — disse ela. — E se você vomitar no início, você vai se levantar depois e fazer o que o resto de nós fizer. Tenho toda a fé em você.

— Você acha que eles estão lá em cima, onde as armas são? — Disse Madeline. — Dominic, quero dizer. E o Capitão Simpson.

— Eu não sei — disse Ellen. — Não há nenhuma maneira de saber no momento. E essa é a pior da batalha, o não saber. Você deve treinar sua mente para não pensar nisso. Amortecer sua mente. Uma vez que os feridos começarem a chegar, vai ser melhor. Você não terá tempo para pensar. Cada soldado ferido se tornará o seu irmão e você vai cuidar dele, porque ele pode ser seu irmão e porque alguma outra mulher em algum lugar pode estar fazendo para Lorde Eden que você está fazendo para ele.

— Sim — disse Madeline. — Isso vai ajudar, não vai ? É assim que é feito? Você vê o seu marido em cada soldado ferido? Acho que talvez eu não vá desmaiar ou vomitar se eu puder ver Dom a cada vez. Haverá muitos, o que você acha? Oh, quão sem sentido tudo isso é. Ontem eles estavam aqui conosco. Hoje estamos febrilmente reunindo ataduras e tudo o mais que pudermos na certeza de que a cidade vai ser preenchida com os feridos. E o que acontece com os mortos? Eles serão trazidos também? Ou eles serão deixados onde estão?

Ellen tinha um aperto muito firme em seu braço.

— Não — disse ela. — Não. Amorteça a mente. Mantenha-se ocupada. Dominic vai voltar para você, mesmo que apenas no corpo ferido, sedento de um estranho, eles são sempre sedentas almas, pobres. Ele virá. Eu prometo. Deseja-me para levá-la para casa?

— Não — Madeline balançou a cabeça e sorriu tão brilhantemente como ela foi capaz. — Isso seria vergonhoso. Eu nunca seria capaz de olhar nos seus olhos novamente. Aqui está uma mercearia. Isto é o que você precisa, não é? Adeus então. Verei você provavelmente dentro dos próximos dias. E obrigada.

E o que era vergonhoso, pensou todo o caminho de casa, e repreendeu-se redondamente com o pensamento, era que ela tinha esquecido da sua própria missão. Por que ela estava fora andando sozinha pelas ruas? Deve ter havido uma razão quando ela saiu de casa.

Ela se concentrou em sua própria estupidez enquanto corria, e ainda teve uma risada dentro dela, imaginando-se dizendo a piada contra si mesma anos no futuro para Dom, Edmund e Mama.

Ela podia sentir as armas da aba do seu chapéu aos seus pés.

A batalha grassava em duas frentes. E o Duque de Wellington tinha sido pego de surpresa, afinal.

O conjunto das forças francesas foram concentrados ao sul. o próprio Bonaparte levou os seus comandados contra os prussianos em Ligny, dissipando qualquer suspeita de que ele poderia estar esperando com forte de seu exército na fronteira ocidental.

A sete milhas de distância Marechal Ney liderou o ataque contra as poucas tropas aliadas que estavam em posição, no cruzamento das Quatre Bras.

A maioria do exército de Wellington ainda estava a caminho entre Bruxelas e Nivelles e outros pontos ao norte.

A diversão seria provavelmente quando eles chegassem lá, os homens em companhia do Lorde Eden resmungaram enquanto se arrastavam ao sul no pé de Mont St. Jean, onde tinham sido parados por um longo tempo aguardando ordens.

Eles ficaram sentados na suas traseiras por semanas, alguns dos homens queixaram-se aos seus companheiros de infortúnio, sem nada para fazer a não ser observar os holandeses e tentar aprender o suficiente da sua língua para trazer uma cor para suas bochechas.

Estava de pé por metade da noite, quando apareceu um jovem novato, que desesperadamente tentava andar com a arrogância e falar com a forma descuidada dos veteranos que o cercavam, quando poderia ter se divertido com algumas dessas brincadeiras sem a necessidade de conhecer a língua em tudo.

— Yer nunca usou a língua em uma rapariga mesmo quando não pode ter ela? — Algum engraçadinho chamado a partir de várias linhas atrás da infeliz tenda, e foi recompensado por sua sagacidade por gargalhadas de riso áspero. — Yer , deve voltar a escola ter e aprender alguma coisa real, rapaz.

Tudo o que ganharia desta marcha seria buracos em suas botas novas, um outro soldado queixou-se a qualquer um que quisesse ouvir.

A maioria deles foram ouvir as armas à frente deles.

— Johnny'll será batida antes de vir para mim, e todos nós vamos divertir-nos com é "*diggin boxes*— a pá na calada. Você marque minhas palavras.

Parecia que vários marcaram suas palavras. Houve um murmúrio de assentimento.

No entanto, mesmo o atirador mais ansioso do Nonagésimo quinto viu toda a luta que ele poderia desejar antes que o dia terminasse.

No momento em que eles chegaram ás três e meia da tarde, a situação para os aliados estava parecendo um pouco sombria. Os Brunswickers e os Nassauers tinham sido severamente golpeados e o duque de Brunswick, morto. O Noventa e dois, os Highlanders Gordon, tinha sido quase cortados em pedaços. E a cavalaria ainda não tinha chegado.

Só a presença constante do Duque de Wellington, montando friamente para cima e para baixo da linha, sempre que a ação foi mais dura, aparentemente bastante indiferente para sua própria segurança e conduzindo sua habitual vida encantada, impediu uma derrota, assim foi dito. Eles deveriam ser gratos, ao que parecia, à natureza flexível do país.

Se apenas Marechal Ney tivesse visto claramente à frente e tivesse a certeza de que o duque de Wellington não usara seu velho truque de manter a maior parte de seu exército escondido atrás de uma ascensão e pronto para atacar a qualquer momento, então certamente ele teria pressionado com muito mais ousadia do que ele fez. E ele teria corrido para uma vitória certa.

Como tinha que ser, a nonagésima quinta foi enviada diretamente para a ação, e passaram muitas horas antes que aqueles que ainda estavam vivos pudessem olhar sobre eles e descobrir o destino dos amigos e companheiros, para não mencionar de todo o seu exército.

Se tivessem ganhado ou perdido? Eles ainda estavam na mesma posição que haviam estado na parte da tarde, e os franceses haviam se recolhido para a noite. Mas o que aconteceria na parte da manhã? Iria o velho Ney empurrar novamente na primeira luz? Tinham lá um número suficiente deles para segurá-lo? E o que tinha acontecido ao longo de Ligny, onde tinham ouvido que o velho Boney estava atacando os prussianos?

Confie no velho Blücher para segurá-lo, alguns disseram. Mas o próprio Bonaparte estava conduzindo o ataque, outros acrescentaram. Não parecia haver nenhuma resposta para nenhuma pergunta.

No entanto, fosse em Ligny ou com o exército em geral, a maioria dos homens estava preocupado em primeiro lugar com eles mesmos e com aqueles que tinham lutado lado a lado com eles durante horas.

Houve um número impressionante de mortos. Todo mundo olhou em volta com cautela e ansiosamente para ver quem foi deixado e, mais significativo, quem não tinha.

Uma tristeza por causa de amigos que perderam, o dia foi longo e tinham pouco tempo para se lamentar. Eles não lamentavam um camarada caído, mas simplesmente asseguravam aqueles por perto que era azar; simples assim e por isso tinha sido um bom rapaz.

Seria um sofrimento desnecessário colocar muita pressão sobre as emoções. Camaradas mortos seriam enterrados se fossem suficientemente longe das linhas para serem alcançados em segurança. Senão, seriam deixados onde estavam...

***

Eden olhou para o ferido, tentando encontrar uma maca para os mais gravemente feridos se defenderem sozinhos, encorajando aqueles que foram, pelo menos em seus pés

iniciar a caminhada de volta para trás das linhas ou até mesmo todo o caminho até Bruxelas, parecia que eles não estariam aptos para a ação no dia seguinte.

Aqueles que foram feridos apenas ligeiramente ou aqueles que eram demasiado duros de admitir que seus ferimentos foram graves, costuravam seus cortes da melhor forma possível e brincavam um com outro.

— Melhor obtem alguma lama que um curativo, — alguém brincava com um bravo rapaz que ficou à frente ainda que ele tivesse um corte feio na testa — , ou Johnny'll ser usado como prática de alvo

— É a zero mero — o mesmo indivíduo que não conhecia nenhum outro uso para a língua do que falar, com certeza para o sargento corpulento que costurava o braço para ele. — Mal, ainda precisa de um curativo.

O sargento, mais amável do que alguns dos seus pares, olhou atentamente para a juventude e não percebeu, o quanto pode, que o rosto do rapaz era quase da cor da bandagem. Ele bagunçou o cabelo do menino quando ele tinha acabado e disse rispidamente antes de se afastar

— Você vai fazer, rapaz.

Lorde Eden encontrando Capitão Norton e Capitão Simpson e respirava com algo parecido com alívio de cócoras ao lado do último.

— Foi perto — disse ele.

— Só um pouco de luta agradável para aquecer, — disse o capitão Simpson. — A boa prática para os meninos.

Lorde Eden sorriu.

— Você não acha que é isso, então, Charlie? — Perguntou. — Você não acha que Boney vai virar as costas e correr agora?

O capitão riu.

— Será que o sol vai cair do céu? — Disse. — Assustado, Eden?

Lorde Eden apertou o ombro de seu amigo e se levantou novamente.

— Apenas um Johnny Raw responde não a essa pergunta — disse ele. — Você não pode com ele por mais tempo, Charlie. Meus joelhos estão batendo, se você quer a verdade. E meus dentes batendo. Eu estou tentando levá- los coordenadamente de modo que, pelo menos, haverá uma música agradável .

— Fique perto — disse o amigo. — Vou acrescentar meus rumores do estômago para a música. Com licença. Eu tenho que ir para falar com aquele jovem ali que está fingindo não ser chorão. Pobre rapaz. Ele quer sua mãe, aposto meu pagamento do mês. Ele estava indo bem até que as armas pararam.

Lorde Eden sorriu sem grande humor, quando ele voltou para seus próprios problemas. Não parecia fazer tanto tempo que Charlie tinha confortado outro rapaz, um outro jovem que queria sua mãe depois de seu primeiro gosto da ação. E sem, de forma alguma, menosprezar ou humilhar. Ele se perguntou se alguém tinha feito tanto para Charlie Simpson quando ele era um recruta inexperiente.

Era hora de ter um pouco de sono, pensou ele, olhando para o chão duro e pouco convidativo com tristeza e tentando não olhar para os rostos ao seu redor ou, mais para o

ponto, os rostos que não estavam ao seu redor. Como o capitão Simpson e ao contrário de muitos outros oficiais, Lorde Eden sempre fez questão de permanecer com seus homens exatamente nas condições que eles experimentavam, em vez de usar sua posição de comandar para ter acomodações mais confortáveis.

***

Ellen saiu para as ruas na manhã seguinte, incapaz de permanecer em casa. Qualquer notícia que ouvisse poderia ser extremamente imprecisa, mas até mesmo rumores e verdades distorcidas parecia preferível ao silêncio que tinha assombrado a noite toda depois que as armas tinham parado. E até mesmo a noite não tinha sido totalmente silenciosa. Tinha havido ruídos, barulhos assustadores, que tinha resolutamente ignorado.

Houve pânico, já esperado, na parte da manhã muito cedo, quando artilharia pesada estava sendo movida por Bruxelas para a frente, parecia ser em retirada. E ainda mais pânico quando uma tropa de cavalaria belga tinha ido a galope através da gritaria da cidade, que tudo estava perdido e os franceses em seus calcanhares. Mas os franceses ainda não estavam lá. Os prussianos haviam sido derrotados em Ligny, ouviu mais tarde, e o general Blücher gravemente ferido.

Ninguém parecia saber o que estava acontecendo em Quatre Bras, exceto que as vítimas tinham sido muitas. Ellen não ouviu muito de perto. Ela percebeu logo que feridos estavam começando a chegar à cidade, um remanescente triste e esfarrapado daqueles que saíram tão galantemente menos de dois dias antes. Ela olhou atentamente para cada um em separado, seu coração batendo dolorosamente e ela se viu tomando o braço de um soldado em torno de seus próprios ombros para aliviar seu companheiro, ele próprio ferido.

Ela sentou-se com ele nos degraus de pedra fora de uma casa e limpou a poeira do rosto com um lenço e um pouco de água de colônia. Mas ele não iria deixá-la tocar o braço machucado. Estava quebrado, ele disse. Ele deve chegar a seu irmão. Felizmente, o irmão foi encontrado apenas saindo de sua casa, a uma rua de distância.

Ela deveria ir para casa e buscar ataduras, Ellen decidiu, apressada em direção à Rue de la Montagne e olhando ansiosamente para os rostos dos homens sobre ela. Mas ela não reconheceu ninguém. Havia um jovem soldado vagando sozinho não muito longe de sua própria porta.

— Um copo de água, Senhora — disse ele quando ela veio até ele, com a voz apologética e não muito esperançoso.

— É claro — disse ela, tocando seu braço e percebendo o sangue coagulado na manga do outro. — Oh, você está ferido. Você tem um lugar aqui?

— Eu moro em Somerset, Senhora — disse ele. — Um copo de água, por favor.

— Venha — ela disse, colocando o braço sobre sua cintura e guiando-o até a porta da casa em que ela tinha quartos. — Vem, meu querido. Eu em breve terei um curativo calmante sobre seu o braço e uma cama quente confortável para você para dormir. E você deve ter sua bebida.

Ele era uma criança, pensou em algum horror. Ela duvidava que ele tinha dezesseis anos. E seus olhos já estavam iluminando com febre.

Ela abaixou-o cuidadosamente para o sofá na sala e foi para pegar um copo de água antes de retirar suas botas ou combater a manga, que foi preso com firmeza para seu braço direito, juntamente com uma bandagem pesada.

— Eles removeram a bala — disse o menino. — Eu pensei que eles iam tomar o meu braço. Eu acho que estava muito ocupado. Não me toque, Senhora. Deixe-me sair. Não me toque.

— Você se deitará na cama — disse ela gentilmente. — Eu não vou te machucar, meu querido. E você vai se sentir muito melhor depois. Eu prometo. Eu cuidei de muitos meninos como você, você sabe. Você deve fingir que eu sou sua mãe. Você tem uma mãe?

Ela persuadiu-o para a cama que tinha sido de Jennifer e acariciou-lhe a mão suavemente sobre o cabelo empoeirado no travesseiro até que o pânico havia recuado e seus olhos brilharam.

— Não, não — disse ela, sorrindo para ele — vai dar tudo certo, meu querido. Ninguém vai te machucar mais.

Estaria uma mulher murmurando conforto a Charlie em algum lugar da cidade? Foi ele também gravemente ferido ou muito delirante de se lembrar onde ele vivia? Estaria uma mulher tentando limpar e costurar a ferida de Lorde Eden, encolhendo-se a cada dor que ela sabia estar infligindo?

Ou eles estavam lá fora em algum lugar ilesos, preparando-se para lutar novamente? Ou realmente engajados na batalha? Mas não havia nenhum som das armas hoje.

Ou eles estavam mortos?

Retirou a manga e as bandagens palmo a palmo cautelosamente para revelar a carne vermelha e inchada. Murmurou conforto ao menino que tinha lutado como um homem no dia anterior e que estava tentando muito duramente não chorar como uma criança. Continue falando com ele. Sorrindo gentilmente em seus olhos. Deixe-o saber ser amado.

E amorteceu a mente.

Capítulo 8

O nonagésimo quinto não viu uma grande quantidade de ação no dia seguinte. Forças francesas sob comando direto de Bonaparte tinham ganhado uma vitória completa em Ligny, como resultado o exército prussiano esfarrapado estava em plena retirada ao norte para Wavre e seu comandante deitado gravemente ferido em uma fazenda, mas ele teimosamente se recusou a morrer ou ceder à sua condição.

Marechal Ney não tinha quebrado através das linhas britânicas e aliadas em Quatre Bras, mas ele tinha golpeado e ferido a eles e havia uma boa chance de quebrá- los completamente no sábado, 17 de Junho. Mas, surpreendentemente, nenhum ataque aconteceu durante a manhã, e o Duque de Wellington foi capaz de retirar todas as suas tropas em boa ordem para o norte para uma posição que ele tinha escolhido semanas antes, uma posição no cruzamento sul da vila de Waterloo e da Floresta de Soignes e norte da pousada La Belle Alliance, na estrada principal para Bruxelas.

Os homens da nonagésima quinta foram os últimos a recuar, com a cavalaria, tendo sido atribuída a tarefa indesejável na manhã de formar detalhes do enterro para sair entre as linhas e tentar dar os seus próprios mortos algum tipo de enterro decente.

Os homens no grupo do Lorde Eden arrastaram um par de botas de debaixo de um arbusto para encontrar um oficial de cavalaria francesa, no final delas, ainda respirando. Aqueles poucos homens que eram novos na batalha foram surpreendidos quando seu tenente ordenou três deles para levantar o francês com cuidado e levá-lo a uma fazenda próxima, onde alguns dos seus próprios feridos estavam sendo atendidas.

— Eu disse cuidadosamente! — Ele gritou antes de voltar a liderar o caminho.

Um veterano sorriu para um novo recruta.

— Se você perguntasse — disse ele — seria respondido a você pelo oficial que um ferido não é um francês ou um inglês, mas um ser humano. — Ele bateu em suas costas várias vezes e olhou significativamente ao recruta.

— Maluco? — Perguntou o rapaz. O veterano continuou a sorrir.

— Mas você nunca diz isso em voz alta — disse ele — ou é provável que um de nós vá nivelar o seu nariz com o resto do seu rosto.

Eles tinham uma miserável retirada. Começou a chover antes que eles estivessem ainda em seu caminho e foi com chuva para o resto da semana, os homens previram melancolicamente, olhando para as nuvens irritadas e observando que havia uma tempestade chegando. Esqueceram-se de que a semana já estava terminando. Era comum perder de vista que dia ou data em que estavam quando na ativa.

E como se a marcha ou ficar encharcado não fossem problemas suficientes, alguns homens com mais energia do que outros reclamavam, estavam ficando completamente cheios de ir atrás daquele condenado francês.

Na verdade, a maioria deles concordavam, a única diversão que tinham todo o dia era ficar assistindo e aplaudindo e zombando dos Guardas, os soldados do Hyde Park, como eles eram desdenhosamente chamados, avançando de volta da aldeia de Genappe, onde o duque tinha passado a noite anterior.

Eles fizeram tudo certo, aqueles guardas de cavalaria, apesar da chuva e da lama escorregadia. Mas foi bastante divertido ver o escarlate de seus uniformes chamativos e o brilho em suas botas polidas desaparecer sob uma camada generosa de lama.

Foi o suficiente para levá-los todos para casa a chorar nos ombros das suas mamães, um fuzileiro espirituoso berrou para uma audiência apreciativa. Mas não havia outra diversão. Somente o marchar interminável e lama, e os flashes ofuscantes de relâmpagos e as falhas de trovões que fizeram as costas contraírem, tanto com as armas pesadas fizeram soar. E no final de tudo isso eles encontraram um monte de lama agradável para a noite em uma encruzilhada no meio do nada. E sem rações. As vozes murmurando estavam muito cansadas agora para se rebelar.

E a chuva continuava caindo.

Lady Andrea e a Sra Simpson tinha razão, Madeline pensou quando ela teve o luxo de um momento em que pensar. O primeiro terrível sentimento de pânico, náuseas e tonturas quando os feridos começaram a chegar, passou quase antes de ter sido sentido.

O desejo de ir para a rua para ver se ela iria reconhecer algum dos homens pobres arrastando-se para a cidade ou sendo semi-arrastados pelos companheiros em pouco melhor estado, era mais forte do que o desejo de apressar-se para seu quarto para enterrar o rosto no travesseiro e prender as mãos sobre os ouvidos.

E uma vez lá fora, embora nenhum deles fosse Dom ou qualquer outro soldado conhecido, não havia como voltar atrás novamente.

Outra pessoa tinha razão também, mas ela não poderia lembrar de quem havia dito isto; todos eles tinham sede e imploravam por água. E enquanto estava entrando e saindo da casa derramando baldes de água, sais aromáticos e curativos, ela rapidamente se esqueceu de tudo, menos a necessidade de calar vozes suplicantes e patéticas. Ajudar alguém a coxear, para ajudar outro a sentar na estrada por um momento, para acenar sais aromáticos sob os narizes de desmaiados, para limpar o rosto empoeirado com um pano úmido. E sempre para ajudar os homens com uma bebida.

Seus sentidos foram autorizados a habituar-se gradualmente com as visões horríveis. Aqueles que chegaram da primeira vez eram aqueles que ainda poderiam, de algum modo, arrastar-se, um pouco menos feridos. Foi no final do dia que os piores casos começaram a chegar, aqueles que estavam demasiado fracos para mover-se.

Eles vieram por carretas, à direita da cidade e para as ruas, muitos deles, embora tendas para os feridos tinham sido erguidas, tanto em Namur e nas portas Louvain.

E então começou a chover. Homens acolheram o resfriamento e caíram no primeiro lugar, logo tiveram a pele lamacenta encharcada e com tremores. E as mulheres atendiam-nos, com saias encharcadas e cabelos que se grudavam em suas cabeças e rostos escorrendo correntes de água em seus pescoços.

Lady Andrea e Madeline começaram a se mover por entre os muitos homens da rua em frente da casa, aqueles que podiam se mover por vontade própria ou com uma pequena ajuda. Alguns, aqueles com pernas ilesas, foram colocados nas cama do andar de cima, sem nenhuma preocupação com a lama que rapidamente transferiu-se para os lençóis de seda delicados. Outros estenderam-se sobre os tapetes no andar de baixo e acharam-se abençoados.

Madeline transportava para fora botas sujas de lama, cortava uniformes com palavras calmas e controladas ou ainda limpava feridas e cortes, enfaixava buracos abertos, acalmava testas febris; pensou que ela nunca poderia esquecer mais tarde, dos olhos, uma vez fechados que nunca iriam abrir-se de novo, com uma mão que quase não tremeu. E sempre, sempre, deram as mãos a cabeças enfraquecidas para que o copo de água pudesse chegar bocas sedentas.

Ela quase não pensou em seu irmão gêmeo durante todo o dia.

Não houve tempo para pensar. E não era desejável pensar. A Sra Simpson estava certa sobre isso também. Mas ela o viu em cada rosto ao seu redor, em cada braço levantado. Ela o ouviu em cada gemido abafado e pedido de água, em cada suspiro de graças.

Ela não sabia quando a noite chegou. Nem sabia que a chuva ainda caia lá fora. Não houve tempo para se perguntar se seu irmão ainda estava vivo, para sentir todo o desconforto de uma noite passada ao ar livre durante as últimas horas em uma tempestade longa.

Lorde Eden estava muito definitivamente vivo. E desconfortável. E com fome. Ele teve a oportunidade de compartilhar uma galinha magricela e uma garrafa de vinho com o coronel Barnard de seu regimento na pequena casa de campo do último que tinha comandado para a noite.

Mas, com um último olhar pesaroso Lorde Eden acenou com a mão desconsiderando, disse que a ave não era gorda o suficiente para o seu delicado paladar, sorriu para os outros dois agentes ali reunidos e voltou para seus famintos, homens encharcados.

— Um sujeito estranho, Eden — disse o coronel antes de voltar sua atenção para a festa patética diante dele.

Lorde Eden e Capitão Simpson passaram uma noite razoavelmente confortável amontoados sob dois cobertores, uma espessa camada de lama por cima de um para o calor e impermeabilização, a cabeça descansando sobre alforjes. Esses pobres diabos que nunca tinham estado em uma campanha antes!

Charlie observou antes bocejando alto e adormecendo como se ele estivesse deitado em uma cama de penas. Eles deviam estar sofrendo. Se alguém simplesmente ignorasse o protesto da barriga vazia, o solo lamacento e fingisse que não estava molhado até os ossos, não poderia pedir mais conforto, Lorde Eden concordou, deslizando para o esquecimento apenas momentos depois que seu amigo.

Mas na manhã era uma questão diferente. Embora a chuva tivesse parado, todos e tudo estava molhado e enlameado. E tremendo. Armas estavam impróprias para ser disparadas. Estômagos estavam tão vazios que eles sentiram e soaram como ecos em uma caverna oca. E quando se poderia esperar os franceses atacassem?

Eles haviam acampado assustadoramente perto das linhas aliadas e certamente queriam fazer um impulso precoce para a vitória. Mas o ataque não veio por toda a manhã.

De alguma forma, apesar da umidade prevalecente, os fogos foram montados, as mãos duras aquecidas e roupas encharcadas no vapor. As armas foram cuidadosamente limpas e polidas pelas mãos degeladas. E, finalmente, os vagões de mantimentos apareceram de algum lugar e os homens tinham café da manhã.

Mas não se sentiram como gostariam antes de uma grande batalha, pensou Lorde Eden, andando entre os seus homens para ver se os preparativos adequados estavam sendo feitos.

Mas, na verdade, nunca era. E o consolo era que o inimigo não se sentia melhor. E ele não tinha dúvidas de que esta seria uma grande batalha, talvez a maior de sua experiência. Eles certamente não poderiam recuar mais longe sem perder Bruxelas.

A manhã foi longa. Deixe-os começar, ele pensava constantemente e ouviu isso nos lábios dos homens dele. Mesmo que não estamos tão prontos quanto gostaríamos de estar, deixe-os começar. Mas quando o ataque começou, toda a atividade foi dirigida longe para a direita da sua posição no cruzamento.

Os franceses estavam tentando tirar a vila de Hougoumont, e os defensores britânicos e alemães estavam tão determinados que fariam tal coisa.

— Pobres-diabos! — Um fuzileiro comentou.

— Sabia que eles viriam desta forma — outro disse, olhando para a direita com os olhos apertados, embora a mentira da terra bloqueou a visão da casa de campo de sua vista.

Era uma e meia da tarde, antes das pesadas armas francesas, se acumularem na encosta a sul das linhas aliadas, todos abriram fogo de uma só vez no bombardeio mais mortal que até mesmo o veterano mais velho já tinha experimentado.

Homens morreram e os franceses foram amaldiçoados de raiva impotente. Não havia nada que poderia ser feito para defender-se contra tal ataque. O bombardeio foi um prelúdio, a certeza de um ataque da infantaria, a ser seguido, sem dúvida, por um ataque da cavalaria. Deixe-os vir, então. Basta!

Os homens da nonagésima quinta foram ordenados de volta da estrada atrás de uma elevação de terra, onde eles poderiam deitar-se em relativa segurança da batida implacável das armas. Mas ainda assim, homens morreram.

Os sobreviventes sentiram um alívio enorme e um profundo pavor de enfraquecer os joelhos quando as armas pararam de repente e os tambores franceses podiam ser ouvidos anunciando a aproximação da infantaria. E sua posição, que os tinha protegido do canhão, tornou as coisas mais desesperadoras, pois eles estavam se agachando atrás da ascensão e não podiam ver quem, ou o que, se aproximava.

Foram três falanges sólidas de infantaria que estavam vindo, cada uma com vinte e cinco homens de profundidade e cento e cinquenta homens de largura. Todos gritando seu grito de guerra de gelar os ossos:

— Vive l'Empereur!

Mas os fuzileiros tinham conhecimento das estatísticas quando foi finalmente dada a ordem para subir e fogo.

Eles viram apenas massas do inimigo, assustadoramente anos sobre as aventuras e desventuras desse fatídico domingo 18 junho, em que a batalha foi travada, que o duque de Wellington mais tarde apelidou de "Batalha de Waterloo—, seguindo o seu costume, após a aldeia onde ele tinha hospedado a noite antes. Mas, para os homens que lutaram nela havia apenas a si mesmos e seus companheiros imediatos, suas armas, o ruído interminável, o cheiro, e no dia que parecia uma semana longa.

Em todo o barulho e fumaça da batalha, e as multidões de moagem soldados e as pilhas de mortos e feridos, era impossível para um indivíduo saber como a batalha estava acontecendo. Tudo que cada homem podia saber era que ele estava lá e ainda não tinha dado

uma polegada de terra a seus companheiros, foram vários em torno dele e que seus oficiais ainda estavam dando ordens para que ele obedecesse sem questionar.

Tinha Hougoumont caído? Os homens da nonagésima quinta não sabiam e provavelmente não se importavam.

Será que La Haye Sainte, a quinta na frente deles sendo realizada por um comando de soldados alemães, segurava? Era seu trabalho ver se eles fizeram. E poderia ajudá-los se eles não fizeram, e se os franceses tiveram a oportunidade de mover as armas para o pátio. Eles seriam arrancados da face da terra.

Os prussianos vêm de Wavre? Eles estavam a caminho? As linhas foram ficando mais finas e parecia haver mais reservas para mover para cima.

Mas quem sabe? Talvez mais adiante, a linha fosse tão sólida e grossa como sempre. Ou talvez não havia outra linha para além do pequeno trecho que eles pudessem ver para cada lado deles.

Talvez todos os outros tinham fugido como os belgas do Bylandt tinha feito para a direita ao lado deles durante esse primeiro ataque da infantaria francesa.

General Picton estava morto. Todos eles o viram cair um momento depois de gritar incentivo aos seus homens para empurrar para trás o avanço das linhas de infantaria francesas. Isso era real para eles. E, em seguida, no final do dia La Haye Sainte fez cair um ataque concentrado e os defensores, últimos sobreviventes lutaram seu caminho para fora e de volta para o cruzamento.

— Agora todo o inferno vai cair! — Alguém no cotovelo do Lorde Eden comentou e foi provado para a direita, sem mais delongas.

Os homens lutaram obstinadamente, todas as probabilidades estavam contra eles. No entanto, quando parecia que eles deviam romper, o incentivo veio, aquele que nenhum soldado britânico poderia resistir.

— Permanecei firmes, Nonagésimo quinto, — a voz firme do Duque de Wellington disse acima do barulho. — Nós não devemos ser abatidos. O que eles irão dizer na Inglaterra?

Os homens lutaram, o duque com eles, até que estava claro para ele que não iria quebrar.

***

Mas a batalha e o mundo acabaram para Lorde Eden durante uma pausa momentânea na ação. Um rápido olhar para cada lado revelou Charlie Simpson deitado no chão, ajoelhado sobre ele mesmo. Lorde Eden abriu caminho através da multidão de seus próprios homens e caiu de joelhos ao lado do amigo.

— Você foi atingido, Charlie? — Ele perguntou desnecessariamente. — Fique quieto. Vou ter uma maca levantada. Nós vamos ter você de volta daqui antes que você possa contar até dez.

Mas havia aquele olhar longo familiar no rosto do amigo. O olhar da morte certa.

Os olhos de vidrados procurou o dele e os encontrou.

— Eu estou pronto, rapaz — disse Charlie.

E eles eram muito velhos e experientes soldados para viver uma mentira. Lorde Eden fechou a boca, que tinha aberto para fazer um protesto saudável. Ele pegou a mão inerte de seu amigo em sua própria mão.

— Eu estou aqui, Charlie — disse ele.

— Ellen — A voz era fraca, sonhadora quase. — Jennifer.

Lorde Eden se inclinou para frente até que seu rosto estava a poucas polegadas do Capitão Simpson.

— Elas nunca estarão em necessidade — disse ele. — Eu juro para você, Charlie. Eu sempre vou cuidar delas. Você me ouve?

Mas Charlie estava olhando através dele, além dele, com olhos que ficaram turvos rapidamente. E então os olhos estavam sem vida.

Seu amigo estava morto.

Lorde Eden lutou contra o pânico e as lágrimas. Não havia tempo agora para lamentar. Ele agarrou sua espada e começou a ficar de pé. E então ele sabia que, com alguma surpresa e nenhuma dor em tudo, que ele havia sido atingido.

Houve uma onda de calor sobre suas costelas. Ele arregalou os olhos antes de cair para a frente, sobre o corpo de seu amigo.

Ellen sabia que ela não poderia fechar-se em seus quartos cuidando das necessidades de um pobre menino. Havia mais homens lá fora, homens na casa das centenas, talvez milhares e que iriam precisar de todos os enfermeiros que poderiam ser encontrados. Além disso, Charlie poderia estar lá fora. Ela deveria procurar por ele. Ou outros homens que conhecia. Ela deveria olhar para eles. Lorde Eden poderia estar lá fora.

E assim ela se aventurou em uma chuva torrencial do sábado à tarde quando o menino tinha caído em um sono bastante febril, com o braço envolto em uma bandagem fresca, inchada e inflamada, era verdade, mas com a ferida limpa.

Ela tinha esperança de que poderia salvá-lo da amputação. Era surpreendente que o braço não tinha sido serrado antes de deixar o campo de batalha. Os cirurgiões não tinha tido tempo de amputar, o menino tinha dito. Em sua experiência, para os cirurgiões de campo o tratamento muito mais rápido para lesões do braço e perna era amputação. Mas a maioria delas eram desnecessárias, ela sempre achou. Ela poderia salvar o garoto. Ela não sabia o nome dele.

Os feridos estavam sendo tratados no interior da catedral não muito longe de onde ela morava. Ela deu um passo ao longo de um pacote encharcado que ninguém estava fazendo qualquer tentativa de mover.

Ele era Charlie, pensou com uma guinada doente do estômago. Mas ele era um estranho. Ajoelhou-se e colocou a mão na testa molhada. Ele olhou diretamente através de seu braço.

— Leve este homem para dentro, tire-o da chuva — ela chamou em francês para um homem que tinha acabado de sair da catedral.

— Não vale a pena perturbá-lo — disse o homem, sem maldade. — Ele não vai durar.

— Mas ele não vai morrer sem tratamento e cuidado — disse ela, levantando-se e correndo de volta na direção da casa. Poucos minutos depois, ela estava correndo de volta com dois dos servos da outra parte da casa em que ela morava. E, juntos, eles levaram o soldado aos seus aposentos e o colocaram na cama, que tinha sido da sua empregada.

— Obrigada — ela disse enquanto os dois servos se retiraram, mas ela não tirou os olhos do soldado ferido, que não tinha feito um som além de um gemido fraco quando tinha levantado pela primeira vez. Seus olhos estavam abertos, mas eles não eram nem vivos nem mortos.

— Está tudo bem, meu querido — ela disse suavemente, tomando uma toalha e esfregando levemente em seu rosto e cabelo molhados. — Você está seguro agora. Ninguém vai prejudicá-lo.

Suas botas saíram facilmente, ela estava grata de conseguir. Colocou-se na tarefa de cortar o resto de suas roupas fora de forma que ela não teria que movê-lo. Parecia que ninguém tinha atendido a ferida, um buraco no estômago, que certamente deveria tê-lo matado instantaneamente.

Ellen secou-o e pegou uma das camisas de seda de Charlie para fazer uma almofada de luz para definir sobre a ferida. Ela o cobriu com um cobertor e passou a mão sobre a sua cabeça careca. Ele deve ser da idade de Charlie.

Seus olhos estavam sobre ela, ela viu.

— Você está seco agora, — ela disse — e quente. Você está seguro agora. Vou cuidar de você. Ninguém vai prejudicá-lo.

Ele continuou a olhar para ela. Ela não sabia se ele a ouviu ou viu.

— Eu vou lhe trazer um pouco de água — disse ela. — Você provavelmente está com sede.

E o menino estava com sede, ela percebeu e jogando febrilmente em sua cama e gemendo quando seu braço enfaixado tocou o colchão. Ela passou algum tempo com ele, ajeitando os lençóis, alisando o cabelo para trás, inclinando-se para beijar sua testa quando ele olhou para ela, com uma confiança infantil e esperança em seus olhos febris.

Antes que o dia acabasse, a porta para os quartos foi permanentemente aberta. A casa tornou-se uma vez mais cheia de feridos e Ellen foi chamada para dar conselhos a partir de sua experiência cuidando de soldados feridos.

Servos da casa vigiavam por ela o ferido quando ela ocasionalmente saiu naquele dia e no próximo e no próximo. Uma grande batalha estava no auge para o sul, ela ouviu. Um grande desastre. Uma grande derrota, talvez. Ninguém sabia e os feridos trouxeram relatos conflitantes, embora a maioria parecia concordaram que estava indo mal para os aliados.

Mas ela não se importava mais com as notícias. Apenas para o sofrimento na cidade e sua própria impotência para aliviar mais do que uma pequena parte dele. E sua obsessão com olhar para os rostos de todos os soldados jogados ou esticado em camas de palha nas ruas.

Estava alguma outra mulher a cuidar de Charlie? Ela se perguntou quando ela correu de volta ao longo da Rue de la Montagne, após uma hora do início na segunda-feira de manhã.
Ele estava bem e ainda lutando em algum lugar? Foi a batalha ainda? Ele estava morto?

Amortecer a mente. Ela apressou-se.

Mas ela olhou fixamente para um grupo de cavaleiros provenientes lentamente ao longo da rua, todos com uniforme militar. Um no meio foi o que caiu para a frente na sela.

O soldado à sua direita realizou uma mão firme contra ele. Ela sentiu todo o sangue escorrendo da cabeça.

— Você conhece este homem, Senhora? — O soldado da esquerda chamando, tocando a mão na barretina. — Ele disse que a Rue de la Montagne, mas isso é tudo o que ele parece se lembrar. Eu não acho que ele nem sabe seu próprio nome não mais.

— Eden — disse ela lábios e a língua de repente seca e sentindo o dobro do seu tamanho. — Ele é tenente Lorde Eden. Sim, este é o lugar onde ele pertence. Pode trazê-lo, por favor?

O soldado que tinha falado com ela saudou de forma mais inteligente.

— Esta é a casa, minha Senhora? — Disse. — Nós vamos ter um tempo difícil. Ele não pode se mover. Todo inchado. Existe alguém que pode ajudar?

— Vá para dentro e chame alguns funcionários — disse ela. Ela estava ao lado do cavalo, tocando sua bota, vendo que de fato suas pernas estavam muito inchadas, vendo também que ele não estava consciente. Sua respiração estava fraca.

— Você está em casa — ela disse suavemente. — Você está em casa agora, meu caro. Irá pra cama em um momento. Uns poucos minutos mais e então você pode descansar.

Ela não sabia se ele a ouviu. Os mesmos dois servos que tinham ajudado a carregar o homem do lado de fora da catedral saíram da casa. Ellen teve de virar as costas e morder os lábios quando os quatro homens desceram Lorde Eden da sela. Ele gritou quando pela primeira vez o tocaram e gemeu com cada respiração agonizante depois disso.

Ela liderou o caminho até as escadas em seu próprio quarto.

— Coloque-o aqui — disse ela. — Oh, como é que vou fazer para tirar as botas? — Suas pernas estavam tão inchadas.

— Vou buscar uma faca e cortá-las, Senhora — um dos servos disse.

— Podemos sair, minha Senhora? — Um dos soldados perguntou. — Existe alguma coisa que podemos fazer?

— Não — disse ela. — Você tem o dever de voltar, sem dúvida. Vou cuidar dele agora.

— O homem é afortunado de ter sua esposa aqui — disse o outro antes de os dois se retirarem.

E mais uma vez ela começou a tarefa de cortar afastando um uniforme inteiro.

Ela lavou a lama endurecida de seu corpo e secou suavemente com uma toalha. Ela estremeceu com a visão da bandagem pesada ao redor suas costelas e no peito e na massa pegajosa de sangue que escorria do curativo no seu lado direito e na coxa. Ele gemia constantemente.

— Você está em casa, meu querido — disse ela, lavando o rosto, finalmente, e olhando para os olhos atormentado pela dor que ela tinha medo de olhar até aquele momento. — Você está em casa e seguro agora. E pode descansar. Não vou mudar o seu curativo até mais tarde. Você está seguro. Ninguém está indo para prejudicá-lo agora.

— Seguro — disse densamente. — Sempre seguro. Aqui.

— Sim — ela disse, tocando seu cabelo ondulado curto e colocando fora de sua testa. — Seguro, meu querido. Você está sempre seguro aqui. Você sabe onde você está? Você sabe quem eu sou?

Sua respiração era difícil novamente. Ele fechou os olhos e gemeu. Ela acariciou seu cabelo.

— Charlie — disse ele. Sua mão caiu.

— Sim — disse ela. — Eu sou a esposa de Charlie. E eu vou cuidar de você.

— Charlie — disse ele. Seus olhos estavam abertos novamente, vidrados de dor.

— Sim? — Ela disse suavemente.

Sua mão estava acenando levemente acima do cobertor que ela tinha colocado sobre ele. Ela o pegou entre as suas.

— Foi — disse ele. — Ele se foi. Eu estava com ele.

— Sim. — Ela estava acariciando as costas da mão. — Você não deve deixar de preocupar sua mente por mais tempo. Descanse agora. Você deve me dizer tudo sobre ele mais tarde. Obrigado por me trazer a notícia. É por isso que trouxe os soldados aqui? Obrigada, meu querido. Você deve dormir agora. Dormir agora. — Ela sorriu para os olhos que estavam procurando os dela. — Durma agora.

O menino estava pedindo água.

Lorde Eden, voltou a si em um estábulo de uma fazenda em Mont St. Jean, setecentas jardas por trás das linhas. Os homens foram caindo mais densamente lá, alguém dizia, do que na própria frente. Ele olhou em volta. O chão estava coberto de feridos. Ele era um deles?

Seu peito estava tão inchado que mal podia respirar.

Ele podia sentir o sangue escorrendo na sua lateral. Foi levantado a uma maca eventualmente. Ele pensou que o grito que ouviu tinha vindo de sua própria boca, embora não fosse de forma alguma o único que ele tinha ouvido durante a sua meia hora de consciência.

O cirurgião olhou para ele com olhos cansados, salpicado com sangue da cabeça à cintura. Lorde Eden fechou os olhos e apertou os dentes e se concentrou em não envergonhar-se mais, agora que ele estava esperando a dor e não era para levá-lo de surpresa.

Ele teve a sorte de desmaiar enquanto a bala achatada foi cortada de seu peito, mas o jorro de sangue coagulado que veio do ferimento trouxe consciência e alívio da pressão terrível ao mesmo tempo. Ouviu-se gemer e cortar o som no meio quando mãos levantaram-no da mesa e colocaram-no no chão novamente.

Foi incrível quão pequeno o mundo tornou-se enquanto estava com dor, pensou. Ele foi fechado e cercado por isso, uma agonia de dor como facadas. Ele devia ter costelas quebradas. Não sabia quanto tempo ele estava lá, mãos estavam levantando-o novamente e colocando-o montado em um cavalo.

— Não é o melhor, Lorde — disse uma voz. — Mas as estradas estão tão entupidas que pode levar dias para passar em um vagão. Você é um dos sortudos.

Um dos sortudos. As palavras correram como um refrão através de seu confuso e febril cérebro, agonizou pelo resto da noite. Ele não sabia onde estava ou quem estava com ele. Não sabia de onde ele veio ou por que ele estava neste passeio.

Mas havia algo na frente dele. Alguém. Alguém que ele deve chegar, em seguida, ele estaria seguro. Tudo estaria bem.

Mama? Ela estava em Londres. Edmund? Sim, Edmund. Alexandra iria cuidar dele, e Edmund faria tudo certo, como ele sempre tinha feito. Um barco grande, Christopher tinha dito. Um grande barco. Edmund tinha ido embora.

Madeline? Ele teve que chegar Madeline. Ela estaria preocupada. Ele havia prometido que não iria morrer. Ele não deve morrer. Madeline estaria apta a jogar machados se ele morresse. Ele deveria chegar a Madeline. Onde ela estava? Não em Edmund. Edmund tinha ido embora. Onde ela estava?

Se ela tivesse ido?

Ela estava em Londres? Em Amberley? Ela não deveria ter ido. Ele precisava dela. Ela deveria ter ficado.

Charlie. Ele iria para o Charlie. A Rue de la Montagne. Ele deve se lembrar disso. Rue de la Montagne. Ele disse mais e mais para si mesmo. Ele disse isso em voz alta. Houve conforto lá. Ele seria capaz de descansar lá. Ela estaria lá e não iria mexer ou falar muito alto. Ela iria cuidar dele. Sim, era à ela que tinha que ir.

Ele tinha algo a lhe dizer. Ela iria cuidar dele, mas ele tinha algo a dizer a ela em primeiro lugar. Ele não conseguia lembrar o quê. Ele iria se lembrar quando a ver. A Rue de la Montagne. A Rue de la Montagne.

E então ele ouviu a voz dela.

Mas ele não podia se mover. Ele não se atreveu a mexer-se. Alguém estava tocando-o, puxando para ele. Eles iriam matá-lo. Onde ela tinha ido? Era ele gritando de novo? De novo não. Ele não deve fazer isso novamente. Ele iria assustá-la e dar desgosto a ela talvez. Mas quem estava fazendo aqueles sons?

Seu corpo estava em chamas. Era como se ele fosse explodir a qualquer momento. Ele fixou os olhos no único conforto que havia. Um rosto debruçado sobre ele. Ocupado em alguma coisa. E havia algum conforto. A terrível pressão de suas roupas e botas contra seu corpo havia desaparecido. E havia panos frios contra ele. Tinha um travesseiro sob a cabeça? Ela estava lá. Ele podia relaxar agora. Ela estava lá, e sua mão fria estava em sua testa.

Ele tinha algo a lhe dizer.

— Charlie — ele ouviu alguém dizer. E então ele se lembrava.

E ele disse a ela.

Se ele lhe disse? Ela estava olhando para ele com uma cara de mármore calmo. Ela sorriu. Ela disse-lhe para ir dormir. E então ela levantou a sua mão para sua bochecha beijou as costas, colocou-a em cima do cobertor, e desapareceu.

Mas ela estava lá. Ele estava em casa agora. Ele não conseguia dormir, mas ele poderia recuar em sua dor novamente. Ela estava lá.

Capítulo 9

Madeline estava em um pequeno-almoço tardio ou um almoço, no início se preocupava em dar nomes às refeições, agora não mais, quando ela foi chamada para o corredor da casa de Lady Andrea Potts. Em algum momento durante a noite, ela não tinha ideia de quando, Lady Andrea tinha aparecido em seu ombro, depois de ter estado ausente por algum tempo e ordenou-lhe para ir para a cama.

— Acabei de ter repousantes quatro horas de sono — disse ela. — Agora é a sua vez. Você não vai ser boa o bastante a estes homens se você entrar em colapso com a exaustão, vai?

Madeline foi porque ela estava muito cansada para discutir. Mas Mr. Mason já havia trazido a notícia de algum lugar fora da casa, que a luta havia terminado e os franceses em plena fuga e o exército prussiano em sua perseguição.

Uma grande vitória, ele havia anunciado de coração, aos gritos fracos dos menos feridos. Uma grande vitória, de fato, ela pensou, pisando com cuidado entre os corpos vivos espalhados sobre o tapete da sala de estar para ela não pisar em um braço ou perna amputada. Era isso uma grande vitória mesmo?

E de alguma forma ainda mais feridos foram levados para a casa enquanto ela dormia. Eles estavam no salão pelo hall de entrada, com apenas um cobertor fino cada, uma empregada de olhos cansados tinha dito a ela, e não travesseiros. Ela não tinha estado lá ainda.

Quem poderia estar querendo falar com ela? se perguntou, correndo para o corredor quando foi chamada, seu estômago cambaleando para todas as possibilidades. Mas era apenas um criado estranho com uma nota. Ele entregou a ela e esperou. Não havia espaço vazio para o qual se retirar.

Dominic tinha sido trazido mais cedo naquela manhã, a Senhora Simpson tinha rabiscado.

Ele tinha se ferido no peito e que ela ainda não tinha examinado, estava com uma febre alta, mas seguro e quente em uma cama em seus quartos. Nada mais. Nenhuma indicação sobre se ele iria viver ou morrer.

Madeline surpreendeu o servo por rir de repente. Como poderia dizer se algum destes homens ia viver ou morrer? Dois morreram nesta casa no dia anterior e um deles tinha caminhado dentro sem assistência. E havia uma dúzia pelo menos, que era um milagre que esse dia tivesse amanhecido. Ela estava dormindo por cinco horas e ainda não os tinha verificado.

— Diga a Senhora Simpson que estarei lá assim que eu puder — disse ela, dobrando a nota cuidadosamente. Ela ficou surpresa ao descobrir que suas mãos eram bastante estáveis.

Ela se virou e entrou no salão e foi recebida por um coro de pedidos de água. Ficou logo tão ocupada que abandonou seu plano de pedir Lady Andrea se ela poderia ser dispensada por uma hora.

Como ela poderia sair quando havia tão poucas mãos para ajudar? Dom estava tão seguro quanto poderia estar. A Sra Simpson iria cuidar dele.

Antes de abordar o ferido silencioso perto da janela, ela abriu a porta e gritou com um servo que passava pelo corredor para correr até o quarto dela e trazer todos os travesseiros e cobertores da cama e as almofadas do sofá.

Então ela se virou para ele. Sabia que ele não estava morto, sua mão tremia. Mas a cabeça e um lado de seu rosto estavam envoltos em ataduras frescas e a única manta estendida sobre o seu corpo era plana para o chão, onde a perna direita deveria estar.

Ajoelhou-se ao lado dele e pegou sua mão.

— Vou colocar um travesseiro para sua cabeça e outro cobertor para você em um momento — disse ela gentilmente. — Gostaria de uma bebida?

Seu único olho descoberto foi fechado. Ele não respondeu. Mas ele agarrou fracamente sua mão. Ela virou-se e levantou a taça que tinha posto no chão ao lado dela e deslizou o braço sob sua cabeça para levantá-lo um pouco para que pudesse beber. E quando ele fez isso, um pouco da água escorreu dos lados da boca e pelo pescoço, ela percebeu que ele era tenente Penworth. Aquele vigoroso menino, ansioso.

— Aqui, — ela disse quando o servo pegou seu caminho, com os braços carregados, — Vou colocar um travesseiro sob sua cabeça. E um cobertor extra sobre você. Você está tremendo. É Madeline Raine, tenente. Você está seguro agora. E será mais confortável do que tem sido.

Ela tocou as costas de seus dedos levemente no rosto e se virou para olhar para os homens ao redor para decidir quais eram mais necessitados do único travesseiro, duas almofadas de babados e dois cobertores ainda empilhados nos braços do rapaz.

Dominic foi esquecido. Ou, pelo menos, empurrado para o fundo de sua mente. Havia preocupações mais prementes para ocupar-se no momento.

A porta que separava os quartos de Ellen do resto da casa permaneceu aberta enquanto ela e os outros ocupantes dividiram o cuidado dos feridos.

Mas ela não saiu para as ruas novamente. Não sentia mais necessidade de fazê-lo, e a casa estava tão cheia. Ninguém mais que ela soubesse, chegou à casa até que Lady Madeline Raine naquela noite. Então, ela não estava esperando ninguém que ela conhecia.

Lorde Eden estava delirando com febre alta toda a tarde e estava desde quando eles o tinham trazido. Mas ela estava certa sobre uma coisa. Ninguém mais entrou.

E ela sentiu a partir do momento que ele tinha dito a ela. Não havia esperança persistente, mas uma parte dela esperou por passos, mesmo contra a razão.

Ela não estava esperando ninguém. E isso não importava. Ela não iria pensar nisso. Ela tinha muito o que fazer. Mais do que o suficiente.

O menino, embora não tão febril, estava inquieto. Ela teve que acalmá-lo, dar-lhe bebidas e ajeitar seus cobertores em linha reta, alisar o cabelo para trás e beijar sua testa.

E no final da manhã, ela sentou-se com o outro homem, aquele que sempre olhou com seus olhos, ele não mostrou nenhum outro sinal de consciência ou de vida. Ela estendeu a mão e sorriu para ele, fez uma oração e lhe disse que estava seguro, juntamente com uma dúzia de outras consolações murmuradas, até que ele morreu. E ela fechou os olhos, cobriu-o com o lençol e enviou um servo para encontrar alguém cujo trabalho era levar os mortos.

Mas foi ele quem a puxou constantemente. Lorde Eden. Dominic. Ela estava assustada, mas ela não iria admitir seu medo. Ele ia morrer. A febre acabava com ele. Ele não dormia, mas ele não sabia nada. Ele não a conhecia. Ela mudou de curativo quando o menino tinha afundado em um sono inquieto e o outro homem tinha sido tirado. Ela fez uma careta ao ver a ferida e os hematomas roxo e verde em torno das costelas quebradas. Suas mãos tremeram ligeiramente quando começou a gemer com cada respiração ofegante.

— Eu vou colocar um curativo limpo em você em um momento, meu querido — disse ela. — Tenha paciência comigo por um minuto mais. Logo você vai descansar novamente.

Sentou-se com ele e banhou o rosto com um pano frio.

Nenhum cirurgião veio durante todo o dia, embora eles tivessem chamado um dia antes e novamente naquela manhã.

Lady Madeline veio à noite, um xale jogado sobre seu cabelo, o vestido amassado e não muito limpo.

— Onde ele está? — Ela perguntou assim que ela pôs os olhos em Ellen. — Eu não pude fugir antes. Ele está…?

— Ele está no meu quarto. — Ellen tomou o braço de sua visitante e guiou-a na direção certa. — Ele ainda está vivo.

— Ainda? — A voz de Madeline afiada. — Você não espera que ele seja? Oh, mas como sou tola. Eu sei como é, era tão terrível? É sempre assim, ou é pior? Oh, Dom!

Ela foi para o quarto e através dele e inclinando-se sobre a cama, sem sequer pensar ou esperar por uma resposta.

Ellen estava na porta e assistiu a outra mulher tomar a sua mão e segurá-la na bochecha dela e conversar com ele. Mas, embora seus olhos estavam abertos e brilhantes, ele não sabia que era sua irmã gêmea. Sua respiração era difícil.

— Ele precisa de um cirurgião, — Ellen disse calmamente — mas eu temo que eles estejam todos muito ocupados para vir. Eu mudei o curativo e tentei dar-lhe água. Há muito pouco que eu possa fazer.

— Eu sei. — Madeline endireitou-se, embora ela continuou a olhar para baixo para o irmão. — Eu sei. Somos tão impotentes. Dom, você não deve morrer. Você me ouve? Você lutou lá fora. Agora você deve lutar aqui também. Você deve. Você não deve morrer. Eu não quero ser o gêmeo mais velho, Dom.

Ela colocou a mão suavemente ao seu lado e virou-se para Ellen. — Foi bom ele ter vindo aqui — disse ela. — E eu posso ver que você está dando-lhe o melhor dos cuidados. Ele está limpo. Eu não posso ficar. Seria egoísta da minha parte se mudar para cá apenas porque meu irmão está aqui. Há tantos milhares... e assim, muitos na casa de Lady Andrea, e tão poucos para cuidar de todos eles. Tenente Penworth está lá. Ele perdeu uma perna. E um olho. Tenho de voltar.

Ela ficou surpresa ao ouvir o soluço em sua garganta.

Ela tinha pensado nela mesma sem mais sentimentos.

— Sim, você deve, — Ellen concordou. — Eu tenho ajuda aqui no resto da casa. E eu vou cuidar dele, você sabe. Ele tem sido como parte da minha própria família durante os últimos três anos.

— Sim — disse Madeline. E então, quando ela tomou um agonizante olhar para trás de seu irmão e puxou o xale sobre a cabeça de novo: — O seu marido? Você já ouviu?

Aparentemente, eles estão todos reunidos em Nivelles e empurrando para Paris .

— É sobre a batalha, então? — Perguntou Ellen. — Sim, eu ouvi. Lorde Eden trouxe a notícia. Ele se foi.

— Para... — Mas Madeline olhou para o rosto de Ellen.

— Ah não. Eu…

— Não! — Ellen falou bruscamente. — Você tem que ir agora. Lady Andrea vai estar à procura de sua ajuda. E eu tenho um menino na outra sala que vai ter chutado seus cobertores até agora. Ele é apenas uma criança. Com medo, uma criança ferida. Vou falar com o cirurgião quando ele vier, por seu braço, está inchado, você sabe e eles vão querer tirá-lo. Mas está limpo, e estou certa que o inchaço vai passar. Vou lutar por seu braço. — Ela riu. — Você acha que eu deveria ter uma espada para lutar?

Madeline tinha virado muito pálida. Mas ela recuou os ombros e sorriu de volta. — Um par de tesouras, talvez? — Disse ela. — E uma expressão muito feroz.

— Vou tentar — disse Ellen, de pé na porta para vê-la levemente descer as escadas. — Vou mandar uma mensagem se houver qualquer mudança, você pode ter certeza.

O menino estava dormindo, não iria perturbá-lo, embora os cobertores estavam torcidos desajeitadamente sobre ele.

Ela ficou ao lado da cama de Lorde Eden e sorriu para os olhos febris.

— Estou aqui, meu querido — ela disse suavemente. — Eu vou banhar seu rosto e virar seu travesseiro. Talvez você ficará mais confortável.

Ele fechou os olhos, quando ela acabou, sentou-se ao lado de sua cama. Ele parecia um pouco mais calmo. Ellen caiu em um cochilo.

O cirurgião chegou na tarde do dia seguinte. Ele era um homem do exército, um soldado que parecia acreditar que, falando alto ele iria penetrar na febre e dor de seus pacientes.

E ainda assim ele não era rude. Ele tirou o curativo com cuidado a partir o braço do rapaz, conversando e rindo em uma aparente tentativa de desviar a atenção do jovem. Mas o menino estava aterrorizado. Ele agarrou descaradamente a mão de Ellen e olhou para o médico com os olhos arregalados.

— Hm, — o cirurgião disse, cutucando e cutucando o braço inchado até que o menino se contorceu e Ellen começou a mudar de ideia sobre a sua gentileza. — Bom o suficiente. Bem, rapaz, não é pútrido, mas bem poderia ser em breve. Nós vamos ter o braço fora, vamos?

— Não — Ellen disse calmamente. — Se a amputação não é ainda necessária, vamos esperar. Vou manter a ferida limpa e coberta e esperar o melhor. A febre já diminuiu consideravelmente.

O cirurgião fez uma careta.

— Tem família, minha Senhora? — Perguntou.

— Não — disse ela. — Mas ele está em minha casa e por enquanto eu fico no lugar de sua mãe.

O homem jogou a cabeça para trás e rugiu com alegria.

— Oh, mãe! — Disse. — Disse o suficiente. Eu sou sábio demais para lutar contra uma mãe. Por que você acha que eu estou com o exército, Senhora? O rapaz vai esperar, não é? Ele pode se arrepender.

— Talvez — disse ela. E virou-se para dobrar os cobertores ao redor do menino enquanto o cirurgião enfaixava seu braço novamente. Ele olhou para ela com olhos apavorados. Ela sorriu e até mesmo piscou para ele.

O cirurgião sacudiu a cabeça quando ele olhou para Lorde Eden. Ele tirou o curativo com cuidado suficiente e olhou atentamente para a ferida.

— Abcesso formando — disse ele e sacudiu a cabeça novamente. — Bem, não podemos amputar este, podemos, Senhora? Portanto, temos nenhum motivo para brigar. — Ele riu muito de sua própria piada. — Febre desagradável. Vou ter que sangrá-lo.

— Será que ele não perdeu bastante sangue? — Perguntou ela.

— Aparentemente não — disse ele. — Ou ele não teria uma febre tão furiosa. Aqui, você pode segurar a tigela para mim.

Lorde Eden, de fato, pareceu mais tranquilo após o sangramento terminado. Mas era pela extrema fraqueza, pensou Ellen. Ela não teve tempo para se preocupar com isso. Ela tinha realizado sua tarefa tão firmemente, ao que parece, que o cirurgião foi enviado com ela para o outro lado da casa para segurar a taça das mãos de uma empregada tremula enquanto ele sangrava a maioria de seus pacientes.

Ele estaria de volta no dia seguinte, se pudesse, ele disse quando saiu da casa. Ele iria sangrar os doentes de novo e ver como que o braço estava indo.

O menino estava chamando por ela quando chegou à porta em seus próprios aposentos.

Lorde Eden se agarrou à vida. Às vezes, teria sido mais fácil se deixar ir. Às vezes, ele queria arranhar o calor e a dor, para fugir, para ser livre. Algo em seu peito sentia como se fosse o inchaço e um inchaço até que ele queria estourar e arremessá-lo em mil direções. E às vezes se esqueceu de quem ele era e de onde ele era e por que estava ali.

Só uma coisa o mantinha preso à vida. Apenas uma pessoa.

Quando voltou a si, ela não estava lá. Ele tentava fechar os olhos, deitado em silêncio até que ela viesse. Às vezes ele se perdeu de novo enquanto esperava. Às vezes, ela vinha correndo, um olhar de preocupação em seu rosto. Às vezes ele não conseguia se lembrar de quem ela era.

Na verdade, na maioria das vezes ele não conseguia se lembrar de quem ela era. Ele não podia colocar um nome para seu rosto. Mas isso não importava. Ele estava seguro quando ela estava lá. Ele estava em paz.

Às vezes, quando ele voltava a si, ela estava sentada ao lado da cama ou segurando sua mão. E sempre sorrindo. Não com alegria. Mas com carinho gentil, como se ele fosse alguém muito especial.

Ele era especial? A ela? Quem era ela? Ele não conseguia se lembrar. Mas isso não importava.

O teto não se moveu para baixo em direção a ele quando ela estava lá. A mobília não se moveu.

— Tudo vai ficar parado agora — ela assegurou a ele, seus dedos frios alisando os cabelos. — Eu estou aqui. Vou ficar com você por um tempo.

Ele poderia fechar os olhos e talvez dormir um pouco. Se alguém levantasse o grande peso do peito. Seria muito pesado para ela para remover? Ela era apenas uma mulher delgada. Era difícil para ele respirar com esse peso em cima dele. Ele estava sufocando.

— Eu vou lavá-lo com um pano frio acima e abaixo da bandagem — disse ela, dobrando o cobertor. — Isso vai ajudar a diminuir o peso. Se sente melhor?

O peso ainda estava lá, deveria ser muito pesado para ela, mas o calor tinha ido. Ele pensou que poderia dormir.

Às vezes, havia uma lâmpada acesa no quarto. Deve ser noite. Não havia nenhum som exceto um relógio em algum lugar. Ela estava dormindo na cadeira ao lado da cama, com a cabeça caída desajeitadamente para o lado. Ela deveria ter deitado em uma cama. Devia estar cansada. Ele estava com sede. Mas ele não diria nada. Ela iria saltar e buscar-lhe uma bebida. Mas ela estava dormindo. Deitou-se e observou-a. Ele foi consolado por sua presença. Era uma brasa viva que estava em seu peito?

Às vezes, ele sabia quem ela era. Ela era Madeline. Ela estava dizendo que ele estaria orgulhoso dela se pudesse ver todo serviço de enfermagem com os feridos .

— E eu não tive um ataque de vapores nem mesmo uma vez, Dom — disse ela. — O pobre tenente Penworth não tem a vontade de viver, eu acho. Mas eu vou cuidar da sua saúde, apesar de si mesmo. Você tem a vontade de viver, Dom. Eu posso ver isso. E você vai ganhar também. Eu sei. Oh, eu sei, homem horrível, você! Como se atreve a me fazer passar por isso! Eu te odeio.

Ele sentiu um sorriso, mas não houve muito esforço envolvido em transferi-lo para o seu rosto.

Enfermagem em feridos?

Às vezes, ela não era Madeline. E ele nem sempre queria que ela fosse. Ela era mais pacífica do que Madeline. Ela nunca chorou, como sua irmã tinha chorado quando estava furiosa com ele. Ela o acalmou. Ela o alimentou com água fria e... O quê? Torrada? Ela veio com os panos frios e as palavras de conforto e as mãos suaves. Mesmo quando machucou o peito, ele aprendeu a cerrar os dentes e resistir. Ele se sentiu melhor depois.

— Eu vou acabar em um momento — ela diria em voz baixa. — Um minuto mais e então você pode descansar novamente.

Ele podia confiar em sua palavra. E ficou falando em torno dele.

— Apagar o fogo.

— Vou abrir mais a porta — ela dizia, — banhar sua testa. Você vai se sentir mais fresco.

— Tire alguns cobertores.

— Vou dobrá-lo de volta para sua cintura — ela diria.

— Está melhor, meu querido?

— Você pode encontrar alguém para levantar este peso de cima de mim?

— Eu vou banhar seus ombros e os braços com água fria — ela diria. — Talvez isso ajude.

— Você está cansada. Você nunca dorme? Como faço para que durma? É noite? Você deve ir para a cama.

— Vou sentar ao lado de você aqui e descansar — ela diria. — A cadeira é muito confortável. Não se preocupe comigo, meu querido. Tente dormir.

Ele estava em chamas. Parecia um carvão em brasa. Mas ele não diria nada para ela. Ela estava fazendo muito. Sempre ocupada. Sempre alegre. Sempre sorrindo.

Quem era ela? Ele não conseguia se lembrar.

Ele se agarrou à vida por ela. Ela fez a vida suportável, apesar de tudo. Apesar do calor e o peso e a sensação de que seu peito iria explodir.

E às vezes não havia Madeline. Mas sempre houve dela.

O cirurgião sangrou-o quatro vezes em dez dias apesar da desaprovação de boca fechada de Ellen. A febre se alastrou e ele enfraqueceu. Ele estava quase constantemente delirante. Tudo o que ele comeu foram torradas mergulhadas no chá fraco.

Depois de duas semanas, estourou o abscesso e a matéria dentro dele fluiu. Ellen estava com ele no momento. Ela gritou para um dos criados da casa e mandou-o para o cirurgião, se o homem pudesse ser encontrado. Mordeu o lábio inferior enquanto ela limpava a ferida. Ele estava gemendo a cada respiração.

Isso já havia acontecido no passado. Seu peito tinha explodido, e a dor esfaqueado, roubando-lhe a respiração e todo o poder de pensar ou mesmo para ver.

Mas o peso foi levantando também. Ela estava debruçada sobre ele e estava tomando a distância. Ela deve ter apagado o fogo e retirado todos os cobertores sufocantes. Sentia-se leve e fresco, preso no lugar apenas pela dor lancinante.

— Senhora Simpson? — Disse.

Ela levantou a cabeça bruscamente do que ela estava fazendo e olhou para o rosto dele.

— Você me conhece? — Disse ela. Ela colocou uma mão fria contra a testa. — A febre foi quebrada. Ele passou com o abcesso.

— Eu estava ferido — disse ele. — Como eu cheguei aqui?

— Você andou até aqui — disse ela. — Com um pouco de ajuda.

— Há quanto tempo? — Onde ele tinha estado? A última coisa que podia se lembrar estava caminhando ao longo de uma estrada enlameada com seus homens. Houve piadas sobre soldados do Hyde Park.

— Você está aqui há duas semanas — disse ela.

Duas semanas? A dor era como uma faca. Mas tal leveza. Ele podia respirar apesar da dor.

— Havia um peso — disse ele, — no meu peito.

— Ele se foi — disse ela. — Você vai se sentir melhor agora.

— Eu vou morrer? — Perguntou. Ele não conseguia manter os olhos abertos. Ele estava caindo na escuridão macia e profunda. Ele não ouviu a resposta dela, mas a mão sobre a testa mais uma vez foi parte da suavidade. Não era uma escuridão a ser temida.

— Hm, — o cirurgião disse, sondando ao redor da área do abscesso explosão com um dedo que Ellen teria gostado de mergulhar em seu tanque de lavar roupa. — Ele é um jovem feliz, eu diria. Talvez ele possa viver depois de tudo. E a febre passou. É a febre que tem sido a grande assassina. Tantos homens bons se foram nas duas últimas semanas, Senhora.

— Ele vai viver? — Perguntou. Ele encolheu os ombros.

— Ele é jovem — disse ele — grande e forte. Vai viver se ele quiser viver. Não é que sou Deus, minha Senhora. Já vi casos piores recuperarem-se. Mantenha-o na torrada e chá. Vou voltar amanhã e sangrá-lo novamente .

Ellen sugou o ar.

— Ele está inconsciente ou dormindo? — Perguntou ela. O cirurgião franziu os lábios.

— Talvez um pouco de ambos — disse ele. — Os homens não dormem adequadamente quando têm febre. Ele provavelmente vai estar morto para o mundo por alguns dias. Figurativamente falando, creio eu.

Ele riu bastante, Ellen olhou ansiosamente para Lorde Eden.

— Sim, ele precisa do sono — disse ela.

— E você também, Senhora, se você não se importa que eu diga — disse o médico, sua maneira de repente gentil. — E você ganhou no caso do menino, não é? Uma cotovelada no meu orgulho profissional, você sabe. Então, o rapaz vai marchar para casa com dois braços. O que aconteceu com ele?

— Alguém veio por ele — disse ela. — Um tenente de seu regimento. Aparentemente, o menino tinha sido um rapaz de valor na casa de seu pai. O tenente estava levou-o de volta para casa. Ele tinha sido ferido também. Um bom final feliz, não ?

— Sim — o cirurgião disse com um suspiro. — Houve uns poucos nestes últimos dias, Senhora. Bom dia para você. Vou passar de novo amanhã.

— Obrigada — disse ela.

Ela sentiu o corpo cansado. Se inclinou sobre Lorde Eden observando que ele ainda estava em um sono tão profundo que a assustava. E então foi buscar cobertores e um travesseiro de um outro quarto e se enrolou no chão ao lado de sua cama. Ela estava dormindo muito antes de seu corpo poder fazer qualquer protesto contra a dureza do chão.

O conde de AMBERLEY encontrou sua esposa e filhos e sua mãe no corredor de sua casa em Londres. Eles estavam retornando de um passeio matutino da tarde no Hyde Park.

— Bem, tigre — disse ele, pegando seu filho, que correu em direção a ele pelo do chão de azulejos — você teve uma boa caminhada?

— Cavalos! — A criança gritou entusiasmada.

— Havia? — Disse o pai. — Muitos deles? E como está a minha princesa? Um grande sorriso para Papa de novo? Sou a favor destes dias. E aqui é Nanny Rey para levá-los de volta para o berçário. Está com sono, tigre? Não, isso foi uma pergunta boba, não? Por que um grande homem como você estaria com sono no meio do dia? Você finge dormir por Nanny enquanto ela adormece Caroline. Veja quanto tempo você pode manter o jogo. Tudo certo?

A criança riu e se retorceu de cócegas. Ele foi logo subindo as escadas à frente de sua babá e do bebê.

Lorde Amberley virou-se para sua esposa e sua mãe com um sorriso. Esta última estava olhando suavemente, ele notou pela primeira vez no mês desde que ele tinha voltado ao lar. E mesmo Alex tinha perdido um pouco de seu frescor.

— Gostariam de entrar na biblioteca por um momento? — Disse. — Estava o parque lotado?

As duas mulheres trocaram olhares enquanto o seguiram pelo corredor até a biblioteca. Nem responderam à sua pergunta. Edmund sempre apenas sorria assim quando ele estava perturbado.

— Dominic? — A Condessa viúva de Amberley perguntou quando um lacaio fechou a porta atrás deles.

— Sente-se, Mama — o conde disse calmamente. — Acabo de receber uma carta de Madeline. Foi escrita há três semanas, se você acredita. Dominic está em Bruxelas. Ele tem um ferimento no peito bastante grave e costelas quebradas, estava com febre alta quando ela escreveu.

A condessa atravessou a sala para seu lado e colocou a mão em seu braço.

— Então ele não está no seu caminho para Paris com o resto do exército — a viúva disse brilhantemente. — E nós temos estado errados em culpá-lo por ser imprudente e não escrever.

— E o silêncio de Madeline é explicado também — disse sua nora. — Tudo tem sido caos. Ela deve ter escrito imediatamente. Então, ela está com ele, Edmund?

— Aparentemente não, — disse ele. — Ele está na Rue de la Montagne com a Senhora Simpson. Madeline não pode deixar Lady Andrea. Parece que a casa foi transformada em um hospital e Madeline tem estado atarefada.

— Mas ele está em boas mãos — disse a condessa. — Você gostaria dela, Mama. Ela é muito charmosa e muita calma e sensata. Será que Madeline disse se o capitão Simpson está bem, Edmund?

— Morreu, eu temo — disse ele.

— Oh. — Sua esposa olhou, aflita, para o rosto dele. — Que terrível. Eles eram tão dedicados.

A condessa viúva levantou-se rapidamente.

— A notícia é de três semanas, Edmund? — Disse ela. — E ele estava gravemente ferido. E febril. A notícia é tão velha.

— Será que você vai encontrá-lo, Edmund? — Perguntou a mulher. — Oh, eu gostaria que tivesse insistido mais para que você ficasse.

— As chances são de que ele está melhor agora e no seu caminho para casa — disse o conde, cobrindo a mão dela com a sua. — Mas, sim, eu acho que eu vou, meu amor, se você não se importar de ser deixada.

— Bobagem! — Disse ela.

— Eu vou também — disse a senhora mais velha, sua voz tremendo bastante perceptível. — Eu deveria ter ido mais cedo na primavera e ficado. Pareceu-me que, se eu permanecesse na sanidade de Londres, tudo ficaria bem. Você deve me levar para Bruxelas, Edmund.

— É uma viagem longa e cansativa para apenas descobrir que talvez ele já saiu, Mama — disse o conde.

— Que seja! — Disse ela. — Mas ele é meu filho, Edmund. Meu filho! Estou indo para ele mesmo se eu tenho que ir sozinha. Preciso ir para casa imediatamente para aprontar-me.

O Conde cruzou o quarto para ela e colocou um braço firmemente sobre os ombros.

— Vamos sair de manhã, Mama — disse ele. — Você e eu juntos. Haverá tempo de sobra para ter suas malas prontas. Eu ordenarei o transporte daqui a pouco para levá-la para casa. Mas primeiro você deve sentar-se e tomar chá com a gente. Certo? Alex já tocou a campainha. E isso é uma ordem do chefe da família, minha querida.

Sua mãe desmoronou contra ele.

— Eu pensei que ficaria aliviada uma vez que soubesse — disse ela. — Não importa que notícia fosse. Mas eu ainda não sei. Três semanas, Edmund. E ele teve uma febre alta.

Ele beijou sua testa e segurou-a perto dele.

— Não, não sufoque suas lágrimas, Mama — disse ele.

— Vou me sentir extremamente tolo comigo mesmo, se você tiver sucesso em controlar as suas. Amanhã vamos estar no nosso caminho. Então pelo menos vamos estar fazendo alguma coisa. E em breve saberemos.

Ele olhou para sua esposa em meio às lágrimas enquanto segurava a cabeça de sua mãe no seu ombro e embalou-a contra ele.

Capítulo 10

Ele ainda estava dormindo quando ela acordou. Foi um sono profundo e tranquilo. Não havia nada do jogar e virar de cabeça, a cor elevada, os murmúrios de que ela havia se acostumado nas duas semanas a cuidar dele. Ele estava dormindo. Ele ia ficar bem novamente. Ellen estava se sentindo dolorida por ter deitado no chão duro. Mas ela não se moveu por um tempo. Ela ficou onde estava e olhou para ele.

Será que ela ainda o acharia bonito se ela fosse vê-lo agora, pela primeira vez? Seu cabelo ondulado normalmente curto não tinha sido lavado em duas semanas, exceto na testa e têmporas com os panos úmidos que ela tinha usado tantas vezes para esfriar seu rosto.

Ele teve um crescimento de duas semanas de barba. E seu rosto estava mais fino. Mesmo o seu braço e mão, atirados para fora em cima das cobertas, eram mais magros.

Mas ele tinha voltado para casa e ela tinha lutado por sua vida. E ele recomeçando a viver. A questão de saber se ele estava bonito ou não era extremamente irrelevante.

Ellen olhou para Lorde Eden por um longo tempo sem se mover. Parecia que ela tinha dormido pela primeira vez em um longo, longo tempo. Ela sentiu revigorada. Houve um amortecimento em algum lugar dentro dela, uma enorme carga que poderia pesar se ela pensasse sobre isso. Mas ela iria ignorá-la por agora. Ainda não era a hora de tirá-la e explorá-la. Ela tinha dormido, sentia alívio e se permitiria recuperar a força e energia antes de olhar muito para dentro de si.

Tinha lavado, trocado-se e estava dobrando o último cobertor que havia coberto o chão quando ela virou a cabeça para encontrá-lo olhando para ela.

— Você está acordado — disse ela.

— Você dormiu aí? — Perguntou. — Deve ter sido muito desconfortável.

— Talvez tenha sido — disse ela. — Mas eu estava dormindo muito profundamente para notar.

Um fantasma de seu velho sorriso brilhou em seu rosto.

— Tenho sido um paciente difícil? — Perguntou. — Lembro-me apenas que a mobília estava andando pela sala. Muito desconcertante, eu lhe garanto.

— Você não tem sido um paciente difícil — disse ela. Ele olhou atentamente para ela por alguns momentos.

— Duas semanas eu estive aqui? — Disse. — Houve outros também? Você parece correr o tempo todo .

— Houve outros — disse ela. — Há ainda na outra parte da casa. Estão todos se recuperando.

Ele fechou os olhos.

— Você não deve falar — disse ela. — Você está muito fraco.

— E terei de ficar aqui dormindo sem dizer nada — disse ele abrindo os olhos novamente. Ele sentiu sua mandíbula. — Ugh! Eu devo parecer como algum tipo de monstro. Posso incomodá-la por um pouco de água e uma toalha, Senhora? E você pode, possivelmente, colocar suas mãos em algum equipamento de barbear?

— Eu vou trazê-los — disse ela, pegando seus cobertores e travesseiros e saindo do quarto. Quando ela voltou com as coisas que ele tinha pedido, pegou seus cobertores para dobrá-los, ela encontrou uma de suas mãos em cada um dos seus pulsos.

— Eu mesmo farei isso — disse ele. — Percebi que na última quinzena você tem cuidado de cada uma das minhas necessidades. E muito me envergonho de pensar sobre isso. Mas não mais, Senhora. Agradeço a você, mas eu vou cuidar das minhas próprias necessidades corporais a partir de agora.

— Você está mais fraco do que pensa — disse ela. — Você vai esgotar-se.

— Então vou dormir depois disso — disse ele. — Eu tenho uma cama confortável para fazê-lo.

Ellen hesitou.

— Estou com uma fome voraz — disse ele. — Você tem alguma comida em casa, minha Senhora? Você tem algum dinheiro? Eu temo não ter nada comigo. Eu?

— O cirurgião disse que irá ter apenas chá e torradas — disse ela. — Eu vou lhe trazer algum. Ele está vindo ainda hoje para sangrá-lo novamente.

— Nem um pouco! — Disse. — Eu me sinto tão fraco como um bebê. Eu não acho que eu posso dar a qualquer cirurgião uma gota de meu sangue. Preciso de tudo, e um bife e alguns legumes, soam bem mais palatáveis do que o chá e torradas.

Ellen sorriu

— Talvez alguns ovos — disse ela. — E um pouco de leite em vez do chá.

Quando ela entrou no quarto de novo, ele estava deitado na cama, com os olhos fechados novamente. Mas ele estava bem barbeado e seu cabelo estava úmido e limpo. Ele estava muito pálido.

— Sinto-me como se eu tivesse feito uma semana de trabalho — disse ele. — Condenação! Esta fraqueza. Perdoe- me, Senhora. Meu cérebro deve estar confuso. Não posso pensar com clareza, usando esse tipo de linguagem na frente de uma Senhora. — Ele não abriu os olhos.

— Você deve dormir — disse ela, cruzando a sala e colocando os dedos de luz contra a testa. Mas foi bem. — Você deve comer quando você acordar de novo.

— Você não pode saber o quão tentadora a sua sugestão é, minha Senhora — disse ele. — Mas eu preciso comer, senão eu nunca levantarei desta cama sem estar perto de desmaiar.

— Vou buscar a bandeja então — disse ela. — Está tudo pronto.

No momento em que ela voltou, ele conseguira arrastar-se em uma posição semi-sentada, com dois travesseiros atrás dele. Ele sentiu como se fosse gritar com a dor e fraqueza por causa do esforço. Ele cerrou os dentes e sorriu para ela, ovos cozidos nunca pareceram tão apetitosos, pensou. Dois deles com dois pedaços de torrada e um grande copo de leite. Ele pensou que provavelmente poderia comer o prato e o copo também.

— O bife para o jantar? — Perguntou.

— Vou ver o que o cirurgião diz — disse ela.

Ele continuou a falar com ela enquanto comia. Ela ficou ao lado da cama por um tempo, as mãos cruzadas na frente e então se sentou e observou-o em silêncio.

Como ela tinha feito para as duas semanas anteriores. Ele podia se lembrar disso também. E seu rosto se inclinou sobre a dele. Sempre acalmando-o. Ele não conseguia se lembrar muito bem como. Ele não conseguia se lembrar de tudo o que ela tinha feito por ele. Mas não parecia haver nenhum criado na casa. Ela deve ter feito tudo.

E mesmo que seu cabelo tenha ficado sem lavar e sua barba com o crescimento de duas semanas, o resto dele estava perfeitamente limpo, ele havia descoberto quando ele tinha se lavado, incluindo o curativo e sua grande camisola.

Ele devia tudo a ela. E estava envergonhado, constrangido. Eles estavam sozinhos em seu quarto, tanto quanto ele poderia dizer.

Ela era bonita. Ele deveria ter notado isso antes. Estava pálida e magra. Havia sombras escuras abaixo de seus olhos. E os próprios olhos estavam cansados. Mas era linda. E ela não deveria ser mais velha que ele. Não deveria ter que cuidar dele.

Ele tinha sido inteiramente dependente dela por duas semanas. Ela tinha falado com ele. Lembrou-se agora. Sua voz suave e carinhosa. Ele ainda podia ouvi-la, embora não pudesse ouvir quaisquer palavras que ela havia dito. Lembrava o seu sono na cadeira em que ela agora estava sentada.

O que ele estava fazendo lá? Por que lá em particular? Madeline ainda estava em Bruxelas.

Sra Simpson tinha enviado uma mensagem para ela na noite anterior, depois que sua febre cedeu, ela lhe disse. Por que ele não estava com Madeline? Ele estava prestes a perguntar mas, algo o deteve. Tinha havido uma razão. Ele não conseguia lembrar o quê. Ele não queria se lembrar. Ainda não. Ele precisava de sua força de volta antes para poder lidar com essa memória.

— Danação! — Disse ele, olhando para a bandeja e percebendo que tanto o prato e copo estavam vazios. — Eu nunca me senti tão cansado na minha vida. Será que você me deu uma poção para dormir, minha Senhora? — Ele estava ciente de um bocejo barulhento e deselegante, que supostamente veio de sua própria boca.

— Não — disse ela. — É que seu corpo tem um pouco mais de juízo do que você, creio eu.

A bandeja tinha desaparecido de suas mãos. Houve um braço por trás de seus ombros e quando ele relaxou de volta, seus travesseiros estavam planos na cama novamente. Frescos e confortáveis. E a mão em sua testa estava leve e fresca. Ele suspirou com contentamento.

— Mãos mágicas — ele murmurou e se deixou cair em um sono profundo e bem-vindo.

Lorde Eden ainda estava dormindo quando sua gêmea chegou durante a tarde, apressada e sem fôlego.

— Você deve pensar que eu não me importo — ela disse a Ellen. — Eu chorei tanto quando recebi sua carta ontem à noite que, Lady Andrea inconformada lançou um discurso sobre como Dom estava melhor, que o sofrimento era desnecessário. E eu chorava e ria durante

toda a noite. Eu teria chegado mais cedo esta manhã, mas o tenente Penworth precisava de mim novamente. O pobre homem. Ele não tem vontade de viver, e ninguém pode fazer nada por ele, só eu. Se recusa a comer ou beber ou até mesmo mover-se para qualquer outra pessoa. Ele precisava de mim esta manhã. Sua perna estava doendo de novo, ou melhor, o coto de sua pobre perna. Eu sabia que Dom estava fora de perigo e em boas mãos. Estou tagarelando, não estou? — Ela começou a chorar.

Ellen colocou os braços sobre ela e a abraçou.

— Sim, ele vai viver — disse ela. — E só depois de um longo período de ansiedade é que nós percebemos a pressão a que estamos submetidas. Nunca duvidei sua devoção ao seu irmão. Nem por um momento. Ele está dormindo. Vá vê-lo.

— Você barbeou-o — disse Madeline com uma risada quando ela voltou para fora do quarto. — E não cortou o queixo uma vez sequer. Como você é esperta.

— Eu não estava autorizada a fazer nada por ele nesta manhã, exceto trazer uma bandeja de comida — disse Ellen. — Se ele tivesse sua espada ao seu lado, eu acredito que ele teria me ameaçado com isso.

Madeline riu novamente.

— Oh, você faz bem ao meu coração — disse ela. — Querido Dom. E eu suponho que ele estava exigindo rins e cerveja no café da manhã?

— Bife e batatas, na verdade — disse Ellen.

Ambas as mulheres riram e se sentiram estranhas, como se estivessem realizando alguma habilidade há muito esquecida. Elas olharam uma para o outra, embaraçadas e ambas acabaram com lágrimas nos olhos.

— Eu gostaria que o tenente Penworth rugisse com tal descontentamento — disse Madeline. — Oh, eu gostaria disso. Mas, em seguida, suas lesões são, em muitos aspectos piores do que as de Dom, embora eu não acredite que ele esteve tão perto da morte. Ele tem que aprender a viver sem uma perna e um olho. Ele terá que levar mais tempo, não é?

— Ele tem a sorte de ter alguém que está disposto a gastar seu tempo e simpatia com ele — disse Ellen com um sorriso.

— E Dom tem sorte — disse Madeline. — Mas eu não posso deixar de sentir que estamos impondo-o agora, Senhora Simpson. Talvez você gostasse de estar livre para sair daqui. Devo tomar providências para que ele mude-se para Lady Andrea? Estou certa de que ela não irá se importar. Eu estava esperando alguma notícia de Edmund, da Inglaterra por agora, mas ainda não há nada. Suponho que as mensagens foram interrompidas nas últimas duas semanas.

— Eu não tenho planos — disse Ellen. — Não gostaria Lorde Eden se mudasse antes que ele tivesse recuperado parte de sua força. Por favor, deixe-o aqui. — Sua voz tremeu um pouco.

— Eu acredito que eu preciso de algo para me manter ocupada por um tempo ainda.
Madeline mordeu o lábio e desviou o olhar.

— Sim, claro — disse ela. — Vou deixá-lo aqui, então. E obrigada. você vai dizer a Dom que eu vim? O tenente estava dormindo quando saí, mas ele não dorme por muito tempo. Ele vai precisar de mim novamente. Virei novamente amanhã se eu puder.

Mad saiu correndo novamente logo depois, ansiosa para voltar ao seu paciente principal.

Ela se sentiu muito triste por ele. Ele era muito jovem para ter perdido os seus olhares e sua aptidão. Ele tinha sido um jovem vigoroso que tinha desfrutado de exercício e atividade ao ar livre mais do que qualquer coisa. Tentou imaginar a mesma coisa acontecendo com Dom, e ela sabia que ele preferiria estar morto. Como o tenente Penworth faria. Ele tinha dito a ela aquilo mais de uma vez.

Ele precisava dela agora. Ela era a única pessoa que ele iria responder, a única que ele iria ouvir. Ela se sentou ao lado da cama, por uma hora ou mais, tagarelando sobre sua infância, sua adolescência, Amberley, as estranhas circunstâncias que juntaram Edmund e Alexandra, qualquer coisa que ela poderia pensar para distrair seus pensamentos por alguns minutos. E falar era algo em que ela sempre tinha sido boa.

Parecia maravilhoso ser necessária. Embora ela muitas vezes preferisse que o tenente não tivesse sido ferido, mas já que ele tinha, ela estava contente que o acaso o tinha trazido para a casa de Lady Andrea. Pelo menos, uma finalidade tinha sido dada a sua vida.
muitas semanas, talvez meses, antes que ele estivesse apto a voltar para a Inglaterra. Nesse meio tempo, ela ficaria com ele.

Lady Andrea não tinha a intenção de sair de Bruxelas, enquanto o marido estava com o exército em Paris, de qualquer maneira.

Ela mesma não tinha nenhum motivo para voltar a Inglaterra. Mesmo quando Dom estivesse bem o suficiente para viajar, ele teria Mama e Edmund. Ela não seria essencial para ele. Aqui ela seria necessária, talvez para o resto do verão.

E era bom ser necessária.

Ela se perguntou por que Edmund não tinha escrito. Se ele tinha recebido qualquer uma das três cartas que ela tinha enviado. Mas isso não importava. Dom estava seguro.

Ela estava tão ocupada, tinha muito pouco tempo para se preocupar com a família e casa.

Lorde Eden fez um esforço ao longo dos próximos dias para recuperar um pouco de sua saúde e força. O ferimento no peito estava curando bem agora que o abcesso tinha sido rompido, e suas costelas estavam juntas novamente. Mas ainda havia uma quantidade irritante de dor. Ele não podia se mover sem pestanejar ou cerrar os dentes.

Ficou estarrecido com sua própria fraqueza. Só o esforço de ficar em pé para se lavar no período da manhã esgotara-o. Não podia andar sem se apoiar pesadamente no ombro de Ellen, e os dez passos para a porta do quarto e volta foram quase além de sua resistência.

Depois de sentar-se na cama para uma refeição ele iria deslizar com gratidão de volta a posição deitada novamente. Ele parecia estar dormindo todo o tempo.

Ele ofendeu o médico na tarde depois de seu abscesso estourar por simplesmente se recusar a ser sangrado, e acrescentou insulto à injúria, rindo do homem ultrajado, quando ele se virou para a Senhora Simpson e recomendou a continuidade da dieta de pão embebido em chá fraco para mais duas semanas, pelo menos.

O cirurgião lavou suas mãos e não retornou após.

Ele decididamente comia o que fosse colocado na frente dele, e várias vezes pediria mais, se não tivesse tido a desconfortável sensação de que ele estava vivendo da caridade da Sra. Simpson. Ela não tinha respondido a sua pergunta sobre se tinha algum dinheiro ou não.

Ele não tinha ideia de onde suas roupas e equipamento estavam. Seu casaco, pelo menos, ele supôs, deveria estar esfarrapado se a aparência do seu peito servia de indicação.

Mas ele não se preocupou muito sobre qualquer coisa, exceto recuperar sua força. Esses dias pareciam quase suspensos além do tempo, e ele não tinha certeza de que desejava o dia em que estaria pronto para sair do quarto e voltar à vida normal.

Eles estavam sozinhos juntos. Apenas uma vez, na manhã seguinte de sua volta a consciência, um criado apareceu de outra parte da casa, para ficar com ele, enquanto ela saiu, presumivelmente para comprar mais provisões.

Ele disse a ela depois que se sentiu decididamente desconfortável com o homem de pé silenciosamente ao lado da porta do quarto de dormir, como um carcereiro grande e sem humor. Ela riu e deixou-o sozinho depois disso, durante os poucos momentos quando ela estava fora do quarto.

Madeline, é claro, fez visitas tumultuadas a cada dois dias.

Na maioria das vezes, porém, ele e Sra Simpson estavam sozinhos juntos. Mas a sua autoconsciência desapareceu após o primeiro dia, uma vez que ele tinha voltado a cuidar de suas próprias necessidades corporais.

Ele encontrou uma companheira alegre e gentil. Ela passou a maior parte de seus dias na sala com ele, sentada calmamente costurando maior parte do tempo.

Eles falaram. Contou-lhe a pedido dela, sobre sua infância e todos os numerosos arranhões que ele e Madeline tinha constantemente. Ela até disse a ele algo de sua própria infância, feliz, ela afirmou.

O homem que ela tinha chamado pai, tinha sido sempre gentil com ela, embora, com o passar dos anos tinha visto cada vez menos ele, e às vezes, quando vinha, tinha sido em seus termos. Ele nunca a tinha maltratado até então, mas não tinha gostado de seus olhos brilhantes, o cheiro de bebida em seu hálito. Sua mãe sempre tinha sido uma linda e vivaz presença, raramente vista, admirada e adorada a distância.

— Agora, olhando para trás, de um ponto de vista adulto, eu posso perceber o quanto era uma família infeliz — disse ela calmamente, costurando em seu bordado. — As crianças, muito prontamente aceitam quase qualquer tipo de vida como normal. Eu costumava odiar ao ouvi-los brigar, mas eu não ouvia tão frequentemente. Diga-me mais sobre seus próprios pais. Deve ter sido terrível perder o seu pai quando se tem apenas doze anos.

E assim ele falou, e às vezes até mesmo trouxe um sorriso aos seus olhos e um sorriso aos lábios.

Mas eles nem sempre falavam. Às vezes, ela sentava-se calmamente, com a cabeça inclinada para o seu trabalho e ele observava-a até adormecer. E às vezes abria os olhos e encontrava-a sentada olhando para ele.

Deveria ter sido embaraçoso, os silêncios, a reunião dos olhos em uma sala silenciosa em uma casa vazia. Mas não foi assim. De modo nenhum. Às vezes seus olhos se prendiam por alguns segundos antes de um deles dizer algo ou sorrir, antes de ele fechar os olhos. Nunca houve qualquer sensação de desconforto.

Ela era uma mulher incrivelmente forte para alguém tão esguio e de não mais do que a altura média. Ela nunca tropeçou, embora ele se apoiou pesadamente sobre ela no início, quando ele andava. E ela podia tomar muito do seu peso em seu braço quando ele se sentava na cama ou se deitava, de modo que não teria que colocar tanta pressão sobre seus músculos do peito.

Muitas vezes, quando ela pensou que ele dormia, ele ouvira o farfalhar das saias e sentia o frescor de sua mão em sua testa, verificando se havia um retorno de febre. Ele nunca iria mostrar a ela nesses momentos que não estava dormindo. Ele gostava da proximidade dela, o toque dela.

Cinco dias após o fim de sua febre, ele acordou uma noite ao som de sua própria voz. Ele estava sentado na cama, a dor de suas costelas apenas penetrava em sua consciência, roubando-lhe a respiração. Ele estava frio de terror.

Ellen estava dormindo no quarto de Jennifer, como fazia todas as noites, as portas abertas para que ela pudesse ouvi-lo se ele chamasse. Ele tinha gritado várias vezes seguidas e ela tinha vindo correndo.

— O que é isso? — Disse ela. Ela se inclinou em direção a ele na escuridão, uma mão em seu ombro. — Há algo de errado?

— Deus! — Disse, ofegante através de sua dor. — Deus!

— Foi um pesadelo? — Perguntou ela. A outra mão estava fria na testa.

— Deus! — Disse ele novamente. Ele estava curvado, olhos mortos com todo o inferno caindo frouxamente sobre ele. — Sim, um pesadelo.

— Está tudo certo agora — ela disse gentilmente.

Ela o ajudou a deitar-se de novo e alisou o cabelo para trás da testa. Estava inclinada sobre ele, uma jovem magra com um xale jogado sobre sua camisola branca e cabelos claros caindo para a frente em ambos os lados do rosto e nos ombros. Ele podia vê-la claramente, seus olhos estavam acostumados à escuridão.

Ele sentiu-se instantaneamente consolado.

— Eu acordei você — disse ele. — Sinto muito.

— Você não precisa se desculpar — disse ela. Ela estava acariciando seu rosto com a ponta dos dedos. Ela tinha feito isso antes. Ele podia se lembrar. — Você gostaria que eu me sentasse com você por um tempo?

Ele balançou sua cabeça.

— Eu tenho ocupado você por tempo suficiente — disse ele. Não percebeu que tinha levantado a mão, até que se viu colocar um lado de seu cabelo para trás, por cima do ombro. Ele tocou as costas de seus dedos em sua bochecha. pele macia e quente.

Ela não se moveu. Seus dedos estavam quentes e suave em sua bochecha.

— Ellen — ele sussurrou.

Nenhum deles sabia depois, se ele puxou sua cabeça para baixo ou se ela trouxe para baixo por vontade própria, ou se talvez ambos se mexeram com essa estranha união que tinha crescido entre eles nos últimos dias. No entanto, suas bocas se encontraram. Juntas. E abriram, acariciaram e exploraram. E um de seus braços se moveu ao redor de seus ombros e a outra

mão para a parte de trás de sua cabeça. Suas mãos estavam sobre o travesseiro em ambos os lados de sua cabeça. Seus pulsos descansaram contra seus ombros.

O cabelo sedoso e grosso. O cheiro dela que ele tinha reconhecido por semanas. A beleza, o calor e a suavidade dela. A gentileza, a doçura e a feminilidade dela.

— Ellen — Sua mão estava nos botões na frente da camisola e ela levantou seus braços para ajudá-lo. Ela não o estava parando. Ela estava ajudando-o, encorajando-o.

— Ellen.

Ele empurrou a roupa longe de seus ombros para os braços e tomou seus seios em suas mãos. Completa e firme. Suave e sedosa. Mamilos já tensos. Para ele. Ela queria-o.

Ela queria ele. Suas mãos estavam quentes e suaves, como ela sabia que seriam. Ele sabia onde tocá-la. Como tocá-la. Seus polegares roçaram os picos de seus seios, criando uma doce agonia que subiu em sua garganta e em espiral para baixo em seu ventre.

— Ellen. — Ele estava olhando para as sombras de seus olhos.

Ela tinha levantado-se por toda a extensão de seus braços, mas não fez nenhuma tentativa de cobrir-se ou afastar-se dele. Ele estendeu-se, levantando as roupas de cama e puxou-as para o lado. Ela olhou e levantou-se ao lado da cama, contorceu os ombros de modo que a camisola deslizou para baixo dos braços e caiu longe dela completamente, e ela aceitou e subiu na cama ao lado dele. Ele se cobriu com o lençol e virou para o lado, mordendo o lábio quando fez isso.

Ele podia sentir o calor dela tão logo ele tocou, o toque dela, a ânsia de encontrar sua boca na escuridão. Ela estava quente, macia, bem torneadas. Ansiosa para ele. Não com a ânsia fingida das inúmeras cortesãs com quem havia permanecido no passado, mas com a ânsia quente de uma mulher com seu amante.

Ela veio a ele, colocou-se contra ele, sentiu o comprimento quente de seus membros, sentiu os braços junto dela, sua boca estendendo para a dela. E não havia nenhum pensamento a reter. Ela entregou-se totalmente e ansiosamente. Isso era o que ela queria. O que ela sempre quis. Ela sempre o desejou. Sempre o amou. E havia uma enorme ferida em algum lugar que ele iria aliviar para ela. Que ele iria tirar.

Ele cobriu a boca com a sua e traçou os lábios com a língua antes de mergulhar na quente e úmida cavidade. Ela era bonita. Toda mulher. Toda uma mulher ansiosa e quente. Ansiosa e quente para ele. Rendendo-se a ele.

E ele a queria. Deus, ele a queria. Queria ela por dias. Por semanas. Toda a vida dele. Ele sempre a quis. Sempre procurou por ela. Apenas ela. Ele pegou fogo.

E virou-se na cama. E rolou pesadamente em cima dela e ficou imóvel, até que ele pode ter a dor sob controle. Ele não poderia levantar o seu peso para longe dela. Ele foi forçado a esmagá-la contra o colchão. Mas ela não se queixou. Ela colocou os braços sobre ele, abriu-se a ele, levantando os joelhos para os quadris, levantando o rosto para ele novamente.

— Ellen. — Ele a beijou, profundamente, moveu as mãos para baixo, descendo além de seus seios até a cintura fina, sobre a curva feminina dos quadris. E abaixo dela. Ela o abraçou com suas coxas. Ele encontrou-a na escuridão a entrada dela, escondeu o rosto na maciez suave de seus cabelos e empurrou-se para o calor profundo bendito do seu corpo.

Ambos arfaram.

— Dominic. Dominic.

Suas mãos estavam passeando sobre suas costas, acima e abaixo das ataduras, e ela inclinou-se para encontrá-lo, moveu contra ele e com ele, quando ele cerrou os dentes e fechou os olhos com muito rigor e controle de si mesmo.

— Sim. Oh, por favor. Sim.

— Ellen. Tão bonita. Oh meu amor.

— Sim. Dominic. Oh, por favor. Por favor.

Eles encontraram um ritmo juntos, ele moveu as mãos para o cabelo dela e tomou sua boca novamente.

— E isto. — Oh, sim, isso. Dominic. Ele amou-a e ela a ele. Foi como tinha de ser. Como sempre tinha que ser. Dominic amá-la e ela amá-lo. Nada retido. Dar e receber. Juntos. Amorosamente. Sim. Oh, isso. Certamente uma parte dela sempre soube.

Ele virou o rosto em seu cabelo novamente e dirigiu nela até que ele se perdeu, muito antes ele a queria, e muito antes ele tinha certeza que ela estava pronta.

Ele levou tudo o que ela tinha para dar e deu-lhe tudo de si até que ele estava latejante, todo seu peso pressionando sobre ela.

Ele rolou para longe dela, mordendo com força em ambos os lábios para que ela não ouvisse sua dor, mantendo um braço sob sua cabeça. Ele puxou as cobertas tão bem quanto possível em torno deles e olhou para ela. Seus olhos estavam abertos, ele podia ver.

— Eu esmaguei você? — Ele perguntou, colocando o cabelo para trás por cima do ombro com a mão livre.

— Não. — Ela traçou a linha de seu lábio inferior com um dedo luz e, em seguida, fechou os olhos.

Houve uma confusão. Um vazio. A decepção. Ela não estava pronta para deixá-lo ir. E ainda havia uma euforia. Um brilho quente. A satisfação. Ele era seu amante. Ele a amava. Ele tinha estado dentro dela. Havia ainda o pulsar, a dor de onde ele tinha estado. E seus braços ainda a seguravam. Ela respirava o calor dele.

E o amava.

Ela dormiu quase imediatamente. Ele poderia dizer a partir da regularidade da sua respiração. Ele estava respirando superficialmente, esperando a dor diminuir, sabendo que deveria acontecer, eventualmente, se ele ficasse imóvel.

E ele a observava enquanto isso, maravilhado. Admirava a si mesmo que ele não tinha reconhecido até aquela noite.

Ele a conhecia há muito tempo, tinha gostado dela, a respeitava, admirava. Mesmo sentindo uma atração relutante. Mas não tinha reconhecido. Durante três semanas, enquanto ele tinha estado nesta cama, ele tinha chegado a depender dela, para se sentir confortado e feliz apenas quando ela estava lá. E ainda assim ele não tinha reconhecido.

Por dias, ele havia caminhado mais perto dela, sentiu a beleza, a doçura e a força de sua pessoa, sabia que não queria que estes dias terminassem. Mas ele ainda não a tinha reconhecido.

Ele tinha procurado por ela durante anos. E ele tinha persistido em olhar para ela em mulheres jovens que eram frágeis e precisavam de sua proteção. Mas ela era forte e tinha protegido a ele com a sua proteção. E ela não era garota. Ele simplesmente não tinha reconhecido.

Mas aqui estava ela de qualquer maneira, nesta cama, em seus braços, morna de sua vida amorosa. A mulher de sua vida. O amor da sua vida. Ellen.

Ele testou uma respiração um pouco mais profunda. A dor estava recuando.

Ela sempre foi tão apaixonada? Se ela tivesse sido assim com Charlie?

Não, não, não, não. Não! Lorde Eden descobriu que ele estava balançando a cabeça de um lado para o outro na cama e cerrando os dentes. Ainda não. Não esse nome. Ainda não. Ele não estava pronto ainda.

Ele olhou para Ellen e sabia além de qualquer dúvida de que esta não era uma breve paixão pra ele. Ele a amava. Ela tinha acabado de dar tudo, sem demanda, por nada em troca. Mas ele daria qualquer maneira tudo de si. Tudo o que ele tinha. Foi tudo dela. Ele tinha procurado toda a sua vida por ela. Agora que a tinha encontrado, tudo o que tinha, tudo o que ele era, era dela.

Ellen.

Sua dor tinha ido. Suas pernas nuas estavam quentes e suaves contra o seu próprio corpo. Ele podia cheirar sua fragrância novamente. Ele se sentiu muito, muito bem.

Ele fechou os olhos.

Capítulo 11

Madeline veio visitar três vezes. Ellen aproveitou e saiu pela manhã para comprar comida e ter um pouco de ar fresco e exercício, uma vez ela foi se despedir da Sra Byng, que estava indo se juntar ao marido em Paris. Mas, além disso, eles ficaram sozinhos por seis dias.

Seis dias e noites de magia que ambos sabiam que deveria chegar a um fim, mas não queriam que acabasse. Seis dias durante os quais ambos deixaram na baía os assuntos que deveriam ser enfrentados em breve. Seis dias de maravilha e de amor.
Ellen tinha acordado durante a primeira noite e saiu da cama e do quarto sem acordá-lo. Ela tinha ficado acordada até de madrugada, nem mesmo tentando dormir, não querendo dormir. Havia muita admiração para sentir.

Ele ainda estava dormindo na manhã seguinte, quando ela criou coragem para pegar água morna e as coisas de barbear para ele. Mas foi preciso muito mais coragem para voltar com a bandeja de seu pequeno-almoço.
Podia ouvi-lo movendo-se em seu quarto. E ela não sabia como ela deveria se comportar quando, o que deveria dizer.
Ela não precisava ter se preocupado. Ele estava deitado na cama de novo, e ele a viu entrar na sala, como sempre fazia, e ele sorriu como ele sempre fez e deu-lhe bom dia.
Ele sentou-se sem a ajuda dela, cerrando os dentes para que ela não soubesse que estava com dor, fez cara de tolo para acreditar que ela não sabia. A única coisa diferente do habitual era que quando ela colocou a bandeja em seu colo, ele pegou sua mão e levou-a aos lábios, beijou a palma da mão, e sorriu para ela. Ela se inclinou para frente, sem qualquer pensamento e beijou-o rapidamente nos lábios.

Eles não disseram nada além do usual. Ela sentou-se enquanto ele comeu, e disse-lhe algumas das fofocas que ouvira no mercado naquela manhã, disse que, sim, havia mais rins na panela e ele poderia tê-los, uma vez que toda a comida que ele tinha colocado dentro de si na última semana ainda não o tinha matado. Como podia sequer pensar em comer rins para o pequeno almoço?
Durante seis dias, eles viveram tanto quanto eles tinham vivido antes, exceto que a cada dia ele se sentou e caminhou um pouco mais, embora a cada dia, ele brigasse ferozmente com sua própria fraqueza e sua necessidade aparentemente insaciável do sono.

Ellen sentava com ele todos os dias, costurando enquanto ele descansava ou dormia, esperando para pular e correr em seu auxílio quando ele chamava, falou e ouviu incansavelmente quando se sentou ou ficou acordado.
Ela escutou com avidez as histórias de sua infância e adolescência, uma época de grande liberdade e felicidade, ao que parecia, exceto para a grande mancha da morte de seu pai e do quase-colapso de sua mãe no ano seguinte.

Ela contou sobre sua própria infância, mesmo até a dor da briga terrível final, a qual sua mãe tinha deixado-a e não voltou. E durante o qual ela havia dito a seu marido que Ellen não era sua filha.
Talvez ela nunca teria sabido, se o pai, o conde, não tivesse bebido na época, se não tivesse vindo chorando para ela e passou a semana seguinte bebendo e chorando e implorando-lhe para não deixá-lo, mas para ser sua filha de qualquer maneira. Mas ela tinha deixado.
Seu pai, seu verdadeiro pai, tinha sido um conhecido da família há anos. Ele tinha estado em Londres na época, sobre a licença do exército. Ela tinha ido a ele e convencido- o a levá-la com ele quando saiu novamente. Ele nunca tinha sido grosseiro com ela. Sempre tinha a certeza de que ela tinha o melhor dos cuidados e todas as roupas e pertences necessários. Tinha feito um esforço para passar algum tempo com ela e para mostrar sua afeição. Mas tinha sido difícil para ambos, de repente, desempenhar o papel de pai e filha depois de tantos anos.
Eles nunca tiveram suas histórias mais perto do presente do que isso. Nenhum deles contou histórias do presente ou de um passado recente. Mas o passado muito tempo atrás era seguro. E deixou-os mais próximos. Eles vieram a conhecer melhor um ao outro, gostar mais um do outro.
Às vezes, ele segurava a mão dela, quando ela se sentava ao lado de sua cama. E às vezes, levava aos lábios e
beijava seus dedos, um por um. Às vezes, eles sorriam com os olhos um do outro e deixavam seus olhos sobre o rosto um do outro. E nunca com vergonha. Ellen ainda perguntou-se sobre isso quando ela estava sozinha. Normalmente era desconfortável olhar para alguém sem falar. Mas, ela nunca se sentiu desconfortável com o Lorde Eden, não importa quanto tempo durasse o silêncio.
Ela chamou-o "Lorde— a maior parte do tempo, embora ele sempre a chamasse agora por seu primeiro nome. Ela o chamou "Dominic— quando estavam fazendo amor. E eles fizeram amor todas as noites depois da primeira. Ela não sabia bem o que fazer na noite seguinte, mas ele chamou-a enquanto ela estava colocando a lâmpada na sala, ela foi para ele e parecia perfeitamente natural para ela subir na cama ao lado dele.
Ela ficou com ele durante toda a noite depois da primeira vez. E depois que a primeira vez foi verdadeiramente bela. Ele tomou-a devagar e pareceu sentir em cada fase, quando ela estava pronto para passar para a próxima. Na segunda noite e todas as noites depois que ela veio a ele, tremendo e chamando o nome dele, enquanto ele ainda se movia dentro dela.
Ela não sabia que poderia haver tanta paixão física, tal anseio indistinguível da dor, tal paz além da crista do seu desejo. Ela nunca tinha experimentado verdadeira paixão antes. E, no entanto, embora as sensações físicas foram intensamente íntimas, houve uma reunião muito forte de almas e emoções. Era verdade que o homem e a mulher poderiam se tornar um. Ela sempre foi mais intensamente consciente disso quando ela estava liberando seu próprio prazer e quando ele estava chegando ao seu.
Ela amava-o totalmente. Ela sentia aborrecida se olhasse profundamente, a noite toda depois de fazer amor. Ela gostava de ficar acordada e vê-lo dormindo ao lado dela. Ela gostava de sentir seu amor por ele quase como uma dor dela. E ela gostava de sentir o calor de seu corpo, para saber que ela poderia chegar e tocá-lo, de que ela poderia acordá-lo e saber que seus olhos iriam incidir sobre ela com um sorriso.

Amava-o com uma totalidade que só poderia vir da irrealidade do momento. Porque era irreal. E, às vezes, antes que ela firmemente fechasse sua mente, ela sabia que era irreal, que havia um mundo além de suas portas, e que por causa de sua humanidade eram parte desse mundo e em algum momento deveriam ir de volta para ele novamente. Mas ainda não. Oh, por favor, ainda não. Ela precisava desse tempo fora do tempo. Ela precisava dele. Ela o amava.

E Lorde Eden, frustrado por sua grande fraqueza e a lentidão de sua recuperação, foi, no entanto, vivendo em um tempo encantado. Ele tinha estado apaixonado antes, constantemente, rotineiramente, como um homem mais jovem. Dolorosamente apaixonado, vivendo para uma visão diária de sua amada, ansiando por um olhar de bondade de seus olhos. Mas ele nunca tinha amado, ele percebeu agora; ele tinha apenas jogado com sentimento.

Ele amava Ellen Simpson. Ele não achava que ele jamais poderia terminar de olhar para ela, de assistir a ela fazendo alguma tarefa comum, como a costura, de ouvir sua conversa e descobrir seu passado e seu fundo, de falar com ela e observar suas mudanças de expressões que mostravam de seu interesse por ele.

Ele nunca poderia ter o seu fim de amá-la, de fazer amor com ela. Foi uma experiência inebriante, uma experiência totalmente erótica, fazer amor com uma mulher como ela. E bastante inesperado. Ele nunca tinha pensado em tal coisa, nunca tinha esperado ainda do seu sonho de amor. Para descobrir que Ellen queria ele, queimava por ele, pediu-lhe para lhe dar satisfação e mostrou que a sua satisfação com um prazer bastante desinibido, mais do que duplicou o seu próprio deleite nela. Ele não podia imaginar agora que ele nunca tinha conhecido que poderia ser tão amoroso.

Ele a amava. Foi por ela que ele lavou-se e barbeou-se, comeu e bebeu, andou laboriosa e dolorosamente ao redor e em torno de seu quarto de dormir e eventualmente, saiu para a sala. Ele iria esgotar-se, causar-se dor desnecessária e falta de ar, mas ele iria ficar bem para ela. Ele iria recuperar sua força. E quando chegasse o tempo em que ele poderia se aventurar além desses quartos e obter sua vida de volta com alguma normalidade... Ele não gostava de pensar sobre o tempo, então ele iria aprender a amá-la de forma diferente, em vez de um presente mágico todos os dias.

Ele iria vender sua patente do exército e se casar com ela e levá-la para Wiltshire com ele e se instalar na casa que ele nunca tinha realmente feito sua. E ele teria filhos com ela e passaria a vida restaurando sua fé na felicidade e estabilidade da vida familiar. Mama iria amá-la, poderia

Alguém não? Ele pensou que Edmund e Madeline já gostavam dela excessivamente.

Ele não disse nada para ela. Por consentimento tácito, nenhum dos dois falou nada sobre o futuro ou sobre o passado presente ou imediato além do refúgio de seus quartos. Eles viveram o seu amor, mas eles não falaram apenas em palavras de amor murmuradas enquanto estavam entrelaçados na cama, palavras que nenhum deles se lembrava depois.

Ele estava deitado segurando a mão dela uma tarde. Eles tinham caído tranquilamente em silêncio depois de falar por um tempo. Ele sentiu-se sonolento e fechou os olhos. Mas apertou a mão dela e puxou-a ligeiramente.

— Deite-se ao meu lado — disse ele.

— As portas estão abertas — disse ela, apertando a mão dele em troca. — E é a luz do dia.

Ele abriu os olhos e sorriu sonolento para ela.

— Só por cima das mantas — disse ele. — Eu quero sentir sua cabeça no meu braço. Você resgata um pobre soldado ferido e indefeso e não vai ajudá-lo adormecer?
Ela riu.

— A descrição não vai servi-lo por muito mais tempo — disse ela. — Você vai, em breve, estar tão bem quanto eu, Lorde... Só por um pouco de tempo, então.
Ele se virou para o lado e esticou o braço ao longo debaixo do travesseiro. Ela se acomodou seu pescoço confortavelmente contra ele e sorriu.

— O cirurgião nunca recomendou esta terapia como adequada — disse ela.

— O velho charlatão não sabia o que ele estava falando — disse ele. — Ele teria me sangrado até estar seco, e eu ainda estaria assistindo o guarda-roupa realizando um *pas de deux* com o lavatório no pé da minha cama. Eu prefiro esse tratamento. Você não gostaria de se juntar a mim embaixo das cobertas, suponho? É acolhedor e confortável aqui, Ellen.

— Não, obrigada — disse ela. — Assim é muito mais respeitável para uma tarde.
Ele sorriu e beijou-a de leve na boca. E continuou a fazê-lo, provocando os lábios com os dele, tocando-os com a língua, puxando sua cabeça para trás e sorrindo para ela. Não havia paixão entre eles. Ele ainda estava com sono e ela olhou como se pudesse dormir também. Havia apenas
um carinho quente, um conforto, uma felicidade. Ele continuou a beijá-la e murmurou disparates em seu ouvido. Ela fez sons de contentamento no fundo de sua garganta.
E então um movimento para além de sua cabeça atraiu os olhos para Madeline em pé na porta. Ela corou um vermelho profundo como seus olhos se encontraram, e deu um passo para trás.

— Oh, desculpe-me — disse ela. — A porta estava aberta. Eu…
Ele riu suavemente.

— Eu nunca pensei vê-la tão desconcertada, Mad — disse ele. — Me desculpe. Isto é tudo culpa minha.
Mas como ele mesmo falou, Ellen subiu para fora da cama, resistiu à sua tentativa de pegar em seu pulso, e foi através da porta passando por Madeline antes que pudesse terminar suas palavras e tentar fazer as mulheres se sentirem menos desconfortáveis.

— Você veio, sente-se — ele disse à sua irmã. — Eu sinto muito. Ellen me disse que a porta estava aberta. Agora eu estou irremediavelmente constrangido tanto quanto você. Não, deixe-a ir. Eu vou falar com ela depois. Por
agora, sem dúvida, ela ficará feliz por ter algum tempo para encontrar um lugar para esconder-se.

— Dom. — Ela fechou a porta do quarto e sentou-se na cadeira ao lado da cama. — O que foi tudo isso? Você não está com ela passando o tempo, não é? Ela tem sido muito boa para você.
Ele sorriu e apertou as mãos atrás da cabeça.

— Eu não estava enrolando — disse ele. — Nem ela. Ela olhou atentamente para o rosto dele.

— Oh, Dom — disse ela, maravilhada. — Já aconteceu com você, não? E estou muito satisfeita. Eu não poderia ter escolhido alguém melhor para você. Ela é uma pessoa adorável. Eu a admiro demais.

— Eu a amo — disse ele. Ele pegou a mão dela. — Eu a amo, Mad. Se eu estivesse apenas um pouco mais forte, eu iria subir ao mais alto do último piso em Bruxelas e gritar para o mundo.
Ela sentou-se sorrindo, sua mão apertou entre as suas.

— Eu vou casar com ela — disse ele. — Eu não sabia que podia ser assim, Mad. Eu sempre sonhei com isso, mas eu não sabia. Eu não fazia ideia. Eu vou me casar com ela assim que eu possa sair desta cama infernal sem me sentir
como uma boneca de pano depois de cinco minutos. Deus, mas eu a amo.

— Ela disse que sim? — Perguntou ela.

— Eu não pedi. — Ele sorriu timidamente para sua gêmea. — Eu tenho estado muito ocupado amando-a para pensar em algo tão simples como pedir-lhe para casar comigo. Mas ela vai, Mad. Ela me ama também. Isso é o que é tão maravilhoso sobre isso. Você pode imaginar?

— Claro que eu posso imaginar, bobo — disse ela. — As meninas têm caído de amor por você à anos. Às vezes não parece justo que o homem mais bonito do meu conhecimento seja meu próprio irmão.

— Então você não pode imaginar — disse ele. — Quero dizer, ela me ama, Mad. Ela não é apenas apaixonada por mim. Oh, eu não posso explicar. Você vai entender um dia.

— Estou muito feliz por você — ela disse, levantando a mão e colocando-a contra seu rosto. — Então, nós dois vamos nos casar em breve, Dom.
Ele olhou para o sua irmã.

— Eu vou me casar com o tenente Penworth — disse
ela.

— Penworth? — Disse. — Eu pensei que ele não queria viver.

— Ele não quer — disse ela. — Mas vai viver, é claro. E ele passou a depender de mim. Ele precisa de mim, Dom. Eu não sei como ele iria continuar sem mim. Vou cuidar dele para o resto de nossas vidas.

— Você o ama? — Perguntou.

— Claro que eu o amo — disse ela. — Ele precisa de mim, Dom. É um sentimento maravilhoso de ser necessário, você sabe. Vou dedicar a minha vida a ele.

— Eu não acho que você o ama — disse ele categoricamente. — Seria um erro se casar com um homem porque você tem pena dele, Mad. Não faça. Rompa o noivado antes que seja tarde demais.

— Não há nenhum envolvimento — disse ela. — Ainda não. — Ela riu suavemente. — Ele não sabe ainda. Mas ele vai se casar comigo. Vou mostrar a ele que ele não precisa de passar a vida sozinho e miserável. Eu estarei lá para ele. Vai ser uma coisa boa para nós dois, Dom. Vou ter algo, alguém, para viver.

— É a coisa mais idiota que já ouvi falar, — disse ele. — Não faça, Mad.
Seus olhos se encheram de lágrimas.

— Não seja horrível — disse ela. — Eu fiquei feliz por você. Já lhe disse isso. E tudo o que você pode me dizer é que estou sendo idiota.

— Bem, isso é porque você está — disse ele. — Céus, onde está mamãe? E Edmund? Eles não vão permitir isso, você sabe.

— Eu tenho vinte e cinco anos já — disse ela, indignada. — Eles não têm nada a dizer sobre o assunto. E eles não vão ser tão horríveis. Eles irão receber o tenente na família, mesmo que ele esteja aleijado e com o rosto desfigurado.

— Deus! — Disse. — Você acha que eu não quero o homem como cunhado só porque ele não tem a quota cheia de pernas e olhos? Gostaria de recebê-lo sem pernas e sem olhos, louco, se eu achasse que não poderia viver sem ele.

— Você é horrível! — Disse ela, levantando-se e olhando para ele com olhos hostis. — Depois de tudo que você já passou, Dom, eu pensei que você teria alguma simpatia por um companheiro sofredor. Mas está tudo bem para você. Você ainda tem todos os seus aspectos bons e você terá de volta toda a sua força de idade e físico. Tenente Penworth não.

Ele precisa de mim. E eu não me importo com o que você diz. Vou casar com ele. Eu não preciso de sua aprovação ou mesmo o seu amor. Alguém vai precisar de mim, e isso será o suficiente.

— Pequeno ganso! — Disse ele com carinho, pegando a mão dela novamente. Mas ela tirou afastando-o. — Se você está determinada a tê-lo, Mad, não vou dizer mais nada. Só quero ver você feliz, como eu vou ser feliz. Eu me importo com você, você sabe. Whoosh! Bom Deus! Tenha cuidado.

Quando ele disse isso, ela quase se jogou em cima dele e deu um beijo firmemente na bochecha.

— Eu sabia que você iria entender — disse ela, — uma vez que você se acostumasse com a ideia. Eu sabia que você iria. Eu vou ser a pessoa mais feliz do mundo; você verá. E você está indo para ser feliz também. Eu poderia abraçar a vida fora de você, mas eu tenho medo que a Senhora Simpson vá entrar aqui brandindo uma arma, se eu gritar novamente. Vou amá-la como uma cunhada, Dom. Eu realmente vou. E eu não vou dizer nada a ela, ao sair, desde que você não pediu a ela ainda. Eu preciso ir. Ele vai precisar de mim.

Ela o beijou novamente na outra face, sorriu alegremente para ele e foi embora.

Lorde Eden cruzou as mãos atrás da cabeça novamente e sorriu para a porta. Se ele se levantasse e fosse encontrar Ellen? Ela provavelmente ainda estava escondendo seu embaraço em algum lugar. Foi apenas uma coisa muito boa que ela recusou-se a acompanhá-lo debaixo das cobertas. Tanto ela como Mad teriam uma apoplexia cada. Ele sorriu para o dossel acima dele.

Ele fechou os olhos e sentiu retornar à sonolência. Tenente Penworth de fato! Mad pouco olhou para o homem duas vezes quando ele tinha duas pernas e dois olhos. Que desastre ela iria fazer de sua vida se ele não pudesse convencê-la a não se casar com Penworth só porque tinha pena dele, ganso parvo! Ele bocejou alto. Ele deveria ir e encontrar Ellen. Ele poderia simplesmente abrir a boca e gritar por ela, mas ele deveria exercitar-se, sair da cama e ir encontrá-la. Outra tola. Ele estava indo desfrutar beijando-a afastando seus medos e explicando que Madeline era apenas sua irmã gêmea. Ninguém mais formidável do que isso.

Mas quando ele abriu os olhos, descobriu que ela estava de pé silenciosamente, na porta olhando para ele, seu rosto uma máscara pálida e sem expressão.

— Ellen! — Disse ele, sentando-se bruscamente e estremecendo. — Você não têm que tomar muito a sério, não é?

— O que nós fizemos? — Sua voz era inexpressiva.

— O que...? — Ele franziu a testa para ela.

— Estamos vivendo aqui juntos por quase uma semana, — ela disse — como um par de amantes despreocupados. Você é o melhor amigo de Charlie. Eu sou sua esposa. O que nós fizemos? Ele confiou tanto em nós. Ambos o traímos.

— Não. — Ele se levantou e estendeu a mão para ela, mas ela não se moveu de onde estava. — Não, isso não é verdade, Ellen. Eu nunca... Meu Deus, eu nunca pensei em você, desta forma, enquanto você estava casada com Charlie. Você nunca pensou em mim dessa maneira.

— Eu sou uma adúltera — disse ela.

Ele passou a mão sobre os olhos e sentiu a beira da cama com as costas de seus joelhos.

— Não — disse ele. — É claro que você não é. Acalme- se, Ellen. Você sempre foi uma esposa fiel. Sempre a admirei por isso. Assim fez todo mundo que você conheceu.

Ela riu asperamente.

— A esposa fiel, na verdade — disse ela. — Eu tenho estado deitada com você nessa cama cada noite, tendo o prazer de você. Como se o prazer fosse relevante para a minha vida no presente. Nesse cama. Cama do meu marido. Meu Deus!

Ele sentou-se pesadamente.

— Não faça parecer sórdido, Ellen — disse ele. — Por favor, não faça isso. Não tem sido uma questão de simples prazer. Você sabe disso. Foi amor. Eu te amei nos últimos cinco dias. Amou a mim.

Ela riu novamente.

— Amor! — Disse ela. — Eu não te amo, meu Lorde. Você é um homem muito atraente. Eu caí no poder de sua atração. E você não me ama. Eu sou a mulher que cuidou de você durante a sua recuperação da lesão. Você não viu nenhuma outra mulher em três semanas, com exceção de sua irmã. Você não sabia que os homens sempre se

apaixonam pelas mulheres que os tratam? Isso não foi amor. Isso foi a luxúria. E sórdida. Oh, sim, muito sórdida.

Ele estava com raiva. Ele ficou de pé e agarrou seu lado. Se sentia como se estivesse fora de si por um momento.

— Então, você vai estragar tudo — disse ele, — por meu próprio descuido e a chegada de Madeline envergonham você. Lamento sobre isso, Ellen. Mas não faça algo feio sobre o que aconteceu aqui. Não é feio. Nós nos amamos.

— Eu amo Charlie! — Ela gritou. — Eu amo-o. Eu o adoro. Ele é o dobro do homem que você é. E agora o que eu fiz com ele? O que eu fiz?

— Você não fez nada — disse ele. Ele deu alguns passos em direção a ela. — Charlie está morto, Ellen.

Ela olhou para ele, com a boca aberta. A cor que tinha voltado para o rosto com a raiva fugiu novamente.

— Ele está morto — disse ele estupidamente. — Charlie está morto, Ellen. Ele morreu no sul do campo de batalha de Waterloo. Eu estava com ele.
Ela fechou os olhos e balançou em seus pés. Mas quando ele deu mais um passo em direção a ela, ela olhou para cima e segurou uma mão na frente dela.

— Não chegue perto de mim — disse ela. — Não me toque. — Ela engoliu mais de uma vez e olhou para si mesma. — Estou vestida de verde. Verde. A cor que ele gostava em mim. Não em preto. Tenho sabido por quase um mês que ele está morto e eu não estou vestindo preto. E eu não tenho saído como outras mulheres na busca infrutífera por seu corpo. Eu permiti que ele fosse enterrado em uma cova anônima. Eu me recusei a abrir as portas da minha mente para a verdade. Ele acabou com o exército, tenho que me convencer. Um mês e não estou de luto. — Ela sorriu.

— Ellen — disse ele — venha e sente-se.

— Você sabia que ele estava morto. — Ela olhou para ele, o sorriso estranho ainda no rosto. — Você sabia que ele estava morto, meu Lorde. Você estava com ele. Você me trouxe a notícia. E, no entanto isso é o que você tem feito para a sua memória? — Ela apontou para a cama atrás dele.
Ele balançou a cabeça lentamente.

— Não — disse ele. — Tem sido para mim como para você, Ellen. Ele era meu amigo mais próximo. Eu o assisti morrer. Eu disse que eu fiz, não? E então eu deixei de ter conhecimento.

— Então, — ela disse com uma risada. — Somos um par de idiotas, meu Lorde Eden. E um par de pecadores.

— Não — ele disse — não é assim. Nós não teríamos feito o que fizemos se Charlie ainda estivesse vivo. Ambos, você e eu, somos incapazes disso. Você sabe. Isto não foi errado, Ellen. Só muito mal cronometrado. Nós deveríamos ter esperado por um ano, talvez. Mas o amor não vai esperar sempre. E nós precisávamos do conforto um do outro.
Ela segurou suas mãos diante dela e olhou para elas.

— Charlie está morto — disse ela. — Desta vez, ele não vai voltar. Eu nunca vou vê-lo novamente. Não haverá nenhuma casa na Inglaterra. Não haverá tempos seguros juntos. Apenas o passado. Apenas lembranças. Ele se foi.

— Venha até aqui, Ellen, — ele disse suavemente, estendendo a mão para ela novamente. — Deixe-me te confortar. Vamos confortar um ao outro.
Seus olhos estavam cheios de lágrimas não derramadas quando ela olhou para cima.

— Você não pode me confortar — disse ela. — Ele era meu marido. Minha vida. Eu o amava.

— Eu sei — disse ele. — Eu sei que você fez. E ele era meu amigo, Ellen. Você é minha amiga. Deixe-me te abraçar.

— Você não é meu amigo — disse ela. — Não mais. Nunca mais. Você é minha culpa. Durante estes meses em Bruxelas eu queria você. Eu olhei para você e toquei em você e queria você. Mesmo que eu tivesse o melhor homem do mundo como marido. Mesmo que eu o amasse mais do que amo a vida.
Ele abaixou a cabeça e esfregou os olhos com as palmas das mãos.

— Cada um de nós precisa de algum tempo sozinho — disse ele. — A pressão é muito pesada no momento para qualquer um de nós para falar com sentido. Não vamos dizer nada que vamos sempre nos arrepender, Ellen. Vamos conversar depois.

Quando ele olhou para cima, ela estava olhando para suas mãos novamente, sua pétrea expressão. Uma lágrima tinha escapado e estava escorrendo pelo seu rosto.

— Não há nada a dizer — disse ela.

— Apenas, talvez, que eu te amo. Ela balançou a cabeça.

— Nem isso — disse ela. — Você vai ver que isso não é verdade quando tiver tempo para pensar. Não há nada a dizer, meu Lorde. Nada mesmo.

Ela virou, sem olhar para ele e saiu da sala.

Ele estava sentado na cama, com a cabeça entre as mãos, quando ouviu a porta externa de seus quartos abrirem e fecharem e sabia estar bastante sozinho.

Capítulo 12

Um pouco mais tarde, na mesma noite Madeline foi convocada no andar de baixo da casa do coronel Potts . Ela fechou o livro que estava lendo em voz alta, sorriu alegremente para o tenente Penworth, que estava deitado olhando para o dossel sobre sua cama com seu olho bom. Prometeu que voltaria no tempo para deixá-lo confortável para a noite. Ela correu levemente descer as escadas.

E positivamente precipitou-se os últimos dez, gritando de maneira bastante imprópria numa casa em que havia doença. Seus braços enrolando-se em torno do pescoço do Conde de Amberley e ele levantou a partir das escadas e girou em torno dela duas vezes antes de defini-la de pé.

— Edmund! — Ela gritou. — Eu nunca estive mais feliz em ver você na minha vida. Achei que você teria desaparecido da face da terra. E Mama! — Ela gritou novamente e se atirou nos braços de sua mãe, rindo e chorando ao mesmo tempo.

— Minha querida menina — disse sua mãe, abraçando- a muito forte. — Está parecendo cansada, despenteada e

Bastante emocionada. E se comportando — Vocês acabam de chegar? — Madeline perguntou ansiosamente. — Por que você não deixou-me saber que vocês estavam vindo? Por que não respondeu a nenhuma das minhas cartas? Oh, venham para o salão.

— Sua primeira carta chegou-nos no dia antes de sairmos — disse o conde, levando o cotovelo de sua mãe e depois de sua irmã do corredor para o salão, a partir do qual os feridos há muito tempo foram movidos. — Nós pensamos que poderíamos chegar aqui mais rápido do que o correio. Dominic? — Sua voz estava tensa.

— Oh! — Disse Madeline. — Você leu apenas a minha primeira carta? Quão terrível! Dom está no bom caminho para a recuperação, eu asseguro e tem sido por quase duas semanas. Ele tem desafiado totalmente o cirurgião que estava cuidando dele e tem comido como um cavalo e rondando em seu quarto como um urso enjaulado.

O conde de Amberley levou sua mãe pelo braço novamente. Suas mãos subiram para cobrir seu rosto.

— Graças a Deus! — Disse ele, puxando-a em seus braços. Sua voz tremia e seus próprios olhos, desconfiado brilhante. — Graças a Deus.

— Que suspense terrível vocês devem ter vivido! — Disse Madeline. — Minha primeira carta deve ter sido terrivelmente triste. E a segunda. Ele estava gravemente doente, você sabe. O cirurgião disse a Senhora Simpson que deviríamos esperar o pior.

A viúva Lady Amberley se afastou de seu filho, procurou em sua bolsa para um lenço e assoou o nariz.

— Mas Dominic não cederia — disse ela. — Ele é positivamente o menino mais forte e mais teimoso que conheci. Eu não estava contente com isso há três anos, mas agora eu estou.

Estávamos com medo de ir primeiro à Sra Simpson, Madeline. Nós não sabíamos o que poderíamos encontrar.
Madeline abriu um grande sorriso.

— Eu estava lá esta tarde — ela disse, — e tive uma grande surpresa. Eu não estou certo de que a cena teria sido boa para você, Mama. Dominic e Sra Simpson estão apaixonados e estão para se casar. Só que Dom não pediu a
ela ainda. Mas ele tem a certeza que dirá sim. E eu nunca o vi tão brilhantemente feliz.
Sua mãe olhou interrogativamente para o conde, que estava franzindo a testa.

— Isto é bastante súbito, não é? — Disse. — Eu tenho o maior gosto e respeito pela Sra Simpson, mas ela perdeu o marido há apenas um mês, ela pode estar pensando em já se casar novamente?

— É como Dominic é, tão impulsivo — disse sua mãe. — Será que ela vai aceitar, Edmund?

— Oh, com certeza — disse ele. — Ela não é o tipo usual de Dominic.

— Isso soa decididamente promissor — disse a viúva com um sorriso.

— Vou buscar um xale e um casaco —, disse Madeline. E caminharei até lá com vocês. Seu irmão levantou a mão.

— Eu acho que temos de reduzir a nossa impaciência em vê-lo — disse ele, — especialmente porque ele está fora de qualquer perigo. É um pouco tarde para fazer visitas sociais. Além disso, Mama e eu nem sequer encontramos um hotel ainda. Tomaremos quartos do Hotel d'Angleterre, se houver algum disponível e faremos a nossa chamada no Rue de la Montagne de manhã.

— Sim, eu acho que seria melhor — sua mãe concordou. — Como é, o que tem acontecido na casa de Lady Andrea?
Ela beijou e abraçou Madeline novamente, como fez Lorde Amberley, e eles se separaram para a noite. Madeline subiu as escadas novamente para compartilhar sua boa notícia com o tenente. Ela conversava alegremente com ele, lavou-o com mãos hábeis e suaves, endireitou suas roupas de cama e virou-se e afofou seus travesseiros.
Ela resistiu ao impulso de beijar sua testa quando estava saindo da sala. Ela ainda não tinha feito isso e ele poderia pensar que viria dela. Ele ainda não sabia que ela ia se casar com ele e cuidar dele para o resto da sua vida.
Nem Mama e Edmund. Ela ficou séria ou menos como ela chegou ao seu próprio quarto. Ia ser complicado. Ela esperava que não expressassem algumas das mesmas noções tolas que Dom. Mas ela não se importava de qualquer maneira. Ela amava o tenente Penworth com uma ternura profunda. E ela seria capaz de derramar o seu amor
por ele para o resto de suas vidas. Ele sempre precisaria dela.
O conde de Amberley e sua mãe foram surpreendidos na manhã seguinte quando eles chegaram na Rue de la Montagne e descobriram que a Senhora Simpson parecia longe de ser uma mulher apaixonada e planejando um casamento. Ela estava vestida com o mais profundo luto, seu cabelo puxado severamente para trás de seu rosto pálido e desenhado. Ela olhou como se ela estivesse à beira do colapso.

— Senhora Simpson. — O conde estendeu as mãos para ela e tomou uma dela dentro da sua.

— Bom dia, meu Lorde — disse ela. — Você veio. Lorde Eden ficará feliz. — Sua voz era totalmente desprovida de expressão.

— Minhas condolências mais profundas, Senhora — disse ele. — Seu marido foi um dos mais gentis cavalheiros que conheci e sei que foi dedicada a ele.

— Sim — disse ela. — Obrigada.

— Posso apresentar a minha mãe, a Condessa viúva de Amberley? — Disse. — Senhora. Simpson, Mama.

Ellen fez uma reverência.

— Você tem sido maravilhosamente gentil com meu filho — Senhora Amberley disse, estendendo as duas mãos para sua nova conhecida. — E oh, minha querida, como você tem sido vítima de sua própria conta. — Ela juntou a outra mulher em seus braços, amassando o rosto de Ellen.

— Oh, minha pobre querida. Minha pobre e querida filha.

Lorde Amberley caminhou em silêncio por elas e para as portas fechadas que deviam conduzir os aposentos. A segunda abriu e mostrou-lhe seu irmão, de pé na janela, de costas para a sala, parecendo um pouco mais magro do que estava cinco semanas antes. Os ombros de Lorde Eden ficaram tensos quando a porta se abriu e ele virou-se lentamente. Seu irmão olhou para ele em choque. Ele esperava para vê-lo parecer um pouco menos do que o seu temperamento de costume, auto efervescente. Mas ele não esperava para ver o rosto pálido e abatido, os olhos assombrados.

— Edmund — disse Lorde Eden. — Deus, Edmund!

Deu dois passos para a frente, mas seu irmão estava do outro lado da sala antes que ele pudesse se mover mais longe e apertou-o em um abraço apertado. Lorde Amberley sentiu uma oscilação desagradável de seu estômago quando seu irmão apoiou a cabeça no ombro dele e quebrou em soluços.

— Dominic! — Disse, horrorizado. — Meu Deus, é isso o que a guerra faz a um homem? Bem, você está comigo agora e eu vou levá-lo para casa comigo, não importa o que ideias qualquer outra pessoa possa ter. Eu nunca interferi com o que você quer da vida e não tenho o direito de fazê-lo agora. Mas vou usar toda a minha influência sobre você e pedir a Alex usar a dela, para persuadi-lo a sair desta vida infernal.

Lorde Eden endireitou.

— Eu nunca pensei em fazer papel de idiota — disse ele.

— Se você soubesse como eu desejava e ansiava esta manhã para ver apenas você. Eu sou tão impotente aqui, Edmund. Tão fraco como uma criança. Eu duvido que eu poderia descer as escadas para a rua sem assistência.

— Você está em seus pés e está em linha reta, — seu irmão disse — quando há duas semanas, por todas as contas, era tão improvável que sequer vivesse. Não apresse as coisas, Dominic. Sejamos gratos por grandes misericórdias. Sua força e liberdade de movimento vai voltar.

— Tire-me daqui — disse Lorde Eden. — Você poderia?

—Hoje? Lorde Amberley franziu a testa e olhou atentamente para ele.

— O que lhe inquieta? — Perguntou.

— Eu estou impondo sobre ela — disse seu irmão. — Não estou bem aqui. Ela tem sua própria vida, sua própria dor. Ela está querendo voltar para a Inglaterra.

— Mama está com ela agora — o conde disse calmamente. — Ela está muito dividida, Dominic. Mas não é de surpreender. Eles eram um casal devotado. — Ele viu seu irmão.

— Mama? — Lorde Eden franziu a testa. — Mama está aqui? E suponho que eu tenho olhos vermelhos como um estudante petulante. Devo fazer chegar ao lavatório. Mama! Qual foi o motivo a deixar a Inglaterra?

— Meramente um filho que estava às portas da morte — disse Lorde Amberley. — Eu quero ver essa ferida, Dominic
e mais ao ponto, eu quero um médico para vê-lo. Ouvi dizer que você mandou embora o cirurgião do exército .

— Então, você teria — Lorde Eden disse, ofegando enquanto ele correu um punhado de água fria em seu rosto.

— Ter sangue bombeado de você diariamente e torradas e chá fraco bombeado de volta outra vez não é propício para uma boa saúde, eu gostaria que você soubesse. Eu ainda estaria de costas. Ou então a seis pés.

— Estou certo de que podemos gerenciar melhor do que isso — disse seu irmão. — Você acha que você pode viajar em uma carruagem alugada? Temos uma fora. E quanto a Sra Simpson, Dominic? Ela está apta para ser deixada sozinha? Será que ela vai precisar de ajuda para voltar para a Inglaterra?

— Você pode perguntar a ela — disse Lorde Eden. — Será que você poderia, Edmund? Eu não posso. Quer dizer, eu estou em nenhuma forma a oferecer qualquer ajuda, certo?

Havia uma dúzia de perguntas que corriam pela mente do conde. Ele não fez nenhuma delas. Ele viu seu irmão sentar-se pesadamente na cama e esticar-se sobre ela, encolhendo-se um pouco e se virou para sair.

Sua mãe estava sentada em um sofá ao lado da Sra Simpson, segurando as duas mãos e falando com ela.

Ellen olhou para cima.

— Você vai querer ver o seu filho — disse ela. — Sinto muito. Tenho estado segurando você.

— Você não deve se desculpar — disse a viúva, apertando com força as mãos que ela detinha. — céus agradável. Quando penso no quanto eu estou em dívida com você, minha querida, minha filha!

Ela levantou-se e correu para a porta aberta do quarto do Lorde Eden.

Lorde Amberley ficou olhando para a cabeça justa da Sra Simpson.

— Eu não posso agradecer o suficiente para o que você tem feito para o meu irmão — disse ele. — Vou me considerar sempre em dívida.

Ela olhou para ele com avermelhadas, olhos miseráveis.

— Você não deve fazê-lo — disse ela. — É o papel de mulheres do Exército, cuidar dos feridos, meu Lorde. Não há nada fora do comum no que fiz.

— Ah, mas para mim não é — disse ele. — Você cuidou do meu irmão único e muito querido, minha Senhora. E num momento em que a carga de sua própria dor tem sido muito pesada para você. Existe algo que eu possa fazer por você, minha querida?

— Não — disse ela. Ela se pôs de pé. — Eu agradeço, mas não, não há nada.

— Vou levar Dominic comigo — disse ele, — assim que eu possa voltar para o hotel d'Angleterre e buscar algumas roupas para ele. Aparentemente, você teve que cortar seu uniforme? Assim, uma carga, pelo menos, posso remover de você, Senhora. Temos imposto a sua hospitalidade tempo suficiente. — Ele a olhou de perto.

— Não tem sido nenhuma imposição — disse ela. Seus olhos foram dirigidas a seu colete.

— O que você vai fazer? — Perguntou. — Você vai voltar para a Inglaterra?

— Sim — disse ela. — Eu tenho minha enteada para cuidar. E eu prometi ao meu marido que eu iria para sua irmã em Londres, se alguma coisa acontecesse com ele. — Sua voz vacilou um pouco.

— Posso mandar a sua passagem? — Perguntou. — Eu desejo que eu pudesse oferecer-lhe a proteção da nossa companhia no caminho de casa, mas eu acredito que demorará várias semanas antes de meu irmão estar apto o suficiente para viajar.

— Obrigada — ela disse — mas serei capaz de gerir muito bem sozinha.

— Sim, eu tenho certeza que sim — disse ele, desejando que houvesse alguma maneira de descobrir sua situação financeira e para oferecer-lhe dinheiro. — Uma coisa que você deve permitir que eu faça, embora, por favor. Vou contratar uma empregada para acompanhá-la. Por favor? — Ele acrescentou que o apelo final apressadamente, notando que ela estava prestes a abrir a boca em protesto.

Ela olhou-o nos olhos e acenou brevemente.

— Se você quiser — disse ela. — Obrigada.

Ela ficou na sala, sentada, imóvel, quando ele saiu para buscar roupas para Lorde Eden. E ela ficou lá quando a condessa-viúva se juntou a ela enquanto Lorde Eden se vestia com a ajuda de seu irmão. Ela levantou-se e se mudou para um nicho sombreado junto à lareira quando a porta se abriu novamente.

— Você vai ser capaz de descer as escadas, Dominic? — Sua mãe perguntou ansiosamente.

— Muito facilmente — disse ele — com a ajuda de Edmund.

Seu rosto estava muito pálido e rígido. Mãe e filho mais velho trocaram olhares.

Lorde Eden olhou em volta até que viu Ellen nas sombras. Ele atravessou a sala para ficar em frente a ela. Ela estava olhando para as mãos.

— Adeus, Ellen — disse ele. Ele estava quase sussurrando, embora sua mãe tinha começado a falar com uma voz bastante alta para o irmão. — Sinto muito. Eu realmente sinto muito. A circunstância foi errada. Nós nos protegemos tão cuidadosamente desde a dolorosa verdade que ignoramos completamente. Mas o que aconteceu foi... Não foi sórdido. E eu não te amo menos por toda a culpa que sinto e todo o sofrimento que eu sei que tenho causado em você. Posso vê-la na Inglaterra? Depois de vários meses talvez, ou mesmo um ano?

— Não — disse ela. — Eu não quero te ver nunca mais, meu Lorde. Não é que eu culpo você ou te odeio. Eu me

culpo e eu me odeio. Mas eu não vou vê-lo novamente. Adeus.
Ele ficou em silêncio diante dela por alguns instantes antes de se curvar, bem como que podia com as bandagens novas que Edmund havia fixado firmemente sobre suas costelas e virando-se.
Senhora Amberley tomou as mãos de Ellen nas dela novamente.
— Vou chamá-la amanhã de novo, minha querida — disse ela. — Talvez apenas vendo outra pessoa irá ajudá-la um pouco. No entanto, é uma coisa tola para dizer, eu sei. Eu perdi meu marido muito de repente e eu sei que está se sentindo solitária e a mais miserável do mundo. O único consolo que eu posso oferecer vai parecer nenhum consolo no momento. Vai passar, minha querida filha. A dor vai embora eventualmente. Eu prometo a você que vai. — Ela se inclinou e beijou o rosto pálido de Ellen.
Lorde Eden e seu irmão já tinham saído da sala, Ellen ficou aliviada de ver. Ela afundou-se no sofá quando a sua mãe também tinha deixado e sentou-se lá por um longo tempo, muito profundamente infeliz, mesmo para chorar.
Lorde Eden foi estendido em sua cama no hotel, um braço sobre os olhos.
— Eu não quero nada, mamãe — disse ele. — Não estou com fome.
— Você não comeu o dia todo — disse ela. — Você está se sentindo bem?
— Apenas cansado — disse ele. — O movimento aqui foi mais cansativo do que eu teria pensado.
Tocou-lhe o cabelo e olhou para ele, perturbada.
— Nada — disse ela, poucos minutos depois, quando ela tinha voltado seu filho mais velho na sala de estar. — Ele não vai sequer olhar para uma bandeja.
Lorde Amberley ficou de pé.
— Hora do Chá — disse ele — e meus braços se sentem terrivelmente vazios. Sem o tigre para desfazer meus botões do colete e lembrar-me demasiado tarde que o seu pão e geleia não tenham sido limpos de seus dedos. E nenhuma princesa para eu olhar para baixo e em seguida, sorrindo como um anjo me fazendo vencido.
— E Alexandra, — sua mãe acrescentou com um sorriso.
O conde gemeu.
— E Alex — disse ele. — Diabos a levem, mas eu sinto falta dela, Mama. É normal?
— Perfeitamente, eu temo — disse ela. — Você vai conversar com ele, Edmund?
— Sim — ele disse — assim que eu flexionar meus músculos de irmão mais velho. Nós parecemos ter chegado num bom momento de crise, não é mesmo?
— Um bom tempo, eu acho — disse ela. — Ele vai precisar de nós. Mas essa pobre criança. Ela é tão sozinha.
O conde de Amberley ficou olhando para seu irmão um par de minutos mais tarde, o braço de Lorde Eden ainda estava sobre os olhos.
— Você quer falar sobre isso? — Perguntou o conde, puxando uma cadeira para a cama e sentando-se.

— Sobre a batalha? — Lorde Eden não mudou sua posição. — Na verdade não. É difícil ter memórias claras de tal coisa. É todo o ruído e confusão no momento. Tudo o que posso sempre ver claramente depois é os olhos mortos.

— Eu não quis dizer a batalha — disse o conde.

Lorde Eden tirou o braço de seus olhos e olhou para cima.

— Suponho que Mad falou — disse ele. — Eu cometi um erro, isso é tudo, Edmund. Ela tem a morte de um marido para lamentar. Eu gostava dela porque ela tem sido minha única enfermeira por um mês e eu vi mais ninguém. Agora acabou e realmente não significa nada.

— Se você pudesse ter visto o seu rosto e rosto da Sra Simpson, esta manhã, — o conde disse — você não teria dito que não significa, Dominic. Você se importa com ela profundamente?

Lorde Eden olhou para cima. Sua mandíbula se apertou.

— Sim — disse ele.

— Você tem alguma razão para acreditar que ela retorna seus sentimentos? — Perguntou o irmão.

— Eu não posso falar por Ellen — disse Lorde Eden. — Ela amava Charlie. Não pode haver nenhuma dúvida sobre isso.

— Não — disse Lorde Amberley. — Não pode. Você tem estado apaixonado antes, Dominic. Dezenas de vezes antes de atingir a maioridade, mesmo. Existe alguma chance de que este vai seguir o caminho do resto? Às vezes

um amor perdido é doloroso no momento, mas se — Eu a amo — disse Lorde Eden. — Eu não sou apenas apaixonado por ela.

— Ah, sim, — seu irmão disse com tristeza. — Eu sinto muito, então, Dominic. Eu não sei exatamente o que aconteceu entre o momento em que Madeline chegou para vê-lo ontem à tarde e o momento em que chegamos esta manhã. E eu não vou intrometer. Mas lamento. A vida é muito difícil de enfrentar no momento?

— Não parece muito bom agora — disse Lorde Eden. — E eu não estou tendo autopiedade, Edmund. Eu não pretendo definhar. Mas hoje eu não posso me forçar a viver. Eu não quero. Aqueles malditos franceses nunca poderiam disparar em linha reta. Foi puro acaso eles acertarem Charlie. Eles me pegaram depois.

Lorde Amberley levantou-se e colocou a mão no ombro de seu irmão.

— Eu tenho sua palavra de que amanhã você vai forçar a si mesmo? — Perguntou. — Assim que eu não vou ter que te segurar enquanto Mama coloca alimentos dentro de você?

Lorde Eden riu inesperadamente.

— Sim — ele disse — você tem a minha palavra. Você poderia fazê-lo também, não é? E ter suporte de Mad ao pé da cama, como não, batendo a cabeça dela para distrair minha mente. O que eu faria sem uma família para me atormentar? Deus, Edmund — sua voz tremeu de repente — Estou feliz que você veio. Eu não sei o que eu teria feito se você não viesse. Ido para Mad e me jogado na misericórdia de seu amigo cavalo, eu suponho.

Lorde Amberley deu um tapinha no ombro e saiu da sala.

Lorde Eden balançou as pernas para o lado da cama e aliviou-se primeiro em uma posição sentada e depois ficou de pé. Ele começou a andar pela sala na diagonal. Ele deveria recuperar a saúde. Seria estupidez ao extremo se permitir cair.

Ele tinha pensado que poderia atraí-la para fora de sua terrível sentimento de culpa. Ele tinha pensado que talvez pudesse consolá-la em certa medida pela sua perda de Charlie. Ele tinha pensado que talvez, ele poderia fazê-la perceber que o que tinha acontecido entre eles havia ocorrido porque eles se amavam. Ele tinha pensado que ele

poderia sugerir que eles esperassem por um ano, ver um ao outro durante esse tempo apenas sob circunstâncias controladas, em seguida, se reunir novamente e se casar e ter filhos juntos e compartilhar seu amor para toda a vida.

Seu próprio sentimento de culpa era uma coisa terrível. Ele tinha amado Charlie com um profundo afeto. Charlie tinha sido amigo, pai e irmão em um todo. E ainda por um mês, duas semanas desde o tempo livre de febre, ele não tinha lhe dado um pensamento consciente, ou lançar uma lágrima de tristeza. E ele se permitiu cair no amor com a viúva de Charlie e tornar-se seu amante. Ele tinha sonhado com um casamento imediato com ela.

Tudo como se Charlie nunca tivesse vivido e amado.

E, como se ela nunca o tivesse amado.

E, no entanto, ele tinha pensado depois que ela o tinha deixado na tarde anterior e depois de ter ouvido a porta externa perto e sabia que ela tinha saído, até mesmo o fato de que eles não tinham mencionado ou pensado em Charlie em um mês, provou seu amor por ele de uma forma estranha. Ambos tinham conhecido em uma parte de si mesmos, mais profunda do que se pensava, para lidar com o conhecimento de sua morte. Ele teve sua fraqueza física

para enfrentar. Ela tinha tido pacientes para cuidar. E assim, eles mantiveram seus conhecimentos e sua dor na baía. Mas só um pouco demasiado longo. Seis dias foi muito tempo. Eles tinham sido amantes durante seis dias.

Ele tinha pensado que ele poderia explicar essas coisas para ela quando ela voltasse. Ela teria se acalmado por esse tempo. Ele tinha se acalmado. No entanto, quando ele a tinha ouvido chegar em casa e saiu para a sala, ele encontrou-se olhando para uma mulher vestindo luto profundo e um rosto de mármore.

— Podemos conversar? — Ele perguntou, sabendo que era impossível, que não havia maneira de superar as defesas que ela tinha construído no espaço de algumas horas.

— Não há nada a dizer — ela disse. — Lamento estou atrasada com o seu jantar. Vou tê-lo pronto em breve.

— Eu não estou com fome — ele tinha dito. — Ellen, deixe-me chorar com você. Deixe-me te confortar se eu puder.

— Não há luto a ser feito — ela disse, — e nenhum conforto a ser oferecido. Eu não sou digna de sofrer por Charlie. E você não é digno de oferecer conforto a qualquer

pessoa por sua morte. Vou mostrar o respeito exterior de usar essas roupas para ele para o próximo ano, porque ele merece esse respeito. Eu preferiria que se você ficasse em seu quarto, Lorde Eden. Não temos mais nada a dizer um ao outro, você e eu.

Eram palavras ridículas, é claro. Ela deve ter percebido isso sozinha antes da noite. É claro que ela iria chorar por Charlie. Ela o amava. Sua dor estava apenas começando. Mas ele sabia que

não havia como chegar, após essa barreira que ela tinha criado entre eles. Certamente não naquela noite. Talvez nunca.

Ele não tinha escolha a não ser voltar para o seu quarto e permanecer lá, cuidado a ter de costas ou de olhos fechados cada vez que ela veio depois, em alguma comiseração necessária. Ele tinha estado desesperado sobre seu próprio desamparo por aquela manhã. Edmund parecia como um anjo enviado do céu.

E assim ele tinha perdido. Havia um vazio enorme e dolorosa dentro dele que ameaçava virar para pânico. Ela não queria vê-lo nunca mais, ela havia dito naquela manhã. E ela quis dizer isso.

Ele nunca iria vê-la novamente. Nunca falar com ela e rir com ela. Nunca se sentar em silêncio confortável com ela. Nunca explorar o seu lindo rosto e descobrir com os olhos. Nunca sentar-se calmamente segurando a mão dela. Nunca beijá-la ou tocá-la. Nunca fazer amor com ela.

O vazio bocejou.

Mas Lorde Eden seguiria adiante. Ele havia prometido a Edmund que ele estaria pronto para a vida novamente no dia seguinte. E, por Deus, ele estaria pronto. Ele não ia acabar com a sua vida por qualquer mulher. Nem mesmo por Ellen. E se ele deveria continuar a viver, não havia nenhum ponto em esperar até o dia seguinte. Ele abriu a porta de seu quarto.

— Eu espero que você tenha escolhido um hotel com um considerável chef — disse ele, quando seu irmão olhou para cima de um livro com alguma surpresa. — Eu poderia comer um cavalo.

— Ah — disse o Lorde Amberley. — Claro, cozido, ensopado ou assado, Dominic?

Ellen estava de pé na amurada do barco *Ostend*, sentindo o vento forte do canal na sua respiração e o chicotear seu manto contra ela. Sua nova empregada, Prudence, uma menina inglesa animada para voltar para a sua terra, estava a seu lado. O conde de Amberley havia contratado a menina, comprou sua passagem e pagou o salário de seu primeiro ano com antecedência. Foi um conforto ter uma companheira, para não estar inteiramente sozinha.

Ela não iria olhar para trás para a costa da Bélgica. Ela colocou o rosto para a Inglaterra, invisível ainda além da neblina do horizonte. Mas ela não iria olhar para trás.

Ela tinha deixado lá, os dois. Para sempre. Charlie em uma sepultura desconhecida no campo de batalha que ela tinha percorrido durante várias horas, três dias antes, Lorde Eden recuperando de seus ferimentos, em Bruxelas, com o seu irmão e sua mãe. Ela não o queria ver novamente, uma, porque ele seria sempre além de sua visão, o outro porque ela optou por não fazê-lo.

Charlie estava morto. Ela recitou o fato para si mesma quase constantemente e ficou espantada continuamente, que ela sobreviveu. Que ela poderia viver. Ela não tinha pensado que ela seria capaz de fazer isso sem ele.

Mas ela estava vivendo. Ela ficou terrivelmente solitária apesar da doçura amigável de Prudence, apesar das visitas em Bruxelas na semana antes que ela tinha deixado, diariamente pela viúva Lady Amberley e duas vezes por Lady Madeline. Não havia mais que abrigar-se no amor totalmente incondicional que tinha sido Charlie. Mas ela estava vivendo.

E ela viveria. Ela ainda tinha alguém para viver. Jennifer estava em Londres, sem dúvida, entristecida com a morte do pai, ela tinha apenas começado a realmente conhecê-lo. Jennifer precisaria dela, mesmo que Ellen não tivesse quase idade suficiente para ser uma verdadeira

mãe para a menina. Ela poderia ser uma amiga em vez disso, o elo vivo mais próximo com o pai da menina.
E havia Lady Habersham, a irmã de Charlie, que tinha sido gentil com ela ao longo dos anos, que sempre tinha mantido Jennifer quando seu irmão não estava na Inglaterra, que deveria ter concordado em dar um lar a Ellen em caso de morte de Charlie na batalha. Ela estaria de luto. Ela também seria uma amiga.
E depois havia a promessa final e relutante em Charlie. A promessa que ela não queria fazer. O que ela não
desejava manter. Mas ela iria mantê-la porque, ela realmente amava Charlie, ela o havia ofendido terrivelmente após a sua morte e ela faria essa última coisa por ele com toda a determinação que poderia demorar. Ela iria fazer com que Jennifer conhecesse seu avô, que ele reconhecesse-a e assumisse o comando de seu futuro.
Ela faria tudo para Charlie. E para Jennifer. E então, se houvesse dinheiro suficiente, ela iria comprar uma casa no país. E ela iria viver lá para o resto de sua vida. Ela iria mesmo ser feliz lá, eventualmente, uma vez que a terrível dor da sua perda tivesse passado. Ela não se sentia agora, era como se nunca o faria, como se ela nunca fosse acordar novamente de manhã feliz por estar viva, ansiosa para que o dia poderia trazer.
Mas, a mais velha Senhora Amberley tinha dito que iria passar. E o bom senso lhe disse que iria. Charlie tinha ido embora. E ela sobreviveu. Que assim seja.
Que assim seja. Ela iria viver.
E, para o outro, ela iria colocá-lo em sua mente, que também iria desaparecer com o tempo. A culpa iria desaparecer. A memória dele e o que ela tinha conhecido com ele durante seis dias iria desaparecer. A sensualidade
mais elevada do que ela nunca tinha sonhado com Charlie, contente como tinha sido com todas as facetas da sua vida juntos.
Ela não iria pensar sobre isso por mais tempo. Ou nele. Não tinha sido o amor, ou algo próximo amor. Tinha sido tudo puramente físico, e, portanto, não qualquer coisa de valor duradouro.
Ela estava arrependida por ter perdido um amigo, ter memórias amargas dele em vez das doces, conectados com os tempos que ele tinha compartilhado com ela e Charlie. Mas isso era tudo culpa dela. Ela tinha estragado sua relação. E, claro, eles nunca poderiam ser amigos novamente.
Ela não iria pensar nele por mais tempo.
E ela não iria olhar para trás para um passado que nunca poderia ser novamente seu presente ou o futuro dela. Ela iria olhar para frente.
— Quando podemos esperar ver a costa da Inglaterra — perguntou Prudence, levantando o rosto resolutamente ao vento. — Você sabe. Às vezes, a dor era verdadeira e uma coisa física. Às vezes era um sentimento quase passado.

Capítulo 13

Ellen sentou-se de frente para sua cunhada, Lady Habersham, e sorriu. — A casa é de repente calma, com Jennifer saindo. Ela parece quase ela mesma novamente — disse ela. — Estou tão feliz que a Sra. Emery levou ela com eles.

— Elas são meninas doces — disse Lady Habersham. — E, claro, tenho conhecido Melinda Emery por mais de vinte anos. Fomos meninas juntas. Ela vai fazer Jennifer feliz passando a tarde fazendo compras.

— Eu não tinha ideia de quando cheguei em casa que ela seria tão madura — disse Ellen. — Eu esperava lágrimas, dor e arrependimentos. Mas nada disso.

— Ela sempre adorou seu pai, — Lady Habersham disse — e viveu para o dia quando ela estaria livre da escola e livre para viver com ele o tempo todo. Ela costumava falar quando ela estava aqui, você sabe. Foi um golpe terrível, perdendo-o assim quando parecia que seu sonho estava se tornando realidade.

Ellen alisou a seda preta do vestido sobre os joelhos.

— Eu não esperava que fosse dessa maneira, também — disse ela. — Eu tinha pensado nisso muitas vezes durante os cinco anos do nosso casamento e quis saber como eu reagiria. Sinceramente, eu não achava que seria possível viver com Charlie morto. E quando isso aconteceu, eu sabia que é claro que eu iria sobreviver, eu pensei que eu poderia lutar contra a dor e o vazio. Lembro-me de pé sobre o barco de Ostend pensar que uma vez que pusesse os pés em solo Inglês, eu seria capaz de colocar tudo para trás e começar a vida novamente. Eu até fiz planos. Eu sabia que seria difícil, mas eu pensei que seria possível. Isso foi há dois meses. E eu não fiz nada.

Lady Habersham pegou o bastidor e começou a costurar.

— Perder um marido é a pior coisa que pode acontecer no mundo —, disse ela. — Eu sei querida. E, acredite em mim, você está fazendo muito bem. Você permitiu a Jennifer inclinar-se em você e tem sido um pilar de força para ela. Se não fosse o seu rosto e sua perda de peso, Ellen, ninguém teria uma noção de quão profundamente você está sofrendo. Mas é hora de começar a viver de novo, não é?

— Sim. — Ellen olhou para suas mãos. — Você sabe, a pior coisa é encontrar-me guardando algum pequeno incidente bobo na minha cabeça para dizer a Charlie mais tarde, e, em seguida, lembrando que eu não serei capaz de fazê-lo. Sempre. Oh, querida, eu preciso parar com isso. Tem toda a razão, Dorothy. É hora de viver novamente. Por onde você acha que devo começar?

Lady Habersham manteve a cabeça inclinada sobre seu bordado.

— Papa quer falar com você — disse ela.

— Seu pai? — Ellen olhou com os olhos arregalados — Ele quer me ver, Dorothy? Por quê?

Sua cunhada deixou seu trabalho para baixo em seu
colo.

— Você é a viúva de Charlie — disse ela. — Charlie era
o seu filho favorito Ellen.

— Seu filho favorito? — Os olhos de Ellen brilharam com indignação. — No entanto, ele não falou com ele por quase vinte anos?

— Ele deveria, sem dúvida, ter perdoado Charlie há muito tempo se ele tivesse amado menos — Lady Habersham disse com tristeza. — Os membros da família às
vezes fazem coisas terríveis um ao outro. Agora que já é tarde demais, é claro, Papa é quase prostrado de dor. Ele tem usado luto desde que ele ouviu. Ele perguntou-me há dois meses e foi perguntar-me desde então, se eu poderia persuadi-la a encontrá-lo. Eu não pensei que você estava pronta para uma coisa dessas. Mas agora talvez você está. Será que você poderia, Ellen?
Ellen desenhou uma respiração profunda.

— Eu prometi a Charlie que gostaria de tentar obter de seu pai para receber Jennifer — disse ela. — Foi minha última promessa a ele e era uma daquelas coisas no barco que eu iria fazer sem demora. E agora ele vem fácil para mim. Não, não é fácil. Será uma das coisas mais difíceis que eu já fiz na minha vida.

— Eu vou mandar você para tomar chá com ele amanhã — Lady Habersham disse com um sorriso que mostrou seu alívio. — Ele vai querer Phillip e Edith lá também. Você pode muito bem atender toda a família de uma só vez, Ellen.
O irmão mais novo de Charlie, Phillip. Ele tinha aparecido na maioria dessas histórias de infância que Charlie tinha dito a ela tantas vezes.

— Eu me pergunto como Jennifer vai se sentir em ir — disse ela. — Animada, você acha, Dorothy? Nervosa? Eu não sei se ela ainda sabe muito sobre seu avô .
Lady Habersham pegou o quadro novamente em mãos nervosas.

— Papa quer conhecê-la, Ellen — disse ela. — Ele não mencionou Jennifer. Vamos levá-lo lentamente? Talvez depois de ter te conhecido e aprendido a amar você, como ele é obrigado a fazer, então ele vai estar disposto a conhecer Jennifer também.
Ellen olhou para sua cunhada.

— Ele não quer encontrar sua própria neta? — Disse ela.

— Ele está de luto por Charlie, mas ele não quer conhecer Jennifer?

— Você sabe a história toda? — A atenção de Lady Habersham foi concentrada no seu trabalho.

— Sim. — Ellen olhou para a cunhada, horrorizada. — Charlie estava certo, então? Sua família acredita que Jennifer não é sua filha? É isso o que é?

— Eu acredito que ela é — disse Lady Habersham. — Talvez Papa faz também em seu coração. Eles estavam casados tempo suficiente quando ela nasceu. Mas, Ellen. Ela era
uma prostituta. — Ela corou e abaixou a cabeça ainda mais sobre seu trabalho.

— E Jennifer está sendo penalizada por isso?
Lady Habersham olhou para cima, de alguma aflição.

— Você deve entender — ela disse — que papai e Charlie eram muito próximos. Papa tinha grandes esperanças para ele. E então ele insistiu em se alistar no exército. Em seguida, o casamento. E o nascimento apenas um pouco demasiado perto para o conforto depois. Oh, Ellen, é tão fácil de julgar outras pessoas. Papa não é um monstro.

— Eu não vou visitá-lo — disse Ellen — a menos que ele também receba Jennifer. Ela é a sua carne e sangue, Dorothy. Sou apenas a viúva de seu filho. Não, eu não vou. Vou vê-la respeitavelmente casando, após o nosso ano de luto acabar e, em seguida, continuar com minha própria vida. Eu não preciso de seu pai. Eu não preciso de ninguém. Apenas Charlie, e ele se foi.

— Não, acalme-se. — Lady Habersham tirou um lencinho do bolso para enxugar seus próprios olhos. Ela olhou para Ellen, que ficou de pé e estava olhando para ela, lágrimas não derramadas iluminando seus olhos. — Eu vou
falar com papai. Ele é tão teimoso, Ellen. E assim machuca. Oh, querida, eu não sei o que fazer.
Ellen fechou a distância entre elas, e pôs a mão de leve no ombro da outra.

— Isso é difícil para você, Dorothy, — ela disse — ficar no meio desse jeito. Eu entendo, e eu a honro por permanecer leal a ambos os lados de todos estes anos. Mas eu não posso tornar mais fácil para você, eu temo. Eu não posso ir visitá-lo sem Jennifer.

A conversa foi interrompida naquele momento pela entrada do mordomo, que apresentou um cartão em uma bandeja de prata para sua cunhada.

Lady Habersham pegou, lê-o, e sorriu para Ellen.

— Isso deve animá-la — disse ela. — Tem uma visita, minha querida. Ele está esperando lá embaixo? — Perguntou ao mordomo.

— Sim, Senhora — o mordomo disse, curvando-se.

— Quem? — Perguntou Ellen.

— Amigo de Charlie, — Lady Habersham disse com um sorriso brilhante. — O único de quem Jennifer falou. O que você cuidou em Bruxelas. Lorde Eden. Traga-o para cima, Hancock.

— Não! — Ellen virou-se para enfrentar o mordomo. — Não. Você vai dizer-lhe, por favor, que nem eu nem Srta. Simpson estamos em casa.

— Ellen, querida...

— Nós não estamos em casa — Ellen disse o mordomo com firmeza.

Ele olhou interrogativamente para Lady Habersham, inclinou-se e saiu da sala.

— Mas por quê? — A voz de Lady Habersham ficou intrigado. — Eu pensei que você teria o prazer de vê-lo, Ellen. ele não era um amigo muito próximo de vocês e Charlie?

— Desculpe-me. — Ellen não se virou para olhar para sua cunhada. — Desculpe-me, por favor, Dorothy. Eu, er... Nós... Desculpe-me, por favor. — Ela se apressou a partir do quarto.

Lady Habersham foi deixada para olhar com alguma consternação. Claramente Ellen não foi tão longe ao longo da estrada para a recuperação como ela esperava, se ela lidava assim com a perspectiva de encontrar alguém que iria lembrá-la de Charlie e os eventos que cercam a batalha de Waterloo.

Lorde Eden tinha passado quase um mês em Bruxelas com sua mãe e o irmão antes de estar apto para a viagem de volta. Lá, ele concentrou todas as suas energias em sua saúde física, obrigando-se a cada dia para um maior esforço, orgulhando-se sobre o retorno gradual de resistência, peso e músculos.

Ele definiu metas para si mesmo. Por tal e tal dia, ele seria capaz de pôr o pé fora do hotel, ou caminhar por quinze minutos ou meia hora, ou montar um cavalo. Por tal e tal dia, ele estaria

pronto para voltar para a Inglaterra. A expressão frequentemente desanimada de Edmund estimulou-o para o último passo. Edmund estava sentindo falta de sua família, embora não reclamasse ou admitisse isso nunca.
Eles haviam voltado para casa, eventualmente, deixando Madeline traz. Ela ainda estava ocupada cuidando do tenente Penworth, cuja recuperação era necessariamente mais lenta do que a sua própria, e foi mais lenta pela própria falta de vontade de viver do paciente. Madeline havia se recusado a ouvir qualquer um dos
conselhos que tinham sido dados, gentilmente, por sua mãe e descaradamente, por seu irmão mais velho. Ela estava convencida de que o amava e ficaria feliz com ele por toda a vida. E quando Mad punha algo em sua cabeça, Lorde Eden teve que admitir, finalmente, não haveria como dissuadi-la.
Talvez ela estivesse certa. Talvez ela realmente amasse o homem. E talvez ela vivesse feliz para sempre com ele. Quem sabia? E quem era ele para julgar? Ele não era um grande especialista em amor e felicidade.
Ele tinha voltado à Inglaterra há um mês. De volta a Londres. Saindo do exército e de volta à vida civil. Era incomum para seu irmão para passar muito tempo longe de Amberley, especialmente durante os meses de verão. Mas nesta ocasião ele ficou, com Alexandra e as crianças. E assim fez a Condessa viúva, com quem Lorde Eden passou a residir. E seu tio, o Sr. William Carrington, também estava lá, com a tia Viola e Walter e Anna. Eles tinham chegado a Londres na primavera para a temporada de Anna. Eles tinham ficado após a batalha de Waterloo, a fim de ter notícias dele. E então eles ficaram até que ele voltou para casa. E agora eles estavam hospedados, esperando o retorno de Madeline para a família.
Sua recuperação física foi progredindo diariamente. Desde que ele andou e montou e exercitou-se com moderação, ele quase podia esquecer seus ferimentos. Foi só quando ele se esqueceu e esforçou-se muito que sentiu as velhas pontadas e dores em seu lado e a antiga falta de ar. E só quando ele avistou o próprio corpo sem camisa em um espelho, que ele foi lembrado da feiura da sua ferida.
Seu estado emocional, ele não explorar muito profundamente. Em Bruxelas, ele teve de bloquear pensamentos de Ellen de sua mente. Eles eram muito dolorosos e ameaçavam sua recuperação física. Após a primeira semana, quando sua mãe, finalmente, lhe informou que ela já não estava em Bruxelas, mas tinha ido para a Inglaterra, sentiu algum alívio. Não havia nenhuma possibilidade que eles iriam ficar cara-a-cara se ela se foi.
E de volta na Inglaterra, ele manteve o bloqueio mental. Ele não pensaria dela. Ele iria colocá-la para trás com todos os outros pensamentos de dor e pesadelo da Batalha de Waterloo. Ele não pensaria em Charlie, porque fazê-lo lembrava que ele tinha perdido um amigo tão querido que ele tinha quase como um irmão. E ele não se
lembraria Ellen porque isso mostrava que ele tinha perdido o que poderia ter sido a felicidade do resto de sua vida.
Ele não pensaria dela.
E quando o fez, como ele inevitavelmente fez a cada dia e cada hora era para admitir que ela provavelmente tinha razão. Ele a amava, porque ela o havia tratado com tanta gentileza e devoção. Porque eles tinham sofrido em conjunto, separados do resto do mundo. Porque ela era bonita e tinha grande força de caráter. Porque eles tinham carregado o fardo de uma

grande dor que tinham medo de admitir, mesmo para si e se viraram um para o outro em busca de conforto.
Não tinha sido amor. Não tinha sido cobiça também. Mas definitivamente não é amor. Não é o tipo que pode durar uma vida através da rotina diária de casamento.
Quando a dor foi embora e ele poderia, eventualmente, pensar bastante abertamente sobre o seu caso, ele seria então, capaz de se lembrar dela com algum prazer. Mas foi um caso apenas da memória. Não era algo que ele gostaria de reviver.
Ele havia prometido a Charlie, quando seu amigo estava morrendo, que ele iria cuidar de sua esposa e sua filha, que ele iria fazer com que eles nunca estivessem em necessidade. Era muito possível que Charlie não tivesse ouvido. Ele tinha quase completado sua jornada para a morte quando as palavras foram ditas. Mas isso não importava. O fato era que a promessa havia sido feita e era vinculativa.
E isso incomodava a mente de Lorde Eden no mês após seu retorno à Inglaterra. E ele sabia que nunca poderia conhecer a paz de espírito até que ele tivesse chamado Ellen e Senhorita Simpson para certificar-se de que elas não estavam passando por necessidades. Mas sempre deixava para amanhã. Havia sempre uma boa razão para que ele fizesse hoje.
Foi Susan Jennings, que finalmente decidiu-lhe que a visita não podia mais ser adiada.
Susan também havia perdido o marido em Waterloo. Ela estava em Londres, hospedada na casa do Lorde Renfrew, seu cunhado. Sua mãe, a Sra Courtney, tinha vindo para estar com ela.
Elas tinham sido chamadas um par de vezes por Alexandra, enquanto ele ainda estava em Bruxelas e uma vez depois para saber sobre a sua saúde. E elas foram chamadas novamente um mês depois.
— É tão bom ver você em casa são e salvo de novo, meu Lorde, — disse a Sra Courtney à sua maneira maternal, apertando sua mão e acariciando-o. — E tão bonito como sempre. Embora mais magro, eu acredito. Ele não está mais magro, minha Senhora? — Ela se virou para a viúva Lady Amberley para confirmação.
Susan tirou um lenço de renda da sua bolsa e enxugou as lágrimas. Ela olhou para ele com grandes olhos cor de avelã, mostrando a alma.
— Eu não teria vindo, meu Lorde — disse ela — se eu soubesse que você e sua mãe também viriam visitar. Eu não teria me intrometido. Mamãe e eu apenas queríamos saber como você está. Estou muito, muito feliz que você escapou do destino de meu querido marido.
Ela se dissolveu em novas lágrimas e foi consolada por sua mãe.
Ela parecia extraordinariamente bonita, Lorde Eden pensava, mesmo em seu luto. O negro profundo de seu vestido a fazia parecer mais frágil do que nunca e complementou o ruivo do cabelo dela.
Mas não era Susan que via em sua mente depois que ela e Sra Courtney tinham saído. Ele viu Ellen, como a tinha visto na última vez, também em preto, escondendo-se nas sombras da sua sala de estar em Bruxelas. Ela ainda estaria vestindo luto. Então perdera Simpson.
Ele deveria visitá-las. Ela tinha lhe dito, é claro, que nunca queria vê-lo novamente. Mas ele tinha prometido a Charlie. Além disso, ela tinha falado em um momento emocionalmente carregado.
Apesar de tudo o que tinha acontecido entre eles no quarto, eles ainda eram amigos de longa data. Ele lhe devia uma visita de cortesia. Ele deveria ir sem demora.

Mesmo assim, ele teve que usar toda a sua força de vontade no dia seguinte para não se arranjar desculpas novamente e ficar longe da casa em Bedford Square. Ele podia sentir seu coração batendo em seu peito quando entregou seu cartão para o mordomo de Lady Habersham e perguntou se poderia esperar a Sra Simpson e sua enteada.

Foi estranho, pensou ele quando saiu da casa poucos minutos depois, tendo deixado seu cartão e a mensagem de que ele viria novamente no dia seguinte. Ele tinha ensaiado várias cenas que poderiam desenvolver de sua chamada.

Ele tinha imaginado Ellen chateada ou com raiva ou fria ou até mesmo feliz, e ele tinha lidado com todas essas possibilidades em sua mente. Mas ele não tinha se preparado para descobrir que ela não estava em casa. Ele não tinha preparado sua mente para talvez ter que passar pelo mesmo calvário mais uma vez.

Ou talvez ela estivesse em casa. Talvez ela não o veria. Ele iria descobrir no dia seguinte, supôs, quando ela estaria esperando por ele. Ele montou em seu cavalo e virou a cabeça em direção aos parapeitos de pedra e da praça além.

Ellen ficou olhando para ele. Ele estava usando roupas civis muito na moda. Ela nunca o tinha visto fora de seu uniforme de oficial. Exceto naquelas últimas semanas, é claro.

Ele parecia estranho. Diferente. E muito, muito familiar.

Ela desejou que pudesse reviver os últimos minutos. Ela não iria se comportar da mesma maneira. Tinha sido muito tola, muito descontrolada. Mas ele a tinha tomado de surpresa. Ela não esperava por ele. E assim tinha reagido

por instinto. E o instinto tinha feito dela uma covarde. Ela tinha fugido dele.

Ela não tinha esperado agir dessa forma.

Em dois meses ela havia trabalhado fora de seu sistema. Sua dor por sua perda de Charlie tinha superado tudo o mais em sua vida. Tinha sido muito, muito pior do que ela esperava, mesmo em seus piores pesadelos. A dor a tinha paralisado, tirado toda a sua vontade de viver, fazer e planejar.

Ela tinha colocado Lorde Eden para fora de sua mente, fora de seu coração. E ela tinha perdoado a si mesma pelo que eles tinham feito juntos. Na ausência de qualquer pessoa a confessar sua culpa, na ausência de Charlie, ela tinha perdoado a si mesma. Ele estava certo sobre isso uma coisa. Nenhum deles tinha sido preparado para enfrentar a verdade, assim eles se viraram um para o outro. Eles tinham se tornado amantes.

Não tinha havido amor envolvido, apenas uma necessidade física e emocional. Eles tinham preenchido o vazio, por alguns dias.

Não havia nenhum ponto em arrastar um fardo de culpa com ela para o resto de sua vida. Nenhum ponto em tudo. E assim ela se perdoou. E a ele. Ela não o odiava. Mas

ela não o amava, contudo. Ela não tinha sentimentos por ele. Ele tinha sido amigo de Charlie. Isso foi tudo.

Mas ela não queria vê-lo novamente. Ela não quer ser lembrada de qualquer um desses dias em que ele tinha sido quase uma parte da sua família ou dos dias após Waterloo. Ela não queria vê-lo novamente. E ela tinha assumido a que honra o faria respeitar sua recusa final para permitir que ele a visitasse.

Ela tinha sido tomada de surpresa. E em vez de recebê- lo embaixo, na presença de Dorothy e conversado educadamente com ele por meia hora, ela tinha funcionado como um coelho assustado a se esconder em seu quarto.

Exceto que seu quarto ficava na frente da casa e ela tinha sido incapaz de resistir à tentação de ir até a janela, de pé o suficiente para trás, de modo que ela não iria ser vista de fora, a fim de vê-lo quando ele saiu.
Assim como uma colegial apaixonada!
Ele parecia tão familiar, apesar da falta de costume com as roupas. Certamente não ajudava a sua provação, embora ela não poderia, é claro, ver seu rosto. Ele parecia tão esplendidamente construído como nunca.
Será que ele voltaria? Ela deveria preparar-se. Ela deveria saber muito claramente como reagiria da próxima vez. Ela certamente não deveria correr daquele jeito novamente. Dorothy pensaria que ela estava fora de seus sentidos. Ou talvez suspeitasse da verdade. E Jennifer poderia começar a se perguntar. Foi uma coisa boa que ela não estivesse em casa neste primeiro momento.
Ela deveria preparar-se para recebê-lo como um velho conhecido. Ela deveria perguntar sobre sua saúde e sobre os membros de sua família. Ela deveria preparar-se para olhá-lo de frente e friamente nos olhos.
Não deveria ser difícil. Tinha-o conhecido e sido amiga dele por mais de três anos. Houve apenas seis dias da outra forma. Não mais.
Claro que houve alguma coisa a mais, a mão de Ellen foi espalhado abaixo de sua cintura, enquanto observava o cavalo e o cavaleiro sair da praça e desaparecer de vista.
Muito mais.
Sua mente estava em um torpor profundo por dois meses. Ela não tinha feito quaisquer planos para o seu futuro, além daqueles feitos no barco. Era como se a vida tivesse ficado em suspenso. E ainda assim o tempo todo,
uma grande ironia, fato de vida tinha vindo a se Não havia dúvida. E não houve pânico e nem medo também, embora talvez, um pouco de ambos, no final do primeiro mês. Nenhum pensamento de como ela iria lidar com a realidade, como ela iria explicar às outras pessoas. Para Jennifer e Dorothy.
Ela ia ter um filho dele. Filho de Lorde Eden. Pronto. Ela tinha dito em palavras para si própria. Charlie e o cirurgião do exército tinham razão. Tinha sido algo a ver com ele. Não com ela. Ela foi capaz de conceber e ela havia concebido em algum momento durante esses seis dias.
Ela ia ter um filho. E ela deveria se despedir de seus sentidos, ela estava feliz! Havia um entusiasmo que ela ainda não sentira até o momento em que admitiu para si mesma.
Esse era o seu futuro. Alguma coisa, não, alguém, para viver agora que Charlie não existia mais. Ela poderia desejar intensamente que a criança fosse sua, mas não era e não poderia ter sido. E assim ela não poderia afinal, sentir- se mal por ter vivido esse caso, pois sem ele, ela não teria essa criança que crescia em seu ventre.
Ela não teria futuro.
Não, não é isso. Ela achava que fosse o tipo de pessoa que nunca poderia ter algo permanente em sua vida. Mas sem a criança que ela estaria começando com a idade de vinte e cinco anos com uma vida em branco à frente. A perspectiva era assustadora.
Ela teria seu filho para viver. E não importa que não era Charlie. Não importava que era de Lorde Eden.

O que importava era que fosse um ser vivo e crescendo dentro dela, que seria dela e que tinha sido concebido num momento em que o seu amor por Charlie tinha sido grande demais para sua mente estar disposta a deixá-lo ir. E num momento em que ela sentiu uma grande ternura por seu pai.

Essa criança não tinha sido concebida na luxúria. Teria sido errado dizer isso. Houve uma proximidade, uma ternura. Nada que iria durar. Nada do que poderia ser chamado de amor. Mas não apenas a luxúria. Nada feio. Nada sórdido, apesar do que ela havia dito a ele na época.

A mão livre de Ellen se juntou a outra sobre seu abdômen.

Lorde Eden foi montando ao longo da Oxford Street, quando viu seus primos Anna e Walter Carrington andando em sua direção, os braços de Walter carregados com volumes. Anna viu, sorriu ofuscantemente e acenou.

— Dominic — ela chamou quando ele puxou as rédeas ao lado deles. — Você é sem graça. Poderia ser você me levando pelo braço em um passeio. Mas eu poderia estar sentada em casa juntando poeira em casa se o esperasse. Então, eu vim de compras com Walter.

— E eu posso ver por que você precisa dele, — Lorde Eden disse, sorrindo para eles. — Eu suponho que você pode equilibrar algo em sua cabeça também, Walter, de modo que Anna possa comprar mais algumas coisas?

Walter fez uma careta.

— E, além disso, Anna, — Lorde Eden disse — uma vez quando eu chamei, você estava entretendo uma dúzia de convidados, pelo menos, metade dos quais eram do sexo masculino e jovens. E outra vez, saiu para conduzir com o jovem Pendleton. Concluí que um mero primo era de nenhuma importância, agora que você cresceu sendo uma beleza, como eu sempre disse você iria, sendo a *belle* de uma temporada em Londres.

— Oh, que absurdo! — Disse ela. — Você sabe que eu teria expulsado Mr. Pendleton para o fundo do mar, Dominic, se eu soubesse que você escolheria aquela tarde para ir me ver. E você realmente não deve sorrir para mim dessa maneira odiosa, Walter, como se eu fosse uma criança ainda.

Walter virou-se e sorriu para seu primo, que sorriu de volta.

Três jovens Senhoras estavam saindo de uma loja logo atrás de Anna e Walter, uma delas vestindo luto profundo. Srta. Jennifer Simpson, por alguma estranha coincidência, Lorde Eden viu quando ele olhou mais de perto. Ela o viu no mesmo instante, sorriu, hesitante e corou. Ele tirou o chapéu, que havia retornado à sua cabeça depois de saudar Anna.

— Srta. Simpson! — Disse. — Perfeito. Acabo de vir da casa de sua tia, mas nem você nem sua madrasta estavam em casa.

Ela fez uma reverência e olhou para ele.

— Você foi visitar-nos, meu Lorde? — Disse ela. — Mas Ellen está em casa. Ela não tinha intenção de sair.

— Eu deixei o meu cartão — disse ele — e disse o mordomo de sua tia que gostaria de voltar amanhã.

— Vou planejar isso — ela disse, com voz ofegante. Ela olhou por cima do ombro, mas seus dois companheiros tinham passado adiante. — E eu tenho certeza que Ellen vai também.

— Posso apresentar meus primos? — Disse. — Anna Carrington e seu irmão, Walter. Srta. Jennifer Simpson é a filha de um amigo do exército, Anna. Ela estava em Bruxelas no início desta primavera.

Anna sorriu. Walter deixou cair dois pacotes e pegou a mão de Jennifer na sua. Ela olhou para ele e corou novamente.

— Eu não tive a oportunidade de expressar a minha solidariedade — disse Lorde Eden. — Eu faço-o agora, Srta. Simpson. Seu pai era um bom homem.

— Sim. — Ela sorriu brevemente para ele e inclinou-se, ao mesmo tempo que Walter, para pegar uma de suas compras.

— Vou esperar para ver você e sua madrasta amanhã, então — disse Lorde Eden. — Talvez você concordaria em se juntar a mim para um passeio no parque?

— Obrigada, isso seria agradável. — A ligeira falta de ar estava de volta em sua voz.

Quando Lorde Eden deu a seu cavalo o sinal para seguir em frente, Anna estava ligando seu braço a Jennifer.

— Onde está a sua carruagem? — Ela estava dizendo. — Vamos levá-la a ele, uma vez que seus companheiros a abandonaram. Não vamos, Walter? Você não deve se preocupar com o meu irmão de ter de transportar tantos pacotes, Srta. Simpson. Eles são todos tão leves como penas.

Anna estava rindo alegremente quando Lorde Eden partiu.

Então, ela estava em casa. Ela recusou-se a vê-lo.

Srta. Simpson estava muito bonita. Foi triste vê-la em preto, e saber que ela usava isso por Charlie. Lorde Eden recordou a última vez que ele tinha visto a menina. Ela lhe pediu para se manter seguro. E ele perguntou se podia visitá-la na Inglaterra. Ele tinha toda a intenção na época de apaixonar-se por ela, de cortejá-la como sua noiva quando chegasse em casa.

Ele esperava que ela não tivesse percebido isso. Ele esperava que, ao planejar visitá-la no dia seguinte e até mesmo levá-la a passear, ele não estivesse prestes a se meter em alguma confusão desagradável.

Será que Ellen se recusaria a vê-lo no dia seguinte também?

O rosto de Jennifer estava brilhando com cor e os olhos brilhando quando ela voltou de sua viagem de compras com o Senhor Emery, Ellen estava feliz em ver. Parecia um longo tempo desde que a menina tinha olhado na vida com sua ansiedade característica.

— Você teve um bom tempo? — Perguntou Ellen. — E você comprou qualquer coisa?

— Eu comprei um pente que corresponda exatamente a escova de tartaruga que Papa me comprou em Bruxelas — disse Jennifer. — Nada mais, Ellen. Não vou precisar mais nada até o próximo verão, vou?

Não, elas não teriam nada de novo até o verão seguinte. Elas tinham roupas pretas o suficiente.

— Você nunca vai adivinhar quem encontrei. — Jennifer pegou nas mãos de Ellen, a cor em suas bochechas intensificada.

— Quem? — Ellen sorriu para ela.

— Lorde Eden! — A garota fez uma pausa para o efeito.

— Parecia muito, muito lindo, Ellen, mesmo que ele não estivesse de uniforme. Mas ele disse que tinha vindo aqui e nós duas estávamos fora, você foi a algum lugar?

— Eu estava aqui — disse Ellen. — Temo que fui covarde, Jennifer. Eu não pude vê-lo.

— Claro — disse a menina, apertando as mãos de Ellen e olhando para ela com simpatia. — Eu estou sendo insensível, não sou? Vai trazer muitas memórias dolorosas para você encontrá-lo novamente, não vai?

— Mas ele está voltando amanhã — disse Ellen. — Eu vou arrancar a coragem então. Vamos encontrá-lo juntas, certo Jennifer?

— Ele quer me levar a um passeio — disse a menina. Ela sorriu. — Você também, Ellen, provavelmente. Você sempre veio com a gente, em Bruxelas, não foi? Você virá amanhã também? Ele me apresentou a dois de seus primos. Anna Carrington é muito linda, Ellen. Ela fez sua temporada durante a primavera. Ela me disse que ela vai se casar com Lorde Eden, mas seu irmão apenas riu para ela e disse-me que isto é a sua ideia e ela teve isso desde que tinha dez anos. Eu gosto deles, Ellen. Eu não acho que eles levam a vida muito a sério. Eles riem muito. Ambos disseram que esperam para me encontrar de novo, e eu acho que foi real .

— Estou certo de que eles fazem — disse Ellen. — E eu espero que você encontre-os novamente, Jennifer. É hora de você começar a desfrutar novamente um pouco, embora, naturalmente, você não possa ir a qualquer festa formal ou algo assim por um longo tempo.

— E não tenho nenhum desejo de fazê-lo — Jennifer assegurou. — Oh, Ellen, eu queria que Papa estivesse aqui. Ele poderia vir com a gente amanhã e vocês dois seriam capazes de andar à frente de Lorde Eden e eu no parque, e eu seria capaz de vê-los conversando e rindo juntos. Oh, eu queria que Papa ainda estivesse aqui... Mas eu sinto muito. Eu não deveria dizer essas coisas por mais tempo, porque isso só faz você se sentir triste. Perdoe-me, Ellen. Eu sou tão autoindulgente. Não vou dizer tais coisas de novo, eu juro que não vou.

Ellen sorriu e beijou-a e pediu para ver o pente de tartaruga.

Capítulo 14

Lorde Eden não foi afinal a Bedford Square no dia seguinte. Ele enviou uma nota desculpando-se depois que sua mãe recebeu uma carta rabiscada às pressas de Dover para dizer que Madeline era para estar em casa em algum momento naquele dia.

Ela chegou no final da tarde em um carro pertencente ao Sr. Septimus Foster, o primo com quem o tenente Penworth era para ficar em Londres. Ela estava cansada, mas incrivelmente feliz.

— Mamãe! — Ela gritou, lançando-se nos braços de sua mãe. — Parece uma vida. Oh, como é bom estar em casa. E Edmund e Alexandra vieram também. Mas não as crianças?

— Ela abraçou ambos duro e virou-se para seu irmão gêmeo. — Dom. Oh, você, horrível homem. Você parece tão saudável como sempre. E quando eu penso do susto que você me deu, em Bruxelas!

Ela estava em seus braços, em seguida e ele estava embalando-a contra ele.

— Você está parecendo muito bem mesmo — disse ele.

— Eu estava esperando para vê-la um mero fantasma de
você mesma, depois de meses de brincar de enfermeira. Mas você parece como se estivesse no meio de uma temporada muito bem sucedida.

— Allan e eu estamos noivos — disse ela. — Foi tudo decidido antes de virmos para casa. Os anúncios oficiais devem ser efetuados logo que ele fale com você e Edmund, Mama. Ele não tem que fazê-lo, é claro, porque eu alcancei minha maioridade tempos atrás, mas ele vai fazer isso de qualquer maneira. Deseja-me felicidades? — Ela abriu um grande sorriso, um pouco insegura ao redor da sala.

Lorde Amberley ficou de pé novamente e colocou um braço sobre os ombros.

— Você parece feliz o bastante, querida — disse ele. — E é claro que eu nunca quis outra coisa senão a sua felicidade. Se você tiver decidido Penworth, então ele é um homem de sorte.

— Eu não poderia ter dito melhor — disse a viúva, sorrindo para a filha.

— Onde ele está? — Perguntou a Senhora Amberley. — Quando é que vamos encontrá-lo? Se eu soubesse na primavera que era para ser seu marido, Madeline, eu teria
prestado mais atenção nele. Eu posso lembrar apenas de um homem muito jovem em um uniforme escarlate.

Madeline olhou para seu irmão gêmeo, ele sorriu e estendeu a mão para ela.

— A viagem foi uma grande provação para ele — disse ela. — Eu não acho que eu parei de falar por um momento todo o caminho de Dover. Eu estava tentando manter sua mente longe de seu próprio desconforto e dor. Fomos direto para o Sr. Foster e então eu vim para cá. Parece estranho estar sem ele, depois de tantos meses. — Ela olhou novamente a seu irmão, incerta, pegou sua mão.

— Se você está feliz, Mad, — ele disse, — então eu também estou. Você está satisfeita agora?

Ela assentiu com a cabeça.

— Bem — o conde de Amberley disse, sentando-se ao lado de sua esposa — poderia muito bem aproveitar este interlúdio incomum de amizade entre irmão e irmã, Alex. Estou certo de que os dois estarão na garganta um do outro antes que outro dia passe e nós saberemos que tudo está de volta ao normal.

A viúva tocou a campainha para chamar a bandeja de chá.

— Agora — Madeline disse brilhantemente — Eu quero que todos me contém tudo o que aconteceu desde que os vi pela última vez. Tudo. As crianças cresceram, Alexandra? E Caroline sorri ainda para ninguém, apenas para Edmund?

— Ela estava muito desconfiada quando ele chegou em casa a partir de Bruxelas depois da longa ausência — disse a condessa com um sorriso. — Mas vendo Christopher lançar- se nas costas de Edmund e eu agarrando um de seus braços, deve tê-la tranquilizado. Ela deu-lhe um sorriso que eu não via há semanas. Realmente não é justo, não é? Quem alimenta a criança, afinal de contas?

— É justo que ela reconhece um homem bonito quando vê um — disse o conde.

Embora houvesse muito a dizer, tantas perguntas a serem feitas e respondidas, todos eles reconheceram que Madeline estava muito cansada. Meia hora depois, ela estava subindo as escadas para seu quarto, o braço ligado através de seu gêmeo.

— Como você está, Dom? — Perguntou ela quando ela fechou a porta de sua sala de estar por trás deles.

— Como você vê. — Abriu os braços para os lados. — Tão bom como novo, Mad. E em roupas civis, você terá o prazer de observar.

— Eu tenho. — Ela atravessou a sala e bateu a gola de seu casaco. — E é tão bom ver você assim. Gostaria de declarar uma guerra aberta a você se não tivesse vendido sua comissão.

— Ooh — disse ele, sorrindo. — de fato.

— O que eu quis perguntar, — ela disse — foi como você está? Quero dizer realmente, Dom.

— Você está me perguntando sobre Ellen Simpson — disse ele. — Eu estava planejando visitá-la esta tarde. Pela primeira vez e porque prometi Charlie que eu iria cuidar das duas se houvesse necessidade. Eu não a vi desde Bruxelas, Mad. Está tudo acabado. Foi apenas um episódio irreal de uma época de grande crise. Doce no momento, mas é melhor esquecer. — Ele sorriu.

— Foi isso? — Ela disse com tristeza. — Mas parecia tão real no momento. Você parecia muito feliz. O que aconteceu, Dom?

— Nós dois acordamos — disse ele. — Isso é o que aconteceu. Era inevitável. — Ele deu de ombros. — Não foi

grande coisa. Só parecia tão certo no momento. Há uma coisa que eu preciso saber sobre você. Fez Penworth pedir-lhe para casar com ele, ou se você perguntou a ele?

Ela corou e riu.

— Você não poderia esperar que ele me pedisse — disse ela. — Ele ainda não quer particularmente viver, exceto que agora eu acho que ele percebeu que deve fazê-lo, querendo ou não. Ele certamente não acha que tem qualquer valor como um homem. Ele não está

disposto que todos possam vê-lo. E ele não irá para casa em Devon. Não pode enfrentar a pena de sua família, diz ele. Um absurdo, é claro. Vou falar com ele sobre tudo isso, eventualmente. Vai levar tempo.

— Então, você perguntou-lhe — disse ele. — Você o ama , Mad? Ou é pena?

— Eu o amo — disse ela. — Ele encheu todo o meu mundo por três meses, Dom. Eu não posso imaginar a vida sem ele agora. Você não vai ser difícil, só porque ele perdeu uma perna e um olho?

— Não, eu não vou ser difícil. — Ele pegou-a pelos ombros e sacudiu a suavemente para trás e para frente. — Você é tão antiga e tão sábia como eu, o que não é dizer
muito, eu suponho. Mas se você disser que pode ser feliz com Penworth, então eu acreditarei que você pode ser. E tudo o que posso fazer é repetir o que disse lá embaixo. Se você está feliz, então eu também estou.

Ela abraçou-o com força e apoiou a cabeça em seu ombro largo.

— Oh, Dom — disse ela — é muito bom estar em casa. Assim, é bom tê-lo vivo e seguro de vez. E eu estou tão cansada. Eu me sinto como se eu não dormisse durante meses.

— Não durma no meu ombro, então — disse ele. — Tenho certeza de que sua cama será muito mais confortável. Levante-se agora, ou sente-se e eu vou tocar para uma empregada vir.

Madeline bocejou alto, deselegantemente e sentou-se firme em uma *chaise longue*.

Ellen estava sentada no térreo, na sala da manhã terminando uma carta para a sua amiga, Sra Cleary, que ainda estava em Paris. Ela teve a casa só para si, além dos servos. Dorothy e Jennifer tinham saído logo depois do
almoço, a fim de acompanhar as Senhoras Emery a biblioteca e lojas.

Ela e sua enteada foram recuperando seus espíritos, ela acabara de escrever a sua amiga. Seu marido lhe deixara independente e ela esperava em breve, comprar-se uma casa de campo em algum lugar do país e mudar-se para lá. Ela não tinha certeza sobre Jennifer. A menina poderia ficar com a tia. Ou talvez mudar-se para a casa de seu avô.

Nada era tão certo na realidade, é claro. Dorothy não tinha dito mais nada sobre a visita a Sir Jasper Simpson. Talvez ela nunca o fizesse. Talvez o pai de Charlie se recusasse a receber Jennifer, mesmo que isso significasse que ele não poderia conhecer a viúva de seu filho.

Mas Ellen foi determinada que isso não seria deixado.

Ela tinha feito uma promessa para Charlie e ela iria para mantê-la. Seu pai não iria rejeitá-las se recorresse a ele, Charlie tinha dito. Bem, se necessário, ela iria a Sir Jasper, não tomar chá, mas para suplicar-lhe a aceitar sua neta. Se ele realmente amasse seu filho, como Dorothy acreditava, se ele realmente estivesse triste por ele agora, então certamente ele não poderia recusar-se a atender a filha que Charlie tinha amado, mesmo se houvesse qualquer dúvida sobre seu nascimento.

Ela permitiria que mais uma semana passasse. Se Dorothy não dissesse nada mais nesse tempo, então Ellen iria tomar medidas por si mesma. Ela sentiu-se melhor decidindo assim. Ela sentiu como se estivesse voltando à vida depois de um longo tempo. Ela estendeu a mão para o mata-borrão e secou cuidadosamente a tinta em sua carta.

Ela tinha tomado medidas em outra coisa também. Ela tinha dito a Dorothy no dia anterior sobre a criança. Ela tinha sentindo cansaço durante os dias, e muitas vezes sentiu náuseas e tonturas no período da manhã. Ela precisava dizer a alguém. Ela havia dito nenhuma mentira.

Ela não tinha dito nada sobre a paternidade do bebê e disse apenas que era esperado em algum momento no início da primavera seguinte. Ela não tinha dito a verdade, é claro.
Dorothy tinha ficado muito feliz, a abraçou, beijou-a, riu e derramou lágrimas.

— Oh, eu estou muito feliz — ela disse. — Eu já esperava por isso desde que Charlie casou com você, Ellen. E agora aconteceu justamente quando parecia tarde demais. Eu estou muito feliz por você. Mas você já viu um médico?
Ellen tinha sacudido a cabeça e concordaram que ela iria ver o médico de Dorothy no final da semana, assim que pudesse ser arranjado.
Sentia-se desconfortável com o engano. Mas o que ela poderia ter feito? Como ela poderia ter dito a irmã de Charlie a verdade? No geral, foi bom ter seu segredo fora de seu peito. Embora não fosse tão completamente.

— Por favor não diga Jennifer ainda — ela disse.

— Mas por que não? — Lady Habersham tinha pedido.

— Ela vai ficar feliz em saber que irá ter um irmão ou irmã.

— Eu vou encontrar o momento certo para dizer a ela — Ellen disse. Irmão ou irmã de Jennifer! Ela se sentia muito desconfortável e culpada novamente. Mas, se ela pudesse fazer essa reconciliação com Sir Jasper, então ela poderia mudar-se para outro lugar e ela estaria livre para dizer a todos a verdade. O tempo viria em breve, ela esperava, muito antes de seu filho nascer.
Ontem tinha trazido um outro alívio de um fardo, embora Jennifer houvesse ficado decepcionada. Um compromisso inesperado tinha obrigado Lorde Eden cancelar seu plano de visitá-las durante a tarde. Não tinha
havido nenhuma outra explicação. Talvez se ele tivesse percebido que ela estava em casa na primeira visita, que ela se recusou a vê-lo. Talvez ele tivesse mudado de ideia sobre forçar sua presença a ela.
Houve enorme alívio no conhecimento. Ela realmente não queria vê-lo. E tinha havido uma certa dor na perspectiva de Jennifer vê-lo novamente. Parecia por um tempo, em Bruxelas, que eles dois poderiam estar desenvolvendo algo. E ao mesmo tempo que ela esperava que não fosse.
Ela não iria pensar nessas coisas. Jennifer não era infeliz. Ela tinha seus amigos e ela era muito jovem. Haveria tempo suficiente para beleza e casamento após seu ano de luto.
Ellen selou a carta e ficou de pé. Ela ficou de pé, apesar da onda de náusea que a fez dobrar a cabeça para a frente e fechar os olhos por um momento. Ela iria entregar a carta a um lacaio para ir com a correspondência do dia. Estranho pensar que ela estaria em Paris, se Charlie ainda estivesse vivo. Não, ela não pensaria nisso. Ela correu para o corredor.
E colidiu frontalmente com um homem que estava apenas fora da porta da sala de manhã.

— Oh, — ela disse, olhando-se drasticamente à medida que ele pegou em seus braços para estabilizá-la.

— Ellen — disse ele.
Ela olhou para seu rosto através de um longo e escuro túnel. Houve um zumbido nos ouvidos. Ela apertou sua carta ao seu seio.

— Ellen — disse ele novamente. — Como você está?

— Bem — ela disse, mas nenhum som saiu de sua boca.

— Bem — ela repetiu.

Ele ainda estava segurando seus braços. Ele a soltou de repente, e eles se entreolharam estupidamente, ambos aparentemente incapazes tanto de se mover ou de falar normalmente.

— Eu apenas enviei o mordomo no andar de cima com o meu cartão — disse ele finalmente.

— Eu estava escrevendo uma carta — disse ela, segurando-a quase como se ela estivesse oferecendo a ele.

Sua voz soava muito longe. Ela ouviu-o como se fosse outra pessoa formar as palavras. E o zumbido nos ouvidos

tornou-se um rugido, mesmo quando sentiu seu rosto ficar frio e ela recuar visão.

— Ellen! — Alguém dizia muito, muito longe. — Sente- se nas escadas por um minuto. — E alguém estava segurando seu corpo flácido em braços muito fortes e reduzindo-a a uma posição sentada na escada. E a mão quente de alguém estava na parte de trás do pescoço dela, forçando a cabeça para baixo. E alguém estava abaixando- se na frente dela. Ela estava respirando a fragrância de um perfume familiar.

— Ela desmaiou. Ela voltará em um momento. — A voz calma estava perto de seu ouvido.

— Posso pegar alguma coisa, meu Lorde? — A voz do mordomo.

— Um copo de água, talvez. — Fortes mãos quentes tomaram uma dela entre elas e começou a esfregá-la. — Mantenha sua cabeça para baixo, Ellen — disse ele. — Tome respirações lentas e profundas.

A voz de Dominic. Foi Dominic. E ela tinha desmaiado! Ela estava sentada no segundo degrau no corredor, o mordomo apressando-se com um copo de água, e Dominic de joelhos na frente dela, tomando o copo na

mão, cobrindo a própria mão fria e tremendo sobre a dele e ajudando-a a levantar-se.

Ela tinha desmaiado. Achava que jamais seria capaz de levantar a cabeça.

— Que tola fui — disse ela. — Estou muito bem agora.

Mas uma mão firme em cada um dos seus ombros segurou-a quando ela tentou se levantar.

— Sente-se ali por um momento — disse ele.

E então as portas da frente foram abertas e Dorothy e Jennifer estavam lá, sua humilhação foi completa.

— Meu Lorde? — Disse Jennifer. — E Ellen? Qual é o problema?

— Ela desmaiou — disse Lorde Eden. — Mas eu acredito que ela está quase recuperada agora.

— Ellen! — Disse Dorothy, correndo até ela. — Uma dessas tonturas novamente, querida?

Não diga nada!

— Eu estou bem — disse Ellen, tentando novamente levantar e sentindo aquelas mãos fortes fechando novamente sobre os ombros, segurando-a para baixo. — Eu não posso pensar no que deu em mim. Por favor me perdoe. Hei de subir para o meu quarto.

— Vou levá-la lá — disse Lorde Eden.

— Sim, você deve deitar-se — disse Lady Habersham. — Você realmente deveria estar descansando mais, querida.

Não diga mais nada. Por favor, não diga mais nada!

— Obrigada — disse Ellen — mas já me recuperei completamente agora, meu Lorde. Eu não preciso de sua ajuda.

— Eu devo ir com você, Ellen — disse Lady Habersham. — Você deve deitar-se até à hora do almoço. E eu vou marcar com o meu médico. É hora de você consultá-lo.

Por favor, oh, por favor, não diga mais nada!

Ellen colapsou de bruços em sua cama alguns minutos mais tarde e se fixou lá quando sua cunhada tirou os chinelos e nas pontas dos pés, saiu do quarto.

Se ela tentasse muito a partir de agora até o dia do juízo final, ela não poderia pensar em uma humilhação maior do que o que tinha acontecido. Ele tinha aparecido novamente e ela tinha desmaiado, literalmente desmaiou a seus pés. O que será que ele pensou? Deve ter tirado todas as conclusões erradas.

Ela estava se sentindo tonta antes de sair da sala de manhã. Ela não tinha estado esperando por ele. Ela não teve tempo para se preparar para esse primeiro encontro face à face. Se ao menos ela soubesse, ela teria o recebido com uma frieza admirável. Ele a tinha tomado de surpresa.

E ela tinha desmaiado!

Ela jamais seria capaz de enfrentá-lo novamente? Como se fosse forte o suficiente para fazê-lo de qualquer maneira. Mas ela teria que enfrentá-lo novamente? Será que ele agora perceberia que ela simplesmente não queria vê-lo?

Ou ele se sentiria obrigado a voltar para perguntar sobre a sua saúde?

Lorde Eden, no térreo com Lady Habersham e Jennifer, estava expressando sua preocupação com a saúde de Ellen.

— Ela tem se sentido indisposta durante algum tempo — disse Lady Habersham. — É, sem dúvida, o estresse causado pela morte de meu irmão. Eu vou ter certeza que ela veja um médico e descanse mais.

— Eu não sabia que Ellen tinha tido mal-estar — disse Jennifer, com alguma aflição. — Ela não me disse nada, tia

Dorothy. Eu tenho sido egoísta, como de costume, não? Eu estive pensando apenas em meus sentimentos.

— Você absolutamente não tem culpa, minha querida — sua tia disse rapidamente.

Lorde Eden ficou em pé.

— Eu estava esperando que você e a Sra Simpson estariam livres para caminhar comigo esta tarde, — ele disse para Jennifer. — Mas eu vou, se eu puder, volto amanhã para ver como sua madrasta está.

Ele fez suas reverências e despediu-se.

Se ele tivesse feito isso com ela? Se perguntou quando partiu. Se ela tivesse ficado realmente doente, como Lady Habersham havia dito? Ou teria sido uma doença que só a visão dele tinha causado?

Se ele viesse no dia seguinte? Seria mais amável e mais honroso ficar longe? Mas ele teria que ir. Ele teria que assegurar-se de que ela estava se sentindo melhor.

Ele temia essa visita. Temia o primeiro olhar para ela novamente, com toda a necessidade de aparecer fresco sem parecer descuidado, de aparecer amigável sem parecer insensível. Ele temia ter de formar essas primeiras palavras para dizer a ela.

Mas ele tinha pensado que seria possível. Ele tinha ensaiado a reunião muitas vezes, esperando ter a presença de outras pessoas. Ele não esperava olhar estupidamente para ela, sua mente paralisada para que nenhuma palavra se formasse, exceto seu nome.
Ele havia se comportado como um estudante com sua primeira paixão. Foi bastante ridículo, especialmente quando ele tinha tido mais de dois meses para se recuperar dessa ligação. Especialmente quando ele tinha se convencido de que ela não significara para ele mais do que qualquer outra mulher.
Ele teria que fazer muito melhor no dia seguinte.
Lady Habersham sugeriu uma curta caminhada no parque durante a tarde. Se Ellen estivesse se sentindo bem o suficiente.

— Claro que eu estou me sentindo bem — Ellen assegurou. — Eu estava debruçada sobre a mesa de trabalho por uma hora esta manhã e pulei para os meus pés muito rapidamente. Isso foi tudo. Foi muito tolo de mim desmaiar no corredor.

— E houve o choque de encontrar aquele jovem lá — sua cunhada disse com um aceno de cabeça. — Ele era um amigo muito próximo de Charlie, não, Ellen? Deve ser difícil para você saber que ele sobreviveu quando Charlie não o fez. Mas ele é um jovem muito amável e muito bonito também. Você estava muito certa sobre isso, Jennifer .
A menina corou.
Cinco minutos depois de terem entrado no parque, uma carruagem se deteve ao lado deles e Jennifer reconheceu Anna e Walter Carrington.

— Não quer se juntar a nós em uma volta no parque, Srta. Simpson — disse Anna, depois que as apresentações foram feitas. — O assento é estreito e estaremos terrivelmente esmagadas, mas você estará me fazendo um grande favor. Walter declara que eu não digo uma palavra sensata tenho, o que é muito desagradável e rude da parte dele e nenhum outro Lorde de meu conhecimento nunca disse tal coisa. Mas Walter é meu irmão e pensa que é bastante normal ser tão rude quanto pode ser com sua irmã.
Ela riu alegremente enquanto seu irmão parecia indignado e saltou para o chão para levantar Jennifer.

— Você estaria me fazendo um favor também, Srta. Simpson — disse ele — por me resgatar de uma megera. Com sua permissão, Senhora? — Ele parecia não saber se ele deveria olhar para Ellen ou Lady Habersham permissão, então sorriu para ambas.

— Que agradável para ela, — Lady Habersham disse um minuto depois que a carruagem se afastou por um dos caminhos. — Eu estou contente de vê-la fazer alguns amigos, Ellen. E eles parecem ser pessoas muito agradáveis.

— Sim — disse Ellen. — Mas eu não estou surpresa, você sabe? Jennifer era muito popular em Bruxelas .
Lady Habersham passou o braço por sua cunhada.

— Fico feliz que temos alguns minutos juntas — disse ela. — Falei com o Papa. Ele quer você e Jennifer para tomar chá com ele em dois dias a partir de hoje. Phillip e Edith vão estar lá também. Você irá, Ellen?
Ellen abriu um grande sorriso.

— Jennifer também? — Disse ela. — Ele mudou de ideia sobre ela? Oh, sim, Dorothy, é claro que vou. Estou muito contente. E obrigado por falar de Jennifer.

— Bem,c— Lady Habersham disse, apertando o braço de Ellen, — Eu acho que Papa teria aceitado as condições de qualquer forma, quando ouviu a notícia.

— A notícia? — Ellen sentiu-se gelar.

— Sobre seu neto esperado — disse sua cunhada. — Não me lembro de alguma vez ter visto Papa tão animado sobre qualquer coisa, Ellen.

— Você disse a ele... — disse Ellen, fechando os olhos brevemente. — Dorothy, pedi-lhe para não contar a ninguém ainda.

— Não, querida. — Lady Habersham parou de andar. Sua voz estava cheia de preocupação. — Não. Você me pediu para não contar a Jennifer. Eu não percebi que talvez, você gostaria de ser a única a dar a notícia a Papa também. Mas é claro. Foi impensado de mim, não foi? Claro que você gostaria de dizer-lhe por si mesma. E agora eu estraguei isso para você. Oh, eu sinto muito, Ellen.

— Não — Ellen colocou uma mão sobre o rosto e sacudiu a cabeça. — Não, não, Dorothy. Sinto muito. Eu não estou brava com você. Estou apenas sendo boba sobre essa coisa toda, eu suponho. Eu quero manter isso em segredo,
quando ele será bastante óbvio para qualquer um que olhe no próximo mês ou dois.

— É que você está tão sozinha — disse sua cunhada. — Se Charlie estivesse com você, Ellen! Oh, eu posso imaginar o quão orgulhoso e feliz ele estaria. Mas nós somos a sua família também, querida, Papa, Phillip e eu. E Jennifer, claro. Vamos ajudá-la a sentir a felicidade do evento, embora, é claro, terá uma dose de tristeza para você também.

— Você é tão gentil comigo — disse Ellen, olhando para Lady Habersham. — Eu realmente não mereço... Oh, querida.

— Bem — sua cunhada, disse — dentro de dois dias você vai conhecer Papa e Phillip. E tudo vai funcionar bem, você vai ver. Papa não é um monstro, você sabe. De modo nenhum. E ele vai te amar. E Jennifer também.

— Será que ele concordou em recebê-la só porque ele quer me conhecer? — Perguntou Ellen.
Lady Habersham apertou seu braço novamente.

— Não se preocupe com motivos — disse ela. — É o resultado da reunião que será importante, Ellen. Ele não será capaz de não a amar, uma vez que ele a veja.

— Então ele vai conhecer o neto de legitimidade questionável, a fim de garantir o reconhecimento de um de cujo nascimento não pode haver nenhuma dúvida — Ellen disse calmamente.
Lady Habersham deu um tapinha no braço.

— Ah, lá vêm eles de novo — disse ela. — E todos rindo alegremente, como os jovens devem. Não é Anna Carrington muito, muito jovem, Ellen? Seu cabelo é tão escuro como o de Jennifer, mas muito curto, se não estou enganada. E o Sr. Carrington é um jovem muito apresentável também.
Madeline montou ao lado do irmão durante o passeio de carruagem ao Bedford Square.

— Eu realmente aprecio isso, Mad — disse ele. — Devo-lhe um favor.

Ela sorriu para ele.

— Eu não vou esquecer — disse ela. — Mas isso não é fardo para mim, Dom. Allan estava cansado esta manhã quando eu fui ler para ele e decidiu que ele vai descansar
esta tarde. E eu gostaria de ver tanto a Senhora e Senhorita Simpson novamente. Eu gostava delas em Bruxelas.

— Quando Penworth vai admitir quaisquer visitantes, além de você? — Perguntou. — E quando é que ele vai se aventurar para fora?

— Vai levar tempo — disse ela. — Ele vai fazer as duas coisas, eventualmente, Dom. Tenha paciência com a gente. Por favor?

— Eu quero falar com ele — disse ele. — Se ele será meu cunhado, eu quero conhecê-lo. E ele deve atender Mama e Edmund.

— Ele vai, — ela disse apressadamente, colocando a mão em sua manga. — Ele vai, Dom. Tente se colocar em seu lugar. Como você se sentiria?

Ele a olhou em silêncio por alguns instantes e, em seguida, virou-se para olhar para fora da janela, para as ruas. — Provavelmente a mesma coisa — disse ele. — Só que eu acho que não teria me comprometido com ninguém.

— Só porque não há tantas mulheres que são tão insolentes como eu — disse ela. — E muito me envergonha saber que eu propus ao meu futuro marido. Mas se eu não
tivesse, ele nunca teria me aceito. Então eu não lamento. Será que a Senhora Simpson irá recebê-lo?

— Eu não sei.— Ele fez uma careta. — E eu não sei se estou fazendo a coisa certa, vindo aqui novamente. Mas eu tenho que ter certeza de que ela se recuperou.

— E você realmente não sente nada por ela, Dom, além da preocupação que naturalmente sente para a viúva de seu amigo? — Perguntou ela.

— Não, nada — disse ele. — Eu a conheço há vários anos, lembra-se. Aquela loucura durou apenas alguns dias. Eu só preciso retornar esta visita. Em seguida, vai estar tudo acabado.

— Oh, mentiroso, Dom — disse ela, fixando-se os ombros contra o canto do assento e olhando fixamente para ele. — Eu sou Madeline, lembra? Sua irmã gêmea.

Ele olhou para trás.

— Eu te trouxe comigo para dar apoio moral — disse ele

— não como confessora. E você está Ela encolheu os ombros e não disse nada. Mas ela o fez se sentir desconfortável todo o resto do caminho, sentada de lado e olhando para ele.

Ela ainda não disse nada enquanto esperavam que o mordomo de Lady Habersham levar o cartão do Lorde Eden ao andar de cima. Mas certamente ajudou tê-la com ele, quando foram levados em um salão no andar de cima. Ele poderia prender a respiração e os seus pensamentos durante a apresentação de sua irmã para Lady Habersham e enquanto esperava pelas saudações efusivas de Madeline trocadas com as outras duas Senhoras.

Curvou-se sobre a mão de Jennifer e reconheceu a reverência de Ellen com um aceno.

Ela sentou-se com as costas retas e não tocou a parte de trás da cadeira. Ela cruzou as mãos tranquilamente no colo. Lorde Eden tomou sua coragem em ambas as mãos e atravessou a sala

para tomar um assento ao lado dela. Madeline começou a falar com a animação para a sala em geral.
Seu rosto estava mais magro e tinha perdido a cor. Seus olhos cinzentos, pelo contrário, pareciam maiores e mais luminosos quando ela os descansou firmemente no rosto de Madeline. Seu cabelo loiro, liso e brilhante, foi atraído de volta de seu rosto no velho estilo simples, descansando em um nó na parte de trás do pescoço.
Memórias espontâneas vieram a ele de seu rosto corado e animado em um baile e olhos pesados com paixão sobre um travesseiro, o cabelo emoldurando seu rosto como um halo brilhante.

— Eu confio em você está se sentindo melhor, Senhora? — Disse. Palavras de formalidade ridícula. Ele tinha murmurado palavras de amor em seu ouvido, contra sua boca.

— Sim, eu agradeço, meu Lorde. — Ela baixou os olhos longe de Madeline e olhou para o lado. Mas não para ele. — Eu era muito tola. Eu fiquei curvada, escrevendo por mais de uma hora.
Ela tinha gritado seu amor por ele, murmurou seu nome uma e outra vez.

— Eu espero que você tenha recuperado completamente, — disse ela. — Você está parecendo bem.
Como ela sabia? Ela não tinha olhado para ele.

— Obrigado — disse ele. — Eu fiz todos os esforços para recuperar a minha saúde.
As mãos no colo pareciam relaxadas até que ele observou de perto e viu a brancura dos seus dedos. Ela se sentou ao lado dele muitas vezes com uma daquelas mãos
nele, sorrindo enquanto ele beijava cada dedo separadamente.

— Eu senti que eu deveria visitar você e Senhorita Simpson — disse ele — para ver se vocês se instalaram confortavelmente neste país.
Ele tinha sonhado uma vez de se contentar com ela em sua própria propriedade em Wiltshire. Ele tinha dito a ela sobre isso uma vez quando ela estava em seus braços, sua mão alisando suavemente sobre as ataduras no peito. Ele tinha dito como tinha sido desde a morte de seu pai, mas como ele nunca tinha pensado nisso como casa. Mas ele tinha sonhado de fazê-lo, em seguida, com uma mulher sua, para levar lá. Embora ele não tivesse dito isso a ela.

— Isso é muito gentil da sua parte, meu Lorde — disse ela. — Nós temos nos resolvido bem. Minha cunhada tem sido muito boa para nós e amanhã vamos tomar chá com Sir Jasper Simpson.

— Com o pai de Charlie? — Ele perguntou com alguma surpresa.
O nome trouxe manchas de cor a suas bochechas e aumentou seu próprio desconforto. O nome de seu marido, seu amigo.

— Sim — ela disse — estamos indo encontrá-lo amanhã. Ele tinha como Alexandra e Madeline se tornariam suas
amigas mais próximas.
Ele tinha sonhado um monte de sonhos que ele nunca tinha experimentado com suas outras amantes. Mas então, ela não tinha sido sua amante. Era uma palavra insatisfatória aplicada a ela, sugerindo uma mulher mantida.
Ellen tinha sido seu amor. Por um breve momento. No passado.

— Srta. Simpson vai vir com a gente, Dom — a voz brilhante de Madeline disse, lembrando Lorde Eden que ele estava em um quarto com outras pessoas, assim como ela.

— E você vai, Senhora? — Ela sorriu para Lady Habersham.

— E você, Senhora Simpson? Mas você estava falando com Dom, em seguida, e não ouviu. Estamos indo para Kensington Gardens e caminhar até lá por algum tempo.

— Eu temo que tenho outro compromisso esta tarde — disse Lady Habersham.

— Então a Senhora Simpson deve vir — disse Madeline. Ela sorriu cativante. — Você realmente deve. Acabo de chegar em casa e eu recentemente me tornei prometida ao tenente Penworth e eu simplesmente deveria ter alguém para me vangloriar.

— Você está prometida ao tenente Penworth? — Jennifer disse com um sorriso. — Que esplêndido! Ele deve estar consideravelmente melhor, então? Eu chorei quando Ellen me contou sobre seus ferimentos. Eu não poderia deixar de lembrar como ele gostava de falar sobre equitação e vela e praticar esportes em sua casa em Devon.

— Você virá? — Lorde Eden perguntou Ellen.

Ele teve uma respiração lenta. Ela olhou para Madeline, sua expressão bastante calma.

— Obrigada — ela disse — isso seria agradável. Eu devo ir como acompanhante de Jennifer novamente.

Madeline riu.

— Você tem que ir como nossa amiga — disse ela. — Eu seria uma acompanhante suficiente para Senhorita Simpson, você vê. Vamos sair? E então nós não vamos retê-la do seu outro compromisso, Senhora. — Ela sorriu para Lady Habersham.

Lorde Eden levantou-se, como Ellen quando levantou- se e saiu da sala para um chapéu e xale. Jennifer sorriu brilhantemente para ele e seguiu sua madrasta.

Os olhos do Lorde Eden se encontraram com os sorridentes de sua irmã.

Capítulo 15

Madeline sentou ao lado de Ellen na carruagem, Lorde Eden e Jennifer em frente a eles.
Madeline falou brilhantemente a todos os três por alguns minutos antes que a conversa se dividisse em dois pares. Então ela falou com Ellen sobre seu noivado.
Ellen não sabia exatamente o que tinha acontecido para ela estar ali. Ela havia se preparado para a chamada do Lorde Eden na casa de Dorothy. Ela tinha se preparado para Jennifer ir passear com ele. E ela não tinha sequer considerado a possibilidade de que ele iria estender o convite a ela, também. Ela teria sua resposta pronta. Uma empregada poderia acompanhar Jennifer.
No caso, a recusa teria sido ainda mais fácil do que o previsto. A enteada não teria sequer precisado de uma empregada como acompanhante, uma vez que Lady Madeline estaria com ela.
No entanto, aqui ela estava, pensou com tristeza. E como evitar completamente olhar para um cavalheiro alto e elegante que se sentou na sua frente, os joelhos quase se tocando? E mais ao ponto, por que ela desejaria evitar olhar para ele? Ela deveria olhar em frente, encontrar seus olhos, sorrir friamente e dissipar este terrível constrangimento e consciência que estava fazendo-a extremamente desconfortável.
Ela manteve a cabeça virada e sua atenção focada em Madeline ao lado dela.

— Ele está começando a perceber — disse Madeline, em resposta à pergunta de Ellen, um brilho nos olhos — que fora do suicídio, está condenado a viver por um tempo, pelo menos. Ele percebe que deve de alguma forma fazer que a vida valha a pena viver. Ele nunca poderá fazer qualquer uma das coisas que ele gostava de fazer antes, é claro. Ele tem que começar uma nova vida. Eu tenho lido para ele. Venho encorajando-o a pintar e concentrar-se na música. Ele tem aparentemente conseguido em ambos, embora, naturalmente, a pintura possa ser mais difícil já que ele tem apenas um olho. Mas o homem insensato, é claro, não as vê como realizações viris.

— Passou apenas três meses — disse Ellen. — Eu acredito que se o tenente já está começando a pensar que há um futuro para planejar, então ele está fazendo muito bem. Estou certa de que, tendo-lhe ajudou enormemente, é claro.
Madeline riu.

— Você não pensaria assim, se você o tivesse ouvido discutir comigo — ela disse — e tentando me mandar embora. A pior coisa para ele, veja você, o que ele talvez nunca vá se acostumar, é a sua aparência. Ele não receberá companhia ou irá para fora da porta de seu primo. Ele não vai infligir a visão de si mesmo em outras pessoas. O homem tolo.

— Ele era um homem de boa aparência apenas alguns meses atrás, — Ellen disse gentilmente. — Deve ser difícil para ele.

— Sim, é — disse Madeline. — Mas ele não precisa temer. Vou passar o resto da minha vida cuidando dele e tornando a vida fácil para ele. — Ela sorriu para sua companheira. — Estou muito feliz, Senhora Simpson.

— Eu estou contente. — Ellen sorriu de volta. — Todo mundo merece conhecer um pouco desse tipo de felicidade na vida.

Madeline abriu a boca e fechou-a novamente. Seus olhos tristes.

— Isso vai acontecer para você de novo — ela disse muito calmamente.

Lorde Eden ajudou as três Senhoras a descerem da carruagem quando chegaram em Kensington Gardens, Ellen por último. No momento em que ela desceu para a calçada, ela ficou chocada ao descobrir que Madeline já passou o braço pelo de Jennifer e estava saindo com ela. Ela desenhou uma respiração firmando.

— Isto não é o que você deseja, não é? — Disse Lorde Eden, oferecendo-lhe o braço. — Devo confessar que eu tinha a esperança de evitá-lo também. É difícil vê-la de novo.

Bem, Ellen deveria, se eles devessem falar um com o outro, provavelmente era melhor falar abertamente, em vez da forma empolada em que haviam conversado com Dorothy.

— Sim — disse ela.

— Você me culpa por ter vindo? — Perguntou. — Você desejaria que eu não tivesse?

— Por que você o fez? — Perguntou ela. — Nada de bom pode resultar da nossa reunião novamente. Apenas constrangimento para nós dois.

— Eu tinha que vir — disse ele. — Eu prometi a Charlie que eu iria tê-la segura e a Srta. Simpson.

Ela sentiu seu estômago dar uma guinada e temeu de que teria as tonturas novamente.

— Não devemos evitar o seu nome — disse ele. — Ele era meu amigo. Vocês dois eram meus amigos, Ellen. Eu odiaria pensar que alguns dias de loucura impensada teriam dizimado três anos de amizade.

Ela não disse nada por um tempo.

— Mas eles fizeram — disse ela finalmente.

— Sim, acho que sim. — Ele olhou em volta na grama pontilhada com as folhas caídas. — Eu esperava que talvez nós ainda poderíamos ser amigos. Mas suponho que não podemos. Nós podemos dar todos os tipos de desculpas para o que aconteceu entre nós, mas o fato é que isso aconteceu e sempre estará lá, um constrangimento compartilhado.

— Sim — disse ela.

Ele desenhou uma respiração audível.

— Então, quais são seus planos agora? — Perguntou. — Você estará conhecendo o pai de Charlie, você disse?

— Sim — disse ela. — Eu prometi a Charlie que eu faria. Mas como acontece, Sir Jasper foi o único a fazer o primeiro

movimento. Estou esperando que ele vá tomar Jennifer e assumir o controle de seu futuro .

— E você? — Perguntou.

— Charlie me deixou independente — disse ela. — Vou comprar uma casa no campo e mudar para lá. Eu não sei exatamente onde ainda.

— Sozinha, Ellen? — Disse. — Vai ser uma vida solitária.

— Acho que não — disse ela. — É o que eu quero.

— Você não vai ficar com o seu sogro? — Perguntou. — Você é muito jovem ainda.

— Eu prefiro ser independente — disse ela. — E quanto a você, meu Lorde? Você vendeu sua patente do exército?

— Como você vê. — disse ele. — Eu acho que vou estar me mudando para a minha propriedade em Wiltshire em breve. É hora de eu parar e me estabelecer. Gostaria de pensar que Edmund estará removendo sua família de volta para Amberley em breve, agora que estamos todos em segurança em casa, da Bélgica. Eu não sei sobre Mama e Madeline. Acho que uma grande parte depende de Penworth. Eu irei em breve, acho.

Parecia haver nada mais a dizer. Ellen mantida em seu braço o lembrou da caminhada que haviam tomado na Floresta de Soignes, no dia depois que ela havia se tornado fisicamente consciente dele pela primeira vez.

Oh, não, eles não poderiam nunca se tornar meros amigos. Porque ela nunca poderia novamente estar sem essa consciência quase doente dele quando estava perto, esse impulso para achatar a palma da mão e os dedos mais firmemente em seu braço, para fechar os olhos e deitar ao lado de sua cabeça contra o ombro largo, tão perto a ele.

Meu Deus, pensou ela, era o filho deste homem que ela carregava em seu ventre.

Eles nunca mais poderiam ser apenas amigos novamente.

— Por que você desmaiou? — Ele perguntou abruptamente.

— Eu não estive no melhor de saúde — disse ela.

— Você perdeu peso — disse ele. — Você tem sofrido, Ellen.

— Você deve entender, — ela disse — que era meu mundo. Perdi pessoas antes, pela morte e de outra forma. Mas eles sempre foram uma parte da minha vida e não a própria vida. Charlie era a minha vida. O mundo é muito vazio e um lugar muito assustador sem ele.

— Sim — ele disse e colocou a mão quente sobre a dela. Ela não tentou se afastar dele. — Eu acredito que, embora felizmente eu não tenho experimentado isso. Não diretamente. Lembro-me de minha mãe depois que meu pai morreu. Sinto muito, Ellen. É mais do que eu posso dizer, que eu sou incapaz de oferecer qualquer conforto que eu poderia ter sido capaz de oferecer, se tivesse permanecido apenas amigo de Charlie.

Ela respirou fundo.

— Eu te perdoei por isso — disse ela. — E a mim também. Prefiro não me debruçar sobre ele. E você não deve pensar que eu sou uma mulher quebrada. Eu não estou. Eu vivi dois meses de intensa dor, quando a dor de viver às vezes parecia quase demais para suportar. Mas estou bem agora e no meu caminho de volta à vida. Vou viver novamente, apenas por causa de Charlie. Ele teria ficado aborrecido de me ver como eu estava. Mas para o meu próprio bem também. A vida é muito preciosa, um presente, para não ser vivido. Você não sinta pena de mim, meu Lorde.

Ele sorriu.

— Lembro-me de dizer essas palavras exatas na Espanha — disse ele — quando estava molhada até os ossos depois que passou um rio à noite, apenas para descobrir que o seu servo tinha perdido a sua tenda no cruzamento. E Charlie estava em outro lugar de plantão. Claro, os dentes estavam batendo tão alto que era difícil ouvir as palavras. Você se lembra?
Ela olhou para seu rosto pela primeira vez naquela tarde. e deu-lhe um sorriso fugaz.

— Sim — ela disse — embora fosse uma coisa boa que você teve que sair imediatamente. Eu acredito que eu passei o resto da noite uivando de autopiedade e amontoada sobre uma fogueira inadequada.
Ela desviou o olhar novamente quando seus olhos verdes plissados nos cantos sorriram para ela.

— Aqui vem Susan, — Madeline disse de repente, olhando para trás por cima do ombro de Lorde Eden.
A Senhora que estava se aproximando no braço de um cavalheiro corpulento de porte altivo, também estava de luto profundo, Ellen viu. Ela era pequena e delicada. Ela carregava um lenço-aparado de rendas em sua mão livre.
Era impossível ver o rosto dela até que ela se aproximasse, ela usava um véu negro e pesado sobre ele.
Ela também estava uma pequena criatura murcha, Ellen descobriu, observando o contraste entre sua saudação afetada de Lorde Eden e sua irmã e sua saudação efusiva dela. E então Ellen reconheceu-a como a Senhora bonita de cabelos castanhos que tinha falado e dançado com Lorde Eden no baile do Duque de Wellington, em Bruxelas.

— Bem, Susan, como você está? — Perguntou Lorde Eden, quando Ellen e Jennifer tinham sido introduzidas por um lado, e Lorde Renfrew, por outro.

— Muito bem quanto se pode esperar, meu Lorde — disse Susan, enxugando os olhos sob o véu. — É bastante devastador viver sem meu pobre querido marido, mas meu cunhado tem sido gentil. Tenho certeza que você deve saber bem como me sinto, Senhora Simpson.
Ellen inclinou a cabeça.

— Sua mãe está aqui com você também, Susan? — Disse Madeline. — Tenho pensado em visitar vocês duas. Vou fazê-lo um dia e trazer Mama ou Dom comigo.

— Oh, isso é muito gentil de sua parte, tenho certeza — disse Susan, grandes olhos castanhos olhando com alma
para Lorde Eden. — Mas eu não iria querer ser inconveniente.

— Não será nenhum inconveniente, Susan, — Lorde Eden disse com um aceno. — Talvez podemos combinar para amanhã?

— Muito gentil! — Susan murmurou. — Acho que é muito difícil não ser capaz de se aventurar no exterior, até que o Lorde tenha tempo para me levar. Mesmo uma simples visita à biblioteca torna-se fora de questão. Oh, Sra Simpson, tomamos maridos como certo, até que eles não estão mais lá em nossa conveniência, não é? — Outra batida do lenço.
Ellen inclinou a cabeça novamente.
Lorde Eden estava sorrindo. Ellen podia ouvi-lo em sua voz.

— Se é a biblioteca que deseja visitar, Susan — disse ele — a sua necessidade é facilmente resolvida. Vou acompanhá-la amanhã de manhã, enquanto Madeline conversa com a Sra Courtney.

Mão e lenço voou para a boca de Susan.

— Oh, meu Lorde — disse ela. — Eu não poderia de modo algum me impor a seu tempo. Eu não teria dito nada se tivesse pensado que você se sentiria obrigado a fazer a oferta.

— Não é nenhuma imposição — disse ele. — Vamos ver- la na parte da manhã. — Ele acenou para o silencioso companheiro de Susan. — Renfrew?

— Como se ela não pudesse ir à biblioteca ou em qualquer outro lugar, com a Sra Courtney! — Madeline disse indignada quando tinha andado em um pequeno caminho. — Ou com uma donzela. Oh, realmente, Dom, Susan não mudou um pouco desde que ela era uma criança.

Lorde Eden riu.

— Mas é uma coisa muito pequena acompanhá-la a biblioteca — disse ele.

— Hm, — Madeline disse em algum desgosto.

Ellen ficou aliviada ao descobrir que seu companheiro de caminhada seria agora Madeline. E Madeline foi logo rindo alegremente e tirando sorrisos de Ellen sobre um trio de dândis lindos que foram picar ao longo do caminho à frente deles.

Quando o carro parou mais tarde fora da casa de Lady Habersham em Bedford Square, Madeline sorriu ansiosamente para Ellen e Jennifer.

— Foi tão agradável encontrá-las novamente — disse ela. — Não vamos fazer disso uma última vez. Você virá para o chá? Eu sei que Mama terá o prazer de vê-la novamente, Senhora Simpson. E é claro, a Srta. Simpson também. Você virá? Amanhã?

— Nós temos outro compromisso amanhã — disse Ellen, sentindo ao invés de ver a quietude do homem à sua frente.

— Mas podemos vir no dia seguinte. — Jennifer estava corada e de olhos brilhantes. — Podemos não, Ellen?

— Sim. — Ellen sorriu para Madeline. — Isso seria muito agradável. Obrigada.

Lorde Eden saltou da carruagem para ajudá-las a descer.

— Não foi apenas uma bela tarde? — Jennifer disse a Ellen quando elas estavam dentro da casa. Ela parecia bastante seu antigo eu exuberante, Ellen pensou, apesar das roupas pretas. — De repente há coisas para fazer, Ellen, e amigos para estar. E tudo sem qualquer esforço da nossa parte.

— Estou muito feliz por você — disse Ellen. — É hora de você ter algum brilho em sua vida novamente. Mr. e Senhorita Carrington estão visitando você amanhã de manhã, que você disse?

A menina assentiu alegremente.

— Não é Lady Madeline simplesmente adorável, Ellen? Eu gostaria de poder ter sua beleza e seu charme e elegância.

— Você vai. — Ellen sorriu quando ela tirou o chapéu.

— Tudo o que ela tem que você não tem, Jennifer, está em idade e experiência.

— Lorde Eden é excessivamente bonito mesmo agora que ele não está usando um uniforme, não é? — Disse Jennifer. — Eu só desejaria não me sentir como uma criança quando estou com ele. Eu sempre faço. Eu não me sinto assim com outros Lordes. Eu não me sinto corar com o Sr. Carrington, com a língua presa, por exemplo. Claro, ele não é perto de tão bonito como Lorde Eden.

Ellen nunca tinha tido certeza de como sua enteada se sentia sobre Lorde Eden. Ela esperava agora que a menina não fosse desenvolver uma afeição por ele. Oh, ela esperava. Ela não achava que seria capaz de suportar isso.

Mas acima de tudo, ela esperava que Jennifer não tivesse a chance de desenvolver nada por ele. Será que eles veriam muito mais dele? Ela esperava que não. Se não tivesse sido por Lady Madeline convidar para o chá, ela pensou que ele não teria sugerido qualquer outra reunião. Ele tinha percebido, como ela, que nunca poderia haver nada entre os dois, apenas constrangimento e embaraço.

Ela não pensou que a visita tinha sido sua ideia.

— Você está jogando de advogado do diabo, Mad? — Lorde Eden estava com sua gêmea na carruagem.

— Do que você está falando? — Ela olhou para ele com olhos inocentes bem abertos.

— Esse olhar não vai funcionar — disse ele. — Este sou eu, lembra?

Ela sorriu para ele.

— Eu gostaria que você pudesse ter visto a vocês dois

— disse ela — sentados lado a lado no salão de Lady Habersham. Foi um colírio para os olhos, Dom. Você estava se comportando da forma mais estranha.

— Isto é chamado de constrangimento — disse ele, com a voz irritada. — Mas eu percebi que você não fez muito

para me resgatar, Mad. Você fez muito com certeza para nós caminharmos juntos em Kensington Gardens.

— Olha-me nos olhos — ela disse — e me diga que você não queria falar em particular com ela, Dom. E enquanto você está nisso, me diga que você não sentiu faísca de sentimento por ela. Faça. Vamos. E eu vou chamá-lo de mentiroso.

— Ela foi minha amiga por três anos — disse ele, exasperado. — Ela cuidou de mim quando eu estava perto da morte e eu me imaginei apaixonado por ela por uma semana. Claro que eu tenho sentimentos por ela.

— Vocês foram amantes também, não é? — Ela perguntou com mais delicadeza.

— Não, claro que não — disse ele.

— Ela estava deitada na cama com você, Dom — disse ela. — Você estava beijando-a. Eu não sou uma garota inocente.

— Se você sabe tanto, então, — ele disse, irritado — Por que você pergunta?

Ela encolheu os ombros.

— Eu gosto dela — disse ela. — Ela é tão diferente do seu tipo usual de namoradeira, Dom. Eu acho que ela é

perfeita para você. E embora ela, sem dúvida, fosse muito dedicada ao Capitão Simpson e tem sofrido muito desde a sua morte, eu acho que talvez pudesse vir a amá-lo também. Ela não teria se tornado sua amante levianamente. Então, sim. — Ela sorriu impiedosamente. — Eu estava jogando de advogado do diabo. Ou anjo do céu, talvez.

— Eu acho que você deveria concentrar melhor todas as suas tendências anjo-da-piedade em Penworth no futuro — disse Lorde Eden. — E me deixar para cuidar dos meus próprios assuntos.

— E falando de seus assuntos — disse ela — você não está prestes a se aproximar de Susan mais uma vez, não é, Dom?

— Por quê? — Disse ele, franzindo a testa.

— Ela teve você embrulhado sobre o dedinho antes que você comprasse a sua comissão — disse ela. — Ela começou novamente nesta tarde e você veio correndo como um cachorrinho.

— Por que eu disse que iria levá-la para a biblioteca? — Disse. — Que absurdo você está falando, Mad?

— Você sempre teve uma fraqueza terrível para as mulheres indefesas — disse ela. — Você acostumou a se
apaixonar por elas rotineiramente, Dom. Você sabe que você fez. Eu estava com muito medo alguns anos atrás, que Susan estivesse prestes a pescá-lo. Você teria sido miserável para o resto de sua vida. Agora ela vai tentar de novo.

— Que absurdo você fala — disse ele. — Eu estou levando a mulher para a biblioteca, e não o altar!

— Espero que sim — disse Madeline antes de transferir seu olhar para além da janela.

A vibração no coração de Ellen foi acalmada na tarde do dia seguinte pela necessidade de lidar com extremo nervosismo de Jennifer.

— Será que ele gostará de mim? — Ela perguntou a madrasta outra vez, seus olhos escuros enormes com ansiedade.

— Se ele não faz, — Ellen disse, eventualmente — então ele não merece ser amado tanto, Jennifer. Basta ser você mesmo e não se preocupe.

— Papa nunca me disse por que ele brigou com o avô — disse a menina. — Mas eu acho que foi por causa da Mama. Foi, não foi, Ellen?

A menina não era uma criança a ser consolada com uma história reconfortante.

— Eu acho que ela era parte dele — disse ela. — Mas me escute, Jennifer. Seu pai casou-se com sua mãe, mesmo em desafio de seu próprio pai e ele te amou muito até o dia de sua morte. Você sabe disso. Você não tem nada para se sentir ansiosa. Se o seu avô não gosta de você, então esse é problema dele, não o seu. Mas não vamos julgá-lo antes do tempo.

Jennifer suspirou.

— Eu vou ser tão feliz em acabar logo com isso — disse ela. — Graças a Deus eu estava ocupada esta manhã e incapaz de pensar nesta tarde. Sr. Carrington e Anna são tão boa companhia, Ellen. E o Sr. Phelps, amigo de Anna, é um amável cavalheiro também. Eu me diverti tanto. Não foi uma feliz coincidência que também encontramos Lorde Eden e Mrs.

Jennings? Embora sabíamos ontem, é claro, que ele estava indo para acompanhá-la para a biblioteca.

— Estou feliz que você teve uma manhã feliz — disse Ellen.

— Você acha que tia Dorothy ficou ofendida que eu não podia comer muito no almoço? — Perguntou Jennifer.

— Eu não tinha nenhum apetite, temo, depois que nós seis fomos a uma confeitaria para bolos. Sra Jennings foi muito simpática, Ellen. Seu pai é um inquilino do Lorde Amberley, você sabe. Ela conheceu Lorde Eden e Lady Madeline toda a sua vida.

Ellen estava contente em deixar sua enteada tagarelar alegremente sobre os eventos da manhã até que eles estivessem na carruagem com uma Dorothy tensa em seu caminho para a residência de Sir Jasper Simpson em Clifford Street. E seu coração começou a bater novamente.

Ela teria sabido que ele era o pai de Charlie, ela pensou mais tarde quando eles foram levados para a sala de estar, mesmo se o quarto estivesse cheio de pessoas. A mesma altura e construção. O mesmo rosto jovial. Sua cabeça um pouco careca.

Ela fez uma reverência e sentiu sua enteada fazendo o mesmo ao seu lado.

— Minha querida! — O Lorde idoso atravessou a sala e pegou as mãos de Ellen entre as suas. Ele ficou sacudindo-os para cima e para baixo e olhando para seu rosto. — Então você é a esposa de Charlie. Tão jovem e tão bonita. Você está olhando para um velho tolo, minha cara. Um velho tolo.

Ellen sorriu incerta para ele. Ele estava vestido de luto, ela notou.

— Tenho o prazer de conhecê-lo, Lorde — disse ela. — Eu prometi a Charlie que eu faria, se fosse possível.

— Se fosse possível! — Disse, torcendo as mãos. — Eu sou um velho tolo, minha cara.

Dorothy já tinha apresentado as duas para seu pai.

Mas Ellen voltou a cabeça para Jennifer e sorriu.

— Você não vai encontrar sua neta? — Perguntou ela. Sir Jasper soltou suas mãos e se virou para Jennifer.

— Deixe-me olhar para você, minha querida — disse ele. Ele assentiu. — Muito bonita. Muito bonita, de fato. Então você é a menina de Charlie, não é? Bem, você tem um beijo para o seu avô, filha?

— Sim, avô, — Jennifer disse, inclinando-se para dar um beijo na bochecha de Sir Jasper. — Você parece muito com seu papai.

— Eu? — Disse. — Mesmo com a cabeça careca? O seu pai perdeu o seu cabelo?

Jennifer assentiu.

Sir Jasper virou-se para o casal em pé silenciosamente atrás dele com Lady Habersham.

— Conheça o seu tio e tia, minha querida — disse ele. Ele pegou a mão de Ellen na sua quando Jennifer fez uma reverência e sorriu incerto para o estranho casal. — Conheça o seu cunhado, Phillip, e sua esposa, Edith, minha querida. Já era tempo, não?

Mr. Phillip Simpson levou a mão livre de Ellen na sua e colocou a outra em cima dela. Ele olhou atentamente para os olhos.

— Você é Ellen? — Disse. Ele não sorriu. Ele não estava usando luto, embora houvesse uma faixa preta na manga do casaco. — Estou feliz por você ter vindo. Querelas antigas não devem continuar por vinte anos e mais.
Edith Simpson beijou-a na bochecha e expressou satisfação por conhecê-la.
Ellen foi dirigida a um assento e viu-se em uma conversa com seu cunhado e sua esposa, enquanto o chá foi servido. Phillip não se parecia nada com Charlie, ela pensou. Ele era magro e estreito de rosto e ruivo. Sua esposa parecia notavelmente como ele.
Eles eram um casal perfeitamente civilizado, mesmo se não havia grande calor nas suas maneiras.
Eles disseram a ela sobre seus dois filhos, que estavam fora, estudando.
Sobrinhos de Charlie. Ellen se perguntou quanto Phillip lamentou não ter visto seu irmão mais uma vez, antes de sua morte. Eles tinham sido próximos como meninos. A maioria das histórias de Charlie tinha incluído seu irmão mais novo.
Jennifer, ela ficou satisfeita ao ouvir, estava conversando com alguma animação com o avô. A partir dos poucos trechos de sua conversa que ela ouviu, Ellen percebeu que a menina estava dizendo a ele sobre seus tempos de escola e sobre a sua estadia em Bruxelas.
— Bem, — Sir Jasper disse finalmente, sua voz levantada incluindo os dois grupos juntos — devemos repetir este prazer. Devemos tomar chá novamente. E talvez eu deva organizar algum tipo de jantar à noite, uma festa que vai ser adaptada para o nosso estado de luto. Algo para celebrar o meu reencontro com a minha nora e minha neta.
Lady Habersham levou suas palavras como um sinal para levantar e sair.
— Eu não quero perdê-la de novo, agora que eu a encontrei — disse a Ellen quando ele estava apertando a sua mão na porta da sala de estar, quando ela estava saindo. Dorothy e Jennifer já tinham começado em seu caminho descendo as escadas.
— Eu tenho sido um velho tolo. Tenho sido todos esses anos sem meu próprio filho. Mas eu não vou ficar sem seus filhos. Eu juro.
Ellen sorriu e engoliu.
— Fico feliz que o conheci — disse ela. — Charlie ficaria feliz.
— É um presente se for um filho? — Perguntou ele, acariciando sua mão.
Ellen sacudiu a cabeça.
— Eu não sei — disse ela.
— Bem — ele disse — vamos esperar que sim, minha querida. — E ele se inclinou para beijar sua bochecha.
Ellen correu escada abaixo em busca dos outros dois.
Madeline finalmente convenceu o noivo a se aventurar além das portas da casa de seu primo. Ele foi tomar chá com ela na casa da cidade do Conde de Amberley. Sua mãe era para estar lá também.
Mas se ele estava se sentindo nervoso, então ela estava sentindo não muito melhor, pensou, sentando-se ao lado dele em um assento conjunto, quase, mas não completamente tocando-o, resistindo à vontade para tomar sua mão na dela. Ela estava tagarelando brilhantemente com Alexandra e Edmund e com sua mãe.

Edmund tinha escolhido um salão no andar de baixo para entreter seus convidados, Madeline tinha ficado aliviada ao descobrir. E ele não tinha se oferecido para ajudar Allan na sala. Nem tinha ela, mas ela tinha pairado ao seu lado quando ele tinha se mudado sem jeito em suas muletas, pronto para ajudá-lo se ele precisasse de sua ajuda.

— Eu posso controlar — ele tinha dito a ela, parecendo um pouco emburrado. Ele tinha pensado que ela estava prestes a alcançá-lo. — Você não precisa se preocupar, Madeline.

Então ela abriu um grande sorriso e sentou-se ao lado dele e começou a conversar. Graças a Deus Dom não estava lá. Ela o havia proibido de vir, mas se, pelo amor a Allan ou por conta própria, ela não sabia.

Ela não estava indo muito bem, ela sabia. Ela estava tensa com a preocupação de que alguém iria perguntar-lhe alguma pergunta pessoal que iria constrangê-lo. Ela encontrou-se saltar com respostas para cada pergunta dirigida em seu caminho. Ela sabia que estava fazendo isso, mas ela não conseguia se conter. Podia senti-lo crescer mais tenso ao lado dela.

— Eu espero que você não se importe das nossas crianças estar no salão, tenente — disse Alexandra com um sorriso. — Nós sempre gostamos de tê-los conosco na hora do chá. Receio que estamos fora de moda ligados à nossa prole.

— Oh, não — Madeline disse alegremente — Allan não importa, não é, Allan? Eles são crianças tão bem-comportadas. Dificilmente se poderia saber que eles estão na sala.

— Parece que a batalha de Waterloo vai ser vista como um marco na história — o conde disse o tenente. — Me faz perguntar o que a Europa vai fazer com o tempo sem ter Bonaparte para se preocupar. Quanto tempo vai ser, eu me pergunto, antes que alguém venha para tomar o seu lugar?

— Eu gostaria de acreditar na paz universal e eterna — disse o tenente Penworth. — Infelizmente, a natureza humana inevitavelmente fica no caminho. É meu sentimento.

— Bondade — disse Madeline, sorrindo sobre ela — devemos ser tão sombrios? Eu acho que todos nós devemos ter um passeio lá fora uma tarde para ver as árvores antes que caiam todas as suas folhas. Alguém já reparou como são lindas?

— Sua casa é em Devon? — A viúva pediu a poucos minutos mais tarde. — Sua família deve estar muito ansiosa para vê-lo novamente.

— Mas o Sr. Foster insiste que Allan fique em Londres um pouco mais, não é, Allan? — Disse Madeline.

Ela notou o olhar de Edmund e Alexandra trocadas através do quarto e mordeu o lábio. Isso não estava funcionando. Se Allan estava pronto para essa visita, ela certamente não estava.

O conde levantou-se e foi se inclinar para baixo na frente de sua filha, que estava sentada no chão, brincando com alguns brinquedos.

— Por que não busca a carta do seu irmão, Alex? — Disse. — Tenho certeza de Mama, Madeline e o tenente estarão interessados em ouvir de suas aventuras. Meu cunhado tem estado no Canadá por mais de três anos, tenente, ou melhor, muito longe da costa para além do Canadá.

— Você estaria interessado? — A condessa perguntou com um sorriso de desculpas. — Eu, naturalmente, encontro a carta muito emocionante e fascinante. Mas então, eu sou parcial. James é meu irmão. E esta é a primeira carta que tive dele este ano.

Pela primeira vez Madeline deixou seu prometido responder à pergunta. Alexandra desapareceu do quarto.

— Ele trabalha com uma empresa de comércio de peles. — Lorde Amberley explicou a seu convidado. — E ele escolheu viver no deserto, onde as peles são recolhidas e comercializadas. Uma vida repleta de aventuras, parece.

— Sua mulher deve sentir falta dele — disse o tenente. — Eu tenho três irmãos e duas irmãs em casa. E embora nós lutamos quase constantemente quando estamos juntos, devo confessar que começo a sentir falta deles um pouco.

— Aqui está — disse a condessa, voltando para a sala.

Madeline estava assistindo seu irmão falar baixinho para o bebê e levantá-la para o alto quando ela sorriu e estendeu os braços para ele. Ela riu e se abaixou para pegar seu nariz.

— Os invernos eram tão frios onde permaneceu que qualquer parte exposta da carne congelaria em menos de um minuto.

Edmund sentou-se com sua filha e estendeu um brinquedo para ela.

— Lágrimas congelaram em um dos cílios. Às vezes, se sua cama fosse empurrada demasiado perto da parede da cabana em que vivia, as roupas de cama estariam congeladas na parede na parte da manhã.

Caroline estava mastigando o brinquedo.

— Ele viajou de trenó puxado por cães e raquetes, mulheres nativas faziam os mocassins e costuravam nos seus pés.

Christopher estava puxando a perna de calças de seu pai e olhando com alma para ele.

— Ele estava n cidade de Athabasca, milhares de milhas de Montreal. Ele tinha viajado toda a distância de canoa.

Edmund foi despenteando o cabelo da criança e levantando-o a sentar-se em seu outro joelho.

— O resto seria de nenhum interesse para você — disse a condessa, sorrindo para o tenente. — É apenas a perguntas sobre os nossos pais e o resto da minha família. Ele ainda
não sabe sobre Caroline. Notícias levam muito tempo para viajar e para voltar.

— Minha mãe não soube por um mês inteiro que eu tinha sobrevivido à batalha de Waterloo — disse o tenente Penworth. — E a notícia tinha que atravessar apenas o Canal Inglês, Senhora.

— Oh — a condessa viúva disse — foram três semanas antes de nós ouvirmos falar sobre Dominic. Eu certamente posso simpatizar com sua mãe, Tenente.

Madeline abriu um grande sorriso.

— Você está cansado ainda, Allan? — Perguntou ela. — Você está pronto para sair? Estou certo de que Edmund e Alexandra desculparão se você quiser ir.

Capítulo 16

Jennifer dormiu até tarde na manhã seguinte. Lady Habersham estava na sala da manhã passando por cima das contas semanais com a governanta. Ellen estava inquieta.

Ela nunca deveria ter começado a decepção. Ela deveria ter dito a verdade desde o início. Agora estava se tornando cada vez mais difícil fazê-lo. Ela deveria dizer a Dorothy imediatamente. E ela deveria ter uma dama indo em uma visita a Sir Jasper naquela mesma manhã e dizer-lhe.

Ela deveria confiar que Jennifer seria suficientemente bem cuidada por sua tia e seu avô e ela deveria fazer planos imediatos para sair. Ela poderia encontrar um lugar para viver até que ela pudesse se estabelecer em uma casa mais permanente.

Mas ela sabia que ela não iria fazer nenhuma dessas coisas. Ela iria parar de pensar nisso até o dia seguinte, plenamente consciente do que estava fazendo. Às vezes, ela pensou, é muito mais fácil saber o que se deve fazer do que para fazê-lo.

E então houve a visita da tarde à condessa viúva da casa de Amberley. Ela não tinha ideia se Lorde Eden estaria lá ou não, mas realmente não importava. Ela não deveria ir. Ela não queria qualquer outra intervenção com ele ou sua família. E, no entanto, Jennifer estava ansiosa para fazer a visita. E Jennifer estava se tornando amigável com seus primos e se sentou em uma confeitaria com eles e com ele na manhã anterior.

A vida estava se tornando irremediavelmente emaranhada.

Ellen era normalmente de natureza frugal. Ela sempre teve que ser. Nunca tinha havido uma grande quantidade de dinheiro para desperdiçar. Mas apenas ocasionalmente ela tinha o desejo de sair e gastar dinheiro.

Charlie tinha rido dela, às vezes, quando eles estavam em uma cidade, Madrid ou Badajoz ou um dos outros, e ela tinha voltado para suas salas carregada de pequenos itens que ela não precisava, brincos de brilhantes e baratos, um xale berrante, um pouco de loção de cheiro doce para ele, uma nova corrente para o relógio. E ele sempre a tinha beijado e chamado de seu tesouro e lhe dissera que ela deveria se

divertir mais. Ele sempre brincava com ela, fora das dores de culpa que ela se sentiria, em sua extravagância.

Ela estava nesse humor agora. E ela não iria parar de colocar sentido em si mesma, ela decidiu e correu no corredor para chamar uma carruagem e foi no andar de cima para colocar um casaco e chapéu. Ela nem sequer levou uma dama com ela.

O cocheiro de Dorothy levou-a a Oxford Street. Ela comprou dois lenços debruados com rendas que ela não precisava e passou muitos minutos em um joalheiro olhando para uma pulseira que quase coincidia com os brincos que Charlie tinha comprado para ela. Mas eles eram demasiado preciosos para serem combinados com qualquer coisa de sua própria escolha, ela decidiu finalmente. Ela comprou, ao invés disso, uma pequena jarra de porcelana com uma tampa para manter os brincos.

Ela estava saindo da loja quando uma carruagem parou na rua ao lado dela e o conde de Amberley se inclinou para fora da janela e chamou-a. A condessa estava ao seu lado, sorrindo. Ellen se aproximou.

— Como vai você, Senhora? — Perguntou o conde. — Alex disse que era você, e ela estava certa.

— Eu não a vi faz tempo — a condessa disse depois que Ellen lhes havia cumprimentado — Eu encontrei você e sua enteada, uma vez no parque, se você se lembra, mas deve ser bem mais de um mês atrás. E você ainda não chamou para o chá. — Ela sorriu.

— Sinto muito — disse Ellen. — Não tenho desculpa.

Temos estado um pouco ocupadas, temo.

— Isso é bastante compreensível — o conde disse gentilmente. — E Prudence, prestando-lhe um bom serviço?

— Sim, eu agradeço — disse ela. — Ela é uma menina muito doce. Eu tornei-me bastante ligada a ela.

— Christopher, nosso filho, pediu por Senhorita Simpson várias vezes depois que voltamos para casa — disse a condessa. — Ela teve uma paciência infinita com ele na viagem de volta, quando Nanny Rey estava ocupada com Caroline e Edmund estava ocupado comigo. Eu passei muito mal na viagem, temo. Sua enteada estava orgulhosa do fato de que ela não ficou mal. Você virá e tomará chá com a gente uma tarde?

— Ficaríamos felizes — disse Ellen.

— Vamos estabelecer um dia, então — disse a condessa. — Você está livre na próxima terça-feira seguinte?

Ellen inclinou a cabeça.

A condessa sorriu para ela.

— Vamos esperar por você, então, minha Senhora — disse o conde. — E se eu não deixar meu cocheiro seguir logo, alguém vai vir a socos com ele por bloquear a via.

Eles tinham desaparecido quase que imediatamente. E lá estava ela de novo, Ellen pensou com tristeza, com mais um envolvimento com a família do Lorde Eden. Quanto mais cedo ela encontrasse algum canto tranquilo do interior para se esconder, melhor.

Para ocultar a si mesma? Era o que ela estava tentando fazer? Que desprezível! Ela não precisava se esconder. E ela não iria fazê-lo. Ela iria retirar-se de Londres para a casa dos seus sonhos, quando ela estivesse totalmente pronta para fazê-lo.

Ela entrou em outra loja, mal percebendo que tipo de mercadorias tratava. Ela saiu dez minutos depois, sorrindo para si mesma, com alguma diversão. Ela deveria ser perfeitamente louca. Dorothy e milhares de outras mulheres, sem dúvida guinchariam com horror da forma como foi o destino. Ela tinha comprado um par de pequenas botas de couro para o bebê. Ridículas, extravagância inútil. Como ela saberia que tamanho de pés a criança teria? Talvez nunca fosse assim tão pequena. Como poderiam quaisquer pés ser tão pequenos?

Talvez, um supersticioso diria: não haveria bebê para usar as botas e a questão do seu tamanho seria bastante irrelevante.

Mas ela havia comprado de qualquer maneira. E ela não estava arrependida. Manteria as botinhas em uma gaveta ao lado da cama, na gaveta onde guardava sua Bíblia. E ela iria pegá-las a noite e de manhã para olhar e tocá-las.

Ela não estava nada arrependida. Ou com pena de que sua bolsa estava mais leve do que quando ela saiu de casa. Ela comprou um leque de marfim simples para Jennifer e um pequeno frasco de perfume para Dorothy.

Ela foi equilibrando cinco pacotes em seus braços enquanto caminhava, dizendo a si mesma com um sorriso que era uma coisa boa que ela não tinha trazido mais dinheiro com ela. Se ela tivesse, sem dúvida, teria se escondido atrás de uma montanha de caixas quando chegou a carruagem.

Ainda estava sorrindo quando colidiu com um grande cavalheiro em seu caminho, saindo de um sapateiro. Dois pacotes voaram em direções opostas e os outros três deslizaram para seus pés.

Ellen inclinou com pressa, ansiosa para recuperar o perfume e a jarra de porcelana.

— Perdão, Senhora — disse o cavalheiro, abaixando-se no mesmo instante. Ellen fez uma careta ao sentir o forte cheiro de brandy em sua respiração e percebeu que a colisão foi causada não tanto por seu próprio descuido, como pelo fato de que ele estava embriagado.

— Não — disse ele, estendendo-lhe os dois pacotes que ela não tinha recuperado por si mesma. — Eu espero que não haja nada frágil nelas, Senhora.

Ellen ficou olhando estupidamente para ele e não fez nenhum movimento para pegar as encomendas que ele lhe estendia. Seus olhos estavam brilhando como sempre tinham feito quando ele estava bebendo. Suas bochechas estavam talvez um pouco mais coradas do que antigamente. Elas estavam certamente mais carnudas. E ele estava certamente mais pesado. Seu queixo duplo parecia estrangulado por sua gravata.

Ele olhou para ela, suas pálpebras um pouco pesadas, franziu a testa.

— Eu te conheço? — Perguntou. — Diabos se eu posso lembrar-me, Senhora. Temo que eu tenha bebido demais.

— Eu sou Ellen — disse ela.

— Ellen — Suas mãos, que estava segurando os pacotes, caíram para os lados. — Bem. Você cresceu em uma beleza, afinal. Eu sabia que você iria. Temo que eu esteja embriagado. Eu não teria tomado uma gota se soubesse que eu iria esbarrar em você. Ha! Eu realmente colidi em você, eh, Ellen?

— Sim — disse ela. Meu Lorde? Lorde? Pai? Papa?

— Quem morreu? — Ele perguntou, indicando suas roupas pretas com um gesto um pouco descoordenado de um braço.

— Meu marido — disse ela.

— Um soldado, não era? — Disse. — Sinto muito, Ellen.

— Será que ele te tratava bem?

— Sim — disse ela.

— Melhor do que seu pai fez? — Perguntou. Ele sorriu de repente e soluçou. — Perdoe-me. Indigestão. Você sabe a que me refiro por pai, não é?

— Como você está? — Perguntou ela. Seus lábios e queixo duros. Eles não iriam se mover como ela queria.

— Como você vê — disse ele, fazendo aquele gesto amplo com o braço novamente. — Não um cuidado no mundo, menina. Este sou eu.

— Estou feliz — disse ela. E então, se tornou consciente do mundo em torno deles novamente. — Eu devo estar no meu caminho.

— Oh, sim — disse ele jovialmente. — Não devo mantê-la.

Mas depois que ela hesitou e correu por ele, ele a
chamou.

— Você esqueceu seus pacotes — disse ele, segurando- os nas extremidades dos braços estendidos. E quando ela voltou para recuperá-los — Você tem um beijo para o seu papa, Ellen?

Ela olhou em silêncio para ele.

— Eu era seu pai — disse ele, com os braços ainda estendidos. Atraindo a atenção. — Você não tem sempre que gerar uma criança para ser seu pai, Ellen. Eu não era um bom pai?

— Sim — ela disse, tomando seus pacotes a partir de suas mãos. — A maior parte do tempo.

— Eu era humano — disse ele. — Somos todos humanos. Você vem me ver, Ellen? Vou ficar sóbrio se eu souber que você está vindo.

— Sim — disse ela. — Eu vou. Amanhã. Irei à tarde?

— Para o chá? — Disse. — Vamos ter uma festa de chá, Ellie. Apenas nós dois, Ellie!

— Sim — disse ela. — Só nós dois. — Ela tinha esquecido, completamente esquecido, do seu apelido de infância. Seus braços ainda estavam abertos para ambos os lados. Alguns pedestres tinham sido forçados a sair do pavimento para a rua, a fim de passar por eles. Eles foram objeto de vários olhares curiosos.

Ellen se virou e saiu correndo do conde de Harrowby. Sentia as pernas decididamente instáveis quando o cocheiro de Dorothy ajudou-a a subir no carro e fechou a porta atrás dela.

— Talvez eu devesse ter chamado-as eu mesmo, antes — a condessa de Amberley estava dizendo a seu marido. — É tão difícil saber o que é a coisa certa a fazer. Os dois pareciam tão completamente quebrados quando eu os vi no parque, você ainda estava em Bruxelas, na época eu senti que seria uma intromissão chamá-las. Especialmente quando elas não vieram a mim, como eu as tinha convidado a fazer.

— Ela estava parecendo bastante alegre esta manhã — disse o conde. — É de se esperar que ela esteja se recuperando, meu amor.

— Você acha que Dominic apenas imaginou que ela voltou aos seus sentimentos outra vez? — Perguntou ela. — Eu ainda acho que é difícil acreditar, Edmund. Ela era tão dedicada ao capitão Simpson, e ele estava morto há apenas um mês quando você chegou lá. Certamente ela não poderia ter imaginado que estava apaixonada por Dominic ou qualquer outra pessoa, poderia?

— Eu realmente não sei — disse ele. — Eu sei apenas o que Dominic passou.

— Eu estaria tão prostrada de dor se algo acontecesse com você — ela disse — que eu não acho que notaria se alguém mais existisse no mundo.
Ele tomou sua mão em um fecho quente.
— É impossível saber como seria agir numa situação de tal catástrofe extrema — disse ele. — Impossível, Alex.
— Você está me dizendo que eu estou julgando muito duramente, se acabar por ser verdade, então — disse ela. — E você está certo, é claro. Temo que minha educação ainda ofusque minha visão, às vezes, Edmund. Eu ainda tendo a ver as coisas em termos muito preto-e-branco, como Papa sempre faz.
— Mama e Madeline vão entreter as Senhoras Simpson esta tarde — disse ele. — Eu te disse isso?
— Não — disse ela. — Eu não sabia. Dominic está em comunicação com ela, então? Ou com a Senhorita Simpson, talvez. Ele parecia muito afeiçoado a ela quando ainda estávamos em Bruxelas. Isso tudo é muito intrigante, Edmund.
— Talvez devêssemos assumir a formação do casal — disse ele, tirando a luva de pelica de sua mão e colocando seus próprios dedos ao lado dela no assento entre eles. — Com quem iremos corresponder Dominic, Alex? Com Srta. Simpson, Sra Simpson, Anna, ou Susan Jennings? Nós temos bastante escolha, não é?
— Eu nem sonho em interferir — disse ela. — Que ideia terrível, Edmund. Ele nunca vai se casar com Anna, embora. Ele nunca teve qualquer tipo de afeição por ela. Além disso, ela é a sua prima em primeiro grau. E ele nunca iria considerar seriamente se casar com Susan, iria? Oh, eu espero que não. Ela é uma criatura tão artificial. E por que você está sorrindo para mim dessa maneira perfeitamente odiosa?
Ele fez um gesto de beijar com a boca.
— Você cai em uma armadilha tão facilmente, Alex — disse ele, entrelaçando os dedos nos dela e levando a mão aos lábios. — Eu te amo.
— Homem horrível! — Ela disse, mantendo sua dignidade e virando-se para olhar pela janela.
Um fato ficou claro para Lorde Eden. Ele ainda estava apaixonado por Ellen Simpson. Ele desejou que não fosse assim. E ele realmente tinha se convencido de que a sua paixão por ela tinha sido uma coisa puramente temporária provocada pela força das circunstâncias. Até ele vê-la.
Mas não foi assim. Ele a amava e não tinha dormido nada durante a noite após a sua caminhada nos jardins de Kensington. Ele mal havia dormido na noite anterior, e
mesmo quando tinha adormecido, havia acordado várias vezes, sua mente lutando cada vez com a questão de saber se ele deveria estar na sala de sua mãe quando ela viesse para o chá com sua enteada.
Outra coisa era clara para ele também. Se visse muito mais Senhorita Simpson, haveria pessoas pensando que ele teria com a menina alguma coisa. Como uma oferta de casamento. Ele tinha chegado perigosamente perto em Bruxelas, de se comprometer. Ele não queria colocar-se na situação embaraçosa de se sentir obrigado a se oferecer à enteada quando ele amava a madrasta. E tinha sido seu amante.

Então, é claro, havia Anna. Ela nunca tinha feito nenhum segredo do fato de que pretendia se casar com ele quando crescesse. Mas o que sempre o divertia quando ela era uma menina era um pouco mais grave agora que ela era uma bela moça que havia feito seu debut e que estava, definitivamente, no mercado para um marido. Um desses dias, ele teria uma boa conversa com Anna. E ela estava vindo ao chá, bem como, a tia Viola.

E quando ele tinha escoltado Susan à biblioteca, ele tinha de alguma forma convidando-a para se juntar a ele, Edmund e Alexandra no teatro uma noite. Ele não sabia bem como ele tinha vindo a fazer uma coisa dessas, uma vez que Susan tinha passado quase toda a sua excursão preocupando-se com ela e impondo-se em seu tempo.

Ele quase se casou com Susan uma vez. E agora ela era viúva e em um estado emocional delicado. Ele realmente não abrigava qualquer sentimento de sobra para ela, além do carinho que ele sempre sentira por ela, mesmo quando ela era uma criança. Ele não queria se casar com ela.

Ellen era a única mulher que ele queria se casar e estava fora de questão.

De alguma forma, ele pensou, a vida tinha sido muito menos complicada quando ele tinha comprado primeiro a sua comissão e ido para a Espanha e havia apenas os franceses, a lama, o calor e a morte para se preocupar.

Ele foi ao chá de sua mãe, embora soubesse que ele seria o único homem presente. E ele deliberadamente sentou-se ao lado de Ellen quando ela chegou e conversou com sua tia, que estava sentada do outro lado dele. Anna e Senhorita Simpson tiveram suas cabeças juntas e pareciam bastante satisfeitas com elas próprias.

— William decidiu que nós estamos indo para casa logo — disse a Sra Carrington — e eu não posso dizer que sinto muito. Dois meses foram demais para estarmos afastados. Mas graças a você, meu querido — ela acariciou a mão de Lorde Eden — nós estendemos a nossa estadia. E ainda estamos aqui. Anna e Walter não querem ir para casa, é claro. Mas quando Papa fala, eles não têm escolha.

— Na minha experiência, — Lorde Eden disse, sorrindo, — quando o tio William fala, Anna começa a torcer-lhe em seu dedo.

— Engraçado, Dominic! — Ela disse enquanto Madeline riu e bateu-lhe fortemente na mão. — Você deve não dizê-lo, especialmente quando ela pode ouvir. — Ela olhou para a filha inconsciente. — Pobre William é demasiado indulgente com ela.

— Então você está indo para casa — disse ele. — Edmund e Alexandra também, creio eu. E eu pretendo me mudar para Wiltshire na próxima semana ou assim. Eu tenho uma casa e uma propriedade para tomar posse.

Você já decidiu, então, Dominic? — Perguntou a mãe. — Eu esperava que você pudesse esperar até depois do Natal querido.

Mas ouso dizer que você virá para Amberley para as festividades, de qualquer maneira.

— Talvez — disse ele. — Mas eu tenho uma vida para continuar. E sinto-me bastante em forma novamente e ansioso para começar algo.

— Fiquei muito satisfeita de ver o progresso que o tenente Penworth fez — disse a viúva a Sra Carrington. — Tem havido uma melhora significativa desde que eu o vi pela última vez, em Bruxelas.

Madeline centrou a sua atenção sobre essa linha de conversa.

— Vou estar fora de sua vida breve, você vê, — Lorde Eden disse baixinho para Ellen, sorrindo para ela.

— Sim — disse ela.

— Você vai ser feliz com isso.

Sua xícara sacudiu-se ligeiramente no pires quando ela baixou-a.

— Sim — disse ela.

— Eu acho muito provável que não irei vê-la novamente depois de hoje — disse ele. Olhou para ela por um momento em silêncio. — Ellen, você está certa de que não está precisando de nada? Suponho que não me
permitiria ajudá-la de qualquer maneira. Mas estou preocupado com você.

— Você não precisa estar. — Ela olhou para ele, sua mandíbula muito firme. — Você acha que é possível que Charlie, que sabia há anos que poderia morrer a qualquer momento, não teria feito o fornecimento adequado para sua filha e para mim? Nós não estamos em qualquer tipo de necessidade, meu Lorde.

— Estou feliz, então — disse ele.

Ela moveu os olhos para Madeline, que estava conversando com sua tia e sua mãe, mas ele poderia dizer que ela não estava escutando. Seus próprios olhos se moviam sobre o perfil dela, sobre seu cabelo, como se a apreender todos os detalhes para a memória.

Como ele poderia tê-la conhecido todos esses anos, por diversas vezes acompanhando-a e não saber? Parecia incrível agora como ele poderia ter olhado para ela e não ter percebido.

Sua cabeça se moveu bruscamente e seus olhos se encontraram, hesitou por um momento, e percebeu. Ela engoliu em seco e lambeu os lábios. Seus olhos caíram para seguir o movimento.

— Eu encontrei meu pai esta manhã — disse ela apressadamente.

Ele levantou as sobrancelhas.

— O conde de Harrowby?

— O conde, sim. — Ela corou.

— Você está bem Ellen? — Disse. — Estou feliz por você. Eu deveria estar feliz?

Seus olhos cinzentos estavam arregalados e totalmente focados nele.

— Eu não o vi desde que eu tinha quinze anos — disse ela. — Eu disse a você sobre a última reunião, não foi? Ele não mudou realmente. Ele parecia muito familiar. Vou visitá-lo amanhã.

— Você vai? — Ele apertou em um punho a mão que tinha estado a ponto de chegar a cobrir uma das dela.

— É a coisa errada a fazer? — Perguntou ela. — Ele não é meu pai. É tolice revisitar o passado? Foi a minha casa. E agora eu estou indo lá como visitante. Deveria ter recusado?

Ele balançou sua cabeça.

— Não — disse ele. — Eu posso ver nos seus olhos que isso é algo que você quer muito fazer, Ellen. Então, você
deve fazê-lo. E ele foi seu pai durante quinze anos, mesmo que ele não tenha gerado você. Você teve bons momentos com ele. Você me contou sobre alguns deles.

Ela deu um meio sorriso em seus olhos.

— O que a sua cunhada pensa? — Perguntou. Ela balançou a cabeça.

— Eu não disse a ninguém — disse ela. — Eu estava sozinha esta manhã. Penso que eu quero ir. Quero ter alguém do meu lado, mesmo que ele não seja muito a minha família. Você sabe o que quero dizer?
Ele assentiu.

— As famílias podem ser a praga da vida — disse ele. — Mas eu não posso imaginar um destino pior do que estar totalmente sem eles. Você deve ir, Ellen. Ele convidou?
Ela assentiu com a cabeça.

— Então você deve ir.
Se ele prendesse a respiração, talvez o feitiço nunca fosse quebrado. Eles estavam sorrindo para os olhos uns dos outros, sem dizer nada, mas próximos, no entanto. Tal como tinham feito com frequência ao longo de duas semanas. Ela estava falando com o coração, tal como tinha feito então. Ele sentiu-se quase que poderia chegar para sua
mão e ela lhe daria a ele e deixaria descansar em sua companhia.
E ele só tinha dito a ela que ele provavelmente não iria vê-la novamente.

— Dominic! — Anna estava rindo e exasperada, tudo ao mesmo tempo. — Você é surdo? Eu suponho que você e Sra Simpson estão a fundo de suas reminiscências de guerra. Poderia eu por favor ter um pouco de sua atenção?
Os olhos de Ellen alargaram antes de ir para longe dos seus. Ela corou.

— Desculpe — disse ele. — O que foi, Anna?

— Jennifer está indo à Torre com Walter e eu amanhã — ela disse — e Mr. Phelps não pode ir. Seria muito baixo para mim ter que ir junto com um mero irmão, Dominic. Você deve me salvar. Você poderia? Se você vier, eu imediatamente me tornarei a mulher mais invejada em Londres, por você ser facilmente o cavalheiro mais bonito na cidade. — Ela riu alegremente.

— Eu posso resistir a qualquer coisa, menos bajulação

— disse ele — e a chance de ter uma mulher bonita para escoltar por Londres.

— Oh, esplêndido! — Ela disse, sorrindo de volta para Jennifer. — E nós vamos encantá-los para nos levar ao Gunter para tomarmos sorvetes.

— Nesta época do ano? — Perguntou Lorde Eden. — Você deve estar louca, Anna.
Ellen, ele percebeu, tinha sido arrastada para conversar com sua mãe, sua tia e Madeline. Ele não falaria novamente com ela, até que as ajudou a subir na carruagem.

— Eu vou te ver amanhã — disse ele a Jennifer quando ele tomou-lhe a mão. — Faz anos desde que eu vi a Torre.

— E eu nunca vi isso — disse ela, seu rosto brilhante e ansioso. — Eu vou ficar ansiosa para o passeio, meu Lorde.

— Adeus, Ellen — disse ele, pegando sua mão em um aperto bastante apertado e olhando atentamente para os olhos. Não havia mais nada a ser dito. Eles foram cercados por membros de sua família e Senhorita Simpson, todos falando ao mesmo tempo, parecia. E isso poderia ser um adeus, de fato. Havia mil coisas a dizer. Ele sentiu o pânico em sua garganta.

— Adeus, meu Lorde. — Ela retornou a pressão de sua mão. E, em seguida, deixou-o livre e se virou para sorrir para sua mãe.

— Que jovem muito linda e comportada Srta. Simpson é — a viúva disse depois que todos os seus convidados tinham ido. — É uma pena que Anna não teve ela por amiga por mais tempo. E a Sra Simpson é bastante charmosa e parece muito melhor do que quando eu a vi na Bélgica. — Ela olhou curiosamente para seu filho.

— Sim — disse ele. — Ela é muito forte para desmoronar, mesmo sob o golpe mais cruel. Vi seu conforto aos homens na Espanha depois de suportar exatamente as mesmas condições adversas que eles.

— Você esteve falando com ela — disse ela. — Será que a amargura teve fim, Dominic? Eu espero que sim, por amor a ambos.

— Sim — disse ele. — Eu não acho que haja qualquer problema, Mama.

— E há alguma chance — ela disse — que depois de seu ano de luto acabe isso signifique algo mais?

Ele balançou sua cabeça.

— Não — disse ele. — Acho improvável que eu a encontre novamente. Estou bastante sério sobre ir para Wiltshire na próxima semana.

Ela suspirou.

— Que vergonha! — Disse ela. — Eu não conheci uma jovem mulher que eu gostaria mais de ter como nora desde que eu conheci Alexandra.

— Bem — ele disse, colocando um braço sobre os ombros e abraçando-a — não podemos reclamar dos novos parentes, agora, podemos, Mama? Penworth é o próximo, eu acredito. Em seguida, vai ser a minha vez, talvez, se eu puder persuadir alguém para me levar para frente.

Madeline fez um som muito parecido com um ronco.

— Apenas sussurrar que você está no mercado, Dom, — ela disse — e haverá meninas e suas mamas alinhadas fora de sua porta por meia milha.

Ele riu e sentiu como se seu coração tivesse se transformado em pedra dentro dele.

Madeline chegou à casa de Mr. Septimus Foster no dia seguinte depois do almoço e foi levada a um salão no piso térreo, onde encontrou seu noivo esboçando em um pedaço de papel com um pouco de carvão.

Ela se inclinou sobre seu ombro e beijou sua testa.

— A lareira — disse ela, — em mínimos detalhes. Ele jogou o papel de lado e olhou para ela.

— Madeline — disse ele — eu lhe disse que Septimus e sua esposa sairiam de casa esta tarde. Você não deveria estar aqui.

— Oh, querido! — Disse ela. — Eu tenho vinte e cinco anos, Allan. Não há necessidade de ter exércitos de chaperones arrastando atrás de mim.

— Mesmo assim — ele disse — Eu não quero que você fique falada. Você é Lady Madeline Raine. Alguém especial.

— Você acha? — Ela disse, sentando-se ao lado dele. — Muito lisonjeiro, Lorde.

— Não apenas para mim — disse ele. — Você tem admiradores onde quer que vá. Não é apenas a sua aparência, embora seja boa o suficiente. Há um brilho sobre você, algo que atrai os olhos. Eu realmente não deveria ter permitido que você desposasse a mim. Não é certo, Madeline.

— Estamos indo para ter esta discussão de novo? — Ela perguntou, sorrindo para ele e tendo uma de suas mãos na dela. — Porque está faltando uma perna, Allan? E um olho? Eu não me importo com essas coisas. Eu serei sua perna desaparecida e seu olho.

— Mas você não deveria ter que ser — disse ele. — Você não deveria estar presa a um aleijado. E, além disso, ninguém pode ser um membro perdido para alguém. Eu tenho que aprender a lidar com minhas próprias deficiências.

— Oh, você está difícil, hoje, Allan, — ela disse, beijando as costas da mão. — Você gostaria que eu lesse para você?

— Não, eu não! — Disse. — Sou capaz de ler para mim quando eu quero.

— Mas seu olho! Você me disse que... — disse ela. Ela deitou sua bochecha contra a palma de sua mão.

Ele virou a cabeça para olhar para ela.

— Oh, Deus! — disse ele. — Eu estou te tratando de forma abominável, não estou? Minha perna doeu durante toda a manhã. Eu juro que ele ainda está lá. Foi definitivamente dolorido. E eu estive pensando novamente.

Isso é sempre uma coisa fatal de fazer. E eu estou completamente fora das sortes com o mundo e com pena de mim mesmo. E eu estou jogando tudo em você. Quando você fez tanto por mim. Você me trouxe de volta à vida quando tudo que eu queria fazer era morrer. Me perdoe?

Ela virou a cabeça e beijou sua mão novamente.

— Eu entendo — disse ela. — Eu faço, Allan. E eu não estou magoada ou ofendida. Está tudo certo.

— Mas não está — disse ele. — Você não deveria estar ligada a mim ou sujeita a meus humores de irritabilidade. Você deveria ser livre para aproveitar a vida novamente.

— Oh, — ela disse, sorrindo — se você soubesse o quão pouco eu desfrutei a vida nos últimos anos, Allan. Era tudo superficial e alegre. Não estou reclamando, porque era uma vida de privilégios e sei que milhares dariam um grande negócio para ter apenas metade do meu prazer. Mas havia algo faltando. Alguma substância. E eu descobri com você. Talvez eu te ajudei a voltar à vida. Mas você deu sentido à minha vida. Você fez. Portanto, não fale mais sobre o eu indo embora para me divertir. Estou me divertindo com você.

Ele suspirou e retirou a mão da dela, a fim de colocar o braço sobre os ombros. — Eu só espero que dentro de cinco anos — ele disse — ou dez, você não se sinta amarrada por estar casada comigo. Mas olha, Madeline, você não deveria estar aqui sozinha comigo. Se você não vai embora como deveria, então temos de sair. Um passeio de carruagem no parque?

— Tem certeza de que se sente bem o suficiente? — Ela perguntou, sentando-se reta. — Você está disposto a aventurar-se, Allan? Eu sei que você não aproveitou a visita a Edmund algumas tardes atrás.

— Só porque você estava tão ansiosa para me proteger da vergonha que você não me deixou falar uma palavra — disse ele. — Você tem que aprender a não fazer isso. Mas o argumento foi bastante eficaz no momento. Nós não precisamos reiniciar esta discussão. Sim, vamos sair. Se formos em uma carruagem fechada, eu não vou ter de infligir a visão de mim a ninguém.

Embora, claro, em uma carruagem fechada, você realmente deve ter uma empregada. Vou chamar uma carruagem para sairmos.

— Eu vou fazer isso — disse ela, saltando para seus pés.

— Você se senta lá.

— Eu disse que eu vou chamar — disse ele, irritado e puxou-se lentamente na posição vertical com a ajuda de muletas. — Oh, Madeline, puxe a corda do sino! Eu sinto muito. E eu tenho a sensação que eu vou estar pedindo desculpas a você para o resto de nossas vidas.

Capítulo 17

Jennifer e Anna, Walter Carrington e Lorde Eden passaram mais de uma hora na Torre de Londres, inspecionando o arsenal e olhando para as joias da coroa.

— Faz com que se desejasse que houvesse alguns príncipes elegíveis flutuando à espera de se casar, não é? — Disse Anna para Jennifer. — Você se imagina vestindo tudo com elegância?

— Seria maravilhoso — Jennifer concordou em vez melancolicamente.

— Mas você iria ficar muito entediada sentada em um trono durante todo o dia — disse Walter, desenhando um riso de ambas as meninas — tamborilando os dedos de joias no braço do trono. Imagine. Sem liberdade para caminhar no parque. Ou para comer sorvetes no Gunter.

— Talvez aqueles príncipes não seriam muito bonitos de qualquer maneira — disse Anna, passando o braço pelo de Lorde Eden. — Agora, o que foi aquilo sobre sorvetes?

— Você vai congelar o seu interior — disse ele. — Mas que assim seja. E você escolheu uma carruagem aberta também, Anna? No final do mês de Setembro?

— Anna tem sempre falta de ar em um carro fechado — seu irmão disse — e convencida de que está perdendo todos os tipos de vistas espetaculares, já que ela pode olhar a partir de apenas uma janela de cada vez.

— Eu tenho um novo manto, — aquela jovem disse alegremente, — e eu quero que o mundo veja. Você gosta dele, Dominic?

— Muito atraente — disse ele. — Mas eu não quero que você dobra para a frente quando você está a vinte pés de mim, Anna, por favor. Levaria meu olho para fora.

Eles decidiram conduzir através de Hyde Park antes de ir para o Gunter, uma vez que as folhas, de acordo com Anna, eram demasiado bonitas para serem desperdiçadas. Lá encontraram o carro fechado em que Madeline estava andando com o tenente Penworth. Madeline deixou a janela aberta, a fim de trocar saudações com os ocupantes da carruagem. O tenente ficou para trás nas sombras e não disse nada.

Jennifer se inclinou para frente e sorriu.

— Como vai você, Tenente? — Ela chamou. — Estou muito satisfeita por ver que você está fora novamente. Você se lembra de mim?

— Claro que ele faz — disse Madeline com um sorriso.

— Decidimos aproveitar um belo dia e sair para um passeio.

Jennifer olhou para o homem que tinha levantado a mão em reconhecimento de sua saudação. Ela não o reconheceria. Este homem estava magro e pálido, e metade de seu rosto estava completamente coberto por um tipo de curativo. Lembrou-se dele, de boa aparência, jovem oficial, ágil, alto astral e que gostava sempre de estar ativo.

— Nós estamos no nosso caminho para o Gunter — disse Lorde Eden. — Vocês se importariam de se juntar a nós, Penworth? Madeline?

— Talvez em outro momento — Madeline disse rapidamente.

— Obrigado, — Tenente Penworth disse no mesmo momento. — Isso seria agradável.
Ela olhou para ele, surpreso.

— Tem certeza de que não vai se importar? — Perguntou ela.

— Não — ele disse abruptamente. — Você se importaria?

— Vamos encontrá-los lá em poucos minutos, — Lorde Eden disse enquanto Madeline corou e retirou a cabeça para dentro da carruagem.

— Então, eu estou finalmente para conversar com o meu futuro cunhado, — Lorde Eden disse enquanto eles dirigiram por diante. — Madeline o manteve escondido.

— Eu estava morrendo de curiosidade — disse Anna.

— Pobre homem — disse Jennifer. — Como a guerra pode ser tão cruel?

— Você não queria ir — o tenente estava dizendo na outra carruagem. — Por minha causa, Madeline? Ou para a sua?
Ela olhou para ele com espanto.

— Pela sua — disse ela. — Você não se dispôs a que todos possam vê-lo. E o Gunter é um lugar muito público. Allan, você não acha que eu tenho vergonha de você, não é?

— Não. — Ele estendeu a mão para a dela. — Mas você passou tanto tempo como minha enfermeira, que eu acho que talvez você está tentando me proteger de todo mal, física e de outra forma. É exaustivo para você quando outras pessoas podem me ver, não é? Mas eu não posso privá-la de todas as atividades diárias normais, Madeline. Eles são sua família e seus amigos. Você deve gastar tempo com eles. Se eu vou ser seu marido, devo passar tempo com eles também.
Ela apertou sua mão.
Alguns clientes no Gunter viraram-se para assistir à entrada do rosto sério do tenente Penworth poucos minutos depois. Ele cruzou sem assistência à mesa em que os outros quatro estavam sentados e tomou a única cadeira vazia em uma extremidade da mesa, próxima a Jennifer. Madeline, tendo feito as apresentações, foi forçada a sentar-se no lado oposto da mesa.
A conversa foi brilhante e saudável por alguns minutos. Houve muito riso na mesa. Em seguida, Anna lançou-se numa descrição das jias da coroa e um lamento sobre o fato de que o pai dela tinha dito que eles estavam indo para casa na próxima semana ou assim.

— Bem, Edmund, Alexandra e as crianças vão estar indo também, — Madeline disse suavemente. — E eu estou tentando convencer Allan vir também por um tempo. Ele não disse que não, então eu tenho grandes esperanças. —

Ela sorriu para o seu — Você está se sentindo melhor? — Jennifer estava perguntando. — Fiquei triste ao ouvir de seus ferimentos, Lorde.

— Obrigado — disse ele, sem olhar para ela. — Eu estou totalmente recuperado. — Seu rosto estava pálido e sombrio. Ele não era de todo o mesmo jovem com o qual ela tinha dançado e andado junto na Floresta de Soignes.

— Você vai voltar a Devon em breve? — Perguntou a ele. — Lembro-me de me contar sobre sua família e sobre como você amava sua casa.

— Eu não tenho nenhuma intenção de ir para lá num futuro previsível — disse ele.

— Oh, — ela disse e tomou um gole de seu sorvete. Ela havia perdido contato com a conversa de que os outros estavam envolvidos. Lorde Eden, ela viu, estava assistindo-os do lado de sua irmã.

— Sua mãe deve estar muito preocupada com você — disse ela. — E o papa e todos os seus irmãos e irmãs.

— Sem dúvida — disse ele. — Eu serei o objeto de sua pena para o resto da minha vida. Eles estavam orgulhosos de mim.

Jennifer jogou nervosamente com a colher. Ela desejou que ele tivesse sentado em outro lugar.

— Eles não são orgulhosos de você agora? — Disse ela.

— Oh, sim. — Sua voz era fria. — Eu sou seu herói ferido.

— Por que você usa um grande curativo? — Ela perguntou, e corou com a grosseria de sua pergunta.

— Meu rosto não é uma vista bonita, — disse ele.

— As feridas não estão curadas?

— Elas nunca estarão, eu acho — disse ele. — Não grande coisa, na verdade.

— Não seria melhor usar apenas um pequeno tapa-olho? — Perguntou ela. — O sol e ar ajudaria as outras cicatrizes, será que não? E se você me perguntar, eu diria que o curativo é muito mais perceptível do que algumas cicatrizes seriam.

— Se eu tivesse perguntado — disse ele tão baixo que ela não tinha certeza de que tinha ouvido as palavras
corretamente. Sentiu-se intensamente desconfortável pelo o resto da sua estadia na confeitaria.

— Você foi esnobada por Penworth? — Lorde Eden perguntou-lhe com alguma simpatia na carruagem mais tarde.

— Eu merecia isso, temo — disse ela. — Eu não deveria ter perguntado a ele todas as perguntas pessoais. Ele parece ter se recuperado de suas feridas exteriores muito bem. Mas há outras feridas, muito mais profundas, que ainda nem sequer começaram a cicatrizar ainda.

— Devo confessar que estava muito envergonhada — disse Anna — e irritada comigo mesmo por ser tão boba. Eu tinha tanto medo de dizer algo que eu não deveria dizer.

— Como seria encarar a vida? — Disse Walter. — Apenas uma perna. Apenas um olho. Ouch! Eu acho que eu preferiria estar morto.

— Que absurdo! — Disse Jennifer e corou novamente em mais uma grosseria. — Há muitas coisas que se pode fazer na vida sem uma perna ou um olho. Eu me sinto triste pelo tenente Penworth, pois eu sabia como ele era antes. Mas também sinto um pouco irritada por ter se tornado amargo e cínico. Não, não com raiva. Tudo aconteceu com
ele há apenas três meses. Mas eu ficaria com raiva e duplamente triste se eu fosse encontrá-lo em tempo de alguns anos e ainda o encontrasse lamentando sua perda e não ficando com a sua vida.

— Tenho certeza de que você está certa, Srta. Simpson — disse Walter. — Mas, puxa, como seria a vida de alguém sem uma perna? Nenhuma equitação. Nenhum esporte. Não posso pensar nisso.

— Pobre homem — disse Anna.

Lorde Eden estava sorrindo para ela, Jennifer viu.

Na mesma tarde, Ellen visitou o Conde de Harrowby. Ela não levou ninguém com ela e até pensou, como ela levantou a aldrava de bronze fora das enormes portas duplas de sua casa, que, talvez, fosse impróprio visitá-lo sozinha. Mas ela sorriu com o pensamento. Esta tinha sido sua casa por quinze anos. Ele tinha sido seu pai.

Ele tinha bebido novamente, ela podia ver, logo que ele desceu correndo as escadas para encontrá-la, em vez de esperar por seu mordomo para mostrar a ela até a sala de estar.

— Eu não teria tocado em uma gota se eu soubesse com certeza que você viria, Ellie — disse ele, piscando-lhe um sorriso quando ele ofereceu o braço. — Eu pensei que você não viria, uma vez que você tivesse pensado nisso.

— Mas eu vim — disse ela, olhando em volta da sala de desenho para encontrá-la exatamente como tinha sido na última vez que ela viu, a não ser que talvez, o tapete estava um pouco mais desgastado e as cortinas nas janelas mais desbotadas.

— Eu não convidei ninguém — disse ele. — Eu espero que você não se importe. Vai ser só eu e você, Ellie. Além — ele sorriu — não há muitas Senhoras que aceitariam um convite do conde de Harrowby estes dias. Eu não sou considerado bastante respeitável, sabe.

— Não? — Ela disse, olhando para os sinais marcados de dissipação sobre o seu rosto e corpo quando ele estava de costas para o fogo. Eles não falaram com a governanta ou o mordomo, alguém que ela não conhecia trouxe a bandeja de chá. Ela se sentiu estranha. Ela não sabia como chamá-lo. — Devo servir?

— Se você não tivesse me deixado — disse ele, estendendo uma mão para indicar que ela deveria ficar

atrás da bandeja — Eu não seria a destruição que você vê. Eu amei você, menina. Você não deveria ter saído.

— Você não começou a beber apenas depois que eu saí — disse ela, segurando uma xícara cheia e pires com ele.

— Agora, seja honesto consigo mesmo. Eu não preciso dessa culpa em meus ombros.

Seu sorriso era quase juvenil.

— Tem toda a razão — disse ele. — Mas você sempre foi bom para mim, Ellie. Você nunca fez colocar-se com qualquer bobagem. Você sempre disse que era o quê. Você costumava me dizer para ir embora quando eu estava embriagado. Você se lembra?

— Sim — disse ela. Ele riu.

— Às vezes, não muitas vezes, eu admito, — ele disse.

— Eu costumava ficar sóbrio apenas para que eu pudesse vir para o berçário ou a sala de aula e vê-la. E então eu iria beber depois. Mas não tanto naqueles dias, menina. Não como depois. Tem alguns bolos.

Eles olharam um para o outro.

— Você sempre foi meu St. George, — ela disse — que iria matar todos os meus dragões.
— Eu era, Ellie? — Disse. — Ele era bom para você? — Ela sabia que ele não estava se referindo a Charlie.

— Sim — ela disse — ele era bom para mim.

— Mas ele não matou nenhum dragão? — Aquele sorriso de menino novamente.

— Eu era mais velha — disse ela. — Eu sabia que ninguém é infalível. Nem mesmo os pais.

— Conte-me sobre sua vida — disse ele. — É como se você estivesse morta, Ellie e voltasse à vida novamente.
Ela disse a ele sobre a Espanha e sobre a Bélgica. Ela disse a ele sobre Charlie e Jennifer e seus outros amigos. Ela deve ter falado durante meia hora, ela percebeu com algo de um choque, quando ela terminou de contar a ele sobre seu encontro com Sir Jasper Simpson. Mas ele estava interessado. Ele mal tinha movido ou retirados os olhos do rosto dela.

— É a mim que você deve estar se voltando para apoio, Ellie — disse ele — não ele. Você sente que ele é mais seu pai do que eu sou?
Como ela poderia responder a pergunta?

— Ele é o avô de Jennifer — disse ela. — É por isso que conhecê-lo é tão importante, papai. — E ela mordeu o lábio e fechou os olhos.

— Talvez eu seja muito... — disse ele. — Talvez eu não seja seu pai, Ellie. Mas o importante é que eu fui por todos esses anos. Eu era o seu pai. Eu te amei. Eu não era perfeito, mas eu nunca maltratei você, não é?
Ela balançou a cabeça, os olhos no jarro de leite de prata na bandeja.
Ele levantou-se e puxou a corda do sino para alguém para vir e remover a bandeja. Ele descansou um cotovelo sobre a lareira e bateu uma junta ritmicamente contra os dentes, enquanto esperava, sem dizer nada. Mas ele se voltou para ela quando o lacaio tinha desaparecido e veio sentar-se ao lado dela.

— Não vá ainda — disse ele, levando uma de suas mãos na dele. — Fique e fale por mais algum tempo, Ellie.
Ela olhou para o lado, mais gordo agora do que tinha sido, mas uma mão ela teria reconhecido de qualquer maneira, com os seus dedos grossos, de cabelos escuros, as unhas mais amplas do que longas. Mãos que haviam cuidado dela como uma criança, mãos que ela podia se
lembrar agarrando-se, por vezes, enquanto caminhava, embora ela não conseguia mais lembrar onde foi que tinha andado.

— O que você quer dizer — ela perguntou — que você pode ser?
Ele olhou para ela com o de pálpebras pesadas, e os olhos avermelhados.

— Sua mãe e eu — disse ele. — Nós sempre dissemos o que mais ferisse, mesmo que nem sempre fosse a verdade. Você pode ser minha, Ellie.

— Ela não disse — disse Ellen. — E ele não discutiu.

— Quando sua mãe estava esperando você — ele disse

— Eu nunca fiz um questionamento sobre de quem você era. Eu teria se tivesse havido qualquer possibilidade de não ser minha, não? Eu sempre sabia quando ela tinha outra pessoa. Eu sabia que ela tinha amantes. Mas eu não suspeitei na época. Além disso, sua mãe era uma

mulher cuidadosa. Ela teria a certeza de que você era minha. Você foi a nossa primeira e nossa única, como se viu. Você poderia ter sido um menino, Ellie. Você poderia ter sido meu herdeiro. Eu acho que você é minha.

— Mas por que ela teria dito tal coisa? — Perguntou Ellen.

— Para me machucar — disse ele. — Ela deve ter se sentido particularmente cruel. Ela sabia que você era a única pessoa que eu realmente amei. Ela queria me virar contra você. Você não deveria saber. Mas eu vim e disse, não disse? Acho que foi a embriaguez no momento. E, em seguida, sua mãe saiu com Fenchurch e eu não a vi desde então. Ela estava em Viena para o Congresso a última vez que ouvi falar dela. Com alguém que eu nunca ouvi falar. Nós não fomos um par bonito, menina. Não era culpa dela, o que aconteceu. Mas você é quem mais sofreu.

— Sim — ela disse — eu fiz. Mas tudo na vida tem um propósito, talvez. Eu não teria conhecido o meu marido se eu não tivesse ido para a Espanha. E eu odiaria ter ido ao longo da vida sem conhecê-lo.

Ele afagou-lhe a mão.

— Diga isso de novo — disse ele, — o que você deixou escapar um pouco atrás. Parecia bom, Ellie.

Ela olhou para ele e engoliu.

— Papa? — Disse ela. — Eu não nunca chamei-o assim, você sabe.

Ele acariciou a mão dela novamente.

Ela olhou para ele. E olhou para além dos olhos vermelhos e as faces coradas, e o queixo duplo. Ele tinha sido seu pai. Ela havia enrolado em seu grande colo e jogou com a correia de seu relógio. E sentiu como se nada nesta terra jamais poderia prejudicá-la.

— Estou grávida — ela surpreendeu-se dizendo de repente. — E não é do meu marido. Concebi-o de um amante menos de um mês após a sua morte. E agora eu já comecei a deixar as pessoas pensarem que é Charlie e eu não sei o que fazer.

Tome todos os seus problemas para Papa, Ellen. E suba em seu colo e deixe-o acalmar a todos.

— É mesmo, Ellie? — Ele disse, com suavidade, a mão sobre a parte de trás dela. — O importante é, você está feliz com isso? você amou-o?

— Sim, eu fiz — disse ela. — Totalmente e apaixonadamente, Papa. Ninguém mais existia no mundo por uma semana. Apenas por uma semana. Menos, mesmo. Ele era um amigo de Charlie e meu. E então, antes que

qualquer um de nós sabia o que estava acontecendo, fomos amantes. Mas foi tudo errado. Eu amei Charlie. Ou penso que eu fiz. Agora eu sou tão consumida pela culpa e confusão que eu já não sei o que é amor.

— Bem — disse ele, batendo a mão dela — você vai ter um filho para amar breve, Ellie. Você descobrirá. Ele sabe?

— Não. — Ela agarrou sua mão. — Eu não poderia dizer a ele. Eu não quero que ele nunca saiba.

— É triste, Ellie — disse ele — ser privado de seu filho.

Será que ele te amou?

— Não — disse ela. — Oh, ele fez nessa semana, tanto quanto eu o amei. Mas o amor é a palavra errada. Não era amor. E ele não sente tudo o que foi para mim por mais tempo. Ele está saindo de Londres em breve.

— E você vai ficar, — disse ele — com os parentes de seu marido e um filho de seu amante. Bem, menina, você vai resolver o seu próprio futuro. Você sempre fez. Tenho muita fé em você. Mas você sabe, você sempre pode vir aqui, Ellie. Esta será sempre sua casa. E eu sempre serei seu pai, mesmo que eu não tenha gerado você. Mas eu acho que eu fiz.

— Oh — disse ela, levantando as mãos unidas de modo que seus lábios descansaram contra os nós dos dedos — se você soubesse o peso que foi tirado dos meus ombros apenas lhe dizendo tudo isso! Eu acho que ainda há um pouco de St. George em você, afinal de contas.

Ele riu com algum divertimento e ela sorriu para os olhos dele.

— Você vai voltar? — Perguntou. — Você não vai desaparecer completamente de novo, Ellie? Você vai voltar para me ver?

Ela assentiu e ficou de pé.

— Eu fiquei aqui por muito mais tempo do que o planejado — disse ela. — Estou contente por ter vindo, Papa. Você é realmente a única pessoa da minha própria família.

— Venha e me abrace, menina — disse ele e ondas de memória caíram sobre ela enquanto seus braços fechavam e a embalavam contra ele. Memórias das horas de dormir, quando sua mãe tinha ficado muito ocupada se vestindo para sair, ao invés de vir ao berçário para beijá-la. Mesmo o cheiro, uma mistura curiosa de conhaque e rapé e Colônia.

— Oh, papai — ela disse, cedendo finalmente e totalmente à autopiedade e realmente não se importando no momento.

— Como é que eu vou suportar isso quando ele for embora para sempre?

— Você vai ter o seu filho — disse ele, — e seu pai. Você vai fazer, menina. Você vai fazer.

O conde de Amberley estava sentado recostado em um sofá, no quarto ao lado do berçário de sua casa, seus braços esticados para fora ao longo das costas. Ele estava meio sorrindo enquanto observava sua esposa amamentando sua filha.

— Ela está dormindo — disse ele.

— Eu sei. — Ela suspirou. — E eu deveria colocá-la no berço, certo? Ela terá que ser desmamada muito em breve. Ela tem sete meses de idade já. Não é justo, Edmund. As crianças deveriam permanecer bebês pequenos por muito mais tempo do que fazem.

— Bem — ele disse — quando Caroline desmamar, Alex, vamos apenas colocar outra criança lá, não vamos?

Ela corou.

— Será? — Disse ela. — Oh, Edmund, você me tem formigando da cabeça aos pés.

Ele sorriu.

— Parece uma pena desperdiçar o momento, não é? — Disse. — E Caroline está dormindo. No entanto, acabo de recordar que na hora que eu sair do berçário, vou ter que dar Christopher uma prometida carona. E eu estou falando sobre lhe dar mais filhos?

— Estamos realmente voltando para Amberley na próxima semana? — Ela disse, sorrindo. — Eu não vou acreditar até que estejamos lá. Casa novamente. Será maravilhoso.

— Fiquei um pouco surpreso que o tenente Penworth concordou em ir junto com Madeline, você não?

— Sim — disse ela. — Mas estou feliz. Eu quero conhecê-lo melhor. E tê-lo para o chá não é suficiente. Madeline é tão cuidadosa em protegê-lo de qualquer constrangimento.

— E só consegue fazer toda a situação incrivelmente estranha — disse ele. — Amberley será bom para ele. Acho
que ele tem o que é preciso para lidar com suas deficiências se estiver entregue a si mesmo, Alex.

— Quer dizer, se Madeline parar de mimá-lo — disse ela.

— Eu não quero ser indelicado, ela tem feito maravilhas para ele, creio eu e é inteiramente dedicada. Eu nunca tinha visto Madeline tão fora de foco em si mesma.

— Será que eles vão ser felizes? — Perguntou Alex. Ele encolheu os ombros.

— Se eles quiserem ser, sim — disse ele. — Estar em Amberley deve ajudá-los a conhecer melhor um ao outro. Quer dizer, mais que em uma relação enfermeiro-paciente. As Senhoras Simpson estarão aqui mais tarde. Você está certa de que quer convidá-las para Amberley também, Alex?

— Você sabe que eu teria argumentado se tivesse discordado — disse ela. — Mas não tenho certeza que elas virão, contudo, Edmund.

— Dominic fez uma decisão definitiva de ir para Wiltshire — disse ele.

— Mas a Senhora Simpson se sente estranha conosco — disse ela. — Somos sua família, depois de tudo. Seria lindo se elas viessem, no entanto, Edmund. Foi uma ideia inspirada de sua parte. Madeline é amigável com os dois e Anna se tornou muito próxima a Senhorita Simpson. E Walter também, ao que parece. E seria bom para elas terem maior liberdade em uma propriedade rural, durante o tempo de seu luto. E eu gosto delas. Gostaria de desfrutar de sua companhia.

— Eu me sinto com uma grande obrigação para com a Senhora Simpson — disse o conde. — Eu ainda sou da opinião de que Dominic poderia muito bem não estar vivo hoje se não fosse por ela. Eu gostaria de mostrar a minha gratidão de alguma forma.

— Então, vamos pedir-lhes quando vierem para o chá — disse a condessa. — Espero que elas digam sim. Você fala com elas, Edmund. Você é muito mais convincente do que eu.

— Eu sou? — Disse ele, levantando-se e levando o bebê para dormir. — Não creio que eu posso convencer meu filho a renunciar a seu passeio e trazer minha esposa ao nosso quarto de dormir, posso?
Ela riu.

— Não, você certamente não pode — disse ela. — Você vai se comportar até a hora razoável de deitar, meu Lorde.

— Eu não acho que teria sucesso — disse ele com um suspiro.
Jennifer estava borbulhando com alto astral. Ela ainda tinha momentos de remorso e derramava lágrimas quando se lembrava que estava de luto por seu pai. Mas Ellen não se ressentia do fato de que a menina estava retornando ao seu entusiasmo juvenil para a vida.

Esses dois meses intensos que tinham passado de luto foram suficientes para alguém tão jovem.

Tudo parecia estar indo bem para Jennifer. Tinha feito amigos e estava tendo inúmeros passeios. Ela tinha alguns admiradores, embora Ellen não achasse Phelps. E ela não parecia estar cuidando de um sentimento particular. Elas visitaram Sir Jasper Simpson mais de uma vez e o Sr. Phillip Simpson em uma ocasião. E Sir Jasper parecia ter
aceitado Jennifer como sua neta. Na verdade, a menina confidenciou a Ellen após uma visita, ele teria dito que ela se parecia sua avó quando sorria.

E ele era tão bom quanto falava, estavam planejando um jantar e festa em uma noite tranquila em honra de suas parentes recém-descobertas. Ele havia pedido a ambas para convidar quem quisessem. Ellen tinha dito não, mas Jennifer tinha tido seu avô sorrindo com indulgência quando tinha ansiosamente listado quase todos seus conhecidos: Lorde Eden, Anna e Walter Carrington, a Senhora Jennings, Lady Madeline, as irmãs Emery.

— Lady Madeline é prometida a tenente Penworth — ela disse. — Eu o conheci em Bruxelas, avô, mas ele foi gravemente ferido e ele não gosta de ser visto em público agora. Eu não acredito que ele viria.

— Mas eu vou enviar-lhe um convite de qualquer maneira. — o velho disse com uma risada.

Ellen teria se alarmado com a menção de Lorde Eden se não tivesse sabido que ele estava tão ansioso quanto ela para evitar o encontro com ela novamente. E estava planejando ir para o interior em breve.

Não precisava ter medo. Ele iria recusar o convite. Ela não poderia suportar se ele viesse. Não que ela tivesse medo de encontrá-lo. Havia se recuperado desse tipo de medo depois de seu encontro humilhante. Mas ela tinha se acostumado com a ideia de que nunca mais o veria. A ferida estava começando a cicatrizar. Muito devagar, era verdade. Mas ela não queria estar em carne viva novamente.

Ela não temia a visita ao Conde e Condessa de Amberley . Ela gostava muito deles e lembrou-se da bondade e do tato que o conde tinha mostrado durante aqueles dias terríveis em Bruxelas. Não pensou que eles iriam constrangê-la, convidando o irmão do conde para o chá também. E Jennifer estava animada com a perspectiva da visita, estava esperando para ver as crianças novamente.

Ela não se decepcionou. Christopher ficou puxando sua saia, esperando por sua atenção, quando ela ainda estava trocando cumprimentos com seu anfitrião e anfitriã. Ela abaixou-se, logo que foi possível e abraçou-o. E então ele saiu correndo, em busca de seu jogo.

A condessa olhou para o marido, poucos minutos depois e levantou as sobrancelhas quando Caroline arrastou-se sobre os joelhos ao lado de Ellen, agarrou-se a sua saia e olhou solenemente em seu rosto. Ellen não perdeu sua atenção da conversa, mas levantou a criança no colo e abriu sua bolsa para que o bebê pudesse vasculhar seu conteúdo.

Ellen foi tomada totalmente de surpresa quando o convite para Amberley foi emitido. Ela já havia manifestado sua inveja quando a condessa tinha mencionado o fato de que eles estavam retirando ao campo. E havia dito que era o maior desejo de seu coração viver no campo.

— Oh, — ela disse quando o conde perguntou se ela e Jennifer poderiam se juntar a eles por algumas semanas em Amberley. E não conseguia pensar em mais nada.

Jennifer não ficou assim com a língua presa.

— Oh, podemos ir, Ellen? — Ela perguntou, sentada na beira da cadeira, as faces coradas. — Oh, por favor, podemos? Amberley está perto do mar, não é? Você me falou sobre isso, Senhora, em nossa viagem de volta para a Inglaterra e Anna me disse sobre isso. Parece tão perfeitamente esplêndido.

— Você é muito gentil — disse Ellen, olhando do conde para a condessa. — Mas vocês, realmente, não me devem nada. Eu não fiz mais do que centenas de outras mulheres em Bruxelas.

— Na verdade você fez — disse o conde. — As centenas de outras não trouxeram meu irmão de volta à vida, Senhora. Mas, deixando nossa obrigação de lado, adoraríamos entreter vocês. E, aparentemente, a nossa filha. Você não percebe como é raro para ela associar- se com alguém, exceto seus pais e sua babá. Suponho que ela iria fazer amizade com seu irmão também se ela pudesse pegá-lo de vez em quando.

— Oh, diga sim, Ellen! — Jennifer implorou.

Ellen olhou para o conde e a condessa, ambos estavam sorrindo para ela.

— Madeline vai estar lá — disse a condessa — e seu noivo. Dominic não vai, é claro, ele está indo para sua própria propriedade dentro dos próximos dias.

— A perspectiva de algumas semanas no campo é atraente — disse Ellen com a maior sinceridade.

Jennifer sorriu com prazer e recostou-se na cadeira novamente. A condessa sorriu de forma mais ampla. Parecia que a resposta tinha sido dada, pensou Ellen.

— Esplêndido! — Disse o conde. — Alex e eu sempre desfrutamos mostrando a nossa casa para os convidados. Isso está resolvido, então. E pelo barulho na escada, é meu palpite de que estamos prestes a ser invadidos.

As portas para a sala de estar abriu e o mordomo entrou, apenas um passo à frente de Anna e Walter Carrington, Susan Jennings e Lorde Eden. A voz de Anna, como de costume, precedendo-a no aposento.

— Está começando a chuva, Alexandra — ela dizia — e nós estávamos montando em uma carruagem aberta. A pergunta era para onde ir. E sua casa era a mais próxima conhecida. Então decidimos convidar-nos para o chá. Você não se importa, não é? E como você poderia dizer isso agora, não é mesmo? Oh! — Ela colocou a mão sobre sua boca. — Você tem visitantes já.

Mas quando ela viu quem eram, o brilho estava de volta nos olhos e foi para o outro lado da sala para sentar ao lado de Jennifer.

— Walter e eu recebemos um convite esta manhã — disse ela. — A partir do seu avô. Você sabia? Nós respondemos imediatamente, aceitando.

— Isso é um alívio — disse Jennifer. — As Emery, minhas amigas, têm outro compromisso para aquela noite.

Todos os outros trocaram saudações. Lorde Eden se sentou em frente a Ellen. E a casca tinha sido esfregada longe da ferida. Ela desejou que não tivesse contado ao seu pai, por não saber o que faria se ela nunca mais o visse. Ela não tinha admitido nada para si mesma antes desse momento. E foi melhor assim.

Ela teria que contar os dias pacientemente até sua partida para o campo.

Anna estava gritando.

— Walter — disse ela — Jennifer e Sra Simpson estão vindo para Amberley por algumas semanas. Foi ideia sua, Edmund? Você é o meu primo muito, muito favorito, eu lhe garanto. Eu não me importo nem um pouco de ter que ir para casa agora e eu direi ao Papa. Ele ameaçou esta manhã encher os ouvidos com algodão se eu reclamasse sobre isso mais uma vez.

Ellen e Lorde Eden se olharam no outro lado da sala.

— Por que você não vem também, Dominic? — Disse Anna. — Então eu ficaria totalmente feliz. É muito anti-

desportivo retirar-se para Wiltshire, quando você pode facilmente adiar sua ida para lá por alguns meses.

— Não — ele disse, ainda olhando para Ellen. — Eu não vou estar em Amberley antes do Natal, Anna.

— Eu tive um convite para Sir Jasper Simpson para o jantar — disse Susan Jennings para Ellen. — É muito simpático da parte dele, tenho certeza. E tudo por causa da minha amizade com sua querida enteada, Senhora. Será difícil ir, é claro, como eu não tenho ninguém para me acompanhar, com o meu querido marido desaparecido.

— Você irá, meu Lorde? — Jennifer perguntou a Lorde Eden ansiosamente.

— Eu não respondi o convite ainda — disse ele cautelosamente.

— É o dia anterior ao que você pretende sair da cidade — disse Anna. — Eu saí de mim quando li o convite. Você deve vir, Dominic.

— Você vai entender se eu recusar meu convite — Susan disse suavemente para Ellen — não é que eu desejo aparecer mal-educada ao seu querido sogro, Senhora. Mas você sabe o quão solitário é quando um marido está desaparecido. Você, pelo menos, têm a sorte de ter uma

Enteada para dar-lhe um pouco de companhia. — Ela levantou um lenço delicada para os olhos.

— Vou levá-la em minha carruagem, Susan — disse Lorde Eden. — Nós iremos juntos.

— Como muito gentil você é — disse ela. — Mas eu não gostaria de me impor a você, meu Lorde.

— Não é nenhuma imposição. — disse ele.

Seus olhos, quando olhou para Ellen, foram inescrutáveis.

A ferida tinha sido esfregada em carne viva novamente.

A conversa tinha se mudado para outro tópico.

Capítulo 18

Dezesseis pessoas sentaram-se para jantar na casa da cidade de Sir Jasper Simpson várias noites mais tarde. Não era, infelizmente, um encontro alegre, ele disse a seus convidados no salão antes de se mudarem para a sala de jantar. Não haveria dança. Alguns deles estavam de luto. Mas ele tinha cedido ao desejo de honrar a nora e a neta com quem havia se encontrado, pela primeira vez, apenas recentemente, para satisfazer alguns de seus amigos mais próximos.
Ele conhecia quase todos, Lorde Eden descobriu.
Ele não conhecia o próprio Sir Jasper ou a Sra Edith Simpson, mas ele tinha visto Phillip Simpson em algumas vezes de White no passado. E ele estava familiarizado com o Sr. e Sra Everett, primos de Charlie. O jovem Mr. Lawrence Winslow ele não tinha visto antes, mas conhecia o Visconde Agerton. E havia uma grande quantidade de conversas altas e risadas e tapinhas nas costas quando aquele último cavalheiro e Walter reconheciam cada um dos companheiros da velha escola.
Anna, Susan e Madeline estiveram presentes também, é claro Penworth, para grande surpresa de Lorde Eden. Madeline havia anunciado em casa no dia anterior que ele havia decidido participar do jantar. Ela tinha recebido com exuberância e ainda assim ela tinha manifestado algum desconforto a ele quando estavam sozinhos juntos. Ele estava pronto para um encontro de noite inteira?
Havia apenas uma maneira de descobrir, ele tinha dito a ela, seu braço sobre os ombros. Ela poderia fazer isso? Isso foi mais direto ao ponto. Tinha-lhe atirado um olhar indignado e ele tinha imaginado que tinha batido em um nervo exposto.
Lorde Eden deveria ter se sentido bastante confortável no encontro. Na verdade, sentia-se muito ao contrário. Ele estava misturando-se com a família de Charlie. E ele se incomodou mais uma vez com a presença de Ellen, quando ela tinha dito na semana anterior que ele provavelmente não iria vê-la novamente. Tinham dito adeus.
Ele ainda não tinha certeza porque tinha aceitado o convite. Talvez tivesse sido a situação de Susan? Ou convicções de Anna? Ou expressão ansiosa de Senhorita
Simpson? Ou era sua própria necessidade fraca e egoísta de torturar a si mesmo? E talvez Ellen também?
No entanto, ele se sentiu desconfortável e desejou estar em qualquer outro lugar. Ele estava contente que seus pertences foram embalados e arranjos todos feitos para a sua partida no dia seguinte. Tentações estariam fora do seu alcance, em seguida. Ele poderia começar o processo de esquecê-la e iniciar uma nova vida.
Nesse meio tempo, enquanto Sir Jasper tomou Ellen em seu braço para conduzi-la para a sala de jantar e ele ofereceu seu próprio braço para Susan, ele iria ficar longe de Ellen toda a noite. Ele lhe mostraria sentimentos de muito respeito, de qualquer maneira.
Sentou com Susan tão longe da cabeceira da mesa quanto possível e pôs-se a encantadora Lady Habersham em seu outro lado. Ele se concentrou toda a sua mente em sua conversa com essas duas Senhoras e em Winslow e Sra. Everett do lado oposto. E em breve, pensou depois de uma

hora interminável, as Senhoras iriam se retirar, se ele tivesse sorte, Sir Jasper seria o tipo de homem que gostava de sentar-se sobre o porto e a conversa do sexo masculino, pelo menos, por uma hora mais.
Mas Sir Jasper se levantou antes que Edith Simpson poderia dar o sinal para as Senhoras. Ele pediu que os seus hóspedes se juntassem a ele em alguns brindes. Todos, obedientemente, levantaram seus copos para a sua neta, a quem as circunstâncias tinham mantido separada dele toda a sua vida e para a sua querida nora, que tinha consolado os últimos anos de seu filho.
O velho fez uma pausa, seu sorriso dirigido a Ellen. Lorde Eden se permitiu olhar totalmente para ela pela primeira vez naquela noite. Ela estava sentada muito ereta na cadeira, com o rosto pálido e tenso, os olhos arregalados e suplicantes em seu sogro. Uma mão começou a chegar até ele, mas se juntou a outra em seu colo novamente.
Lorde Eden franziu a testa.
— E um brinde muito especial — disse Sir Jasper — a uma terceira pessoa, alguém que está conosco hoje à noite e faz com que nosso número de convidados seja um estranho dezessete. — Ele sorriu gentilmente para a nora.
Ela fechou os olhos.
— Para o meu futuro neto — disse Sir Jasper. — Para o meu neto, minha esperança mais querida. Meu herdeiro.
Houve um burburinho de vozes sobre a mesa e uma raspagem de cadeiras sendo empurrado para trás. E um tilintar dos copos. Lorde Eden encontrou-se em seus pés e fazendo o que todo mundo fez. Ele até ouviu Susan dizer que ela nunca ficou mais surpresa em sua vida. E uma parte dele notou Jennifer com ambas as mãos à boca, chorando.
Ele ficou em pé, curvando-se e sorrindo enquanto as Senhoras se retiravam. E mesmo encontrou-se participando de uma conversa sobre as raças e a qualidade do gado que foram a leilão nos dias de hoje no Tattersall. Ele não tinha ideia se os Lordes se sentaram com o porto por dez ou trinta minutos, ou durante uma hora inteira.
Mas Sir Jasper acabou por sugerir que eles se juntassem as Senhoras na sala de estar.
Jennifer sentou ao lado de Ellen até que os Lordes se juntaram a elas. A maioria das outras Senhoras estavam recolhidas sobre o piano. Várias delas tocando.
Jennifer estava se sentindo mais feliz do que tinha sentido por meses, disse a Ellen mais de uma vez. Por que Ellen não lhe disse antes? Ela estava muito feliz.
— Tenho me sentido tão triste por você nas últimas semanas, Ellen — disse ela. — Eu tenho novos amigos e têm sido muito mais do que você tem. E eu percebi que a perda de um marido é muito pior do que perder um pai. Eu quis e desejei que houvesse algo ou alguém para você. Mas você é jovem e muito amável, sem dúvida, poderia se casar de novo, eventualmente, mas você não poderia pensar em fazê-lo, no entanto, poderia? Mas agora você tem alguém. Seu próprio filho. Oh, Ellen, eu sei por que você não me disse quando estávamos sozinhas em casa. Eu teria gritado e dançado no quarto. Eu não culpo você por evitar isso.
— Jennifer — Ellen olhou profundamente angustiada. — Eu não queria que você descobrisse assim. Eu queria dizer-lhe. Eu queria dizer-lhe toda a história. Há muito a ser dito.
Jennifer abriu um grande sorriso para ela.
— E eu quero ouvir tudo — disse ela. — Você deve me dizer tudo sobre ele em algum momento, quando temos tempo de sobra. Haverá muito tempo, Ellen. Três semanas em

Amberley Court. Oh, vida de repente parece muito boa novamente. Mas você não está olhando feliz. Estou sendo muito insensível. Há uma tristeza em você também, assim
como a felicidade. Papa não está aqui. Ele não soube, pois não?
Ellen sacudiu a cabeça.

— Não — ela disse — ele não sabia.

Ellen levantou-se assim que os homens entraram na sala de desenho e ficou atrás do banco no pianoforte, observando Madeline tocar. Jennifer ficou onde estava, sentindo sua própria felicidade. Apenas alguns meses antes, seu mundo se parecia terminar quando seu pai morreu. E ainda assim ela agora estava cercada pela família e amigos em uma festa que estava sendo dada, em parte, em sua honra. E o avô tinha dito que ela e Ellen deveriam viver com ele quando voltassem do campo.
E Ellen iria ter um filho. Ela teria algo de Papa.
Mas o tenente Penworth estava sentado sozinho no canto mais escuro da sala. E ele estava se mexendo como se ele não pudesse encontrar uma posição confortável, como se sentisse alguma dor. Jennifer cruzou para a bandeja de chá, tomou duas xícaras da mão de sua tia Dorothy e levou-as para o canto. Ela sentou-se perto dele e sorriu.

— Gostaria de um pouco de chá, Lorde? — Perguntou ela.

— Obrigado — disse ele. — Mas você não precisa se preocupar em ficar em cima de mim, você sabe. Você deveria estar se divertindo com os outros jovens.

— Eu posso me divertir aqui — ela disse — com um outro jovem.

— Não há diversão aqui — disse ele. — Você deveria estar no piano, cantando ou tocando, e sendo admirada.
Jennifer riu.

— Tenho medo de que se eu cantasse ou tocasse, eu não iria ser admirada, Lorde. Você não gostaria de estar mais perto do pianoforte, mesmo?

— É melhor se eu sentar aqui — disse ele. — Se eu estivesse lá, todos estariam caindo para encontrar-me uma cadeira e falar gentilmente, como se eu fosse uma criança.

— Você não gosta de bondade? — Disse ela.

— Não particularmente — disse ele.

— Você prefere que as pessoas ignorem você ou chutem sua perna debaixo de você?
Ele a olhou friamente de seu único olho.

— Você não pode entender — disse ele. — Quando você tem a melhor saúde, quando outras pessoas têm tratado
você como um igual, então é difícil de ver que — Mas tudo mudou — disse ela. — Nada pode ser a mesma coisa para você novamente. Mas as pessoas não têm sido cruéis com você, pois não? Talvez você devesse ser grato por isso, pelo menos.

— A pior maneira no mundo a ser tratado — disse ele — é com pena.
Jennifer agitou seu chá e levantou a taça aos lábios.

— Você está certo — disse ela. — Eu não entendo. Eu não sei como seria estar em seu lugar. Mas eu acho que a pior coisa do mundo é sentir pena de si mesmo.
Ele estava muito zangado. Ela podia ver a partir do conjunto de sua mandíbula.

— A autopiedade! — Disse. — Saber que qualquer estranho olhar para o meu rosto para o resto da minha vida será ou careta de desgosto ou sorriso de pena envergonhado. Para saber que eu nunca mais vou andar corretamente, nunca mais andar, velejar um barco, jogar cricket ou correr. Ou cem e uma outras coisas. Eu estaria melhor morto.

— Meu pai está morto — ela disse, colocando a xícara e pires com cuidado ao lado dela. — Ele nunca vai ver o sol novamente. Ou sentir seu calor. Ele nunca vai ver Ellen novamente ou a mim. Ele nunca vai conhecer o amor de novo ou risos ou lágrimas. E nós nunca vamos tê-lo conosco novamente. Apenas um grande vazio pesado onde ele costumava estar. E você se atreve a invejá-lo?

— Sim, eu sei — disse ele secamente.

— Então você é digno de pena — disse ela. — Não é porque você perdeu uma perna e não é porque o seu rosto foi desfigurado. Não é porque sua vida tem de mudar além do reconhecimento. Mas porque você não tem o caráter para lidar com essas mudanças. Porque você permitiu-se a desmoronar sob a adversidade.

— Um discurso muito eloquente — ele disse com sarcasmo. — Eu que agradeço.

— Tento reconhecer o homem que conheci em Bruxelas — disse ela. — Eu gostei dele. Ele tinha uma índole ensolarada, tinha um amor pela vida e um desejo ardente de servir o seu país. Eu acho que eu mesma senti um pouco de inveja, uma vez que ele parecia preferir Lady Madeline a mim. Posso vê-lo sentado diante de mim, mesmo que um
lado de seu rosto está coberto com ataduras e um par de muletas repousa contra sua cadeira. Mas eu me confundi. Ele não é o mesmo homem. Sinto muito. Eu teria sofrido por aquele homem, assim como por meu pai, se eu soubesse que ele morreu em Waterloo.
Sua mandíbula endureceu. Ele estava escolhendo as palavras com cuidado, ela podia ver. Mas foram interrompidos.

— Jennifer lhe trouxe uma xícara de chá, Allan? — Disse Madeline, sorrindo calorosamente para ele. — Isso foi gentil da parte dela. Você ouviu-me cantar? Eu fiz isso apenas para você. Você está em algum desconforto, não é? Devo levá-lo para casa? Estou certo de que todo mundo iria entender.

— Nós vamos ficar aqui — disse ele. — Eu quero que você desfrute da noite, Madeline.

— Mas eu não me importo de sair — disse ela. — Eu não quero que você esteja com dor.

— Nós vamos ficar — disse ele, seus olhos se desviando para Jennifer. — Vou jogar uma mão de cartas assim que as duplas forem criadas. Tenho certeza de que posso ver bem o suficiente para fazer isso.

— Mas é claro que você pode — disse Madeline, rindo com alguma diversão.
Jennifer desculpou-se e afastou-se. Como imperdoavelmente rude ela tinha sido. Ela tinha dito a si mesma apenas alguns dias antes que o tenente Penworth precisaria de mais tempo para se adaptar às circunstâncias adversas de seu futuro. E ainda assim ela tinha acabado rasgando para ele como se fosse um estudante mal-humorado.
Talvez devesse voltar para ele e pedir desculpas, ela pensou. Mas não, isso sem dúvida pioraria a situação. Ele pensaria que ela estava com pena dele. Ela foi para o piano e sentou-se no banco ao lado Anna.

Ellen se sentou entre Edith e Sra. Everett, e falou com elas enquanto bebia seu chá. Parecia um lugar seguro para estar. Mas quando os copos estavam vazios, Edith levou dela e de Ellen e atravessou a sala para devolvê-los à bandeja e ficou lá para conversar com Dorothy. E Sra. Everett foi chamada para tocar o piano, enquanto Anna e Jennifer tentaram um dueto vocal.
O resto dos convidados estavam começando a tomar seus lugares nas mesas para as cartas.
Ellen não reagiu suficientemente rápido. Uma das cadeiras vazias ao lado dela foi tirada. E elas ficaram um pouco afastado tanto do piano em uma extremidade do salão e das mesas para carteado na outra. Ellen juntou as mãos no colo e focou sua atenção em uma das mesas. Tenente Penworth com Susan Jennings como parceira e Lorde Agerton teve Madeline.
— Bem, Ellen — Lorde Eden disse calmamente de lado dela.
Haveria resposta a tal cumprimento? Se houvesse, não poderia pensar nisso. Ela não disse nada.

— Parece que você esqueceu de me dizer alguma coisa — disse ele.

— Meu Lorde? — Seus olhos se deslocaram para as pernas, vestidas com calções azuis nos joelhos, mas não conseguia levantar a seu rosto.

— Você esqueceu de me dizer que a nossa ligação teve consequências — disse.

— Você está se referindo ao anúncio de Sir Jasper no jantar? — Eram palavras muito tolas, ela sabia.
Mas ela não conseguia pensar em nenhuma outra.

— Eu suponho que não há muitos homens — disse ele

— que descobrem dessa maneira que eles têm um filho. Mas sob as circunstâncias Acho que eu deveria ser grato que eu descobri. Amanhã seu segredo estaria seguro. Amanhã eu iria para Wiltshire.

— Meu segredo? — Disse ela. — Não tem sido um segredo, meu Lorde. Eu disse a algumas pessoas. Eu não tive ocasião de lhe dizer.

— Ah, é claro — disse ele. — Quão tolo da minha parte pensar que eu sou de qualquer importância a este assunto. Eu simplesmente plantei a semente. Eu sou apenas o pai. Uma pessoa bastante irrelevante uma vez que a semente foi semeada. É presunçoso da minha parte sentir que eu deveria saber.

— Eu acho que você está sob um equívoco — disse ela.

— É bebê de Charlie.
Podia senti-lo olhando para ela. Ela assistiu os jogos de cartas em curso no outro lado da sala.

— Eu vejo — disse ele. — Foi uma feliz coincidência, então, que, após cinco anos de casamento ele finalmente

conseguiu-o com criança no último momento — Sim — disse ela. — Uma feliz coincidência.

— Feliz para a família Simpson — disse ele. — Muito feliz por Sir Jasper, que tem um neto novo olhar para a frente. Alguém para substituir o filho que ele perdeu e confortá-lo na sua velhice.

— Sim — disse ela.

— E feliz por Srta. Simpson, que terá um novo irmão ou irmã.

— Sim.

— Feliz demais para o Sr. Phillip Simpson, que se julgava herdeiro de seu pai desde junho. Ele deve estar esperando com seu pai que a criança seja do sexo masculino para que a propriedade da família e fortuna será restaurada para a linha de Charlie novamente. — Ele se inclinou para ela, de repente. — O que você disse?

Ela tentou novamente.

— Sim — disse ela.

— Ellen — ele disse — Eu nunca pensei em você como uma covarde. Eu vi o tempo e o tempo prova, mais uma

vez, que você é capaz de coragem extraordinária. Agora eu vejo que você é capaz de covardia extraordinária também.

Ela olhou para ele, pela primeira vez, seus olhos piscando.

— Prove! — Disse ela. — Prove que eu estou mentindo. Prove que a criança não é Charlie. Que eu sou muito covarde para admitir a verdade. Prove isso!

Ele balançou sua cabeça.

— Eu não posso fazê-lo — disse ele — e não iria, mesmo se eu pudesse. Mas você e eu sabemos a verdade, Ellen. Você está carregando uma criança que é minha e sua. E sempre será nossa, por mais que você gostaria que fosse de Charlie e por mais que você procure sinais dele na criança em crescimento. Você vai ser feliz de fato, se ele não tiver olhos verdes.

— Charlie não tinha olhos verdes — ela disse — e eu também não.

Seus olhos passaram lentamente e quase preguiçosamente sobre os outros ocupantes do salão, nenhum dos quais estavam prestando-lhes qualquer atenção.

— Você sabe, Ellen — disse ele, — você está feliz que estamos em um lugar público e devemos fingir estar segurando uma conversa amável e sem importância. Muito feliz. Para a última hora ou assim, eu tenho estado em estado de choque. Eu estou apenas começando a sentir raiva.

— Você não tem nada para se sentir irritado, — disse ela. — isto não tem nada a ver com você, meu Lorde.

— Quero pegá-la com minhas duas mãos — ele disse em voz baixa — e sacudi-la até que bata os dentes. Eu quero colocá-la em meu colo e te bater até que você esteja muito dolorida para se sentar. Coisas que estou a salvo de cometer nas circunstâncias atuais. E é bom. Eu nunca bati em uma mulher e nunca pensei em fazer. Mas eu quero fazer-lhe violência terrível, Ellen. E eu sou muito sério apesar da expressão amável, eu devo ir para os outros ocupantes da sala.

— Acho que já disse tudo o que precisa ser dito entre nós — disse ela, ouvindo a sua própria falta de ar e incapaz de controlá-la. — Você não deveria estar aqui, meu Lorde. Você disse adeus a mim na casa de sua mãe.

— Nós não dissemos uma fração do que precisa ser dito entre nós — disse ele. — Eu não sabia na época, Ellen, que você tem o meu filho dentro de você. Você tinha escolhido me enganar, para esconder de mim o que todo homem tem o direito de saber. Nós não temos por quaisquer meios terminado de falar, você e eu. E não será até que você tenha a coragem de olhar nos meus olhos e dizer a verdade, para que possamos discutir como seres racionais o que devemos fazer sobre o nosso filho.

— Meu filho vai ser bem cuidado — disse ela. — Por mim. Você não precisa ter medo disso.

— Mas essa criança não é sua — disse ele. — É nossa. Será bem-cuidada, Ellen. Por você e por mim. Vamos decidir em conjunto onde e como ele vai viver.

— Vamos ver — disse ela. — Eu acredito que você vai ver que não será permitido perseguir-me.

— Eu vou assumir o risco — disse ele. — Eu tenho um filho a considerar.

Eles sentaram-se lado a lado, ambos observando os jogadores de cartas, aparentemente relaxados, tanto tensos de raiva e tensão e a consciência de cada um.

— Ellen — disse ele, finalmente, muito calmamente — diga-me a verdade. Por favor? Eu te amei por esses seis dias e você me amou. Foi um tipo de amor, de qualquer maneira. Na época, era muito precioso para nós dois. Ele se foi e nunca poderá ser reavivado, suponho. Mas existiu entre nós. Diga-me a verdade. Eu não vou criar problemas para você com sua família. Você pode fazer o que quiser com relação a eles. Mas olhe para mim e diga-me a verdade.

Sentia-se completamente incapaz de qualquer movimento ou abrir a boca. Seria tão fácil de fazer. E a coisa certa a fazer. Era o que ela queria fazer, para ter parte da carga de uma culpa secreta removida. Mesmo que ela não conseguisse olhar para ele. Só para dizer as palavras: É o seu filho, Dominic. Só para dizer-lhe. Deveria ser tão fácil.

Ela não disse nada.

— O tratamento do silêncio, então? — Disse ele, por fim. — Isso é tudo que eu sou para você, Ellen? Você não pode pelo menos me olhar nos olhos e dizer mais uma vez que eu estou enganado?

Ela olhava para a frente, sua mente formava as palavras, sabendo exatamente quais palavras deveriam ser.

Sabia com poucas e simples palavras eram e quanto melhor ela se sentiria depois de dizer-lhe. Saber que as palavras precisavam ser ditas. Sabendo que ele tinha todo o direito de ouvi-las.

Ela não disse nada.

Levantou-se abruptamente para seus pés. Mas um dos jogos de cartas tinha terminado sem perceber o fato. Susan Jennings atravessou a sala em direção a eles.

— Que noite agradável — disse, olhando o lugar vago e sorrindo para Lorde Eden, que retomou o seu próprio assento. — É claro, Senhora Simpson, você deve sentir, como eu, que seria mais fácil ficar em casa sozinho e sofrer. Mas é preciso fazer um esforço para continuar com a vida, não?

— Sim — disse Ellen.

— Você teve sorte, de muitas maneiras — disse Susan, desfraldando um leque e abanando-se lentamente com ele.

— Você tem uma filha com você. E você tem um outro evento para antecipar. — Ela olhou maliciosamente pelo Lorde Eden e riu. — Mas não devemos fazer o seu Lorde corar, discutindo essas questões.

— Mrs. Courtney fica na cidade por muito tempo, Susan? — Perguntou Lorde Eden.

— Ela fala sobre ir para casa — disse ela. — Papa e os meninos são tão impotentes quando ela não está lá. Mas ela sabe que eu preciso dela. E ela não vai me abandonar no meu tempo de grande necessidade. É um grande conforto de ter a mãe próxima, Sra. Simpson.
Ellen inclinou a cabeça.

— Você está indo para Wiltshire amanhã, meu Lorde — Disse Susan. — Sua família vai sentir sua falta terrivelmente, tenho certeza.

— Depois do Natal — disse ele abruptamente. — Eu vou estar indo para Wiltshire depois do Natal. Eu pretendo passar alguns meses primeiro em Amberley Court.
O rosto de Susan iluminou.

— Mas quão feliz sua mãe deve estar — disse ela.

— Sim — disse ele. — Ela vai ficar feliz por ter sua família junta novamente em Amberley.

— Claro — disse Susan — Eu preciso ir para o campo em breve também. Mama esta inquieta e Lorde Renfrew está prestes a desposar-se a Lady Penélope Varley, creio eu, embora ele tenha sido claro o suficiente para me garantir
que eu posso ter sempre uma casa com ele. Eu devo, sem dúvida, passar o que resta do meu ano de luto tranquilamente em casa.

— Então vou ansiosos para vê-lo lá, Susan — disse ele.

— Você é muito gentil — disse ela. — Você vai gostar de Amberley Court, Senhora Simpson. O vale, da praia e as falésias. Eu tenho medo de alturas, é claro, e nunca pude apreciar as falésias. Eu espero que você não seja tão boba como eu, tenho certeza de que estragar a diversão de todos. Você vai encontrar muita coisa para fazer lá. E os jovens vão se divertir. Sua enteada vai ser feliz lá.

— Prefiro pensar que a Senhora Simpson pode qualificar-se como um dos jovens, Susan — disse Lorde Eden.
Susan olhou para ele com olhos grandes e remorso.

— É claro — disse ela. — Perdoe-me, Senhora. Eu não quis dizer... Porque, eu diria que você não é cinco ou seis anos mais velha do que eu. É justo que você foi casada por mais tempo e o seu marido era mais velho do que o meu. E, claro, você está grávida. Mas eu não quis dizer que você é velha.

— Senhora Jennings, Senhora. — Sir Jasper estava sorrindo para todos os três de repente. — Sr. Winslow está na necessidade de um parceiro para a próxima mão. Você poderia?

— Ora, certamente — disse ela. — É muito gentil da sua parte perguntar, estou certo, Lorde.
Lorde Eden também chegou a seus pés, embora ele permaneceu por um momento quando os outros dois tinham se retirado.

— Você vai ser capaz de encontrar as palavras em sua viagem, Ellen — disse ele. — Ficará em Amberley por três semanas? Ou você pretende mudar de ideia sobre ir? Faz, se quiser. Mas você não vai escapar de mim. Você vai me dizer a verdade, com os seus olhos nos meus, antes que você possa esperar.

— Eu vou estar indo para Amberley Court — disse ela.

— Eu não mudo minha mente tão facilmente como você parece fazer, meu Lorde.
Ele balançou a cabeça e se afastou.

— Vamos conversar mais lá, então — disse ele. Mas ele voltou depois de tomar apenas um passo na direção das mesas. — Você já viu um médico, Ellen?

— Sim — disse ela.

— E está tudo bem? — Ele perguntou. — Não houve recorrências do desmaio? Eu presumo que foi a sua condição que causou isso.

— O médico diz que eu estou no melhor da saúde — disse ela.

Ele olhou para ela pensativo antes de se afastar abruptamente.

Ellen não dormiu a noite toda. A acusação de covardia tinha cortado o coração por sua culpa. E ainda mais porque ela não tinha defesas contra ele. Ele tinha ido muito bem. Ela era um covarde.

Menos de um mês após a morte de seu marido, ela tinha concebido o filho de outro homem. E ao invés de admitir esse fato para o mundo, ela tinha permitido que outras pessoas, membros da família de Charlie acreditassem que era seu. Ela nunca havia mentido para eles. Mas ela permitiu-lhes acreditar em uma mentira e que foi tão ruim. Agora ela parecia estar em uma situação completamente sem esperança.

Mas o pior tinha acontecido. Ela finalmente tinha mentido definitivamente. Ela tinha dito a Dominic que o bebê era de Charlie. Uma inútil e desnecessária mentira. Por que ela disse isso? Ela não podia responder à sua própria pergunta. Ela estava errada, é claro, de reter a verdade dele em primeiro lugar. Ela tinha sabido o tempo todo. Mas mentir para ele quando a verdade estava fora, era uma loucura total. E ela não sabia por que tinha feito isso e por que ela não tinha sido capaz de colocar o assunto certo quando ele tinha lhe dado a oportunidade de fazê-lo.

Oh, sim, ela era uma covarde. Ela se orgulhara tanto de sua independência, em sua capacidade de sobreviver até mesmo, ao golpe esmagador da morte de Charlie. E ainda assim ela era covarde demais para admitir que a criança que ela carregava era ilegítima. Mesmo que ela não tivesse vergonha da sua ilegitimidade. Mesmo que ela tivesse amado seu pai.

Ela escorregou para fora da casa na manhã seguinte e teve a carruagem deixando-a fora da casa do Conde de Harrowby. Ela desejou que ele estivesse em casa, não ter saído para um de seus clubes. Mas ela não precisava ter temido. Era muito cedo para ele estar fora. Ela teve que esperar na sala de manhã, enquanto seu criado, às pressas, vestiu e barbeou-o.

Ellen estava nervosa andando pela sala quando ele finalmente fez uma aparição. Ela atravessou o quarto quase antes que ele pudesse fazer qualquer saudação e em linha reta desabou em seus braços.

— Ellie? — Ele disse, uma grande mão indo para a parte de trás de sua cabeça. — O que é isso, menina?

— Ele descobriu — ela deixou escapar em sua gravata

— e eu menti para ele e disse-lhe que é de Charlie. E se é um menino, ele será o herdeiro de Sir Jasper. E Phillip será defraudado. Papa. Oh, papai, eu fiz uma bagunça de coisas. Eu com vinte e cinco anos de idade. Eu fiz uma bagunça das coisas.

— Ellie — disse ele, balançando-a confortavelmente em seus braços — todos nós fazemos uma bagunça da vida, às vezes, menina. Mas geralmente há uma saída se quisermos o suficiente.

Ela fechou os olhos e deixou o conforto de seus braços fluir sobre ela.

— Vamos para a sala de pequeno-almoço comigo — disse ele. — Você tomou café da manhã? E você deve me
dizer o que é que você estava tentando me dizer agora. Não faz muito sentido, Ellie, menina. É o pai que descobriu?
Ela assentiu com a cabeça contra a sua gravata e levantou a cabeça para longe dele.
— Eu não tomei café da manhã — disse ela.
Às vezes, ela pensou depois, nós não precisamos de nada mais para ajudar a resolver nossos problemas do que um ouvido verdadeiramente simpático. Seu pai tinha dito muito pouco. Ela tinha feito mais do que falar. Ele não tinha dado qualquer conselho ou qualquer comentário sobre o que era certo ou errado. Ele tinha se oferecido para ir com ela até Sir Jasper Simpson e ela tinha ficado muito tentada a dizer que sim. Mas ela não disse. Ela mesma tinha decidido o que deveria ser feito e ela iria fazer isso sozinha. Ela estava com muito medo, mas ela o faria.
— Papa — disse ela quando ela estava saindo, envolvendo os braços em volta do pescoço e de pé na ponta dos pés para que ela pudesse colocar sua bochecha contra a dele. — Papa, a pior coisa que já fiz foi virar as costas para você, pensando que de alguma forma era a coisa digna a fazer. Eu não me importo se você é meu pai verdadeiro ou
não. Eu realmente não me importo. Você é meu pai e isso é tudo que importa.
— E esta é a sua casa — disse ele, acariciando lhe tranquilizadoramente na parte de trás. — Você tem que vir para cá, Ellie, quando voltar da casa de Amberley. Você não deve se apressar em comprar um lugar se você não gostar realmente. Você tem que vir para cá. Vou ficar sóbrio, se você estiver em casa, você sabe.
Ela retirou o rosto do dele e sorriu para o rosto dele.
— Não, você não vai, Papa. — disse ela. — Seja honesto.
Mas não importa. Eu te amo de qualquer maneira.
Ele sorriu um pouco timidamente.
E assim, a visita a seu sogro foi feita, onde Ellen viveu certamente a meia hora mais desconfortável de sua vida. E não pode entrar em colapso com alívio, mesmo quando tudo acabou, porque tinha que ser repetido com sua cunhada.
Ela pedia apenas que não contassem a Jennifer. Ela iria dizer a menina em seu próprio tempo. No final da visita a Amberley, ela planejou. Na verdade, ela estava um pouco surpresa que ninguém não sugeriu que ela não era boa companhia para Jennifer e não deveria acompanhar a menina para o campo. Mas ninguém disse isso. Na verdade, Dorothy não pediu nem mesmo que ela saísse de casa.
Tudo tinha sido muito mais fácil e muitas vezes pior do que ela imaginava.
Lorde Eden tinha alguns confrontos próprios antes de deixar Londres atrás dele.
Sua gêmea nem sequer permitiu que ele tivesse uma noite para se acostumar com o totalmente novo fato de sua vida. Ela veio para seu quarto logo após ele tinha escoltado Susan à casa, entrando, sem esperar por seu criado para responder a sua batida. Ele rejeitou o homem.
— Dom — disse ela, recostando-se contra a porta — você sabia?
Ele não fingiu ignorância.
— Não — disse ele.
— É seu?

— Ela não diz — disse ele.

— Eu vi você falar com ela. — Ela se afastou da porta e veio em sua direção. — Existe alguma chance de que ela está mentindo, Dom? Vocês eram amantes, não?

— Ela diz que é de Charlie — disse ele, afastando-se dela.

— Oh, Dom, — ela disse. — Eu estou muito, muito triste. E amanhã você sai. E você nunca vai vê-la novamente.

— Eu estou indo para Amberley — disse ele.

— Oh. — Houve silêncio por um momento. Ela parecia quase em sua alegria normal quando ela quebrou. — Você está indo para lutar, então. Estou feliz em ouvir isso. Ela é de longe a mulher mais sensata que já tenha tomado a sua mente, Dom.

— Ela não tomou minha mente — disse ele. — Não há nada entre nós, Mad. Exceto isso, é claro. Há algumas questões para resolver, isso é tudo.

— Sim — ela disse — isso é tudo. — Ela estendeu a mão para beijá-lo de leve no rosto e saindo do quarto. Ela fez uma pausa enquanto ela estava fechando a porta. — Mas isso é o bastante, Dom. Eu sei disso. Sinto em meus ossos. — Ela riu levemente quando ela fechou a porta.

Edmund não foi tão simpático ou tão fácil de lidar. Foi uma mera cortesia de Lorde Eden para informar o irmão de suas intenções. Encontrou-o na biblioteca.

— O que está acontecendo? — Disse o conde com uma careta. — Você está vindo para Amberley, Dominic?

— Você não precisa olhar tão entusiasmado — Lorde Eden disse com um sorriso.

— Eu não estou particularmente entusiasmado — disse seu irmão. — Temos convidados. Acho que você sabe que um deles pode não acolher a sua presença lá também. — Ellen?

— Bem, você está dizendo — disse o conde. — Será que ela vai querer ir com você estando lá, Dominic? Eu não sei bem o que aconteceu em Bruxelas e eu não sei o que aconteceu desde então. E eu não me atreveria a dizer. Mas ela não parecia muito feliz ao vê-lo quando você chegou aqui algumas tardes atrás.

— Ela sabe que eu vou, — Lorde Eden disse, — e diz que ela ainda está planejando ir também.

Lorde Amberley parecia incerto.

— Bem — ele disse — não há muito que eu posso dizer, então, não é? Amberley é a sua casa, Dominic. Eu nunca sonharia em fechar as portas para você. Mas eu vou fazer uma coisa bem clara. Eu não quero a Sra. Simpson sendo assediada. Está claro?

— Eu me sinto como um jovem rapaz que foi transportado para o tapete — disse Lorde Eden. — Eu não vou persegui-la, Edmund. Mas eu tenho que estar lá. Você entende?

— Não, francamente, eu não — disse seu irmão. — Mas você é um adulto, Dominic. Eu não vou nem tentar dizer como você deve se comportar, além do que devo fazer para proteger um convidado em minha casa, é claro.

— Claro — disse Lorde Eden. — Vou sair, então, Edmund. — Mas ele parou com a mão na porta da biblioteca. Ele não virou a cabeça. — Você vai, sem dúvida, ouvir isso de Madeline ou Anna. Posso muito bem dizer-lhe eu. Ela está grávida.

Ele continuou seu caminho para fora da sala.

Capítulo 19

Estar em casa, após tal ausência, era um prazer profundo demais para colocar em palavras, o conde de Amberley pensou. Felizmente, ele era capaz de se comunicar com sua esposa em um nível além das palavras e sabia que ela compartilhava de sua felicidade. Parecia incrível para ele, que houvesse um tempo em que não tinha Alex em sua vida. No entanto, eles estavam casados há apenas pouco mais de três anos.

Seus convidados chegaram apenas um dia depois de sua própria família, e, ao mesmo tempo, os Carringtons estava voltando para casa, trazendo com eles o amigo de Walter, Lorde Agerton. E Susan e Sra. Courtney tinha decidido viajar em sua companhia.

Houve visitas para recebê-los, Mr. Courtney, que estava radiante de alegria com a perspectiva de ter sua amada filha e sua esposa em casa mais uma vez, e do reitor, que trouxe as notícias locais, incluindo o fato de que a Srta. Letitia Stanhope estava se recuperando de um forte resfriado e que sua querida companheira estava na
expectativa de um evento feliz. O evento feliz tinha sido anual a um certo número de anos.

E houve visitas a serem feitas, para os Morton e os carroceiros, a Senhorita Stanhope e a esposa do reitor, o Sr. Watson. E a seu querido amigo, Sir Perry Lampman e sua família. E claro, para os trabalhadores em sua propriedade.

Havia convidados para entreter. Ele passou toda a manhã exibindo Amberley Court para a Sra. Simpson e sua enteada. E ele passou mais de uma hora da tarde mostrando ao tenente Penworth a sala de música e a longa galeria, antes que este, cansado, sentou-se em uma janela na galeria, olhando para fora ao longo do vale que levava para o mar e as falésias. Madeline ficou lá com ele.

O conde e a condessa organizaram um jantar no primeiro dia que os seus hóspedes estavam em casa. Haviam vinte pessoas presentes.

— Vinte! — Disse a condessa em algum espanto. — É possível, Edmund? Parecia haver apenas um punhado quando listamos. Mas agora, quando eu escrevi os nomes, eu descobri que há vinte.

— É bom que estamos familiarizados com quase todos eles, Alex — disse ele — e não sinto haver qualquer grande
esforço envolvido em entreter a todos. Agora, vinte estranhos seria um potencial formidável.

— Sim — ela disse — Eu suponho que você está certo. Os Carringtons foram convidados com Lorde Agerton, Sr. e Sra. Courtney com Susan e seu mais filho mais velho, Howard, além de Mr. Watson, Sir Peregrine e Lady Grace Lampman.

Ellen estava se divertindo em uma forma um pouco tensa. Não era confortável para estar na mesma casa com Lorde Eden, é claro, e ela esperava plenamente que ele iria encontrar a oportunidade breve para levar a cabo algumas das ameaças que tinha feito na casa de seu sogro. Mas até agora ele havia ficado longe dela. Ele fora visitar amigos por muito do tempo.

Ele tinha sentado conversando com sua irmã e o tenente por horas a fio. Ele tinha acompanhado Jennifer aos Carringtons.

Mas se ela pudesse ignorar o que ela sabia que devia estar chegando, ela poderia sentir uma certa satisfação. A casa e seus arredores eram bastante magníficos, embora ela ainda não tinha visto o mar ou estado sobre as falésias ou ido ao longo do vale, tudo o que lhe haviam dito que fariam durante os próximos dias.

E o conde e condessa foram a amabilidade em pessoa, e a trataram como uma amiga de verdade, ao invés de meramente uma hóspede em sua casa. A condessa a tinha levado ao berçário para ver as crianças e tinha maravilhada-se que o bebê estava disposto a vir com ela, embora ela não sorrisse. Ela raramente sorria para alguém, exceto seu pai, Lady Amberley tinha explicado.

A condessa viúva foi igualmente amável, como Lady Madeline, embora seu tempo foi restrito, principalmente passado com seu noivo.

E, no entanto, todos eles deveriam saber. Eles deveriam saber que ela estava grávida. E eles deveriam suspeitar que não era de seu marido. No entanto, nada foi dito, e não havia nenhuma hostilidade detectável em suas maneiras.

Ela sentou-se entre o Sr. Carrington e Sir Peregrine Lampman no jantar e foi completamente entretida pelo humor de ambos. Ela não conseguia se lembrar de quando tinha rido tanto.

E depois do jantar, quando alguns jovens desceram para a sala de música e Susan Jennings discursou para Mr. Watson, Lorde Agerton e Sir Peregrine, dizendo-lhes de
suas experiências terríveis na Espanha, Ellen sentou-se com Lady Amberley e Lady Lampman, que falou de seus filhos.

— Estamos sendo terrivelmente mal-educadas — a condessa disse depois de alguns minutos. — eu temo, Senhora Simpson, que nós, mães de crianças pequenas, nos tornamos terríveis quando descobrimos outras Senhoras em caso semelhante. Grace tem uma filha apenas um pouco mais velha do que Christopher e um filho um pouco mais velho do que Caroline. E eu devo certificar-me, veja, que meus dois tiveram seus dentes e sorriram e engatinharam e dormiram durante a noite, e assim por diante, até uma idade próxima aos dela. Seria vergonhoso descobrir que os meus tinham ficado para trás. — Seus olhos brilhavam enquanto ela falava.

— Nós temos que fazer um esforço desesperado para não parear Christopher com Rose e Paul com Caroline — disse Lady Lampman. — Seriam as profundezas da degradação nos tornarmos mamas alcoviteiras, Sra. Simpson. Mas a coloração de Paul seria um excelente complemento para a beleza escura de Caroline, Alexandra.

Todas as três riram.

Ellen gostava de Lady Lampman. No início, ela tinha pensado que os Lampmans eram bastante incompatíveis. Sir Peregrine, com os seus olhos risonhos e relaxado, de forma amável, devia ser vários anos mais jovem do que sua esposa, cujo magra figura na posição vertical e rosto estreito, coloração escura deu-lhe uma aparência bastante grave. Mas houve um encanto tranquilo sobre ela que se tornou óbvio quando o conhecimento ficou mais próximo.

E Ellen tinha notado uma troca de olhares entre marido e mulher na mesa de jantar. Não havia nada muito significativo. Ela não tinha sorrido, mas tinha havido de repente uma grande profundidade nos seus olhos cinzentos. Ele sorriu, embora mais com os olhos do que com seus

músculos faciais. Tinha sido um intercâmbio inteiramente privado e muito breve que tinha feito o estômago de Ellen virar dentro dela com um desejo e uma nostalgia.

— Você deve me dizer algo sobre si mesmo, Senhora Simpson, — Lady Lampman estava dizendo agora. — Você perdeu seu marido em Waterloo, eu entendo. Eu sinto muito mesmo. É doloroso para você falar sobre ele?

— Não — Ellen sorriu. — Por alguns meses, eu pensava nele de forma contínua e sem querer, doeu bastante, terrivelmente. Mas estou começando a lembrar com algum prazer. Ele foi, penso eu, o homem mais gentil que conheci.

— Ela começou a dizer-lhes sobre hábito de comprar seus presentes sem nenhuma razão, exceto que ele se sentia bem fazê-lo e sabia que eles iriam dar-lhe prazer.

E então chegou o momento. Apenas em um momento em que ela estava relaxando e desfrutando da companhia das duas Senhoras, que sentia que poderiam ser amigas de verdade.

— Você se importaria de andar nos jardins formais, Ellen? — Lorde Eden estava em pé na frente de suas cadeiras, com a cabeça inclinada em direção a ela. — Susan e Agerton, Anna e Howard decidiram que eles devem tomar ar.

Ellen olhou para ele e balançou a cabeça, resistindo seu primeiro impulso de dar alguma desculpa, qualquer desculpa. O momento tinha que ser enfrentado. Não havia nenhum ponto em fugir. De alguma forma, esta noite ela deveria encontrar as palavras para dizer o que ele queria saber e que ele tinha o direito de saber.

— Você vai precisar de uma capa — disse ele. — Não há vento e é uma noite bastante agradável. Mas, claro, é o outono.

— Vou buscar uma — disse ela, levantando-se e virando-se para as outras duas Senhoras para desculpar-se.

Jennifer tinha ido lá embaixo para a sala de música com Anna e Madeline, Sra. Carrington e a condessa viúva. Ela escutou enquanto seus dois amigos tocavam piano e se encostaram no instrumento depois de terem atravessado o espaço para sentar com suas mães.

Ela nunca tinha sido um música. A amante de música na escola tinha perdido a esperança dela quando parecia que ela sempre tinha uma desculpa para negligenciar a sua prática. Ela iria se arrepender um dia, o professor tinha avisado, quando outras jovens estavam tocando o seu caminho para a admiração de jovens bonitos.

Ele tinha soado um pouco bobo para Jennifer. Seria o som de um pianoforte o único caminho para o coração de um homem? E tinha apenas homens bonitos apreciando boa música?

Ela sentou-se no banco e tocou baixinho para si mesma a partir da música que estava apoiada contra o suporte. Era competente o suficiente para tocar por sua própria diversão, não tinha vontade de tocar para um público de qualquer maneira.

— Você vai tocar de novo? — Uma voz disse atrás dela quando ela acabou, pulou e virou com algum embaraço, para encontrar o tenente Penworth ali de pé, apoiado em muletas.

— Oh, — ela disse — Eu não sabia que alguém estava escutando. Eu temo não ser boa.

— Bastante competente — disse ele. — Havia algo em falta na expressão de sentir a música, devo confessar.

Jennifer não era razoável o suficiente para se sentir ofendida.

— A peça é bastante difícil — disse ela. — Talvez haja algo mais fácil na pilha. — Mas mesmo quando ela estendeu a mão, se virou e olhou para ele novamente. — Você está vestindo apenas um pequeno tapa-olho. Vi-o logo que chegamos, mas não tive a chance de dizer-lhe que eu havia notado.

Ele apoiou uma de suas muletas contra o piano e sentou-se na ponta do banco ao lado dela.

— Todo mundo tem notado — disse ele. — Como eles poderiam deixar de fazê-lo? Meu rosto é uma visão repelente. Desejo que eu não tivesse vindo.

— Repelente? — Ela disse com alguma surpresa. — É uma grande melhoria sobre essas bandagens.

Ele deu um risinho amargo.

— Deixe-me ver. — Ela se inclinou sobre o teclado para que ela pudesse ver o lado direito de seu rosto, que se afastou dela. — Na verdade, é uma cicatriz desagradável. Ela curva a toda a volta do seu olho para o canto da sua boca. E é bastante lívido no presente. Isso é porque ainda é muito nova e por ter mantido coberta por tanto tempo. Com o tempo, vai desaparecer, sem dúvida.

Ele riu novamente.

— Eu acho — ela disse, ainda espreitando em seu rosto

— que com o tempo não vai ser feio em tudo. Na verdade, acho que pode fazer você parecer distinto. E, certamente, muito heroico.

— Não zombe de mim — disse ele. Ela estalou a língua.

— Seu senso de humor é outra coisa que você abandonou no campo de batalha de Waterloo — disse ela. — Você realmente deve aprender a rir de si mesmo um pouco, Lorde. E se você encontrar pessoas evitando-o , você sabe, é apenas porque tem uma maneira tão feroz e taciturna. Não é por causa de sua aparência. Sinto-me triste por você.

— Não tenha pena de mim! — Ele sussurrou com veemência através de seus dentes. — Pelo amor de Deus, não tenha pena de mim. Estou mortalmente doente de ser motivo de pena.

— Eu não tenho nenhuma intenção de sentir pena de você, — ela disse sarcasticamente. — Tem que se gostar de alguém, a fim de ter pena dele, não? Você sai do seu caminho para tornar-se desagradável, Lorde. Eu realmente não sei como Lady Madeline pode tolerar você.

— Talvez porque ela é uma Dama — ele retrucou.

— E eu não sou — disse ela, endireitando as costas. — Talvez seja melhor afastar-se, Lorde. Estou prestes a assassinar seus ouvidos com a minha música novamente. A menos que você queira virar as páginas para mim, é claro. Acho que você pode ser um cavalheiro, mesmo que eu não seja uma Dama.

— Minha mão direita está ocupada — disse ele, indicando a muleta que ele ainda segurava — e minha mão esquerda é desajeitada. Mas eu vou tentar.

— Você sempre vai ter as suas muletas? — Perguntou ela. — Você poderia ter as mãos livres, se você tivesse uma perna artificial?

— E eu, sem dúvida, cairia de cara no chão a cada passo que eu desse — disse ele. — Acho que não, Srta. Simpson. As pessoas podem encontrar algum outro espetáculo com o qual se divertir.

— Será que já passou pela sua mente — ela perguntou

— que os outros podem ter coisas melhores para fazer com seu tempo do que olhar para você?

— O que significa que eu tenho uma falsa sensação de minha própria importância — disse ele.

— Obrigado, minha Senhora. Você é sempre muito agradável.

— Não há nada forçando-o a ficar aqui — disse ela, começando a tocar e descobrindo que cada dedo estava na nota errada. Mas ela tocou com valentia. — Eu posso virar minhas próprias páginas, muito obrigada. E você vê? Eu estou tocando abominavelmente e ninguém está percebendo. É um tolo e vaidoso imaginar que a atenção de todos está voltada para si mesmo.

— Oh, minha querida, — Mrs. Carrington chamou, sorrindo gentilmente e acenando do outro lado da sala, — é uma peça difícil de música, não é? Gostaria de Anna para ajudar a encontrar algo mais simples?

— Não, obrigada, Senhora — Jennifer chamou de volta, levantando os dedos do teclado imediatamente. — Acabo de terminar.

Ela olhou para o tenente com o canto do olho e no momento seguinte ambos estavam dobrados para a frente para trás, torturados pelo riso sufocado.

— Deixe-me tentar isso — ele disse — e ver se eu posso fazer um pouco melhor.

Toda diversão de Jennifer fugiu.

— Oh, — ela disse, — Eu suponho que você é um músico e eu vou acabar me sentindo duplamente envergonhada?

Ele não disse nada, mas deslizou ao longo da bancada, quando ela se levantou para ficar atrás dele. Ele respondeu à pergunta dela, jogando a peça sem um único erro e pior, fazendo pura música dela.

Ela estava muito contente de ver Madeline passear pela sala em direção a eles. Ela foi, assim, liberada da necessidade de fazer algum comentário quando ele terminou.

— Você toca tão bem, Allan, — Madeline disse quando ele terminou, uma mão apoiada em seu ombro. — Você é um músico de verdade.

— Eu tenho algo para me divertir, você vê — disse ele,

— mesmo se eu não posso entrar em atividades mais viris.

— Que bom que é — ela disse — que você tem talento real.

Jennifer admirou a alegria e paciência infinita de Madeline. Ela teria respondido que claro que seria consideravelmente mais viril jogar cricket, perseguindo uma bola dura em torno de um campo por um número de horas, do que criar beleza com as mãos. E seu próprio tom teria sido tão fortemente sarcástico como o seu tinha sido quando ele falou com Madeline.

Que horrível homem que ele era, ela pensou. E sentiu- se culpada em sua própria intolerância. Ele tinha sofrido muito. E havia tido uma rápida recuperação física de seus ferimentos. Estava tudo muito bem para ela, com os dois braços, duas pernas e dois olhos, para criticar. Ela faria bem em aprender com Madeline, para ficar mais elegante e mais compassiva.

— Você está cansado, Allan? — Madeline estava pedindo. — Devo ajudá-lo para o seu quarto? Vou dar suas desculpas para Alexandra. Ela não vai se importar.

— Sim, eu vou retirar-me — disse ele. — Mas eu posso administrar muito bem eu próprio, obrigado, Madeline. E eu vou parar na sala de estar e deseja à Senhora Amberley boa noite. Srta. Simpson? — Ele assentiu com Jennifer.

— Foi bem feito — Ellen disse quando estava de pé com Lorde Eden no terraço. — Eu não poderia negar na frente de sua cunhada e sua amiga, poderia? E eu suponho que estamos a tomar uma direção diferente nos jardins formais que está sendo tomada pelos outros?

Os outros quatro estavam fazendo seu caminho ao longo do cascalho, caminhando na direção de uma fonte de pedra na extremidade norte dos jardins.

— Precisamente — disse ele. — Tome meu braço, Ellen, e deixe-nos relaxar e aproveitar o frescor da noite por um

tempo. Minha raiva esfriou muito desde a última vez que nos falamos. Eu não estou planejando sacudi-la ou bater em você, se é isso que você tem medo.

— Eu não tenho medo — disse ela. — Eu não tenho medo de você, Dominic.

Eles caminharam ao longo do caminho; o som de seus próprios passos e os sons fracos da conversa do outro grupo eram as únicas coisas para quebrar o silêncio. Eles estavam fazendo seu caminho em direção à fonte do outro lado, no extremo sul do jardim.

Ele quebrou o silêncio, quando eles tinham dado a volta na fonte e estavam fora de vista dos outros. Ele colocou-se de costas para a bacia de pedra e cruzou os braços sobre o peito.

— Bem, Ellen, — ele disse — Eu tenho algo para lhe dizer.

— Sim — disse ela. Ela estava de costas para ele, olhando ao longo do vale.

— Não é, talvez, o que você espera — disse ele. Ele riu suavemente. — Meu irmão me disse, em termos inequívocos que não vou atormentá-la enquanto você é uma hóspede em sua casa. Além disso, eu tive tempo para pensar. Tempo para ambos choques e a raiva ter recuado.

Ela não disse nada. Ela continuou a olhar ao longo do vale escuro.

— Ellen — ele disse — Eu sei que é meu filho que está esperando. Nós dois sabemos disso. E eu quero ter algo a dizer no curso futuro da vida do meu filho ou minha filha. Mas haverá tempo para isso. Tempo para discussões e brigas. Não é um assunto urgente. A criança está segura com você por mais seis meses. Um mero pai é muito irrelevante para o time.

Ela se virou para olhar para as sombras onde ele estava.

— Eu gostei de você, Ellen — disse ele. — Eu não sei de uma mulher a quem eu tenha mais admirado e respeitado. Você é uma pessoa muito forte. Havia uma paz e um conforto na sua presença. Eu não tinha percebido totalmente no momento, que você era parte da razão pela qual eu gostava de voltar para casa com Charlie. Eu acho que você gostava de mim também. Você sempre me fez sentir bem-vindo. Você nunca me fez sentir que eu estava invadindo. Você nunca me fez sentir tolo quando adormeci

em seus quartos. Você costumava rir para mim e para Charlie. O que aconteceu com a nossa amizade?

— Você sabe muito bem o que aconteceu com ela — disse ela. — Nós a destruímos. Juntos. Eu não culpo você mais do que eu me culpo.

— Ao dormindo juntos — disse ele. — Ao transformar um ao outro em conforto físico quando deveríamos ter-nos contentado com conforto emocional.

— Sim — disse ela.

— Três anos — disse ele — contra seis dias. Devemos deixar a amargura, o estranhamento, ficar entre nós quando tínhamos três anos de amizade e apenas seis dias do outro?

— Eu não posso olhar para você sem lembrar — disse ela. — Eu não posso fingir que não aconteceu.

— Mas há uma amizade mesmo fora isso, — disse ele. — Houve mesmo durante aqueles dias, Ellen. Seria errado de nós lembrarmos deles apenas como uma paixão física. Eu quero saber de você novamente. Eu quero saber o que você passou durante os últimos meses. Quero ser seu amigo novamente durante suas semanas aqui. Você acha que é possível? E antes de responder, quero dizer-lhe isto. Se
você disser não, vou embora amanhã. Essa é uma promessa firme.

— Dominic! — Ela veio na direção dele e parou alguns pés de distância. — Eu não sei se isso é possível. Eu não sei.

— Você está disposta a tentar? — Perguntou. Ela mordeu o lábio.

— Eu não sei.

— Você quer que eu vá embora?

— Não — ela sussurrou. Ela olhou para ele na escuridão. — Mas eu não posso prometer que será sempre confortável com você. Não posso prometer que seremos amigos de novo.

— Eu também não — disse ele, e ele estendeu a mão para escovar as costas dos seus dedos ao longo de sua mandíbula. — Mas eu quero que sejamos, Ellen. Eu quero ser capaz de ver o meu filho depois que ele nascer, e será mais fácil de fazer se estou em termos amigáveis com a sua mãe.

Ela não disse nada.

— É meu filho, Ellen, não é?

Ela demorou um tempo para responder.

— Sim — ela disse finalmente.

Houve um outro silêncio.

— Bem — disse, por fim. — Eu não tive a intenção de forçar isso de você. Eu não preparei uma armadilha para você. Vamos falar sobre isso mais tarde. Pouco antes de a criança nascer, talvez, a menos que você aborde o assunto comigo antes disso. Por um tempo, vamos tentar fingir que nada disso aconteceu entre nós, não é? Vamos ser amigos.

Ela respirou fundo.

— Eu vou tentar — disse ela. — Sim, eu quero tentar, Dominic. Eu gostava muito de você. Charlie te amou como um filho ou como um irmão mais novo.

Ele colocou as mãos em seus ombros, de repente, inclinou a cabeça e beijou-a uma vez, duro e brevemente, nos lábios.

— Deixe a cura começar esta noite, então — ele disse. — A batalha de Waterloo abandonou tantas feridas, Ellen. Aqueles de nós que sobreviveram apenas estão começando a perceber o quão profundo alguns delas foram. Olhe para o pobre Penworth. E olhe para nós.

Foram interrompidos nesse momento pelo som de uma voz brilhante e rindo do outro lado da fonte.

— Eu sou muito ciumenta, — a voz de Anna disse. — Dominic desapareceu da vista com uma Senhora que não sou eu. Se fosse qualquer outra que não a Sra. Simpson, eu deveria estar afiando minhas garras.
Ela estava rindo quando ela veio ao redor da fonte no braço de um Howard Courtney, envergonhado. Lorde Eden estava em pé. Ellen foi novamente a vários pés de distância, olhando para o vale.
— Anna, — Lorde Eden disse: — Eu diria a você para cuidar das suas maneiras se eu pensasse que você tinha alguma para cuidar.
Ela riu novamente.
— Howard acha que eu estou terrivelmente carente de conduta também, não é, Howard? — Disse ela. — E vocês tem toda a razão. Estou contente de repente da escuridão, que esconde as minhas cores.
— Estou muito contente com o seu braço, meu Lorde — Susan disse timidamente ao Lorde Agerton quando eles também apareceram em torno da fonte. — Eu ficaria muito apavorada estar aqui sem escolta, não é tão tolo quando estamos em terras Amberley?
— É perfeitamente compreensível para uma Senhora se sentir assim. — Lorde Agerton disse galantemente.
— É hora de ir para dentro de casa para o jantar, eu acredito — disse Lorde Eden. — O ar é um pouco mais do que fresco.
— Eu desejaria que meu rosto não se sentisse tão quente. — Anna disse arrependida.
— Bem feito — seu primo disse impiedosamente.
— Eu tenho medo que eu fiquei muito acostumada a ter escolta do meu marido em todos os lugares que eu precisava ir — disse Susan.
Ellen tomou o braço de Lorde Eden e conseguiu levantar os olhos todo o caminho até o queixo.
Lorde Eden sentiu-se inquieto mais tarde naquela noite. Ele não poderia sequer pensar em deitar-se e muito menos, dormir. Ele pegou uma vela e desceu para o jardim de inverno, sempre um lugar de pensamento favorito para ele e sua irmã. E a vela saltou em sua mão quando ele pegou sua sombra. Ela estava sentada silenciosamente atrás de uma grande samambaia.
— Você quase me deu um ataque cardíaco — disse ele.
— Isso parece bastante como nos velhos tempos.
Ela sorriu.
— Sim, eu não posso te dizer como é bom, Dom, vê-lo novamente em casa e saber que você não está de volta para as guerras em alguns dias. Eram tempos sombrios.
— Mas agora tudo acabou — disse ele, sentando-se ao lado dela. — E por bem ou por mal, eu voltei inteiro. O que está incomodando você?
— Será que algo tem que estar me incomodando? — Perguntou ela. — Eu não conseguia dormir, isso é tudo.
— Este é o seu gêmeo, — disse ele, tomando-lhe a mão.

— Você pode me dizer se quiser. Ou vamos apenas sentar- nos calmamente até eu me sentir sonolento, se você não fizer.

— Allan e eu brigamos — disse ela.

— E é sério?

Ela encolheu os ombros.

— Eu não sei — disse ela. — Talvez não fosse mesmo uma briga. Eu não sei. Nós não gritamos ou jogamos coisas como você e eu costumávamos fazer quando lutávamos. Mas então, você e eu sempre esquecíamos a nossa raiva, uma vez que tínhamos trocado alguns socos. Eu não posso dar de ombros para isso.

Ele sentou-se calmamente à espera.

— Ele foi para a cama cedo — disse ela. — Ele estava cansado e com um pouco de dor. Eu sei. eu reconheço os sinais. Ele não me deixou ajudá-lo a ir para o seu quarto, embora houvesse dois lances de escadas para subir. E ele insistiu em ir fazer suas desculpas para Alexandra. Fui com ele até a porta de seu quarto de qualquer maneira.

— Soa como se ele tivesse um pouco de seu espírito de volta — disse Dom.

— Ele estava completamente fora de si quando chegamos ao seu quarto — disse Mad — E quando eu mencionei amanhã, ele disse que eu deveria ir andando até o vale com toda a gente e eu disse que preferiria ficar e ler para ele. E ele foi rude sobre o livro que está lendo. E... Oh, querido, tudo isso soa muito infantil quando colocado em palavras.

— Você disse que estava cansado, — ele lembrou suavemente. — ele provavelmente estava irritado e não quis dizer metade do que ele disse.

— Ele se desculpou, — ela disse, — quando viu que eu estava ferida. Disse que não tinha a intenção sobre o livro. E disse que a razão pela qual ele quer que eu vá cavalgar é que eu tenho que me divertir e eu devo ter uma vida separada da sua. Entende? Eu disse que não era realmente uma briga. Mas está sempre acontecendo, Dom. E ele está sempre pedindo desculpas a mim.

— Eu acho que ele está se recuperando, Mad — disse ele. — Eu acho que ele precisa sentir a sua independência novamente. Especialmente, talvez, de você, que tende a suprir todas as suas necessidades, mesmo durante as semanas em que ele não quis viver.

— Você acha que ele não quer se casar comigo? — Perguntou ela.

— Eu não disse isso. — Ele apertou a mão dela tranquilizador. — Mas ele precisa sentir que ele pode fazer coisas por si mesmo. E ele precisa saber que ele não está estragando a sua vida.

— Mas eu tenho sido tão feliz cuidando dele — disse ela. — Eu tenho sido tão apaixonada por ele. Eu sei o que é, Dom. Eu acho que eu preciso dele agora mais do que ele
precisa de mim. Oh, que pensamento sombrio. É verdade, que você acha?

— Não tenho ideia, — disse ele. — Eu usei o meu estoque de sabedoria por uma noite. Mas a relação está mudando, Mad. Isso está claro. De alguma forma você tem que estar preparada para mudar com ele.

Ela suspirou.

— Eu suponho que você está certo — disse ela. — Eu desejo por uma vez, a vida poderia ser simples e previsível. E então eu provavelmente estaria gritando com o tédio. Devo ir montando amanhã, que você acha?

— Sem dúvida, sim — disse ele.

— Hm, — disse ela. — Mas eu gostaria muito em ficar com Allan, você sabe. Mas, falamos o suficiente de mim. Qual é o seu problema?

— Eu não tenho nenhum, — disse ele.

— Nem tente isso, Dom — disse ela. — Nem sequer tente.

Ele riu suavemente.

— Não é nada que eu possa discutir — disse ele. — Nem mesmo com você.

— Senhora Simpson?

— Ellen, sim.

— Eu não vou intrometer, então — disse ela. — Dom, devemos estar crescendo finalmente. Nós não tivemos uma luta decente desde que ambos voltamos para a Inglaterra. Como a vida fica sombria! — Ela riu e encostou o rosto no ombro dele. — Você está pronto para a cama já? Eu não estou. Vamos apenas sentar?

— Hmmm — disse ele.

Era seu filho. Ele sabia, é claro. Mas ela finalmente admitiu. Seu filho. E de Ellen. Ele iria ter uma criança sua, no mundo, dentro de seis meses. Ele fechou os olhos e se entregou à maravilha disso.

E ela não estava mandando-o embora. Ele tinha feito uma grande aposta, dizendo-lhe que ele iria embora no dia seguinte se ela não quisesse que ele ficasse. Ele não tinha planejado dizer isso. A ideia veio à sua mente espontaneamente. Mas ela não queria que ele fosse embora. Ela queria tentar recapturar a amizade que uma vez tinham conhecido.

Ele tinha três semanas. Três semanas para conhecê-la de novo, convencê-la a confiar nele e a gostar dele. Para se sentir confortável com ele.

Três semanas.

E isso poderia ser feito? Eles poderiam ser amigos? Será que eles nunca seriam amigos, se Charlie não tivesse estado lá entre eles? Ele sabia que era difícil para um homem e uma mulher serem amigos íntimos, sem uma consciência física não incomodando. Poderia ele e Ellen serem apenas amigos? Não estaria lá sempre algo mais?

E que importava se havia mais alguma coisa? Seria tão desastroso se amavam-se também? Se eles quisessem um ao outro fisicamente?

Não que ele ainda a amasse de qualquer maneira?

Ainda queria ela?

Mas ele deveria fechar sua mente para tais pensamentos. Em primeiro lugar e acima de tudo ele precisava se fazer amigo de Ellen. Ele tinha que fazê-lo. Era a única maneira que ele poderia estar certo de permanecer perto de seu filho. E eles não poderiam ser amigos, se ela suspeitasse que ele ainda nutria qualquer um desses sentimentos que ele tinha mostrado a ela muito livremente em Bruxelas.

Sua única esperança era acabar com qualquer amor que ele ainda poderia sentir por ela.

— Sonolenta? — disse a sua irmã. Sua cabeça saltou em seu ombro e ele riu. — Vamos, dorminhoca. Vamos para cima, para a cama.

Ellen estava sentada no assento da janela no quarto dela, seus joelhos dobrados contra ela, sua capa sobre ela para esquentar. Ela estava olhando para os jardins formais com o luar, onde ela tinha andado apenas algumas horas antes.

Ela tinha finalmente admitido a verdade para ele. E tinha, afinal, sido fácil. Ela sentiu como se um grande peso tivesse sido tirado de seus ombros. Ele sabia. Ela lhe dissera.

Ela também disse a ele que ela não queria que ele fosse embora. Ela tinha tido a chance de se livrar dele. Ela não achava que ele teria voltado atrás em sua promessa de sair no dia seguinte se ela tivesse dito que ela queria que ele fosse. Mas ela tinha deliberadamente desistido de sua chance de se livrar dele.

Ela estremeceu e se encolheu ainda mais no interior da capa. Ela havia dito que iria tentar permitir uma amizade

crescer entre eles novamente. Seria possível? Eles nunca poderiam ser apenas amigos quando havia essa outra coisa entre eles? Quando seu filho estava em seu ventre?

E ela realmente queria a sua amizade? Eles poderiam ser amigos e ser confortáveis e contentes de novo, sem Charlie lá para compartilhar a amizade com eles? Ela não precisaria punir-se para o resto de sua vida pela maneira pela qual tinha traído Charlie com o seu amigo?

Era isso o que ela estava fazendo? Ela estava punindo a si mesma? Mas ela tinha perdoado a si mesma e Dominic há muito tempo, não tinha? Ou ele tinha razão algumas horas atrás, quando tinha dito que as feridas de Waterloo eram muito mais profundas do que qualquer um dos sobreviventes percebeu?

Se não fosse pela culpa, ela ainda amava Dominic?

Sem a culpa, ela teria deixado de amá-lo?

Mas não. Ela não o amava. Ela não deveria amá-lo. Ele queria saber do seu filho. Ele queria ver como ele cresceu. Isso era perfeitamente compreensível e ela sabia que não seria capaz de negar-lhe esse direito. Ela não deveria complicar as coisas se apaixonando por ele novamente. Isso seria muito doloroso para ela e embaraçoso demais se ele já suspeitasse.

Ele queria que eles fossem amigos. E que era desejável ser assim. Ela queria que fosse assim. Ela iria tentar. Durante três semanas, ela iria tentar deixar a amizade crescer e outros sentimentos permanecem mortos.

Ela estremeceu novamente quando ouviu mais de um conjunto de passos tranquilos passar por seu quarto. Ela não era a única pessoa louca para estar acordada ainda, então. Mas ela deveria ir para a cama e dormir se ela quisesse estar apta a andar na parte da manhã. Além disso, estava meio congelada.

Ele a tinha beijado. E ela não tinha ficado ultrajada. Ela se sentiu imensamente confortada pelo breve toque de lábios.

Um pensamento louco. Um que, muito definitivamente não deve ser repetido.

Capítulo 20

Todos os adultos da casa, exceto a condessa viúva e Allan Penworth, foram ao passeio na manhã seguinte. Anna, Walter e Lorde Agerton se juntaram a eles, como fez Susan e dois de seus irmãos. Eles montaram do campo até o vale em que Amberley Court foi construída.

Foi uma coisa muito boa que eles estavam em um lugar onde seria impossível para os cavalos se mover mais rápido do que uma caminhada, Susan disse timidamente para quem estava disposto a ouvir. Ela tinha muito medo de galopar e ela sabia que estragou a fruição de seus companheiros quando ela segurou-os no passeio.

Lorde Agerton declarou que ele iria ficar na parte de trás do grupo com ela e podia se mover em qualquer ritmo que fosse confortável.

— Você é muito prestativo, meu Lorde, — disse ela, favorecendo-o com um olhar de gratidão de fusão de olhos castanhos largos.

Eles montaram dois-a-dois, lado a lado, passando pelos jardins formais, do outro lado da ponte de pedra que atravessava o rio e viraram-se para o vale, os sons dos cascos dos cavalos silenciados pelas massas de folhas caídas, apodrecendo sob os pés.

— Há sempre um cheiro muito especial sobre outono, — o conde disse a Ellen, com quem ele andava. — Suponho que devesse ser desagradável, uma vez que é em grande parte o cheiro de decadência, mas não é.

— É um cheiro muito inglês — disse ela. — Eu tinha esquecido. É estranho como os cheiros podem trazer de volta memórias vívidas. Meu pai costumava me levar caminhando nos parques quando eu era uma criança. Nós sempre andamos na grama durante o outono para que pudéssemos triturar folhas sob os pés. Eles eram momentos felizes.

— Você está feliz por estar de volta à Inglaterra? — Perguntou.

— Sim — disse ela. — Eu não me arrependo de meus dez anos como andarilha, porque eu aprendi muito sobre a vida que eu não poderia saber. E eu tive o meu marido há cinco anos. Eu estava feliz. Ele foi toda a casa que eu precisava durante esses anos. Além disso, é tolice me arrepender de algo do passado. Tudo o que acontece ajuda
a moldar-nos para as pessoas que somos. Mas estou feliz por estar em casa novamente. Eu não gostaria de instalar- me definitivamente em qualquer outro país.

— Mas você tem razão — disse ele. — As pessoas são realmente a casa, não são? Sempre fui muito ligado a Amberley Court. Se alguém tirar isso de mim, eu acho que vou morrer um pouco por dentro. Mas se alguma vez eu tiver que fazer a escolha entre este lugar e minha esposa e filhos, bem, não haveria escolha.

Lorde Eden teve Anna tagarelando ao seu lado, dizendo-lhe tudo sobre os triunfos de sua temporada durante a primavera, lembrando-o de sua decepção que ele não estava lá para vê-la ou acompanhá-la em tudo, confiando a sua esperança de que o pai iria levá-la novamente na primavera seguinte.

— Então você pode vir também, Dominic, — ela disse,

— e levar-me para o primeiro conjunto do primeiro baile da minha segunda temporada.

— Eu provavelmente não seria capaz de lutar com todos os jovens que estarão disputando sua atenção, Anna — disse ele.

— Oh, mas eu gostaria de mandá-los para fora — disse ela, — de modo que você poderia assinar o meu primeiro cartão. Por dois conjuntos. Eu quero saber quem foi que fez a regra tola que se pode dançar apenas duas vezes com o mesmo cavalheiro na mesma noite. Você não acha isso bobagem, Dominic?

— Depende do quanto eu queira dançar com uma Senhora em particular — disse ele.

Ele estava assistindo Ellen andando à frente deles com seu irmão. Eles estavam falando e sorrindo bastante. Havia uma certa satisfação em saber que ela e Edmund e Alexandra se deram bem juntos. Ela parecia feliz nesta manhã e muito bonita em seu veludo preto de equitação. Ele trouxe de volta memórias vivas ao vê-la a cavalo.

Eles montaram ao longo de um vale que era lindo, apesar da nudez das árvores. O fluxo ia por eles em seu caminho para o mar. As encostas cobertas de árvores cresceram mais acentuadas à medida que prosseguia no fundo do vale estreito.

Lorde Amberley parou quando eles tinham montado por mais de uma milha.

— Há uma vista magnífica para trás ao longo do vale para Amberley e para o mar a partir do topo desta inclinação — disse a Ellen e aos outros atrás deles. — É mais uma subida íngreme, eu temo, e tem que ser feita a pé, mas vale bem a pena o esforço. Alguém está sentindo energético?

Parecia que todo mundo estava. Todos eles desmontaram, os Lordes amarraram os cavalos nas árvores. Lorde Eden virou-se para encontrar Ellen. Ele queria estar com ela quando ela visse a vista.

— Oh, querida — disse Susan em seu cotovelo, enquanto o Lorde Agerton ainda estava ocupado com seu cavalo, — eu acho que é melhor eu ficar aqui, meu Lorde. Subindo pode ser possível, mas eu sei que eu teria medo de descer novamente. Eu não tenho cabeça para alturas. Vou estar muito bem aqui. Vou dar uma volta ao longo da margem do rio e nas costas.

— O que, Susan? — Disse Lorde Eden com um sorriso.

— Você não pode ser tão covarde. Você, que costumava subir em árvores em busca de gatinhos presos?

— Mas eu costumava ficar presa — disse ela. — E alguém tinha que vir em meu socorro.

— Eu tenho um braço resistente — disse ele. — Você vai confiar nele para mantê-la de cair? Eu não vou deixar você escorregar, eu prometo.

— Oh, obrigada — disse ela. — Você é muito gentil.

Anna e Jennifer, Walter e Miles Courtney estavam tendo uma corrida para o topo da encosta, através das árvores, gritando e gritando. Os outros subiram um pouco mais tranquilamente. Susan pesava sobre o braço de Lorde Eden e obrigou-o a paradas frequentes, com o resultado que eles ficaram muito atrás do resto.

— Eu estou estragando sua diversão — disse ela.

— Nem um pouco. — Ele sorriu para ela. — Você sempre foi uma coisinha tão tímida, Susan. Como é que você poderia sobreviver a uma vida de seguir o tambor durante três anos inteiros?

— Não foi fácil — disse ela. — Eu achei muito difícil, meu Lorde. Mas eu senti que deveria ficar perto de meu marido, veja você.

Ele cobriu a mão dela com a sua.

— É claro — disse ele. — Você sente falta dele, Susan?

— A vida tem que continuar — disse ela, aceitando o grande lenço de linho que ele lhe estendia. — Eu não iria

sobrecarregá-lo com a minha dor, meu Lorde. É bom estar em casa com minha família e amigos. Isto é, se é que posso tomar a liberdade de chamá-lo meu amigo, meu Lorde.

— Bem — disse ele em algum divertimento, — se eu não sou seu amigo, Susan, eu não sei quem é.

No momento em que chegaram à clareira quase no topo da encosta, parecia que toda a gente já tinha olhado o seu preenchimento. Exceto Ellen, que ainda estava olhando para baixo, de volta ao longo do vale do jeito que tinha montado para a casa e seus jardins e edifícios anexos e à linha distante do mar.

— Bem, aqui está Susan finalmente, — um de seus irmãos anunciou.

— Você não está tendo pensamentos impertinentes — ela repreendeu em voz alta. — Lorde Eden estava apenas me ajudando a subir a encosta. Eu sou tão tola que eu tive que descansar várias vezes. Nada mais estava acontecendo.

Howard Courtney corou e Lorde Amberley trocou um olhar com sua esposa. Madeline fez uma pausa em sua conversa com Lorde Agerton e olhou atentamente para Susan. Lorde Eden, também, olhou para ela, assustado e

para Ellen, que — É uma bela vista, não é? — Disse ela. — Foi muito ruim de Howard para sugerir o que ele fez agora. Eu sou totalmente tímida, Sra. Simpson. Tudo porque Lorde Eden era o meu namorado antes de eu escolher o meu marido em vez dele. Estou com medo que eu feri-o gravemente no momento, mas isso foi há muito tempo. E você e eu sabemos que ser uma viúva expulsa todos os pensamentos de beleza e romance completamente fora da cabeça. Que ideia!

Ellen sorriu.

— Eu não acredito que alguém pensou tal coisa — disse ela.

— Oh, eu não estou tão certa disso — disse Susan. —

Basta considerar o que Anna disse sobre você na noite passada. Ela estava apenas sendo boba, é claro, você está de luto por seu marido e em uma situação delicada além. Mas eu senti por você mesmo assim. É doloroso ser acusada de flertar, não é?

As pessoas mais jovens estavam começando a descida com tanto barulho e entusiasmo como eles tinham mostrado no caminho para cima.

— Vem, Susan, — Lorde Eden disse por trás das duas Senhoras. — Eu tenho o apoio do Agerton para a descida. Com um de nós em cada lado de vocês, eu não acho que você poderia cair mesmo se você tentasse.

— Oh, — ela disse — que tipo você é. Eu sou tão tola, Senhora Simpson.

Ellen, olhou para Lorde Eden pela primeira vez naquela manhã, encontrou-se sorrindo de volta quando ele sorriu e até mesmo piscou para ela.
Quando todos estavam na parte inferior do morro e montados novamente, Lorde Amberley deu-lhes a escolha de continuar até o vale ou voltar para casa.

— Oh, não vamos continuar — Jennifer disse ansiosamente e imediatamente levou a mão à boca. — Ou seja, se toda a gente desejar fazê-lo, é claro, meu Lorde.
Mas parecia que todo mundo estava de acordo, de qualquer maneira.

— Parece que não estamos a ver nossas crianças esta manhã depois de tudo, — Lorde Amberley disse desculpando-se para a esposa.

— Sem dúvida, eles vão sobreviver — disse ela. — Mama tinha prometido pintar com Christopher, aparentemente. Que tipo de desastre que pode acontecer, eu tremo só de pensar.
Os dois riram.

— Vamos levá-los para um passeio na praia, esta tarde, não é? — Ele sugeriu.

— Isso soa como o céu, Edmund — disse ela com um sorriso.
Uma milha ou assim, chegaram a água e um rastro de antigos degraus que medem a sua largura mais rápido, fluindo.

— Aha, elas ainda estão aqui — disse Lorde Eden. — Walter, Howard, são as pedras no centro, aquelas mesmas que colocamos há três anos ou mais? Os antigos tinham desaparecido, eu me lembro.

— Sim, são — disse Madeline, montando-se ao lado de seu irmão. — Reconheço a muito plana no meio, uma muito
sólida e segura. Não parece perto de tão divertido como o que costumava oscilar lá quando éramos crianças.

— Você se lembra da cicatriz que eu tenho da vez quando eu caí? — Disse Lorde Eden com um sorriso. — O que estávamos fazendo naquele momento em particular? Cruzando para trás, em uma perna, ou vendados?

— Nós fizemos todos de uma vez ou outra — disse Howard. — Eu acho que foi venda e para trás, ganhei uma surra por isso quando cheguei em casa.

— Não, vamos em frente — disse Anna. — Há as ruínas de uma antiga abadia no topo oposto a inclinação, Jennifer. Quero mostrar a você.
Lorde Eden gemeu.

— Oh, a energia dos jovens! — Ele disse, desmontando e levantando primeiro a sua prima e, em seguida, Jennifer para o chão. — Vão, então, crianças. Nós mais velhos vamos seguir em um ritmo mais calmo.
Anna fez uma careta e se virou para o fluxo.
Ele levantou Madeline no chão. Ela ficou olhando para a frente ao longo da margem do rio.

— Foi apenas por ali — ela disse, — que ele me beijou pela primeira vez. A última vez que estive aqui, Dom. Parece que foi sempre...

— Purnell? — Disse. — Por isso, foi. Eu acredito que eu estava andando com Susan ao longo da frente do banco, porque ela tinha medo de atravessar e nobremente resisti à vontade de beijá-la. Oh Deus! Outra vida, Mad.

Susan, que tinha sido levantado do chão pelo conde, estava protestando muito claramente e timidamente que ela não poderia pôr o pé em um dos degraus, não se sua vida dependesse disso. Ela olhou suplicante para Lorde Eden.

— E eu não tenho intenção de ir em frente, quer, Susan — disse o Lorde Amberley. — Eu tive exercício violento o bastante para um dia, eu agradeço. Você e eu vamos passear ao longo da margem juntos e dizer uns aos outros como tolamente todas essas crianças estão se comportando. Devemos?

— Oh — disse Susan, olhando para Lorde Agerton, que estava ajudando a condessa pelas pedras e ao Lorde Eden, que foi amarrar o cavalo de Ellen a uma árvore. — Você é muito gentil, meu Lorde.

— Nem um pouco, Susan, — disse ele. — Terei todo o prazer.

— Estou certo de que você não precisa de minha mão — disse Lorde Eden com um sorriso para Ellen. — Eu vi você atravessar muito pior sem assistência. Mas devo jogar o cavalheiro, você vê, no caso de alguém estar olhando. — Ele estendeu a mão para ela.

Ela colocou a dela nele e seguiram o exemplo através das pedras, que eram de fato resistentes e seguras.

— Você quer ir para cima? — Ele perguntou quando chegaram ao outro lado. — Ou devemos passear ao longo do banco aqui? É sábio para você ter muito exercício?

— Talvez não em demasia — disse ela. — O passeio soa bem. Mas talvez você quer ficar com os outros?

— Eu acho que vai ser seguro com você — disse ele com um sorriso.

Ela tomou-lhe o braço e caminhou lentamente ao longo da margem e entre as árvores, que cresceram à beira da água naquele lado do córrego. Foi bom ter deixado a amargura por trás deles, pensou, para ser capaz de pensar nele, porém com cautela, como um amigo novo. Seu braço

se sentiu forte e tranquilizador debaixo dela. Ela se sentia um pouco cansada da viagem.

— Você cresceu em um lugar muito bonito — disse ela.

— Sim. — Ele olhou para ela. Foi apenas a começar a registar-se na sua mente que esta era Ellen Simpson e que ela estava em sua casa de infância com ele e que eles estavam caminhando juntos, de braços dados, em harmonia tranquila com o outro. — Nós tivemos uma infância idílica. Madeline e eu éramos tão selvagens quanto poderia ser e sempre para a maioria dos arranhões de arrepiar os cabelos. E Edmund não era melhor, pelo que tenho ouvido. Perry Lampman costumava ser seu parceiro especial no crime. Até que Edmund foi forçado a crescer muito rápido com a idade de dezenove anos, quando o nosso pai morreu.

— Esse deve ter sido um tempo difícil para você — disse ela.

— Sim — ele concordou — mas o nosso pai sempre tinha esbanjado uma grande quantidade de afeto conosco e que nos manteve juntos depois que ele se foi. — Ele sorriu.

— Infelizmente, o afeto não aliviava a sua mão quando eu estava em algum problema. Minha única esperança era que Madeline estava nisso comigo. Ele nunca iria bater nela,

você vê e não poderia, em sã consciência me bater por um delito compartilhado.

Ela sorriu para ele.

— Acho que agora, — ela disse — eu sou capaz de imaginar os lugares onde várias dessas histórias que você contou-me, ocorreram. — Ela lembrou-se de repente, onde ela tinha ouvido essas histórias e esperou a dor do constrangimento. Mas ele estava certo no que ele havia dito na noite anterior. Houve mais entre eles durante esses dias em seus quartos do que apenas o físico. Ela se sentou em uma cadeira e ele se deitou na cama, de mãos dadas, para conhecer um ao outro.

— Sim — disse ele. — Este, em particular, foi nosso *playground* favorito.

— Eu me reconciliei com o meu pai. Você sabia? — perguntou ela.

— Você foi visitá-lo, então? — Disse. — Estou feliz, Ellen. Lembro-me histórias que você me falou de sua infância e eu entendi que você estava apaixonada por ele.

— Ele ainda bebe — disse ela. — Pior do que nunca, eu acredito.

— Será que você se aborreceu?

Ela considerou.

— Só por causa dele — disse ela. — Ele não é um homem feliz. Ele acredita que ele realmente é meu pai, Dominic.

— Será que ele é? — Ele sorriu para ela. — Talvez eu devesse estar chamando você de 'Lady Ellen', então.

— Ele quer que eu vá morar com ele quando eu sair daqui — disse ela.

— E você vai? — Perguntou. — Você não vai se mudar para a casa de seu sogro?

— Não — disse ela. Ela olhava para a frente de seu longo do caminho. — Eu lhe disse a verdade antes de eu sair da cidade. E a Dorothy também. Eu não vou voltar para eles.

Ele resistiu ao impulso de atraí-la mais de perto contra o seu lado. Ele concentrou todos os esforços de vontade em ser uma presença confortável e amigável para ela.

— Bem — ele disse — Estou feliz de ter encontrado o seu pai de novo, Ellen. Todos deveriam ter alguém para poder chamar de seu.

— Eu sempre me senti segura com ele — disse ela, olhando para ele e sorrindo. — Quando ele segurava minha mão, nada no mundo poderia me prejudicar.

— Assim são os pais — ele disse.

— Eu sempre me senti assim com Charlie também, — ela disse, olhando deliberadamente em seus olhos para dissipar instantaneamente qualquer constrangimento que esse nome despertaria entre eles. — Toda a sujeira e o desconforto, o tédio, o perigo, não importavam nem um pouco quando Charlie estava lá. O conjunto do exército francês não poderia ter me prejudicado se os seus braços estivessem ao redor de mim. Foi só quando ele estava na batalha que eu ficava com medo. E então eu estava sempre morrendo de medo.

— Sim — ele disse calmamente. — A guerra é cruel em esposas e mães.

Caminharam em silêncio por alguns minutos. Ele podia sentir a tensão nela e só podia caminhar tranquilamente ao seu lado e esperar trazê-la segurança.

— Diga-me — ela disse finalmente, sua voz tremendo.

— Eu quero saber. Eu preciso saber. Você disse que estava com ele quando morreu. Diga-me como aconteceu. Conte- me sobre aqueles poucos dias. Eu tenho que saber.

— Eu não acho que ele sofreu — disse ele, curvando os dedos em baixo dela enquanto repousava sobre seu braço e
segurando a mão dela com força. Ela acelerou seu ritmo. — Ele não morreu em agonia, como tantos homens. Ele só... foi embora, Ellen. Vi que ele tinha sido atingido e fui até ele. Ele me reconheceu e ele disse seu nome e o nome de Senhorita Simpson. Mas eu não acho que ele ouviu alguma coisa que eu disse em resposta. Foi muito rápido. E então eu fui atingido imediatamente depois.
Ele podia ver que ela estava mordendo com força o lábio inferior. — Havia um homem — disse ela. — Eu o trouxe aos meus quartos, de fora da catedral. Ele estava ficando molhado. Ele ia morrer, mas eu não queria que ele morresse molhado e sozinho. Ele não estava inconsciente, mas ele estava no meio do caminho para a morte. Ele era a dor do passado também, como Charlie. Sentei-me com ele e segurou minha mão enquanto ele morria. Gostaria de saber se alguém estava fazendo tanto para Charlie.

— Ele sabia que eu estava lá — disse ele. — Ele não estava sozinho.

Ele podia ver que seus olhos estavam cheios de lágrimas, mas ela não daria a eles.

— Diga-me o resto — disse ela. — Diga-me tudo. Ele viveu por três dias depois que eu vi pela última vez. Eu quero saber sobre aqueles dias.
Ele começou com as tediosas horas que tinham passado em Mont St. Jean esperando o fim de março, que aparentemente tinha se extraviado. E ele disse a ela sobre a marcha para o sul para Quatre Bras e a batalha de lá, e a marcha ao norte no dia seguinte através da chuva e da lama e com os franceses chegando em cima deles e salpicando-os com tiros. Ele disse a ela sobre a noite passada dormindo no chão barrento e sobre a parte da batalha de Waterloo que tinha visto.

— Foi apenas uma batalha horrível — disse ela quando ele terminou. — Mas eu espero que tenha sido a última. Espero que esteja tudo acabado agora. Pelo amor de Sra. Byng, da Mrs. Cleary e da Sra. Slattery. Estou feliz por você ter me contado. Eu queria saber por um longo tempo. E temia saber. Eu tive pesadelos em que ele estava gritando e se contorcendo em agonia.

— Não — disse ele. — Você não precisa tê-los por mais tempo, Ellen. Eu lhe disse a verdade. Eu não menti para o seu conforto.

— Isso passou pela minha cabeça também — disse ela, sorrindo fugazmente. — Obrigada, Dominic. Fico feliz que você estava lá com ele. Se eu não pude estar com ele, estou contente que era você. Ele te amou.

— Eu acho que a única coisa que me manteve nesse passeio medonho de volta para Bruxelas — disse ele — foi a minha necessidade de trazer-lhe a notícia por mim mesmo. Eu não queria ninguém lhe dizendo. Ou ninguém em tudo.
Ela assentiu e parou de andar de repente. Ela estava lutando uma batalha interna, ele podia ver. Ele tomou-a firmemente pelos ombros e puxou-a contra ele. Ele não a beijou. Ele deitou sua bochecha contra a dela e embalou-a em seus braços.

— Eu derramei todas as minhas lágrimas para ele há muito tempo — disse ela. — Eu não vou chorar em cima de você. Mas é um alívio saber, Dominic. Talvez eu vá ser capaz de começar a deixá-lo ir agora. Uma parte de mim ainda espera que ele entre por cada porta aberta.

— Eu sei — disse ele. — Eu sei. — E ele fechou os olhos, embalou-a e perguntou-se sobre a ilusão que o fizera imaginar ter confundido seus sentimentos por ela, em Bruxelas. Ele a abraçou e lhe permitiu tirar dele o conforto
de que precisava, cheirava a fragrância familiar do seu cabelo e sentiu a graça do seu corpo magro. Ainda esbelta, ela ainda não estava inchada com seu filho.
Ela descansou a bochecha em seu ombro largo e fechou os olhos. E entregou-se ao conforto do seu corpo quente e forte, seus braços a circulando. E foi um prazer que ela lhe pedira, feliz que ele tinha dito a ela. E prazer que ele tinha vindo para a vida de Charlie e dela mais de três anos antes. Ele havia confortado Charlie enquanto ele estava morrendo e agora ele estava lá para ela também.
Ela levantou a cabeça finalmente e olhou em seus olhos. Tocou-lhe o rosto com a ponta dos dedos.

— Dominic — ela disse — Eu nunca parei de gostar de você, você sabe. Você era um bom amigo de Charlie. Fico feliz que foram capazes de voltar para além dos outros novamente. Obrigada por me dizer.
Ele sorriu para ela.

— Os outros vão pensar que estamos perdidos — disse ela, afastando-se dele e sorrindo mais brilhante. — Embora eu não esteja ouvindo qualquer debandada descendo a colina ainda. E você?

— Você me traiu, — Lorde Amberley gritou a partir da margem oposta quando Lorde Eden devolvia Ellen aos degraus. — Você não subiu depois de tudo. Susan e eu pelo menos fomos honestos com a nossa preguiça não, minha querida?

— Ah, mas nós colocamos nossas vidas em perigo por nos aventurar através destas pedras, — Lorde Eden disse alegremente. — Nós não nos encolhemos neste lado, não é mesmo, Ellen?

— Nós também nos arriscamos com o perigo de sermos atropelados por aquelas crianças exuberantes se tivessem escolhido voltar para baixo — disse Ellen. — Aqui vêm eles. Oh, querida, é Jennifer gritando? Ou é Anna? Isto é muito bom para Jennifer, meu Lorde, embora eu temo que está enviando-a de volta à infância. Estou muito grata a você por nos convidar.
O conde olhou para ela e para seu irmão e de volta.

— Atrevo-me a ter esperança de que é bom para ambas, minha Senhora — disse ele, voltando-se para levantar Susan para voltar para a sela. — Você está vendo? É minha esposa realmente correndo ladeira abaixo? Talvez
seja uma bênção que eu não tenho um monóculo. Posso te levantar também?

— Você só precisa me dar um impulso, meu Lorde — disse Ellen — posso montar.

— Não, não vai! — Lorde Eden tomou os dois passos que os separavam. — Vou levantar você, Ellen.
Lorde Amberley olhou com diversão misturada à curiosidade para o irmão e se virou para sorrir para sua esposa, que era parte do grupo atravessando ruidosamente ao longo dos degraus.
O conde e a condessa convidaram quem estivesse interessado em se juntar a eles em uma caminhada na praia durante a tarde, mas eles alertaram que o passeio era destinado para as crianças e seria focado neles.

A condessa viúva sugeriu uma visita à vila de Abbotsford, depois de terem descansado dos esforços da manhã. Ela tinha olhado com particular significado para Ellen. As lojas não têm muito a oferecer, explicou ela, mas era um lugar bonito. E eles poderiam chamar Mrs. Stanhope, que teria o maior prazer de mostrar, ou a mulher do reitor, se pudessem livrá-la de sua prole crescente de crianças esperançosas.

Ellen e Jennifer concordaram com a visita.

Allan Penworth também descansou depois do almoço. Madeline subiu as escadas com ele, com cuidado de não lhe oferecer qualquer ajuda.

— É um dia bonito — disse ela. — Você provavelmente vai aproveitar para sentar no adro da igreja ou fora da pousada, enquanto o resto de nós olha nas lojas. Você vai gostar da aldeia.

— Tenho a intenção de passar a tarde fora pintando — disse ele. — Eu tive uma longa conversa com sua mãe, esta manhã e ela me emprestou todo o equipamento necessário.

— Ah, que bom — disse ela. — Onde estamos indo?

Para o terraço?

— Nós não estamos indo a lugar algum — disse ele. — Você vai com as outras Senhoras para desfrutar de uma tarde na aldeia. Estou indo para o outro lado da ponte para pintar a casa.

— Você vai precisar de alguém para transportar o seu cavalete, os pincéis e as coisas — disse ela. — Eu vou ter

bastante prazer em ajudá-lo, Allan. Posso visitar a vila a qualquer momento.

— Há pessoas como servos — disse ele. — Tudo o que precisa fazer é pedir ajuda. É uma questão muito simples.

— Mas eu quero ficar — disse ela. — Eu sinto falta daqueles dias, Allan, quando estávamos sempre juntos sozinhos. Vamos fazer alguma coisa juntos esta tarde.

— Há alguns minutos — disse ele — você estava cheia de entusiasmo para mostrar sua aldeia para a Senhora Simpson. Você não precisa dar esse prazer para mim, Madeline. Vou ficar muito feliz pintando sozinho. Eu prefiro ficar sozinho quando eu pinto. Eu posso me concentrar melhor.

Eles chegaram a um hall de fora de seu quarto.

— Você realmente não me quer com você, não é? — Disse ela. — Eu estou deixando-o nervoso, Allan?

Ele pareceu exasperado.

— Não, você não me dá nos nervos — disse ele. — Eu já disse a coisa errada de novo? Eu fiz, não fiz? Eu te machuquei novamente. Eu não pareço ser capaz de me ajudar sem fazê-lo nos dias de hoje, embora eu nunca quis

fazê-lo. Fique comigo, então, Madeline, se é o que você realmente deseja fazer. Eu gosto disso.

— Eu acho que devemos terminar o nosso compromisso — disse ela em uma corrida, sua voz não muito firme. Ela olhou em volta rapidamente para se certificar de que o corredor estava deserto.

— O quê? — Ele olhou para ela, incrédula. — Eu já te machuquei tanto assim? Eu devo ser um muito mais bruto do que eu pensava. Eu apenas queria que você tivesse uma tarde agradável,

livre da necessidade de ir buscar e transportar para mim. Vem, Madeline, não exageremos. Sorria para mim e diz que você me perdoa.

— Não é de hoje — disse ela. — E isso não é culpa sua. Talvez isso fosse inevitável, Allan. Você se recuperou e quer a sua independência. Você não precisa de mim por mais tempo.

— Sim, eu sei — disse ele, estendendo-lhe a mão, que ela mantinha cruzada na frente dela. — Eu não estaria vivo agora, se não fosse por você. Você acha que eu posso esquecer isso?

— Eu não vou te culpar — disse ela. — Você precisou de mim, sim. Você se apoiou em mim por um longo tempo. E eu cometi o erro de pensar que você sempre precisaria de mim assim. Fui muito ingênua. Você não precisa de mim agora e eu tenho que ficar feliz por você estar feliz.

Ele tentou rir para aliviar a tensão.

— Podemos apenas amar um ao outro? — Perguntou. — Será que tem de haver qualquer necessidade? Qualquer dependência? Não podemos só ter um casamento feliz normal?

Ela balançou a cabeça lentamente.

— Eu não penso assim — disse ela. — Eu não acho que nós nos amamos, Allan. Não dessa forma.

— Eu te amo — disse ele. — Você é muito, muito especial para mim. Devo-lhe minha vida e minha sanidade.

— Eu te amo muito também, Allan — disse ela. — Mas eu não acho que poderíamos fazer um casamento disso. Nós somos muito diferentes. Ficaríamos brigando e brigando e passaríamos a desgostar profundamente um do outro antes do primeiro ano de casamento. Eu não quero que isso aconteça. Eu sou muito apaixonada por você.

Ele trocou seu peso sobre suas muletas e soltou o ar de bochechas inchadas.

— Eu não consigo acreditar que estou tendo essa conversa — disse ele. — Você sempre parecia tão inatingível, sabe? Lady Madeline Raine, a quem todos admiravam. Eu não achava que você tinha sequer me notado. E agora eu sinto que sou o único que te decepcionou. Fiz você infeliz.

— Não, não você — disse ela. — Você realmente não têm culpa de nada, Allan. Estou apenas descontente comigo mesma. Minha vida parece ter sido uma série de auto- ilusões. No entanto, desta vez, eu tinha tanta certeza. Ah deixe pra lá. Devemos ser gratos que percebemos isso agora, antes que seja tarde demais.

— Vou tomar providências para sair amanhã, então — disse ele.

— Oh, não! — Ela estendeu a mão para tocar seu braço.

— Não, Allan. Isso causaria dor insuportável e constrangimento. Por favor fique. Você gosta de Mama, Edmund e Dominic, não é? E você está pintando e tocando piano. Você está ganhando mais independência aqui. Fique um pouco.

— Eu não quero te causar qualquer desconforto — disse ele, franzindo a testa. — Se você quiser, eu vou ficar por mais alguns dias, então. Sinto muito sobre isso, Madeline. Mais do que eu posso dizer.

— Bem — ela disse, sorrindo — pelo menos, fomos capazes de pôr fim a um compromisso sem atirar coisas na cabeça um do outro. Nós ainda somos amigos, não somos?

— Você sempre será minha amiga — disse ele. — Eu sempre vou te amar, Madeline.

— Como uma irmã — disse ela. — Vai ser melhor assim. Você está com um pouco de dor, Allan. Vá para dentro de seu quarto e deite-se durante uma hora. E faça. Não fique meditando sobre o que acabou de acontecer.

— Sim, Senhora — disse ele, levantando uma mão em uma saudação inteligente e sorrindo para ela em vez de pesarosamente.

Capítulo 21

A chuva começou em algum momento durante a noite e continuou a cair nos dois dias seguintes.

A mais miserável vista, Madeline declarou para quem quisesse ouvir, quando se tinha ficado presa em uma cidade por meses a fio e agora tinha energia ilimitada para trabalhar em campo aberto. Ela prometeu a Ellen e Jennifer, que no próximo dia seco iriam descer para a praia e talvez, até mesmo, subir o caminho íngreme até o rochedo.

— Dessa forma, você pode ver ambos os locais durante o mesmo passeio — disse ela. — Ou seja, se a chuva nunca parar e a névoa que nunca levanta.

Mas, por enquanto, a névoa pairava sobre o vale e uma chuva fina caiu firmemente. Lorde Eden tomou Jennifer para visitar os Carringtons em um dia e os Courtneys no próximo.

O conde e a condessa dividiam seu tempo entre seus filhos e seus convidados. Madeline e Ellen sentaram-se na sala de música algumas vezes, ouviram o tenente Penworth tocar. E a condessa viúva passou um tempo com ele na galeria de retratos, os dois discutindo as pinturas lá. Ellen recusou a chance de tomar parte em ambas as visitas.

Ela sentiu um pouco cansada após o dia do passeio e visita à aldeia e sentiu a necessidade de passar algum tempo em silêncio dentro de casa. Sozinha, mesmo, se ela pudesse não parecer rude com seus anfitriões.

Ela não estava miserável. Na verdade, ela sentiu um certo contentamento que não sentia desde a morte de Charlie. Mas ela precisava para viver além desses últimos dias da vida de Charlie, como Dominic lhe havia descrito. Ela precisava para preencher a lacuna que havia sido vazia e assustadora por tanto tempo.

Ela tinha dito adeus a ele em seus cômodos, ela ainda podia vê-lo, ansioso para estar a caminho, sofrendo com a dor da separação, seus olhos devorando-a-e, em seguida, não havia nada. Só Dominic, através de sua dor e sua febre, dizendo que Charlie tinha ido embora. E somente semanas mais tarde, caiu em si que era verdade. E só isso... e andar sobre a terra ao sul de Waterloo, onde ela sabia que ele tinha sido enterrado com milhares de outros homens.

Ela precisava viver através de sua mente o que ele tinha vivido durante esses dias. Ela precisava vê-lo morrer.

E ela precisava para aceitar sua morte. Ela precisava deixá-lo ir.

Charlie tinha sido seu marido. Caro, amado. Mas — tinha sido — foram as palavras-chave. Ele estava morto. Ele era uma parte de seu passado. Sempre seria lembrado. Sempre seria valorizado na memória. Mas no passado.

E, finalmente, ela poderia pensar nele com apenas uma dor surda de saudade. Por fim, ela conseguia se lembrar e sorrir para algumas das memórias. A agonia crua terrível de sua dor tinha acabado.

E ela tinha um futuro em frente. Ela sentiu o movimento de seu filho nela.

— Isso de subir as falésias é realmente muito perigoso, embora muito emocionante — a condessa disse a ela enquanto estavam sentadas juntas na sala de manhã, costurando. — E é muito extenuante para subir. A primeira vez que fiz isso foi na direção oposta. E Edmund permitiu isso somente depois que eu tinha prometido fielmente agarrar-me a sua mão a cada passo do caminho. Estávamos noivos, então. — Ela sorriu para a memória.

— Estou ansiosa para ver o mar novamente — disse Ellen. — Parece estranho que estamos tão perto e ainda não vi isso.

— Chuva inglesa! — Disse a condessa. — Você sabe, o que eu tenho tentado dizer com todo o tato possível é que talvez você não devesse fazer essa subida. Eu vou ficar na praia com você, se quiser e vamos passear como um par de matronas respeitáveis.

— Por que eu estou grávida? — Perguntou Ellen. A condessa baixou a cabeça sobre seu trabalho.

— Nós ouvimos sobre isso, naturalmente — disse ela. — Seu sogro fez um anúncio público.

— Estou me sentindo muito bem — disse Ellen — e não fiquei tão cansada quanto eu fiz no primeiro dia. Mas eu acho que você está certa. Vou dar uma caminhada na praia sem subir.

— Estou feliz por você — disse a condessa. — Você é boa com as crianças. Você está feliz com isso, não é?

— Sim. — Ellen colocou para baixo seu próprio trabalho em seu colo. — Oh, estou em êxtase. Eu não achei que isso nunca iria acontecer comigo. Eu estava bastante resignada a não ter filhos.

— É a sensação mais maravilhosa do mundo, não é? — Disse Lady Amberley, sorrindo calorosamente para a outra.

— A gente se sente pesada, desconfortável e letárgica no final e depois há toda a dor do parto. E quando acaba, sentimos que nunca poderíamos passar por uma experiência de medo novamente. Mas depois de alguns meses, se pensa que, talvez, depois de tudo, se possa fazer isso mais uma vez. — Ela riu. — Estou nessa última etapa, no momento e com muita inveja de você.

A condessa viúva também encontrou a oportunidade para aconselhar Ellen a não fazer nada muito extenuante.

— Os jovens são muito, muito loucos, minha querida — ela disse — e sentem que devem sempre desperdiçar sua energia. Mas você não deve sentir que tem que manter-se com eles. Edmund, Dominic e Walter vão fazer com que a sua enteada seja mantida segura, você sabe.

— Eu já decidi não escalar o penhasco, Senhora — disse Ellen. — Eu só queria que a chuva parasse para que eu pudesse, pelo menos, ver o penhasco.

As duas riram.

E Ellen maravilhou-se como ambas as Senhoras podiam ser perfeitamente consciente de sua gravidez e sem

dúvida, suspeitar da sua paternidade e ainda assim podiam tratá-la com tanta cortesia tranquila e até mesmo simpatia.

Lorde Eden encontrou-a na segunda à tarde, quando ela tinha procurado um pouco de privacidade no conservatório. Ela estava costurando o seu bordado. Ela sorriu para ele e voltou sua atenção para o seu trabalho.

Mas é claro que ela estava muito consciente dele, de pé alto e em linha reta com as costas para ela, olhando para gramados e as árvores encharcadas de chuva. Suas mãos estavam atrás dele. Elas estavam se remexendo.

Ela costurando, sua tensão transmitindo-se a ela. E ainda assim ele não parecia tenso quando se virou para ela. Ele estava sorrindo.

— Temo que assustamos Srta. Simpson no caminho de casa a partir dos Courtneys, agora — disse ele. — A pista de descida oposta da colina é muito íngreme. Eu disse a ela para não se preocupar se a carruagem deslizasse um pouco na lama. O cocheiro está com Edmund por quase um ano sem ter um acidente. O anterior durou apenas seis meses.

— E eu suponho que a estrada é bastante segura? — Disse Ellen.

— Oh, com certeza. — Ele sorriu. — E o cocheiro foi do meu pai antes que ele fosse de Edmund. Mas ela é feita de material de popa, sua enteada. Eu senti pena quando ela ficou branca e agarrou-se à cinta mas, não gritou.

— Wretch! — Disse Ellen, rindo apesar de si mesma. — Eu espero que ela tenha batido em você quando percebeu a verdade.

— Ela é tão corajosa — disse ele — que eu não tive coragem de dizer a ela.

Houve um pouco de silêncio constrangedor depois os dois riram novamente e Ellen abaixou a cabeça para seu bordado.

— Ellen — ele disse — Eu acho que nós deveríamos nos casar.

Ela olhou para ele, com a agulha suspensa no ar.

— Eu sei que você não está nem na metade do seu período de luto ainda — disse ele. — Eu sei que você amava Charlie e ainda o ama e sempre amará. E eu sei que você é capaz e está disposta a cuidar desta criança em seu próprio lugar, Ellen. Mas, mesmo assim, vai ser um filho ilegítimo. Optou por não tentar dar-lhe a respeitabilidade do nome
de Charlie. Deixe-o ter o meu nome, então. Case comigo. Você poderia?

— Não, Dominic — disse ela. — Não, não seria certo.

— Por que não? — Perguntou. Ele abaixou-se na frente dela para que pudesse olhar para seu rosto. — Parece-me a única coisa certa a fazer.

— Eu fui casada uma vez — disse ela. — Foi um bom casamento. Nós nos amávamos. Eu não poderia contemplar um casamento sem amor.

Ele estremeceu um pouco.

— Eu sei que você não me ama — disse ele. — Eu não esperaria isso, Ellen. Mas me ouça. Há três de nós aqui, não apenas dois. Eu posso levantar-me e me afastar de você e viver a vida de minha escolha. Você pode deixar este lugar e ir para o seu pai ou encontrar um lugar no país e viver a vida de sua escolha. Mas há alguém que não tem escolhas. Alguém que vai passar a vida com o rótulo de bastardo. Você quer isso?

— Vou usar a minha escolha para amar a criança a cada momento para o resto da minha vida — disse ela. Seus olhos estavam em suas mãos, seus pulsos, ela já não podia costurar.

— Não vai ser suficiente, Ellen — disse ele. — E todo o dinheiro e escolaridade superior que eu vou ser capaz de oferecer, não alterará o fato de que, aos olhos do mundo, a criança será minha mas, ilegítima.
Ela fechou os olhos.
— Case-se comigo, Ellen — disse ele. — Se você ama o nosso filho, case-se comigo.
— Nós vamos mudar e odiar um ao outro — disse ela. — Só há uma boa razão para o casamento, Dominic e no nosso caso, não existe.
— Então nós temos que fazer o melhor que temos — disse ele. — Nós não odiamos um ao outro agora, Ellen. Nós gostamos um do outro. Você admitiu isso no outro dia. E nós dois queremos o melhor para a criança que fizemos juntos. Não há nenhuma razão por que não podemos ter um casamento perfeitamente contente.
Ela mordeu o lábio inferior e olhou para ele, balançando a cabeça.
— Isto está tudo errado, Dominic — disse ela. — Não me sinto bem.
— Então nós vamos fazer isso direito — disse ele. Suas mãos se moveram de seus pulsos para apertar suas mãos
com força. — Diga sim, Ellen. É a única coisa decente que podemos fazer.
Ela agarrou-se a suas mãos e olhou em seus olhos verdes, fixos ansiosamente. Se sentia presa. Ela tinha muito pouca escolha na primeira vez, a não ser para se jogar na caridade da irmã de Charlie em Londres. Então ele lhe pediu para casar com ela. Agora, ela tinha ainda menos escolha. Ela deveria fazer do bebê a sua principal consideração, o que a deixou sem escolha pessoal em tudo.
Dois casamentos forçados. A única diferença foi que a primeira vez que ela sabia que Charlie amava, que tinha uma chance de fazê-lo feliz e, portanto, de fazer-se feliz também. Desta vez, ela estava se casando inteiramente por um senso de dever a uma pessoa que é uma parte dela no momento, mas não é realmente ela.
Ele não sabia o stress e tensões do casamento. Seu amor por ele se tornaria uma coisa desesperada e iria azedar e morrer. Seu amor se tornaria uma corrente em volta do pescoço, ele iria lutar contra isso e chegar a odiá-la. E seu filho seria pego no meio, como tinha sido presa entre as invejas e ódios de seus próprios pais. E, no entanto,
sem casamento, a criança seria chamada de bastarda, nunca seria bastante respeitável.
Não houve realmente, nenhuma escolha.
— Sim, então — disse ela. — Eu vou me casar com você, Dominic.
Ele apertou as mãos com tanta força que doía.
— Você não vai se arrepender — disse ele, levantando uma das mãos aos lábios. — Eu vou cuidar que você nunca irá se arrepender, Ellen. Devo fazer o anúncio hoje à noite?
— Não. — Ela puxou as mãos da dele e se levantou. Ela se afastou dele. — Não, hoje não. Jennifer não sabe ainda. Eu... eu não encontrei o momento certo para dizer a ela. Dê-me alguns dias.
Ele estava atrás dela, as mãos em seus ombros.
— Ou muitos dias, como você queira — disse ele. — Não se sinta apressada. E, Ellen, não fique infeliz. Eu não quero vê-la infeliz. Esse é o melhor jeito, você vai ver.
Ela se virou para ele, um determinado sorriso no rosto.

— Para um casal recém comprometido, — ela disse, — estamos bastante sombrios, não estamos? Devemos tentar gostar um do outro, Dominic. E compartilhar um com o
outro. Eu senti o bebê se mexer nos últimos dias. Eu não acho que é imaginação. Eu senti mais de uma vez.

— Sentiu? — Seus olhos se arregalaram e olhou profundamente nos dela. E ele sorriu, um sorriso caloroso e alegre que iluminou todo o seu rosto.

Ela assentiu com a cabeça.

No terceiro dia, não só a névoa levantou e a chuva parou, mas as nuvens haviam se mudado por completo e o sol brilhou. Um sol vivo, a brisa fresca trouxe consigo o cheiro de sal do mar.

Jennifer saiu para o terraço depois do almoço, impaciente para a chegada de Anna e os outros da casa Carrington e Courtney da outra direção. Quando chegaram, todos seriam capazes de ir para o passeio há muito prometido para a praia e subir ao topo do penhasco.

Tenente Penworth estava de pé no terraço, apoiado em muletas.

— O que você está planejando fazer esta tarde? — Perguntou ela.

— Pintar — disse ele — ou tocar o piano ou ler. Minhas escolhas são inúmeras.

— Sinto muito — disse ela. — Foi uma pergunta perfeitamente civilizada.

Ele olhou para ela e longe novamente.

— Vou esperar até que todos saiam — disse ele — e ir para os estábulos e pegar o cavalo mais rápido deixado lá selado. Talvez eu nem vá esperar ele ser selado. E eu vou subir a encosta e galopar para fora nas falésias.

— Eu disse que eu sinto muito — disse ela. — Foi a minha pergunta sem tato? Mas não se pode sempre estar na ponta dos pés em torno de você, você sabe? Lamento que não pode andar e caminhar com a gente, mas o fato é que você não pode. Então eu vou fingir que não vou fazer essas coisas? Vou eu fingir que eu não estou olhando a frente a eles? Vou fingir mais tarde, que eu realmente não me diverti? Isso seria absurdo e você saberia que eu estava mentindo para você e estaria ainda mais irritado do que está agora.

Ele sorriu de repente e inesperadamente.

— Pequena língua de fogo! — Disse. — Você me faz lembrar de uma das minhas irmãs. Nunca passava um dia sem que tivéssemos uma boa luta.

— Ela tem minhas mais profundas condolências — disse Jennifer.

— Eu vou dizer uma coisa — disse ele. — Depois que eu tive o prazer de conversar com você, eu sempre sinto raiva o suficiente para atirar coisas. E, no geral, eu acho que é melhor do que a irritabilidade que sinto com a maioria das outras pessoas.

— Madeline deve ser uma santa — disse ela — para ficar com você. Eu certamente nunca faria.

— Ah — ele disse — mas você nunca foi solicitada.

— Isso foi gloriosamente estabelecido — ela disse — que eu não vou nem tentar esconder, Lorde. Vejo que os Carringtons e Lorde Agerton estão a caminho. Eu estou indo me divertir. Bom dia para você.

Lorde Eden montou na cabeça do grupo com Anna. Ele havia se divertido ao notar sua manobra de tê-lo como parceiro. Ainda não totalmente divertido. Ela não era mais uma menina para dar um espetáculo por um primo mais velho que tinha escolhido para fazer seu herói.

Além disso, ele era um homem noivo. Para ser um homem casado e pai. Surpreendia-lhe que ele tivesse sido capaz de viver por quase 24 horas sem deixar escapar seu segredo para Edmund ou para Madeline. Ou para alguém. Sentia-se claramente como uma criança com um brinquedo novo precioso.
Não importava que ela não o amava, que ela havia concordado em se casar com ele só porque a tinha convencido de que seu filho iria sofrer se não o fizesse. O fato era que ela havia concordado em se casar com ele. Ela era sua noiva. Ele iria levá-la a amá-lo muito lentamente depois de se casarem. De tal forma que ela não iria se sentir ameaçada, que ela não se sentiria desleal com as memórias de seu primeiro marido.
E nesse meio tempo ele iria segurar a verdade dela. Ela nunca se casaria com ele se suspeitasse que seus sentimentos por ela eram tão poderosos como tinham sido durante essa semana, quando eles tinham sido amantes. Um senso de honra iria fazê-la recuar.
Mas não importa. Em tal dia e em tal ambiente, poderia sentir o otimismo sem limites.

— E Papa continua dizendo que não, mas o tempo todo ele pisca para Mama — Anna estava dizendo — então eu sei que ele quer dizer sim. Oh, vai ser tão esplêndido no próximo ano, Dominic. Eu não vou ser intimidada como eu fui este ano e eu já conheço algumas pessoas. E você vai estar lá e todo mundo vai me ver com o cavalheiro mais bonito em Londres. Você vai estar lá, não vai? Você realmente deve vir.
Ele sorriu para ela.

— Eu pretendo tornar-me Lorde da minha própria mansão imediatamente depois do Natal — disse ele. — Eu posso muito bem divertir-me tanto que vou decidir exilar-me, Anna. Eu realmente não posso prometer nada.

— Oh, — ela disse — você não poderia ser tão horrível. Depois, você estava fora toda a primavera passada. Você sabe que eu tive meu coração machucado sobre isso para sempre, Dominic. Diga que você está só me provocando.

— Eu quero saber — disse ele — se suas habilidades de equitação têm melhorado desde a última vez. Você acha que pode me vencer para a praia?

— Você está prestes a jogar o seu truque habitual de galopar, enquanto eu ainda estou respondendo, não é? — Ela gritou e cravou as esporas nos flancos de seu cavalo.
Lorde Eden sorriu e observou-a por alguns segundos antes de ir em busca dela.

— Ele vai alcançá-la, pobre garota — disse a condessa a Ellen. — Ninguém na memória viva jamais venceu Dominic a cavalo. Eu fui tola o suficiente para tentar a primeira vez que descemos para a praia. Ele estava na rocha e já desmontado antes que eu chegasse até ele. Foi uma humilhação terrível. — Ela riu.
Lorde Eden parou quando grama deu lugar a areia.
Ele estendeu a mão para levantar sua prima.

— Anna — disse ele — enquanto nós temos um pouco de privacidade, minha querida, precisamos ter uma conversinha.

— Oh, querido, — disse ela. — E você tem que olhar sério. Posso adivinhar sobre o que...

— Você pode? — Disse. — Você é minha prima, querida. Estou muito orgulhoso de sua beleza e sua vivacidade. Eu estou muito satisfeito ao ouvir do sucesso
de sua primeira temporada e não de todo surpreso. E eu gosto muito de você.

Ela fez uma careta.

— E isso é tudo, Anna. — Ele manteve a voz firme, embora seus olhos pareciam gentis o suficiente para ela.

— Eu sei disso — disse ela. — Eu sempre soube, Dominic. Mas velhos sonhos às vezes são difíceis de deixar ir.

— Algum jovem vai ser muito feliz — disse ele. Ela fez uma careta.

— Eu tive uma oferta na primavera — disse ela. Ele sorriu.

— Você fez? Você não rejeitou-o por minha causa, espero.

— Oh, não — disse ela. — Achei-o enfadonho.

— Então, ele certamente não a merecia — disse ele.

— Não tire sarro de mim, Dominic — disse ela. — Eu não sou uma criança. Eu sei que muitas vezes me comporto como uma, mas eu não me sinto como uma criança. E eu posso ser ferida.
Ele passou um dedo sob o queixo.

— Eu não estava fazendo graça — disse ele. — Quem quer que você escolha, Anna, vai ter que ser muito especial. Eu absolutamente insisto nisso. Porque você é muito especial. Um raio de sol, nada menos. E eu sei que você não é uma criança e que pode ser ferida. Se você ainda fosse uma criança, eu provavelmente iria permitir que esta fantasia continuasse. E se eu não soubesse que você poderia se machucar, eu não teria te desafiado para esta corrida para que eu pudesse falar em particular com você. Eu não quero que você se machuque, Anna. Isto tem de acabar agora. Entendido?
Ela suspirou e olhou para ele, envergonhada.

— Sim — disse ela. — apenas me assegure uma coisa, Dominic. Você não vai se casar com Susan, não é?

— Susan? — Disse. — Bom Deus, não. O que lhe deu essa ideia?

— Ela fez — disse ela. — Ela está sempre dizendo a Jennifer e Sra. Simpson como você costumava amá-la e como ela partiu seu coração ao se casar com o tenente Jennings. E você estava beijando-a na colina no outro dia, não foi?

— Meu Deus! — Disse. — Não, eu não estava. E não, eu não estou prestes a me casar com Susan, Anna. Posso até fazer com que uma promessa, se vai fazer você se sentir melhor.

— Vai — disse ela.

— Eu prometo, então — disse ele. — Agora, vamos amarrar estes cavalos para que os cavalariços que vêm buscá-los depois não tenham que pesquisar sobre milhas de campos para encontrá-los. E aqui vêm os outros.
Todos eles deixaram seus cavalos e atravessaram a praia por cerca de uma milha a uma grande rocha negra que era quase diretamente ao pé do caminho estreito que serpenteava até o rosto quase puro das altas falésias.
Eles foram sortudos que a maré tinha apenas começado a subir, Lorde Amberley explicou a Ellen, tomando-lhe o braço. Se fosse ao contrário, não haveria a escalada, com a água até as falésias.

— Alguém alguma vez foi cortado pela maré? — Perguntou ela.

— Perry e eu uma vez quando rapazes — disse ele. — Nós nos sentamos no topo da rocha preta e desafiamos um ao outro para ser o primeiro a sair. No momento em que
cada um de nós percebeu que o outro simplesmente não ia ceder, a água estava girando sobre a base da rocha. Felizmente, ela nunca chega ao topo. Aquelas foram longas e frias horas enquanto estivemos lá.

— Seus pais devem ter se preocupado — disse ela.

— Eles nos viram a partir do topo das falésias, — ele disse, com os olhos brilhando. — Infelizmente nós podíamos vê-los também e um conhecimento de como muito menos confortável seria quando nossos pais pusessem as mãos em nós, fez com que as horas passadas fossem piores ainda.

— Eu suponho que você nunca fez isso de novo — disse
ela.

— Lembro-me de ter de ficar de bruços na minha cama
por pelo menos uma hora depois que meu pai tinha terminado comigo — disse ele. — Não, nós não fizemos novamente. Éramos muito criativos, Perry e eu. Nós sempre encontrávamos um novo mal para meter-nos.
Ambos riram.

— Será que suas memórias o tornam um pai mais indulgente? — Perguntou ela.

— Nem um pouco — disse ele. — Eu prometi a Alex antes do nosso casamento que eu nunca iria colocar uma mão violenta nas nossas crianças. E eu não vou. Mas tenho certeza de que vou pensar em algumas outras punições perfeitamente satisfatórias. E eu vou precisar delas. Eu já reconheço o brilho ocasional nos olhos do meu filho.

— Oh, — Jennifer disse, quando chegaram a rocha e ela olhou para o precipício que se elevava sobre eles. — Vamos lá em cima? É possível?

— Você tem que se agarrar à rocha por seus dentes, em alguns lugares — disse Walter. — Mas é possível. Não é para os fracos, apesar de tudo.

— Bem — disse ela — meus dentes são tão fortes como possível, eu acho.

— Vou trepar este primeiro conjunto de rochas, então, — ele disse — e transportá-la depois. Uma vez que você está no caminho, é apenas uma questão de colocar um pé na frente do outro e não congelar quando você está a meio caminho.

— Você é um construtor maravilhoso de confiança — ela disse, colocando as mãos nos quadris e olhando para ele subir os primeiros passos, que as marés tinham deixado puro e suave.

— Isso realmente não é tão ruim quanto parece — a condessa disse tranquilizadoramente. — O caminho se alarga à medida que se tornam mais exigentes e é realmente muito firme sob os pés.

— Você pode querer evitar olhar para baixo — disse o conde.

— Aqui está, então, — Walter disse, ajoelhando-se no caminho e descendo a mão para Jennifer.
— Você deve manter minha mão quando você está aqui em cima.
Madeline e Lorde Agerton, Anna e Miles seguiram.

— É melhor você ir para cima para ver que todos eles se comportam — disse a condessa a seu marido, desenhando um sorriso dele em resposta. — Senhora Simpson e eu estamos indo para caminhar na praia.

— Oh, eu desejaria poder subir também — disse Ellen.

— Este ar do mar é maravilhoso. E a vista deve ser linda lá de cima.

— Vamos até lá amanhã — disse a condessa.

Lorde Eden sorriu para o rosto melancólico de Ellen.

— Você quer ir agora? — Perguntou ele. — Nós podemos ir muito devagar. Não temos que acompanhar os outros.

— Dominic! — Disse Lady Amberley.

— Oh, eu adoraria — disse Ellen. — Você acha que eu poderia?

A condessa olhou suplicante para o marido. Ele apenas levantou as sobrancelhas para ela.

— Vamos parar a cada poucos pés para descansar — disse Lorde Eden. — E você não precisa parecer tão zangada conosco dois, Alexandra. Esta é uma Senhora que tem pisado e montado através da lama e um calor escaldante, atravessou rios cheios e cruzou as montanhas dos Pireneus na França. Ellen não é nenhuma flor murcha.

— Mas ela nunca esteve grávida antes — disse sua cunhada.

— Alex — O conde estendeu a mão para a dela. — Você está apenas tentando evitar ter que fazer a si mesma subir, não é? Tem estado muito em Londres e está fácil para você, minha menina. Venha aqui e eu vou te levantar. Vamos permitir que Dominic e Sra. Simpson venham em sua própria velocidade atrás de nós. Vamos pegar as carruagens para casa e mandar um para vocês, Dominic.

— Eu me sinto um pouco como uma criança travessa, — Ellen disse a Lorde Eden alguns minutos mais tarde,

quando ela estava segurando sua mão e estava se movendo lentamente para cima — fazendo o que é proibido.

— Há uma borda larga um pouco mais alta — disse ele.

— Vamos parar lá por um tempo.

Foi bastante magnífico, Ellen decidiu quando eles estavam na borda. Eles já pareciam alto, embora não tivessem chegado muito longe. A brisa era um vento lá em cima e estava chicoteando seu manto contra ela. A maré estava subindo rápido. Havia várias linhas esticadas através das milhas da praia, as pessoas próximas de areia branca com espuma. O sol estava brilhando sobre a água.

— Não há uma visão mais bonita na terra, não é? — Disse ela. — O mar sempre me faz querer chorar.

— É uma bela vista e ainda faz você querer chorar? — Disse.

Ela virou a cabeça para sorrir para ele.

— Com a maravilha dela, — disse ela. — Não de miséria.

— Somos pessoas da ilha — disse ele. — O mar está no nosso sangue.

— Acho que sim. — Ela colocou as mãos contra o abdome e ficou muito quieta.

— Está tudo bem? — Sua voz estava ansiosa.

— Oh, sim, tudo bem — disse ela. — Ele se moveu, Dominic. Oh, e de novo. — Ela olhou para ele e sorriu em delírio. — Sinta você mesmo.

Ele estava atrás dela e colocou os braços sobre ela, uma mão esticada sobre suas costelas sob os seios, a outra menor. Ela levou a mão na dela, configurá-lo plana contra ela, e esperou, muito ainda.

— Lá. Oh, não — disse ela. — Você sentiu isso? — Ela levantou uma mão silenciosamente e esperou novamente. — Oh, você sentiu-o, Dominic? Você acha que ele está protestando a escalada?

— Essa bolha? — Disse. — Foi isso?

Ela deitou a cabeça contra seu ombro e riu baixinho.

— Sim, essa bolha — disse ela. — Um pequeno pé ou punho. Ele está realmente lá, você vê, fazendo sentir a sua presença.

Ele passou os braços sobre ela e segurou-a contra ele.

— Foi inteligente vir aqui? — Perguntou. — Você prefere voltar para baixo?

— Não, na verdade, — disse ela. — Seu filho e eu, Lorde, não somos tão covardes. Eu acho que ele está

Simplesmente sinalizando seu protesto por eu — É mesmo? — Disse. — Mais cedo ou mais tarde, eu vou ter que ensinar-lhe que ele não pode dar ordens à sua mãe.

— Ele é sábio, você vê — disse ela. — Ele está fazendo isso, enquanto ele ainda pode. Enquanto você não pode começar suas mãos sobre ele.

Ele riu suavemente, parou a tempo de beijar a bochecha dela e olhou calmamente para o mar com ela por mais alguns minutos antes de soltá-la, levando-a mão em um fecho firme e retomaram a subida.

Walter e Jennifer tinha quase acabado na sua escalada e saíram quentes e ofegantes na falésia muito antes de qualquer outra pessoa. As duas carruagens que Lorde Amberley tinha enviado a partir da casa estavam esperando lá, tenente Penworth sentado em um deles.

Jennifer caminhou até ele, tentando recuperar o fôlego.

— Você veio — disse ela. — Que boa ideia! Você pode ver a vista?

— Eu vi um monte de ovelhas — disse ele. — Será que elas se qualificam como um ponto de vista?

— Não. — Ela riu. — Oh, eu não posso falar. Estou tão sem fôlego.

— Você vai sem dúvida, ficar desapontada ao saber que eu dirigi essa carruagem aqui eu mesmo — disse ele. — Não foi tão emocionante como galopar um cavalo rápido, é claro. Mas infinitamente preferível a uma tarde passada em um teclado pianoforte.

— E eu deveria estar decepcionada? — Disse ela. — Eu não segui o seu raciocínio, Lorde. Mas eu não posso discutir. Nenhuma respiração. Eu vou dizer a Madeline que você está aqui. Ela deve estar perto do topo.

Ela de alguma forma encontrou a energia para caminhar de volta para o rochedo, enquanto Walter subiu para a carruagem ao lado de Allan Penworth.

Madeline e Lorde Agerton estavam de fato quase no topo, ela viu. Então a maioria dos outros também. Exceto Ellen e Lorde Eden, de pé sobre a ampla borda distante para baixo, envolto em braços um do outro. Ela foi incapaz de tirar os olhos deles por alguns momentos assustados. Então ela se virou e correu de volta para a carruagem, a sua mensagem não entregue.

— Oh, olhe para eles, Edmund — disse a condessa. — Não há nada que você possa fazer para convencê-los de que eles foram feitos um para o outro?

— Eles parecem estar fazendo muito bem por conta própria — disse ele, olhando obedientemente para baixo.

— Mas eles vão persistir em fazer dificuldades para si mesmos — disse ela — marque minhas palavras. E em mais duas semanas ela vai voltar para Londres e ele vai para Wiltshire e ambos serão miseráveis.

— Se eles fizerem qualquer coisa tão tola — disse ele — será por sua própria escolha, amor. Isso quase aconteceu para nós, se você se lembrar. Mas, sendo as pessoas sensatas que somos, nós trabalhamos nossos próprios problemas sem a ajuda de ninguém e aqui estamos vivendo felizes para sempre.

— Não há nada que você possa fazer? — Perguntou ela.

— Absolutamente nada — ele disse com firmeza, olhando para baixo novamente o seu irmão, que tinha os braços sobre Ellen Simpson por trás e estava olhando com ela até a praia e os disjuntores abaixo.

Capítulo 22

Madeline seguiu Allan Penworth para o salão verde quando chegaram em casa. Ela juntou as mãos atrás dela e não o ajudou a acomodar-se em uma cadeira, embora ela pudesse ver que ele estava muito cansado.

— Foi lindo ver você lá em cima sobre as falésias — ela disse, — e saber que você tinha conduzido sozinho. Estou muito orgulhosa do meu paciente, Allan.

— E então você deve estar — disse ele com um sorriso que ela conhecia a dor escondida. — Se não fosse por sua intimidação, eu provavelmente estaria deitado confortavelmente olhando para um teto em Bruxelas agora.

Ela riu.

— Eu não penso assim — disse ela. — Eu acredito que você tenha muito mais espírito do que isso.

— Eu estou indo para casa — disse ele. — Para Devonshire, quero dizer. É hora de enfrentar a música.

— Estou tão feliz — disse ela. — Sua mãe vai ficar feliz. Ele fez uma careta.

— Eu posso apenas imaginar isso — disse ele. — Ela não vai estar disposta a me deixar levantar uma colher.

— Tenho certeza de que em breve irá mostrar-lhes que você é perfeitamente capaz de empunhar não só uma colher, mas também uma faca e garfo — disse ela.

— Eu vou partir daqui dentro de alguns dias, Madeline — disse ele.

Ela sorriu um pouco tristemente.

— Você vai?

— Você quer que eu tenha uma palavra com seu irmão antes de ir? — Perguntou.

— Não. — Ela balançou a cabeça. — Vou dizer a ele depois de ter ido. Allan, eu sinto que eu quero chorar e ainda assim este é o único caminho, não é? Você vai escrever para mim, pelo menos? Eu não quero perder meu paciente estrela completamente.

— Vou escrever — disse ele.

— Eu não vou me oferecer para ajudá-lo a ir para o seu quarto — disse ela. — Mas isso é onde você deve ir, Allan. Não sei bem o que fazer com você mesmo, não é?
Ele sorriu.

— Eu vou, enfermeira, — ele disse, — sem discussão.
Ela saiu para o corredor com ele e assistiu fazer o seu progresso lento até as primeiras escadas. Ela virou-se para a biblioteca. Edmund tinha ido para lá depois do seu regresso com um maço de cartas na mão. Talvez houvesse uma para ela.
Havia uma de Lady Andrea Potts, que estava em Paris com o coronel. Mas Madeline mal tinha quebrado o selo e lido o primeiro parágrafo antes de ter sua atenção efetivamente desviada pela chegada apressada de sua cunhada.

— Eu tinha acabado de sentar com Christopher no meu joelho — disse ela sem fôlego, olhos ansiosos dirigidas a seu marido, que estava encostado na lareira, sorrindo com indulgência para ela. — Onde está, Edmund?

— Onde está o quê? — Ele perguntou, as sobrancelhas levantadas.

— Oh, não importune! — Disse ela. — Minha carta de James. Cadê?

— Oh, isso — disse ele. — Agora, deixe-me ver. Onde é que eu coloquei? — Ele olhou em volta antes batendo no peito do casaco e retirando uma carta de um bolso interno.

— É isso? Ah sim. Dirigida à condessa de Amberley. Você meu amor. Do Sr. James Purnell no Canadá.

— Oh, Edmund, dê para mim! — Ela disse, exasperada, arrancando-a de sua mão e ignorando o seu sorriso. — Esta é a segunda em um ano. Esplêndido. Você acha que ele está bem?

— Acho que ele ainda está vivo, se ele pode escrever-lhe uma carta — disse o conde. — E eu suponho que você vai descobrir o resto quando você abrir e ler a carta. Como eu posso saber?

— Oh! — Disse a condessa, afastando-se dele, enquanto Madeline lia de novo, pela sétima vez, a última frase do primeiro parágrafo de sua própria carta.

— Ele está em Montreal — disse a condessa. — Ele saiu do interior este ano e está trabalhando em Montreal no inverno. — Ela continuou a ler. — Ele diz que é muito estranho estar de volta na Baixa Canadá depois de estar no interior por três anos. As pessoas e os edifícios e os ruídos são difíceis de se acostumar. Imagine, Edmund!
Madeline não leu a sentença. Ela simplesmente dirigiu os olhos para baixo.

— Oh, Edmund! — A condessa virou-se para encará-lo sorrindo, descansando no marido, com os olhos brilhando e animados. — Ele está voltando para casa no próximo
Verão. — Ela olhou de volta para a carta. — Ele está trazendo as peles para leilão. Ele estará aqui por alguns meses. Oh. — Ela olhou para ele, sem palavras por um momento. — Eu estou tão animada.

— Sim — o conde disse — Eu notei. Imagino que Madeline teve suas suspeitas também. Você diria que Alex está ansiosa para ver seu irmão de novo, Madeline?

— O quê? — Disse Madeline. — Oh, sim, acho que sim.

— Ele nunca viu as crianças — disse a condessa. — Eu me pergunto se ele mesmo sabe sobre Caroline. Ou sobre Papa. Talvez ele nem mesmo saiba disso.

— O médico somente suspeita de problemas cardíacos, Alex — disse o conde. — Seu pai parece muito bem desde o inverno passado.

— Oh, — ela disse, segurando a carta contra ela e girando ao redor. — Ele está vindo para casa finalmente. Devo ir contar a sua mãe. E a Dominic se ele já está de volta.

O conde de Amberley riu quando sua esposa saiu da sala.

— Suponho que um mero marido terá que ficar em segundo lugar por um tempo no próximo verão — disse ele. — Você se lembra de Purnell, Madeline? Mas é claro que sim. Ele estava aqui por um tempo durante o verão do meu noivado com Alex. E quem poderia esquecer o jeito estranho que ele se foi no meio da noite e no meio de um baile? Ele era estranho, não era? Mas gosta muito de Alex e ela dele. Você gostou dele?

Madeleine considerou.

— Ele era muito quieto — disse ela. — Eu não tinha muito a ver com ele. Eu mal me lembro dele.

— Como está Lady Andrea? — Ele perguntou, apontando para sua própria carta.

— O que ela disse?

— Oh, eu não terminei ainda. Eu estava ouvindo Alexandra. Estou muito feliz por ela. Acho que vou levar isso lá para cima comigo. — Ela sorriu e deixou a sala.

Ele estava voltando para casa. Oh, meu Deus, ele estava voltando para casa. Ou para a Inglaterra, de qualquer maneira. Provavelmente não Amberley. Seus pais, Lorde e Lady Beckworth, vivem em Yorkshire. Ele iria, sem dúvida, para lá. Alexandra iria viajar até lá para revê-lo. Edmund e as crianças iriam com ela.

Era improvável que ele viria para Amberley.

Se o fizesse, ela iria ficar longe. Ela iria com Dom para Wiltshire, talvez.

Ela não teria que vê-lo, mesmo que ele viesse. Ela não queria vê-lo.

Oh, Deus, ele estava voltando para casa. Talvez para Amberley. Talvez ela fosse vê-lo novamente.

Ellen estava sorrindo para si mesma enquanto libertou seu cabelo e sacudi-o solto. Ela iria obedecer as ordens dadas. Iria deitar e descansar por uma hora.

Ela o teria feito de qualquer maneira, realmente estava se sentindo muito cansada. Mas tinha sido divertido e bastante comovente ter Dominic dizendo a ela na carruagem, a caminho de casa, que ela deveria prometer-lhe para ir para o quarto, sem demora, ou ele iria levá-la até lá. E ter sua mãe no corredor, tomando seu braço no dela, e escoltando-a para o quarto, repreendendo-a suavemente ao longo do caminho.

Mas ela não estava arrependida, ela tinha feito essa subida. E realmente, eles tinham feito isso tão lentamente, que tinha havido muito pouco esforço envolvido. E então,

quando eles tinham alcançado o topo e tiveram que esperar uma das carruagens voltar para eles, Dominic a fizera deitar na grama, espalhando o casaco debaixo dela, caso houvesse qualquer umidade no chão.

— Mas você vai sentir frio — ela protestou. — Estamos em outubro, Dominic.

Ele havia se estendido sobre a grama, ao lado dela, não obstante a umidade e se apoiou em um cotovelo.

— Sobrevivi a pior — ele tinha dito.

— Então, você tem.

— Você se lembra...? — E eles tinham tido de novo reminiscências compartilhadas, de modo que a chegada da carruagem finalmente, tinha tomado-os de surpresa.

Ellen foi para a cama sob a colcha superior e fechou os olhos. Ela impôs relaxamento ao seu corpo. Eles certamente poderiam ser amigos depois de tudo. E isso seria o suficiente. Ela faria o suficiente. Tinha sido uma tarde feliz. Agradecidamente feliz.

A porta de seu quarto se abriu de repente, sem qualquer batida para anunciar a chegada de alguém. Ellen virou a cabeça para encontrar Jennifer ali de pé, com o rosto branco, em perigo óbvio.

— O que é isso? — Ela se levantou em um cotovelo. Jennifer fechou a porta e ficou contra ela.

— Há quanto tempo isso vem acontecendo? — Perguntou ela. — Desde antes de Papa morrer?

— O quê? — Ellen fez uma careta.

— Você e Lorde Eden — disse a menina. — Vocês eram amantes, mesmo quando Papa ainda estava vivo? Vocês eram?

Ellen fechou os olhos por um instante e balançou as pernas para o lado da cama.

— Jennifer... — disse ela.

A voz da menina tremia.

— Acho que o bebê é dele que você está esperando também, — ela disse — e não do papai. Não é?

— Eu nunca fui infiel a seu pai — disse Ellen. — Nunca, Jennifer. Eu o amava.

— Ele nunca suspeitou, não é? — Disse Jennifer. — E nem eu nem Papa pensamos nisso quando Lorde Eden ia sempre visitar, porque eles eram amigos. Mas foi você e ele, não foi? E não é de surpreender. Eu estou apenas espantada que eu fosse ingênua o suficiente para não vê-lo. Papa não era um homem bonito e ele era muito mais velho do que

você. Lorde Eden é o homem mais bonito que conheci. Quanto tempo isso está acontecendo, Ellen? Por anos?

Ellen sacudiu a cabeça.

— Ouça-me — disse ela. — Eu sei que você está perturbada e que você não vai acreditar em qualquer coisa que eu diga agora. Mas escute, por favor. E quando você se acalmar um pouco, você vai perceber que eu lhe disse a verdade.

Ela nunca tinha visto em Jennifer esse desdém antes.

Mas ela via agora.

— Papa acreditou em suas mentiras durante anos — disse ela. — E eu sempre acreditei. Deixe-me ver se eu acredito agora. Eu estou ouvindo.

— Lorde Eden, Dominic e eu estamos noivos — disse Ellen. — E você está certa. É seu filho. Eu concebi um mês após a morte de seu pai. Enquanto Dominic estava se recuperando de seus ferimentos no meu quarto.

— Recuperação notável! — Disse Jennifer.

— Não havia nada entre nós antes disso — disse Ellen.

— Ele era amigo do seu pai. Eu era sua esposa. E eu era fiel a ele inteiramente porque eu queria. Eu o amava. Depois, quando Dominic estava comigo, nós nos voltamos para o outro para o conforto, e essa criança foi concebida. O que fizemos foi errado. Nós devíamos a memória do seu pai melhor do que isso. Eu vivi através de dores terríveis de culpa e até mesmo me acusei de infidelidade em primeiro lugar. Mas eu não era infiel, Jennifer e eu não teria sido se seu pai estivesse vivo. Nem eu, nem Dominic. Ele é um homem de honra.

— Você é uma prostituta e vagabunda! — Jennifer disse calmamente.

Ellen ficou de pé rapidamente. A mão trêmula veio para cobrir a boca.

— Você saberá quando você tiver tempo para pensar — ela disse — que você está sendo injusta, Jennifer. Gostaria que não tivesse descoberto assim. Você suspeitou quando estávamos juntos esta tarde? Eu estava tentando encontrar uma maneira de dizer-lhe. Seu avô e sua tia já sabem, embora, eles não sabem a identidade do pai. Vou falar com Lady Amberley ou a viúva. Talvez elas possam ajudá-la. Eu sei que não posso no momento. Eu sinto muito.

— Eu não preciso da ajuda de ninguém — disse Jennifer. — Eu não sou uma criança a ser consolada com um abraço. Eu perdi Papa apenas alguns meses atrás. Mas eu ainda tinha você. Eu amei você como se você realmente fosse minha mãe, embora você seja jovem o suficiente para ser minha irmã. Estou feliz que você não é, Ellen. E eu estou contente, pelo menos, que Papa nunca soube o que estava acontecendo debaixo do seu nariz. Sua esposa e seu melhor amigo! Ele teria morrido.

Ellen inclinou a cabeça e fechou os olhos. Depois de alguns momentos, ela ouviu a porta de seu quarto sendo aberta e fechando novamente.

Meia hora se passou antes que ela sentisse calma suficiente para ir em busca da viúva condessa de Amberley. Tenente Penworth encontrou Jennifer, — Você está indo de volta ao básico? — Disse. — Treinar as escalas não seria mais produtivo?

Ela colocou as mãos espalmadas, uma em cima da outra, no colo e olhou para elas.

— Devo ter dito algo particularmente inteligente — disse ele, mancando mais perto dela em suas muletas, — se eu consegui silenciar você.

— Vá embora — disse ela calmamente.

Ele parou atrás do banco e olhou para o conjunto de cachos escuros na parte de trás de sua cabeça.

— Por que eu tenho a sensação de que o que você está realmente dizendo é 'por favor me ajude'? — Disse. — Qual é o problema?

— Vá embora — disse ela.

Ele sentou-se lentamente e com cuidado na borda do banco.

— Eu perdi algumas das minhas partes do corpo — disse ele. — Mas eu ainda tenho dois ombros perfeitamente utilizáveis. Você quer usar um deles?

Ela colocou uma plana mão ao longo do teclado e pressionando para baixo todas as teclas. Em seguida, ela bateu a mão para baixo duas vezes mais.

— Deixe-me sozinha, — disse ela. — Me deixe em paz!

Ele olhou para a mão dela por alguns momentos em silêncio antes de posicionar suas muletas sob seus braços, começando a se levantar.

— Não vá! — Disse ela. E ela espalhou ambos os braços ao longo do teclado e colocou sua testa para baixo em suas mãos. O barulho era ensurdecedor até que desapareceu.

Ele colocou uma mão levemente contra os cachos e sentou-se calmamente.

— O bebê de Ellen não é do papai — disse ela. — É de Lorde Eden e eles vão se casar. E Papa não foi morto por quatro meses ainda. E eu tenho vergonha de dizer isso para um quase estranho.

— Isso não importa — disse ele. — Às vezes é mais fácil falar com um estranho. Você está ferida?

— Papa adorava — disse ela. — Eu acho que ele amava mais do que ele me amava. E ela fingiu amá-lo. Mas ela o enganou. Com seu amigo mais próximo.

— Eu os vi juntos — disse ele suavemente. — Seu pai e sua madrasta, quero dizer. Nunca parecia mentira para mim. Tem certeza que isso estava acontecendo antes de seu pai morrer?

— Ela jura que não — disse ela. — Mas ela é uma mentirosa, bem como tudo o que eu conhecia. Eu a odeio. E a ele. Mas ela mais, porque ela também me enganou. Eu a amei.

— Talvez ela esteja dizendo a verdade — disse ele. — Eden estava com ela, depois que ele foi ferido, não é? Não sabe como pode ser poderoso o vínculo entre um homem
ferido e a mulher que o cuidou. Eu sei. Isso aconteceu comigo também. Talvez não houvesse nada entre eles até então. Eu tenho o maior respeito pela Senhora Simpson. E para Eden. Eu não acho que eles teriam feito isso a seu pai.

— Você estava apaixonado por Madeline antes de você ficar ferido? — Perguntou ela.

— Não realmente. — Ele moveu a mão em seu ombro quando ela se sentou novamente. — Eu a admirava muito. Mas então, eu admirava várias jovens Senhoras, você mesmo incluída. Eu caí no amor com ela depois, por um tempo. Nós terminamos nosso compromisso agora.

Ela olhou atentamente de volta para ele.

— Nós não brigamos — disse ele. — Apenas concordamos que, infelizmente, o que aconteceu em Bruxelas não foi uma experiência muito real e duradoura. Nós não sabíamos. Percebemos isso agora. Coisas estranhas podem acontecer nesses tipos de circunstâncias, você sabe. Talvez até mesmo o que ocorreu com Eden e sua madrasta. Dê-lhe uma chance para mostrar que ela não é o que você chamou-a, posso imaginar do que foi. Mas não pense sem mais uma prova de que o que aconteceu desde a morte de seu pai também estava acontecendo antes disso.

— Você está sendo gentil comigo — disse ela. — Por quê? Eu nunca perdi uma oportunidade de ser rude com você.

— Talvez seja por isso — disse ele com um sorriso. — Talvez eu precisasse de alguém para ser rude comigo. Tanta gentileza estava me deixando louco.

Ele tirou a mão do ombro quando a porta para a sala de música abriu atrás deles. Ele se virou para ver a condessa viúva entrar. Ela sorriu para ele e levantou significativamente as sobrancelhas.

— Eu estou indo escolher um livro na biblioteca — disse ele, puxando as muletas sob seus braços novamente.

A viúva assistiu-o sair da sala, enquanto Jennifer estava sentada com a cabeça inclinada novamente, examinando as palmas de suas mãos.

— Bem, minha pobre criança — disse a viúva, tomando o lugar no banco que Allan Penworth tinha desocupado e colocando um braço sobre os ombros da menina, — parece que o meu filho e sua madrasta vem causando-lhe alguma dor.

Todos foram convocados naquela noite para jantar com os Courtneys. Apenas um encontro informal, Mr. Courtney assegurou-lhes cordialmente quando ele tinha vindo no dia anterior, na chuva com a emissão do convite, para manter os jovens entretidos.

Ele não disse nada sobre as pessoas mais velhas, mas todos sabiam que o Sr. Courtney gostava muito de um encontro social animado, especialmente quando estava em sua própria casa.

Ele insistia em chamar de sua casa uma casa de fazenda e sua sala de estar uma sala de estar. Na realidade, ele era um rendeiro próspero, um fato que se refletiu no tamanho e grandeza de sua casa. Mas o Sr. Courtney não era de se gabar. Sua única ambição de verdade já tinha sido para se casar com sua única filha bem e ele tinha conseguido, três anos antes, quando ela se casou com o irmão mais novo do Barão Renfrew.

Mesmo tenente Penworth decidiu que iria participar da festa. Ele compartilhou uma carruagem com Madeline, Lorde Eden, e Ellen. Jennifer, que nem tinha olhado, nem trocado uma palavra com Ellen desde a tarde, viajou na outra carruagem com o conde e sua esposa e mãe.

Lorde Eden tocou a mão de Ellen, enquanto um lacaio estava ajudando o tenente na carruagem e Madeline estava pairando sobre ele.

— Problemas? — Ele perguntou em voz baixa. Ela assentiu com a cabeça.

— Você disse a ela, então? — Perguntou. Ela balançou a cabeça.

— Ela adivinhou. Mas não de forma bastante precisa, eu temo.

Eles não tiveram a chance de dizer mais nada. Os outros dois haviam se estabelecido em seus lugares e a conversa tornou-se geral.

Os Lampmans também tinham sido convidados para o jantar. Os Mortons, os Carringtons, e Senhorita Stanhope se juntaram a eles no final da tarde e o Sr. Courtney anunciou que haveria dança no salão para qualquer um que quisesse.

— Sem ofensa significava, Senhora — disse ele em sua voz saudável, tendo uma das mãos de Ellen entre as suas grandes mãos — você está em luto eu sei. Mas Susan está triste e Sra. Courtney e eu pensamos que um pouco de dança informal com os amigos não estaria demonstrando nenhum desrespeito pelos mortos.

— Sem ofensa, Senhor — disse ela, sorrindo para ele. — E um pouco de dança seria muito agradável.

Srta. Letitia Stanhope tinha concordado em tocar o piano, tendo se recuperado completamente de seu resfriado. Sr. Colin Courtney estava tocando violino, embora tivesse deixado claro para seu pai que ele iria dançar algumas vezes com sua jovem esposa.
Lorde Eden dançou o primeiro conjunto com Lady Lampman e o segundo com sua cunhada. Ele tinha visto vários olhares inquietos, entre Ellen e Jennifer e julgou prudente ficar longe na primeira parte da noite, de qualquer maneira.
Ele levou a mais velha Srta. Stanhope em uma regional vigorosa e logo a teve corando, gritando e assegurando-lhe que alguém da sua idade não poderia ser esperado rodar tão rápido quanto os jovens.

— Mas você sempre foi uma provocação terrível, — ela disse sem fôlego durante uma pausa enquanto faziam um arco para outro casal passar por baixo. — Você e Sir Perry, os dois.

— Não girar rápido, Senhora? — Disse. — Alguém de vinte e nove não é capaz de rodar rápido? Acho difícil acreditar.
Srta. Stanhope gritou novamente e chamou-o de desonesto.
Ele estava sem fôlego também quando o conjunto terminou. Ele ficou ao lado da porta aberta da sala de estar a se beneficiar da frieza do corredor. Susan colidiu com ele lá no seu caminho para fora da sala.

— Oh, meu Lorde — disse ela, olhando para ele com grandes olhos — Eu imploro seu perdão. Eu não vi você aí.
Lorde Eden sorriu com alguma diversão. Ele pensou que era um alvo muito grande para ser invisível. Foi impressionante o número de vezes nos últimos anos que Susan tinha esbarrado nele.

— Eu estava no meu caminho para fora — disse ela.

— Não fora da porta, espero — disse ele. — Não está muito frio, Susan?

— Está quente aqui — disse ela. — Além disso, há três novos gatinhos no celeiro, e eu não confio nos cães para não os prejudicar, apesar do que papai e Howard dizem.
Coitadinhos. Eles são tão impotentes. — Os olhos dela se tornaram desconfiadamente brilhantes.

— Bem, então — disse ele — devemos simplesmente repelir os brutos com uma vara, Susan. E você deve me mostrar os gatinhos.

— Ah, mas você deve ficar aqui — disse ela. — Você vai querer dançar. Eu não sonharia em levá-lo para fora no frio, meu Lorde.
Ele sorriu.

— Poucos minutos não vão estragar o meu prazer — disse ele. — Especialmente quando houver novos gatinhos para serem admirados.

— Você é muito gentil— ela disse quando eles saíram do quarto e foram em busca de seus mantos.

— Que sorte você tem tido — disse ela com um suspiro quando eles escolheram seu caminho através do pátio, alguns minutos depois, Lorde Eden segurando uma lanterna no alto — ter uma família tão amorosa para vir para casa. E uma família tão distinta, também.

— Sim — disse ele. — É bom estar de volta.

— Meu marido era de uma distinta família também — disse ela. — Eu sinto falta dele assim, você sabe. É tão solitário ficar sem ele.

— É, Susan? — Lorde Eden pendurou a lanterna com cuidado em um prego no interior da porta do celeiro e cobriu a mão dela com a sua. — Dá tempo a isso. Foi há menos de quatro meses.

— Eu sei — ela disse — mas eu me sinto tão indefesa e sozinha. Ele era muito forte e confiável. Ele cuidou de mim.

Ele pegou no bolso um lenço e estendeu-o para ela.

— Oh, — ela disse, com voz alta e trêmula. — Estou tão infeliz. Eu finjo, você sabe, de modo que ninguém vai saber e ter pena de mim. Mas estou tão infeliz.

Ela estava em seus braços, de repente, as mãos espalhadas contra seu peito, o rosto escondido contra o colete debaixo da capa. Lorde Eden passou os braços sobre ela e embalou-a confortavelmente.

— Silêncio agora, — ele murmurou. — Ninguém te culparia por chorar, Susan. É perfeitamente natural.

— Oh, — ela disse quando pode falar em torno de seus soluços — você é tão gentil. Você sempre foi tão bom para mim.

Quando ela levantou um rosto manchado de lágrimas ao seu, Lorde Eden a beijou. Ele beijou as lágrimas de seus olhos e bochechas e ele beijou a boca pequena com beicinho que ele achou tão atraente.

— Oh, — ela disse, suspirando e descansando a cabeça em seu ombro — Eu sempre me sinto tão segura com você.

— E assim que você é — disse ele, beijando o topo de sua cabeça. — Vem, Susan, você tem que me mostrar esses gatinhos e depois vou levá-la de volta para dentro. O som da música vai animá-la novamente.

— Sim, vai — disse ela, olhando para ele com gratidão com os olhos arregalados e inclinando-se em uma cama de palha para levantar os gatinhos um por um e colocá-los contra sua bochecha. Ela cantarolou a eles e beijou sua pele.

Lorde Eden observava com um sorriso e estendeu a mão para a lanterna, que tinha colocado o para baixo novamente.

— Eu ainda não posso ir dentro de casa, meu Lorde — disse ela. — Eu devo estar uma bagunça perfeita e meus olhos devem ser vermelho-fogo. Eu não posso deixar que ninguém me veja assim. Você vai. Eu vou ficar com os

gatinhos por um tempo. Leve a lanterna. Posso encontrar meu caminho na escuridão.

— Quão tola de pensar que eu iria abandoná-la, Susan — disse ele. — Mas seus olhos parecem perfeitamente bem para mim. Nunca conheci ninguém que pudesse chorar, como você que pode ficar sem olhos vermelhos como resultado. Vamos caminhar lentamente de volta para a casa, não é?

Ela apoiou-se em seu braço enquanto caminhavam.

— É melhor ir — disse ela com um suspiro. — Estou certa de que terá sido perdido e todo mundo vai estar se perguntando o que estamos fazendo. Se ficarmos mais tempo, alguns deles vão ser tolos o suficiente para esperar algum tipo de anúncio.

— Bem, nós certamente não desejamos colocar sua reputação em tal perigo, não é mesmo? — Ele disse, sorrindo para ela. — Além disso, Susan, todo mundo sabe que você era tão dedicada ao seu marido que vai ser um longo tempo até que você possa pensar em escolher outro. Eu acho que o seu bom nome está seguro.

— Oh, sim — ela disse — Eu estou certa que sim, meu Lorde.

— E então — disse ele, — todo mundo sabe que nós éramos amigos de infância, Susan, entendem muito bem se nós tratarmos um ao outro com maior liberdade do que estranhos iriam desfrutar. Você não precisa se preocupar em ser forçada a uma situação. Eu não iria permitir que você seja tão assediada. Nunca, minha querida. Eu tenho muito respeito pela nossa amizade.

— Oh, — ela disse, lançando um olhar para ele quando entraram no corredor iluminado da casa de seu pai — você é muito gentil, meu Lorde.

Ele sorriu com carinho para ela e entregou a lanterna para um servo.

— Não foi nada — disse ele. — Para que servem os amigos, Susan, senão para ajudar e defender uns aos outros?

Ellen tinha dançado com o Sr. Morton, Lorde Agerton e Sir Peregrine. Ela até conseguiu sorrir e conversar. Mas cada momento que ela estava ciente de uma Jennifer agressiva e constantemente seus ouvidos soando a acusação — Você é uma prostituta e vagabunda.

Ela ainda não sabia se seria mais sensato para procurar Jennifer e tentar falar com ela novamente ou para dar tempo de a menina pensar. Ela tinha decidido tomar o último curso, a conselho da condessa viúva. Sua futura sogra.

Estranhamente, ela não tinha encontrado dificuldades mais cedo para deitar fora toda a história. Talvez ela ainda estivesse muito angustiada sobre seu encontro com Jennifer a sentir vergonha por ter de admitir toda a verdade para a mãe de Dominic. Ou talvez o fato de que aquela Senhora tinha cruzado sua sala de estar e colocado um braço sobre os ombros dela tenha ajudado para aliviar a situação.

— Como muito me apraz ouvir que você e Dominic estão para se casar, querida — a condessa tinha dito, beijando seu rosto quando a história havia sido contada. — Eu estava com muito medo de que vocês seriam tolos o suficiente para deixar o outro ir.

— Você pode querer me como uma nora, Senhora? — Ellen perguntou.

— Eu não posso imaginar qualquer outra Senhora que eu iria querer mais para Dominic, — a outra tinha assegurado. — Você vai ser uma companheira para ele, não apenas alguém para proteger. Uma companheira, bem como alguém para amar é o que ele sempre precisou, embora ele tenha sido tolo o suficiente para não realizá-lo por si mesmo até agora.

— Eu o amo — Ellen tinha assegurado. — Eu não estou casando com ele só porque estou em uma situação embaraçosa.

A viúva estalou a língua.

— Bem, é claro que vocês amam um ao outro — ela disse. — Agora, eu irei em busca de sua enteada. Ela é uma menina querida e sensata. Ela vai precisar de um pouco de tempo para se adaptar aos novos fatos, isso é tudo. Dê-lhe esse tempo, querida. Não a pressione. E por agora, deixe-a comigo.

Então, Ellen tinha deixado Jennifer à condessa viúva. E não tinha certeza de que ela não tinha tomado o caminho covarde.

— Dança comigo, Ellen? — Lorde Eden perguntou quando Senhorita Letitia e Colin começou a tocar uma valsa.

Ela tinha planejado ficar longe dele o resto da noite, pelo menos. Ela não queria piorar a situação, tanto quanto sua enteada estava preocupada. Mas era uma valsa, ele estava sorrindo para ela e não podia deixar de lembrar o

quão maravilhosa a tarde tinha sido antes de chegarem em casa.

— Sim — ela disse, colocando uma mão na sua e chegando até o outro para descansar em seu ombro.

— Srta. Simpson está muito chateada? — Ele perguntou quando eles começaram a dançar. — Da maneira quase desesperada que ela parece estar se divertindo, eu acho que ela está.

— Ela acredita que eu fui infiel a Charlie antes de sua morte — disse ela. — Ela se recusa a ouvir a razão.

— E se eu falar com ela, eu só vou piorar a situação, sem dúvida — disse ele.

Ela assentiu com a cabeça.

— Sua mãe teve uma conversa com ela esta tarde — disse ela. — Fui até ela e disse-lhe tudo, temo.

— Estou muito feliz que você fez — disse ele. — Estou ansioso para ter esta coisa certa a céu aberto, Ellen. Eu quero definir a data do casamento.

— Mesmo? — Disse ela. — Eu não sei, Dominic. Ainda não parece certo.

Ele segurou a mão dela com mais força.

— Oh, não — disse ele. — Você não vai mudar de ideia de novo agora, Ellen. Absolutamente não. Mas ouça. Srta. Letitia e Colin estão fazendo um esforço verdadeiramente heroico para soar como uma orquestra inteira. Vamos aproveitar a valsa, vamos?

Ela quase desejou depois de um par de minutos que tivessem continuado a conversa, no entanto poderia ter sido estranho. Ela não sabia que uma dança poderia fazê-la mais consciente de um homem do que ser sua parceria de valsa. Ela se lembrou da vez que ela dançou com ele no Baile do Duque de Wellington. O momento em que ela havia sido empurrada contra ele. Quando ela se tornou fisicamente consciente dele pela primeira vez.

Ela podia cheirar sua colônia novamente.

— O que você usa para lavar o cabelo? — Ele perguntou, seu sorriso nos olhos verdes parecendo muito perto. — Deve ser algo muito diferente de qualquer coisa usada por qualquer outra Senhora do meu conhecimento. Uma fragrância muito atraente.

Sr. Courtney deu uma despedida calorosa a cada um dos seus convidados várias horas mais tarde. Mas ele tinha algo mais a dizer ao conde e condessa de Amberley, com a maior confidencialidade. Mr. Courtney falou em voz baixa, como quando se fala em confiança. Mas

desde que a sua voz falando normal foi muitas vezes comparada por seus vizinhos próximos, a um trovão, não foi surpreendente que até mesmo seus sussurros fossem ouvidos por cada um dos convidados que partiam.

Susan, ao que parece, tinha acabado de aceitar a oferta de Lorde Agerton. Não que houvesse qualquer coisa pública ou oficial ainda, é claro, o pai radiante acrescentado para a edificação de todos os seus ouvintes e a mortificação de sua filha. Susan não estaria fora do luto até o verão seguinte. Mas eles poderiam todos esperar um casamento de fim de verão.

— Minha filha será a viscondessa Agerton! — Disse ele, explodindo de orgulho e boa vontade.

— Bem, meu Lorde, quem teria pensado nisso?

Susan corou e abaixou a cabeça e olhou para o rosto de seu futuro noivo.

Capítulo 23

Ellen estava rolando seu cabelo em seu nó usual na nuca. Ela não tinha trazido Prudence ao campo com ela. Ela estava acostumada há anos sem os serviços de uma empregada.

Ela estava vadiando, percebeu. Foi bem passado seu tempo usual de descer para o café. E ao ar livre certamente parecia convidativo. Apesar das folhas caídas e galhos nus, havia um olhar de Verão sobre o céu azul claro e brilhante claro sol.

Mas ela estava vadiando de qualquer maneira. E o coração dela fez uma guinada desconfortável quando houve uma batida repentina na porta do seu quarto.

— Entre, — ela assentiu, olhou no espelho para ver se era de fato Jennifer que entrou e fechou a porta silenciosamente atrás dela. Ellen pousou o pente e virou-se em seu banquinho.

A menina estava pálida, como ela tinha estado quando Ellen veio pela primeira vez para casa da Bélgica.

— Bom dia — disse ela, de modo pouco convincente.

— Bom dia, Jennifer. — Ellen juntou as mãos no colo.

— Você estava certa — disse a menina em uma corrida.

— Quando eu pensei sobre isso, eu percebi que você estava me dizendo a verdade. E a Senhora Amberley me disse que ela sabe que Lorde Eden não poderia se comportar de forma desonrosa e que ela não acha que você poderia também. E o tenente Penworth diz que essas coisas acontecem muitas vezes quando uma mulher trata de um homem ferido. Além disso, eu acho que eu teria percebido. Papa poderia não ter, mas acho que eu faria.

Ela parou tão abruptamente como tinha começado. Ellen fechou os olhos brevemente.

— Obrigada — disse ela. — Eu não acho que poderia ter vivido com seu ódio.

Jennifer cruzou a sala até a janela e ficou olhando para fora.

— Sinto muito — ela disse, — mas mesmo que eu acredite em você, eu não posso perdoá-la. Vou tentar não te odiar, mas não acredito que eu possa te amar novamente.

— Sinto muito também — Ellen disse muito baixinho. — Eu amava o seu pai, Jennifer. Toda a minha vida foi focada em fazê-lo feliz. E eu acho que eu consegui. Eu ainda o amo. Eu sempre irei.

— Não — disse Jennifer. — Você nunca poderia tê-lo amado. Você vai se casar com Lorde Eden. E você o ama muito, não é?

— Sim — disse Ellen.

— Bem, então, tudo está dito. — Jennifer voltou para a sala, com os olhos sombrios. — Você não pode amar duas vezes na vida. Ou você amou Papa ou você ama Lorde Eden. Ou você nunca amou ninguém.

— Oh, Jennifer. — Ellen olhou para ela suplicante. — Você é muito jovem, querida. Acho que cada jovem acredita que o verdadeiro amor pode acontecer apenas uma vez para cada pessoa.

Todos os sonhos de encontrar aquela pessoa com quem se possa viver em felicidade para o resto de sua vida. Nem sempre acontece dessa forma. O amor é um dom muito maior do que qualquer um de nós imagina. Eu não amo seu pai menos porque eu amo Dominic. E eu não amo Dominic menos porque eu sempre vou amar o seu pai. Eu não posso escolher entre os dois amores e dizer que um é maior do que o outro. Eu só posso dizer que eu teria permanecido fiel a seu pai e gostaria de tê-lo amado muito para o resto da minha vida se ele não tivesse sido arrancado de mim.

— Sinto muito, Ellen. — Os olhos da garota olharam para ela na miséria. — Eu quero te perdoar. Eu te amo muito mais do que amo tia Dorothy ou tio Phillip, ou mesmo avô. Você parecia ser a minha, mesmo que você não seja minha verdadeira mãe, porque papai estava feliz com você. Eu gostaria que as coisas fossem como eram até ontem, mas elas não podem nunca mais ser as mesmas, podem?

Ellen sacudiu a cabeça.

— Não — disse ela. — Nós nunca podemos voltar atrás, Jennifer. Só ir para a frente. Mas eu não sou uma pessoa diferente da que você amou ontem de manhã. E você não é diferente. Apenas magoada e confusa. Eu acho que você me colocou em algo como um pedestal, não é, e eu fui derrubada. Eu sou apenas humana, infelizmente. Mas eu preciso de você. Você pode pensar que porque eu tenho Dominic e terei o meu bebê, eu não terei mais necessidade de você. Mas você é a minha única ligação com o meu primeiro marido, Jennifer. Minha perda será dobrada se eu perder você também.

Jennifer olhou para ela, hesitante, uma mão torcendo o tecido do vestido.

— Você estará vivendo em sua casa em Wiltshire — disse ela.

— Provavelmente — disse Ellen. — Vai ser a sua casa também, sempre que quiser que seja. Dominic sabe que eu penso em você como minha filha.

— Você não vai me querer — disse a menina. — Você vai ter o seu verdadeiro filho ou filha. Você não vai me querer.

— Jennifer! — Ellen se levantou pela primeira vez. — Você não ouviu o que eu disse? Você é minha família. No momento, você é quase a minha única família. Ainda não estou casada e meu bebê ainda não nasceu. Eu tenho o meu pai, a quem eu redescobri em Londres há algumas semanas, e você. Onde quer que Dominic escolha para tornar a nossa casa, vai ser a sua também. Não porque eu a considero um dever. Seu avô é bem capaz de dar-lhe um lar e todo o conforto e amor para ir com ele. Será porque eu te amo e quero você como parte da minha família.

Jennifer continuou a torcer o tecido do vestido.

— Eu vou ter que pensar — disse ela. — Eu estava tão determinada a não perdoá-la. Mas eu não consigo

lembrar de todas as razões por mais tempo. Eu estou indo agora.

— Tudo bem — disse Ellen.

Mas quando a garota chegou à porta, parou com a mão na maçaneta, virou-se, atravessou a sala para abraçar Ellen muito apertado e em seguida, correu da sala sem dizer mais nada.

Madeline estava sozinha na sala de pequeno-almoço com seu irmão gêmeo, toda a gente já tinha deixado a mesa ou ainda não tinha descido. Eles estavam rindo.

— Você viu o rosto dela, Dom? — Disse Madeline. — Ela olhou como se ela pudesse enfiar uma almofada para baixo na garganta do Sr. Courtney.

— Ela estava envergonhada — disse ele. — Susan é muito facilmente envergonhada.

— Uma ova! — Disse ela. — Eu me pergunto por que ela se opôs ao anúncio, porém. Porque foi o final da noite, talvez, e ela não estava no centro de uma multidão admirada?

— Você é cruel, Mad — disse ele. — Você nunca teve qualquer paciência com Susan.

— Eu posso ter toda a paciência do mundo com ela, — ela disse — agora que eu sei que ela não vai se casar com você. Eu tenho estado um pouco preocupada. Você teria sido sua primeira escolha, você sabe.

— Um mero barão? — Disse. — Quando Agerton é um visconde? Mas talvez você esteja certa. Detesto fazer-lhe uma injustiça, mas eu acredito que ela estava tentando me comprometer na noite passada para que eu pudesse sentir-me obrigado a propor para ela.

— Para comprometê-lo? — Ela disse e riu de novo. — Oh, Dom, Susan é um personagem de valor inestimável, não é? Será que ela vai tornar a vida do pobre Lorde Agerton uma miséria, que você acha?

— Acho que não — disse ele. — Ela era razoavelmente fiel a Jennings, enquanto ele vivia, tanto quanto eu sei. E desta vez ela vai ter o seu título, assim que ela sair do altar. Ela será completamente feliz.

— Eu não vou me casar com Allan — disse ela. — Você sabia?

Ele olhou fixamente para ela.

— Eu desconfiei — disse ele — quando anunciou ontem que vai embora amanhã. Quem quebrou o noivado?

— Eu fiz — disse ela. — Mas eu acho que foi um grande alívio para ele. Nós não seríamos adequados. Você estava certo o tempo todo, Dom.

— Você está chateada? — Ele perguntou, atingindo outro lado da mesa e sua mão.

Ela encolheu os ombros.

— Não, na verdade — disse ela. — Um pouco de pena, talvez, pelo constrangimento, porque eu gostava dele. E inquieta. Mas não importa. Eu vou inventar alguma maneira para viver e aproveitar a vida. Eu sempre faço.

Ele apertou a mão dela.

— E quanto a você? — Ela perguntou. — Atrevo-me a perguntar se a aparente amizade entre você e Sra. Simpson nos últimos dias significa alguma coisa?

Ele sorriu.

— Sim — disse ele. — Isso significa que há uma amizade entre nós, Mad.

Ela fez uma careta para ele. Ele piscou para ela.

— E talvez um pouco mais. Eu não tenho liberdade para dizer mais nada ainda.

Ela deixou cair o guardanapo na mesa e correu ao redor da mesa para envolver os braços em volta do pescoço por trás.

— Então eu não vou por qualquer meio te dizer o quanto estou feliz por você — disse ela. — Eu não vou dizer uma palavra. — Ela beijou sua bochecha. — Será que Alexandra lhe disse que seu irmão está voltando para casa no próximo verão?

Ele descansou uma mão em seu braço.

— Isso é importante para você? — Perguntou.

— Nem um pouco, parvo, — disse ela, endireitando-se e despenteando seu cabelo. — Mas é muito importante para Alexandra. Ela está animada.

— Bem de você, então — ele disse — trazê-lo para a minha atenção puramente por causa dela, Mad.

Ela riu.

— Foi a mais de três anos atrás — disse ela. — Eu não sou tola o suficiente para pensar que uma paixão antiga pode ser reacesa, Dom. Eu cresci um pouco desde então. E não me olhe assim. Eu sei que estou apenas me enganando

e não a você. Bem, então, eu quero vê-lo novamente. Apenas por curiosidade. Então lá! Você está satisfeito, você homem horrível?

— Você provavelmente está separando dias de folga em sua agenda já — disse ele, e cobriu a cabeça com as mãos, enquanto tentava bater nela com as costas de uma colher.

Tenente Penworth disse à condessa viúva quando ela perguntou à mesa do almoço que ninguém precisaria se preocupar com ele. Ele pretendia passar a tarde final no campo com a pintura.

Jennifer estava sentada ao lado dele.

— Você está bem? — Perguntou ela, enquanto os outros ocupantes da mesa começaram a falar de outra coisa.

— Se eu disser que sim — ele disse, — eu, sem dúvida, serei acusado de presunção. Se eu disser não, você vai me acusar de sentir pena de mim novamente. Eu escolho não dizer nada.

— Eu vejo que você está em seu humor ensolarado habitual — disse ela. — Como é que você vai levar tudo?

— Pensei em usar o cavalete como uma das minhas muletas — disse ele, — e agarrar tudo o mais em meus dentes.

Jennifer riu.

— Era uma pergunta tola — disse ela. — Sem dúvida, você quer dizer que não deseja que eu ofereça minha ajuda. Eu não estava me oferecendo, Lorde.

— Estupidez da minha parte pensar uma coisa dessas — disse ele. — Na verdade eu tenho funcionários para carregar tudo para mim e uma carruagem para me levar ao vale, de onde há, de acordo com a mãe do conde, uma visão particularmente bela da casa, e voltar duas horas mais tarde. Você vê como estou começando a ser capaz de organizar minha vida de novo?

— Eu sou toda admiração — disse ela. — Posso ir também?

— Eu não sou uma boa companhia quando estou pintando — disse ele. — Eu gosto de me perder no que estou fazendo e sou facilmente distraído por alguém tentando a bater-me.

— Eu vou ser muito calma — disse ela — e nem sequer vou sussurrar para você. Eu recusei um convite para ir a cavalo com Anna, Walter e algumas outras pessoas, esta tarde. Eu disse que estava cansada.

— E mesmo? — Ele olhou mais de perto para ela. — Venha se você quiser, então. Mas eu não quero ouvir reclamações de que você está entediada. Se for o caso, você pode simplesmente se levantar e caminhar de volta para a casa. Entendido?

— E pensar — disse ela — que houve um tempo em que eu pensei que você era um oficial galante e arrojado. Você não é muito agradável, não é?

— Se eu tivesse as duas pernas — ele disse — Eu me ajoelharia e pediria para você me acompanhar. Sob as circunstâncias, eu ficaria bastante tolo, não ?

— Decididamente — ela concordou.

Uma hora depois, a carruagem saltou o seu caminho em talvez meia milha para baixo do vale antes do tenente estar convencido de que ele tinha a vista da casa da qual a viúva tinha lhe dito. Jennifer espalhou um cobertor no chão e sentou-se nele, seus braços sobre os joelhos, enquanto ele montou seu cavalete a uma curta distância, de tal maneira que ela não seria capaz de ver o seu trabalho.

— Você resolveu o seu problema de ontem? — Ele perguntou antes de sentar-se.

— Eu acho que sim — disse ela com um suspiro. — Eu fui muito ingênua, ao que parece, esperando que algumas pessoas neste mundo fossem perfeitas. Ellen não é perfeita, afinal de contas, mas ela não é uma vilã também.

— Então está tudo bem entre vocês novamente? — Perguntou.

— Eu acho que sim — disse ela. — Um pouco tenso, mas não completamente quebrado.

— Estou feliz — disse ele. — Agora, você deve parar de falar para que eu possa me concentrar.

— Mas eu não disse a primeira palavra — disse ela, indignada. — Você fez.

Ela poderia ter pintado também, já que a pintura tinha sido sempre uma de suas atividades favoritas. Mas ela tinha decidido apenas para assistir e descansar. Ela sentiu-se letárgica após vinte e quatro horas emocionais.

Ela estava sentada na mesma posição uma hora mais tarde, perdida em devaneios, quando foi chamada de volta à realidade, com um sobressalto pela voz de seu companheiro.

— Tudo bem — disse ele raivosamente. Ele limpou sua escova com energia furiosa e empurrou-se de pé com suas muletas. — Você ganhou.

— Estou muito contente em ouvir isso — disse ela. — Mas qual é o prêmio? E qual foi o jogo?

— Você por certo, arruinou minha tarde — disse ele.

— Eu? — Ela olhou para ele, espantada. — Eu não fiz um som.

— Eu poderia ter sido capaz de me concentrar melhor se você estivesse gritando e cantando — disse ele.

— Bem. — Jennifer olhou para ele indignada. — Não há como agradar você, não é?

Ele passou algum tempo sentado desajeitadamente sobre o cobertor ao lado dela. Jennifer apertou os joelhos com mais força ainda e não ofereceu sua ajuda.

— Eu gostaria de ter morrido! — Disse ele inesperadamente.

— Mas você não morreu! — disse ela.

— Eu acho que eu poderia aceitar a perda da minha perna — disse ele, esfregando seu quadril e fazendo caretas.

— Eu acho que com o tempo eu posso aprender a ajustar o
meu modo de vida a isso. É com o meu rosto que não posso me reconciliar.

— Você acha a si mesmo muito feio? — Perguntou ela.

— Eu sei que estou muito feio. — Ele falou por entre os dentes e continuou a esfregar seu quadril. — Como eu posso nunca...? Como posso viver uma vida normal?

— Ao tornar-se inconsciente de suas cicatrizes — disse ela. — Se você continuar se escondendo do povo, virando seu rosto, apenas mostrando seu perfil sem cicatrizes, eles vão continuar a observá-lo. E se você continuar carrancudo, eles vão pensar que você é feio.
Ele riu.

— E, sem dúvida, fico bonito se eu sorrio?

— Não — disse ela. — Você nunca vai ser bonito.
Intrigante, talvez. Atraente, talvez.

— Atraente! — Disse ele com desdém. — Eu estou indo para casa, se você quiser saber. Antes do natal. Eu devo enfrentar a minha família, mesmo que vá ser um calvário.

— Sem dúvida — disse ela. — Você vai fazer uma careta para eles também?

— Você não é uma pessoa muito simpática, não é? — Disse.

— Você uma vez gritou para eu não ter pena de você — disse ela. — Você mudou de ideia?

— Não — disse ele. — Eu prefiro mil vezes as suas provocações a pena de todo mundo.

— Um elogio! — Disse ela. — Estamos a fazer progressos.
Ele olhou à sua frente.

— Como um momento no tempo pode mudar o curso de uma vida toda — disse ele. — Eu costumava sonhar com uma vida perfeitamente normal. Eu não pedi muito. Apenas a minha casa e família. Uma esposa pelo tempo que eu tivesse, trinta anos talvez. Algumas crianças. A vida tranquila.

— E agora você deve viver a vida de um ermitão porque você é feio e aleijado? — Pediu.
Ele a olhou de seu único olho.

— Agrada-a tirar sarro de mim — disse ele. — Que mulher não iria recuar, desgostosa com um avanço meu? Você sabe por que eu não fui capaz de pintar esta tarde? Porque eu fiquei sentado lá querendo beijá-la, é por isso. Agora, me diga que a ideia não repele você.
Ela pensou por um momento.

— A ideia não me repele — disse ela.

— Ah — disse ele — você é corajosa. Você está contando com o fato de que eu sou um cavalheiro e não vou colocar a questão para o teste?
Ela levantou a mão para traçar levemente a linha de sua cicatriz com um dedo.

— Dói? — Perguntou ela.

— Não, um toque leve como esse — disse ele.

— Será que isso dói? — Ela se inclinou para frente e colocou os lábios contra a cicatriz. Ela estava corando furiosamente quando se afastou novamente.

— Não.

— Beije-me, então. — Os olhos dela estavam em seu queixo. — Coloque à prova.

— Você não tem que ser gentil — disse ele, sua voz calma, com fúria controlada. — Você de todas as pessoas.

— Oh! — Jennifer ficou de pé e deu alguns passos do cobertor. — Oh, como você pode! você não pode ver quanta coragem me levou a pedir para ser beijada? Eu poderia morrer de mortificação. Eu te odeio, Lorde, e espero que nenhuma mulher jamais o queira. Você merece viver uma vida solitária. Eu nunca na minha vida fui tão humilhada.

— Jennifer! — Sua voz, finalmente, penetrou seu embaraço. Houve uma sugestão de riso nela. — Volte aqui, por favor. Olha, eu não posso ir buscar você. Eu realmente sinto muito. Eu estava muito ocupado sentindo a minha própria confusão para reconhecer sua coragem. Por favor, sente-se novamente.

— Eu não deveria, — ela disse cautelosamente, sentando-se, no entanto, em um canto do cobertor e manteve sua coluna muito reta. — Eu deveria caminhar de volta para a casa.

— Você vai me deixar te beijar? — Perguntou. — Eu tive vontade de fazê-lo durante toda a tarde. E muito antes desta tarde, se for reconhecer a verdade.

Ela podia sentir-se liberar ainda mais profundamente, quando se contorceu para mais perto dele sobre o cobertor de novo e ele colocou um braço sobre os ombros. A outra mão veio contra sua bochecha, seu polegar empurrando para cima sob o queixo. Ela sentia como se suas bochechas estivessem prestes a explodir em chamas.

— Você é tão bonita — disse ele — e assim espirituosa.

Eu gostaria de estar inteiro para você, Jennifer.

A ela não foi dada uma chance de responder. Sua boca estava sobre a dela, levemente explorando. E se afastando para que ela pudesse terminar o experimento ali mesmo se quisesse. Mas o braço estava em volta do pescoço nesse momento e sua boca pegando a sua novamente.

De alguma forma, durante os próximos minutos ou horas, mudaram de posição de modo que eles estavam deitando ao invés de sentar-se no cobertor. E, durante o mesmo período, Jennifer perdeu o juízo. A única coisa que ela poderia pensar em dizer, finalmente, foi um tanto sem sentido

— Oh!

Deitou-se ao lado dela, um braço sob sua cabeça.

— Obrigado — disse ele, encontrando sua mão com a sua. — Você é uma dama muito amável apesar da língua frequentemente farpada. Você deve estar ansiosa para o final do seu período de luto para encontrar um marido bonito.

— Um com duas pernas e dois braços e dois olhos — disse ela. — Oh, sim, Lorde, a minha cabeça está cheia de nada mais.

— Por que é o seu tom sarcástico? — Perguntou.

— Estranhamente, — ela disse, — quando você falou, eu estava pensando em um homem de uma perna só, de um olho só que não é particularmente bonito.
Houve uma pausa.

— Não tenho nada para lhe oferecer, Jennifer — disse ele.

— Não, claro que não — disse ela. — Basta olhar para
você para ver que você é não mais do que metade de um homem.

— Você não pode me querer.
Jennifer não disse nada. Ela sentou-se sobre o cobertor e colocou os braços sobre os joelhos novamente.

— Quando a minha perna, ou o que resta dela, curar corretamente — ele disse, — eu vou ver sobre ter uma perna artificial. Talvez eu nunca vá me acostumar com isso. E então, novamente, talvez eu vá. Mas acho que eu vou tentar.
Ela ainda não disse nada.

— Jennifer — Ele sentou-se ao lado dela, com alguma dificuldade e esfregou seu quadril novamente. — Talvez no próximo verão eu vá estar melhor de saúde. Minhas cicatrizes desvanecerão um pouco. Vou ter resolvido as coisas com a minha família. Seu luto vai ser longo. Eu poderia ir para Londres, então.
Ela não lhe respondeu.

— Você quer que eu vá? — Ele perguntou hesitante. Ela encolheu os ombros.

— Você iria?

— Eu perguntei primeiro — disse ele. — Mas não importa. Sim, eu o faria. — Ele descansou a mão contra a parte de trás do pescoço. — Eu gostei de você desde Bruxelas. Só que lá você ficou deslumbrada com Eden e eu estava apaixonado por Madeline. E nós não tivemos muita chance para qualquer coisa desde então, exceto um irritando o outro. Mas eu acho que eu posso dizer adeus a todos nesta casa amanhã, exceto você. Eu gosto de todos os outros e vou sentir falta deles. Eu vou me doer por você.

— Eu queria que você não estivesse indo — disse ela.

— Eu também. — Ele apertou os lados do pescoço. — Mas eu acho que é o melhor. Nós não estamos prontos um para o outro, no entanto, Jennifer. Eu tenho que aprender que tipo de vida que é que eu vou estar vivendo. Eu tenho que recuperar um pouco da minha força e eu estou falando não apenas sobre a força física. E você também tem de se adaptar às mudanças em sua vida. Será melhor esperar até o próximo verão.

— Acho que sim — disse ela. — Eu só gostaria que não fosse amanhã. Eu gostaria que houvesse um pouco mais de tempo.

— Há um pouco mais — disse ele. — Eu não vejo a carruagem chegando, no entanto, não é?
Ela protegeu os olhos e olhou para a casa.

— Não — disse ela.

— Bem, então — disse ele, caindo pesadamente sobre o cobertor elevantando os braços para ela. — Venha me beijar novamente. E eu vou te dizer que eu te amo, pequena megera. Devo?

— Sim, por favor — disse ela, descendo em toda a parte superior de seu corpo e beijando seu rosto cheio de cicatrizes. — E eu vou te dizer a mesma coisa, Allan. Você vai primeiro.

— Tudo bem — disse ele. — Mas o beijo antes de qualquer coisa. Eu posso te dizer que eu te amo na carruagem indo para casa, se necessário. Mas eu não posso te beijar ali. Não sem chocar o cocheiro.

Ele estendeu a mão sobre a parte de trás de sua cabeça e guiou a boca para baixo, na sua.

Ellen estava ajoelhada na grama ao lado da casa, segurando as mãos de Caroline quando a criança saltou sobre as pernas bambas. A Condessa de Amberley estava em pé ao lado delas, observando o marido rolar uma bola para o filho aos gritos.

— Espero ter uma menina como você — disse Ellen para a criança. — Mas então, talvez eu estaria igualmente satisfeita com um filho.

— Você acha que é importante — disse a condessa — até que o bebê nasce e dá o seu primeiro choro. Eu queria que Christopher fosse um menino, é claro, de modo que Edmund teria seu herdeiro. Mas eu queria que Caroline fosse um menino também como um companheiro para seu irmão. No entanto, eu tive que dar apenas um olhar para ela quando o médico me disse que eu tinha uma filha e eu pensei que tola eu tinha sido a ter pensado que eu queria um filho. Agora, o próximo pode ser o que bem entender.

Eu só espero que decida chegar dentro do próximo ano ou assim .

— Talvez sejam gêmeos — disse Ellen — e você vai ter um de cada. Há alguns na família, afinal de contas.

— Então, talvez, o seu será gêmeos também — disse a condessa com uma risada, e depois fez uma careta e mordeu o lábio e balançou a cabeça.

— Não se sinta constrangida. — Ellen se levantou, o bebê nos braços. — O pensamento passou pela minha cabeça também.

— Eu não acho que normalmente dou tanta gafe — disse Lady Amberley. — Eu vou ter pesadelos sobre isso.

— Bem, você não precisa — disse Ellen, rindo dela. — Eu não estou nada com vergonha do fato de que eu estou esperando, criança ou crianças, de Dominic.

Vamos mudar de assunto. Diga-me mais sobre o seu irmão.

— James? — A condessa sorriu. — Ele foi de longe a pessoa mais importante na minha vida até que eu conheci Edmund. Tive uma infância e adolescência muito isolada e bastante infeliz, eu temo. Não estou reclamando, de maneira nenhuma. Os anos de felicidade que conheci aqui fizeram-se mil vezes para cada momento solitário. James foi o meu ídolo. Ele não podia fazer absolutamente nada de errado aos meus olhos. — Ela riu. — Ele ainda não pode, nesse assunto. Tem certeza de que eu siga nessa linha de conversa? Você pode tornar-se terrivelmente aborrecida depois de uma hora ou assim.

— Eu não penso assim. — Ellen ajoelhou-se na grama de novo e colocou a criança que se contorcia. A condessa sentou ao lado dela.

Lorde Eden encontrou-as lá meia hora depois. Ele abaixou-se sobre as pernas traseiras e sorriu para as duas Senhoras. — Olá, beleza — ele disse à sua sobrinha. — Eu suponho que você não tenha um sorriso para o tio Dom hoje, não é?

Dois olhos escuros e solenes estudaram-no sem pestanejar.

— Eu não penso assim — disse ele, tocando os cachos escuros macios com uma mão suave. — Você vai matar os homens aos milhares quando crescer. Olhos como estes não deveriam ser permitidos. Whoosh!

Esta última exclamação foi provocada pelo fato de que seu sobrinho tinha acabado de lançar-se em suas costas.

— Esse é o meu velho amigo? — Perguntou. — Você quase me rolou por cima.

— Velho amigo — disse a criança, inclinando-se sobre o ombro de seu tio e rindo em seu rosto.

— Ellen — Lorde Eden disse, despenteando o cabelo do menino — venha para um passeio?

Ela sorriu e ficou de pé.

— Só não a faça subir quaisquer falésias hoje, Dominic, por favor — disse a condessa, apenas para olhar para cima e encontrar seu marido e seu cunhado sorrindo para ela. — Odeio vocês!

Caroline teve a graça de esperar até que seu tio estava passeando em direção à ponte com Ellen antes de olhar para seu pai, sorrindo aquele sorriso especial que iluminava todo o seu rosto, levantando os braços para ser apanhada.

— Princesinha malvada — disse ele, inclinando-se para ela.

— Oh, Edmund — sua esposa começou, mas ele levantou a mão parando-a.

— Não, Alex — disse ele. — Absolutamente e irrevogavelmente não.

Não vou interferir. E a menos que a minha intuição falhe miseravelmente, eu realmente não acho que qualquer interferência será necessária. Eles são dois adultos razoavelmente sensatos que quase trabalhou seu caminho através de um problema. Se você quer uma previsão, eu diria que será ouvido um anúncio interessante antes que uma outra semana se passe. Então esqueça. Eu não vou fazer nada.

— Que rude você está, me interrompendo — disse ela.

— Eu estava apenas tentando contar que ela me disse abertamente que a criança é de Dominic. E eu estava a ponto de prever que ele está levando-a para fazê-la uma proposta. Que ideia de que eu lhe pediria para interferir nos assuntos adultos!

Caroline tinha jogado a bola e queria descer novamente. O conde a colocou na grama e virou-se para sorrir para sua esposa.

— Dá quase inveja, não é? — Disse. — Olha, Alex, eles estão voltando para o vale. Nosso vale. Nós não visitamos nossa cabana desde a volta, não é?

— Tivemos convidados para entreter — ela lembrou.

— Em breve — prometeu ele, inclinando-se, com as mãos cruzadas atrás das costas, para beijá-la demoradamente nos lábios. — Nós vamos encontrar tempo para ir lá em breve, Alex. Quem sabe? Talvez vamos começar nosso terceiro filho lá, como fizemos o nosso primeiro. Agora, você está indignada com o que?

— Você não deve me beijar em público assim — disse ela, virando corde-rosa. — Alguém vai ver.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Christopher e Caroline? — Disse. — Seria terrível para eles descobrir que seu pai ainda gosta de sua mãe com a idade avançada de vinte e quatro anos, não seria? Ou é com os servos

que você está se preocupando? Imagino que todos eles têm a inteligência para tirar suas próprias conclusões há muito tempo, do fato de que temos apenas um quarto de dormir para nós dois. Alex, você está vermelha como uma papoula. Eu realmente não posso resistir ao desejo de descobrir se há alguma cor mais brilhante.

Ele colocou as mãos na cintura e beijou-a ainda mais demoradamente.

Ela não fez nenhuma tentativa para livrar-se dele.

Capítulo 24

A praia ou o vale? — Lorde Eden perguntou quando eles chegaram à ponte de pedra em toda a corrente.

— O vale — disse Ellen. — É muito pacífico.

— E o dia é muito como o verão — disse ele — apesar de todos os sinais de Outono.

Ele tomou-lhe a mão, logo que estavam fora de vista de seu irmão e
cunhada. Ela não resistiu. Eles caminharam em um silêncio confortável por um tempo.

— O que aconteceu com a sua enteada? — Perguntou. — Você parece estar em razoavelmente bons termos hoje.

Ellen disse-lhe de seu encontro na manhã com Jennifer e do fato de que a menina tinha feito algumas tentativas empoladas no almoço para tentar conversar com ela, mesmo quando não tinha sido necessário fazê-lo.

— Vai levar um pouco de tempo — disse ela. — Mas acho que nosso relacionamento quebrado pode ser reparado. Estou com medo que ela acabe de aprender uma lição dolorosa da vida adulta, que aqueles adultos de quem tem dependido e entes queridos também são mortais, fracos e falíveis.

— Eu vou ter uma conversa com ela — disse ele — embora ela provavelmente não se sinta particularmente amigável comigo no momento. Vou garantir-lhe que ela sempre terá uma casa com a gente.

Eles caminharam adiante.

— Correndo o risco de incorrer na ira de Alexandra — disse ele, quando chegaram ao lugar onde haviam amarrado seus cavalos em um outro dia — vamos subir? A visão deve ser adorável em um dia claro como este.

Eles escalaram o banco e por entre as árvores, até que chegaram a clareira
quase no topo da encosta. E eles ficaram lado a lado, não muito emocionados, olhando para trás ao longo do vale e para o mar.

— Estou feliz — disse Ellen — que tudo isso pertence a alguém que realmente aprecia. Seu irmão faz, não é?

— Somente desde que eu fui embora — ele disse — que eu parei de pensar nela como minha casa. Eu amo Amberley. É a minha casa de infância e a casa de Edmund. Mas pela primeira vez eu senti algum entusiasmo de estar indo para a minha própria propriedade. É um lugar
encantador, Ellen, de uma maneira bem diferente desta. E é meu. Eu vou ser capaz de estabelecer a minha família lá desde o início.

Ellen deu um passo para frente e sentou-se na grama.

Lorde Eden se juntou a ela lá.

— Agora que a sua enteada sabe — disse ele — não há mais nenhuma razão para atrasar o anúncio do nosso noivado, não é?
Ellen abraçou os joelhos.

— Acho que não — disse ela. Ele riu suavemente.

— Eu acho que é tão visível como o nariz no rosto de todos de qualquer maneira — disse ele.

— Sim.

— Eu quero definir a data do casamento, Ellen — disse ele. — Será que perto do Natal é cedo demais para você? Eu pensei que talvez pudéssemos nos casar na capela ao lado da casa aqui, com apenas nossas famílias presentes. Sob as circunstâncias, eu não acho que seria apropriado ter um casamento público, não é?

— Vamos falar sobre isso mais tarde — disse ela, virando o rosto para o sol e fechando os olhos. — Vamos aproveitar o dia, Dominic.

— E falar em casamentos estraga o dia? — Disse. — Muito bem, então.
Vamos aproveitar o dia. — Ele se deitou na grama e cruzou as mãos atrás da cabeça.
Eles ficaram em silêncio por um tempo e Ellen começou a relaxar sob o sol que se sentiu quente em seu rosto. Se ela tivesse machucando-o, perguntou-se, recusando-se a falar sobre qualquer coisa definida, como a data do casamento? Ela teria que falar sobre isso em breve. O noivado sem dúvida seria oficialmente anunciado mais tarde naquele dia, e, em seguida, não haveria por que evitar as questões de data e local.
Ela virou a cabeça para olhar para ele. Ele estava olhando para trás, os olhos semifechados contra a luz do sol, com a boca meio sorrindo.

— Venha até aqui — disse ele, estendendo um braço ao longo do chão.
Ela deitou-se, a cabeça em seu braço e fechou os olhos. Um par de minutos se passaram antes que a luz do sol contra suas pálpebras fosse bloqueada e ela sentiu sua boca na dela,
quente e leve, com os lábios entreabertos.
Ela abriu os olhos quando a pressão foi removida e olhou em seus olhos verdes. Ele sorriu lentamente e ela sentiu-se sorrir em resposta. Ela não se moveu. Sua língua explorou os lábios quando a boca dele voltou para a dela e sondou delicadamente entre os dois. Foi um longo e preguiçoso beijo. Ellen não se moveu, além de relaxar os lábios, permitindo a sua língua à sua vontade. Sentia-se bem. Ele cheirava bem. Ela sentiu todo o seu corpo relaxar.
Ela manteve os olhos fechados quando ele parou de beijá-la e deitou-se ao lado dela novamente. Sua mão estava acariciando seu rosto, seu polegar se movendo levemente sobre as pálpebras e bochechas. Sobre sua boca. E a mão desceu para tocar seus seios, para traçar seu contorno, ao corpo a sua plenitude. E para baixo ao longo de sua cintura e abdômen.

— Você está perdendo sua cintura — ele murmurou contra seu ouvido.

— Sim. — Ela não abriu os olhos. Ela não quis quebrar o feitiço.
Sua mão se moveu sobre ela, tocando, explorando, acariciando através da roupa. Ela sentiu-se muito bem, queria se transformar em seus braços, para quebrar seu próprio feitiço sobre ele. Mas ela ainda estava aparentemente relaxada.
Sua mão estava subindo a saia de seu vestido e foi, finalmente, por baixo, forte e quente contra suas pernas, contra suas coxas, sobre a barriga, sobre o inchaço no início de sua gravidez.
Ela ainda estava relaxada e deitada, com os olhos fechados.

E então sua boca estava na dela novamente, superficial ainda, mas abrindo e sua língua atingiu profundamente sua boca para acariciá-la devagar e com cuidado. E sua mão afastando as roupas de baixo e acariciando-a sem pressa, circulando e circulando o lugar onde ele não estava pronto para tocá-la ainda.
As mãos dela ficaram estáveis na grama ao lado dela.
Mas ela não estava mais relaxada. Sua boca estava em sua garganta, sua mão estava tocando-a muito levemente e acariciando-a muito levemente, de forma que a fez pulsar do lugar que ele tocou em sua garganta.
Tirou sua mão esquerda dela, a fim de desembaraçar o seu próprio vestuário. Ela estava com os olhos fechados ao lado dele. Mas os abriu quando ele falou com ela.
— Vem, Ellen — ele disse suavemente e estendeu a mão para levantá-la sobre ele.
Ela olhou em seus olhos quando ele a trouxe para ele, e, em seguida, levantou-se de joelhos e jogou a cabeça para trás até que seu rosto estava banhado pela luz e calor do sol.
E o pulsar virou-se para a dor e agonia.
E para uma tensão que vinha do passado.
— Dominic! — Ela o chamou. E a uma explosão de êxtase.
E um retorno lento, estremecendo à vida, à felicidade e à realização. Braços fortes vieram sobre ela e baixaram-na para a grama ao lado dele, e ele abraçou-a. A boca quente procurou a dela e beijou-a demoradamente.
— O casamento não será um terrível destino, você vê — ele murmurou contra seus lábios.
Seus olhos se abriram e olharam para ele. Mas ela estava muito profunda em sua letargia para convocar um sorriso. Ela deixou-se escorregar para além de letargia.
Lorde Eden fechou os olhos e descansou sua bochecha contra o cabelo liso em cima de sua cabeça. Ele supôs que iria dormir. Ele se sentiu relaxado todo o corpo até os dedos dos pés e totalmente saciado. Mas ele particularmente não queria dormir. Havia apenas muito contentamento físico para ser saboreado. Ele não tinha realmente a intenção de fazer amor com ela. Isso não tinha sido sua razão para levá-la a pé ou para trazê-la até lá. Ele queria estar com ela, a construir o sentimento de amizade que tinha crescido entre eles desde a sua chegada a Amberley e conversar com ela sobre seu casamento e seus planos para levá-la imediatamente depois para Wiltshire.
Mesmo quando ele a convidou para se deitar ao lado dele e começou a beijá-la, ele não tinha a intenção de ir mais longe que abraçar. Ele queria tocá-la, para descobrir as mudanças em seu corpo que a presença de seu filho estava provocando.
Ele sentiu o espessamento ligeiro e suave de sua cintura.
E tudo tinha se tornado de repente e dolorosamente real para ele. Ela estava grávida dele. Ele sabia que com a cabeça, por algum tempo, havia planejado uma vida inteira em torno do fato. Mas, pela primeira vez, sentiu-a com seu corpo. Ela tinha tomado sua semente dentro dela. Seu filho foi gradualmente inchando seu corpo.
O corpo da mulher que ele estava tocando. A mulher que ele amava.
E sem qualquer decisão consciente de sua parte, ele tinha começado a fazer amor com ela, sua boca e a sua língua, convidando-a a intimidade física, a mão sob suas roupas, contra sua carne quente e sedutora. E ela tinha feito amor com ele.
Embora ela não se movesse ou abrisse os olhos enquanto ela estava no chão, e embora ela se ajoelhasse em cima dele, com a cabeça jogada para trás depois que ele a levantou e a montou

nele, se juntou a ele e estava empurrando sua própria necessidade e amor para ela. Ela tinha feito amor com ele também. Ele sentiu sua necessidade, sua total entrega. E ela gritou o nome dele um momento antes de ela estremeceu em êxtase.

Ele tinha razão no que tinha dito a ela antes de adormecer. Ele deveria convencê-la disso, quando ela acordasse, suas defesas firmemente no lugar novamente.

O casamento deles teria uma chance de sucesso. Eles eram amigos. Eles estavam bem juntos sexualmente. Ele a amava. Havia apenas um ingrediente para a felicidade faltando. E isso não teria que ser desastroso. Ele não iria sufocá-la com o seu amor. Ele iria se contentar em ser seu amigo no dia a dia e em derramar seu amor por ela na cama, onde talvez ela não saberia o bastante para reconhecê-lo pelo que era.

Sua mente vagou de volta ao longo dos últimos meses para o desastre que tinha seguido à chegada inesperada de Madeline em seus quartos em Bruxelas.

Tinham percorrido um longo caminho desde aquela tarde terrível. Ele tinha muito a agradecer. E toda uma vida de esperança à frente. Ele não ia deixar que sua mente aumentasse a essa pequena fonte de descontentamento.

Sua mente deslizou no sono.

Ellen estava desorientada por um momento depois que ela acordou. Ela estava deitada contra Dominic, seu rosto pressionado para a lapela do seu casaco, um braço sob o pescoço, a outra mão em sua cintura. Ela poderia dizer pela sua respiração que ele estava dormindo.

Ela se tornara uma devassa total? Eles estavam em uma montanha aberta, não completamente cercada por árvores, dormindo nos braços um do outro. E, antes de adormecer, eles fizeram amor sem sequer um pensamento para possível descoberta. E de uma forma mais erótica do que ela nunca tinha experimentado antes.

Foi nada menos que escandalosa. Tinha sido maravilhoso!

Ela aliviou a cabeça para trás para olhar o rosto dele, mas seus olhos se abriram, mesmo quando o fez, olhou fixamente para ela, com foco nela e sorriu dessa forma que nunca deixou de fazer seu estômago virar uma cambalhota dentro dela.

— Você está ofendida? — Perguntou. — Eu não planejei seduzi-la, Ellen.

Acabou por acontecer. Mas você deve ser minha esposa logo de qualquer maneira. — Ele beijou a ponta do nariz.

— Sim — disse ela.

Ele recuou a cabeça e olhou para ela.

— Por que seus olhos sempre parecem desolados quando menciono o nosso casamento? — Disse. — Você não quer se casar comigo, Ellen? Você se sente coagida?

Ela não respondeu por um tempo.

— Eu só queria que o bebê não tivesse nos forçado — disse ela.

— É isso que você acha? — Ele franziu a testa. — Você acha que eu vou casar com você só por causa da criança?

— Bem, é verdade, não é? — Disse ela. — E é a coisa sensata a fazer e a coisa responsável a fazer. Eu o honro por estar disposto a fazê-lo e eu não vou desistir, porque seria egoísta e irresponsável fazê-lo. Eu só gostaria que não fosse assim.

— O bebê não é o motivo por eu me casar com você — ele disse calmamente. — É apenas uma desculpa.

— Uma desculpa?

— Eu tenho sido injusto com você, Ellen e eu sinto muito — disse ele. — Eu usei o argumento que eu pensei que seria o melhor para trabalhar com você e parece que tenho ido muito bem. Mas foi um argumento que veio do desespero.

Ela simplesmente olhou para ele.

— Eu não achei que havia qualquer outra forma de consegui-lo — disse ele. — Mas não era a coisa digna a fazer. Eu lhe devia a verdade, especialmente desde que eu estou pedindo que seja minha esposa. Os casais não devem ter segredos um do outro.

— Qual é a verdade? — Perguntou ela. Ele parecia um pouco envergonhado.

— Puro egoísmo, temo — disse ele. — Eu te amo e eu amo a criança porque ela é sua. Nossa. Não parei de te amar desde que eu descobri você pairando sobre a minha cama em Bruxelas, o único ser estável em um mundo de delírio e dor.

Na verdade, eu te amo mais do que já fiz, então, porque nós desenvolvemos uma relação desde então. Sinto muito, Ellen. Eu sei que você não precisa disso, quando você acaba de perder Charlie. Mas eu não vou sobrecarregá-la com o meu amor, eu juro.

— Eu o amava — ela disse cuidadosamente. — Para esses anos não havia nada mais brilhante na minha vida do que meus sentimentos por ele.

— Eu sei — disse ele. — Eu nunca vou fazer você se sentir culpada por se sentir assim.

— Eu o amo ainda — disse ela — Ele é uma parte de mim. E eu nunca vou deixar de amá-lo e ocasionalmente, chorar por ele.

— Eu sei, Ellen.

— Eu nunca vou te amar como eu o amava — disse ela. Ele assentiu.

— Mas então, eu nunca o amei como eu te amo.

Ele olhou em seus olhos, sua expressão completamente em branco.

— Eu nunca soube — disse ela — que o amor de dois homens poderia ser tão intenso, que tudo consome, e ainda assim tão diferente. Charlie era meu melhor amigo, meu irmão, meu pai, meu protetor. E, sim, meu amante também, nós tivemos um casamento muito normal e eu amei a parte física dele, porque ele me trouxe para mais perto dele do que eu poderia estar em qualquer outro momento. Eu teria sido feliz com ele para o resto da minha vida, Dominic. Eu nunca teria permitido algo mais do que uma atração vaga e sem vontade de você.

— Eu sei.

— E você me consome de paixão, minha teia de amor,— disse ela. — Eu não acho que eu nunca poderei ter o suficiente de você. E, no entanto, não é apenas físico, também. Por algum tempo eu pensei que era e foi quando eu me desprezei e me odiei. Mas não é. É uma paixão, uma fome, por você, não apenas para o seu amor. A fome de estar com você e ser parte de você por toda a vida. Posso devolver o seu amor, Dominic, só desde que você aceite que uma parte de mim sempre estará com Charlie.

Ele colocou um dedo ao longo do comprimento do nariz.

— Eu pensaria menos de você — disse ele — se eu achasse que poderia ser de outra forma.
Eles sorriram timidamente um para o outro.

— Então, Ellen Simpson — disse ele, — você se sente um pouco melhor agora com a perspectiva de se casar comigo?
Ela assentiu com a cabeça.

— Antes do natal?

— Amanhã, se quiser — disse ela.

— Ai de mim — disse ele — há os proclamas...

— Uma vergonha — disse ela.

— Além disso, eu tenho que montar a Londres, com ou sem você, para pedir ao Conde de Harrowby a mão de sua filha. Você acha que ele é suscetível de ser desagradável?
Ela sorriu lentamente para ele.

— Você vai fazer isso? — Ela perguntou. — Quando eu sou uma viúva de vinte e cinco anos e talvez nem sua filha de qualquer maneira? Como é lindo, Dominic. Ele vai ficar muito contente.

— Não é provável que me esmurre o nariz por eu ter causado a gravidez na sua filha? — Disse.
Ela balançou a cabeça.

— Acho que ele vai agradecer por tornar possível para ele se tornar um avô tão cedo.

— Eu posso ter os proclamas lidos no próximo domingo, então? — Perguntou.
Ela assentiu com a cabeça.
Sentou-se de repente e ficou de pé. Ele estendeu a mão para a dela.

— Quanto indisposta a sua condição faz você se sentir? — Ele perguntou, puxando-a para o seu lado.

— Nem um pouco — disse ela. — Eu nunca me senti mais saudável na minha vida.

— Bom — disse ele, inclinando-se para envolver seus braços firmemente em torno da cintura e levantando-a do chão para rodar em torno dela e ao redor até que ela estava gritando com o riso.

— É tão bom ouvir você rir, Ellen — ele disse quando chegou a parar e colocar os pés de volta no chão. — Eu vou tentar preencher a sua vida com o riso.

— Eu me pergunto se o mundo nunca vai parar de girar descontroladamente sobre mim quando eu estou com você — disse ela sem fôlego.

— Absolutamente não, meu amor — disse ele contra sua boca, antes de aprofundar o beijo. — Eu te faço uma promessa solene aqui e agora que ele nunca vai parar.

— Então adeus equilíbrio e sanidade — disse ela, envolvendo os braços até o pescoço.

— Meu amor.

Fim